

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Programa de Pós-Graduação em História

FELIPE VARZEA LOTT DE MORAES COSTA

**EDNA LOTT, ENTRE A DEMOCRACIA E A DITADURA:
10 ANOS DE LUTA POLÍTICA
(1959-1969)**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense

Niterói

2019

FELIPE VARZEA LOTT DE MORAES COSTA

**EDNA LOTT, ENTRE A DEMOCRACIA E A DITADURA:
10 ANOS DE LUTA POLÍTICA
(1959-1969)**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Karla
Carlioni

Niterói

2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

C837e Costa, Felipe Varzea Lott de Moraes
Edna Lott, entre a democracia e a ditadura : 10 anos de luta política / Felipe Varzea Lott de Moraes Costa ; Karla Carloni, orientadora. Niterói, 2019.
356 p. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2019.m.14060667706>

1. Edna Lott. 2. Nacionalismo. 3. Movimento Nacionalista Brasileiro. 4. Ditadura civil-militar. 5. Produção intelectual. I. Carloni, Karla, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD -

Resumo

A presente dissertação de mestrado busca analisar a trajetória política de Edna Lott, no período de 1959 a 1969. Grande articuladora da campanha presidencial de seu pai, marechal Lott, em 1960, líder do Movimento Nacionalista Brasileiro (MNB), a partir de 1960, deputada estadual do Estado da Guanabara pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), de 1962-1965, e do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), de 1965-1969, a biografia política de Edna Lott nos ajuda a lançar luz sobre vários temas da sociedade brasileira daquele final de IV República e início da ditadura civil-militar.

Palavras-chave

Edna Lott – nacionalismo – Movimento Nacionalista Brasileiro – ditadura civil-militar

Abstract

This dissertation seeks to analyze the political trajectory of Edna Lott from 1959 to 1969. A great articulator of the presidential campaign of his father, Marshal Lott, in 1960, leader of the Brazilian Nationalist Movement (MNB), from 1960, Guanabara's State Assemblywoman for the Brazilian Labor Party (PTB), from 1962-1965, and the Brazilian Democratic Movement (MDB), from 1965-1969, Edna Lott's political biography helps us shed light on various Brazilian society issues of that late IV Republic and the beginning of the civil-military dictatorship.

Key-words

Edna Lott – nationalism – Brazilian Nationalist Movement – civil-military dictatorship

Agradecimentos

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
Ele precisará sempre de outros galos.
(Tecendo a Manhã, João Cabral de
Melo Neto)*

Não existe trabalho individual. Todo trabalho é fruto de um esforço coletivo que pode, por sua vez, manifestar-se, de maneira mais proeminente, através de um indivíduo. Posto isto, é necessário agradecer aqueles que fizeram esse trabalho ser possível. No entanto, se fosse para agradecer a todos, não haveria espaço para mais nada nessa dissertação. Sendo assim, limito-me a agradecer aqueles que participaram, de maneira mais próxima, na execução desse trabalho.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior (CAPS) pela bolsa de mestrado, possibilitando a realização dessa pesquisa e a escrita da dissertação.

Agradeço a todos os funcionários do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ), da Biblioteca da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ) e da Biblioteca Nacional (BN) pela solicitude no processo de coleta de fontes primárias desse trabalho.

Agradeço aos colegas do mestrado, Andressa do Carmo, Ayra Garrido, Clarice Berkowicz, Juliana Marques do Nascimento, Vinícius Alves, pela oportunidade de ampliar o diálogo sobre os temas, objetos e assuntos similares ou próximos ao dessa pesquisa.

Agradeço aos e às professores e professoras do mestrado - Prof.^a Dr.^a Laura Maciel (PPGH-UFF), Prof.^a Dr.^a Gizlene Neder (PPGH-UFF), Prof. Dr. Gisálio Cerqueira Filho (PPGCP-UFF), Prof.^a Dr.^a Maria Paula Araújo (PPGHIS-UFRJ), Prof.^a Dr.^a Marieta de Moraes Ferreira (PPGHIS-UFRJ), Prof. Dr. Carlos Fico (PPGHIS-UFRJ) -, pelas aulas

ministradas, contribuindo inestimavelmente para a realização dessa pesquisa e escrita dessa dissertação.

Agradeço às professoras da banca do mestrado, Prof.^a Dr.^a Adriana Barreto de Souza (PPHRural-UFRRJ) e Prof.^a Dr.^a Janaína Martins Cordeiro (PPGH-UFF), pelas sugestões e contribuições, proporcionando melhor articular alguns pontos fundamentais dessa dissertação.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à minha orientadora Karla Guilherme Carloni (PPGH-UFF), a quem faltam palavras para dimensionar o tamanho do agradecimento. Sua contribuição não se resumiu apenas a de encontrar luz ao caos que eram as minhas ideias. Sem todo o trabalho anterior de Carloni, essa dissertação seria impossível de ser realizada. Além disso, esses agradecimentos não se restringem apenas à uma questão acadêmica, mas, também e especialmente, à uma questão familiar. Assim como já havia feito em minha monografia, agradeço, em nome da família, por todo o trabalho realizado por Carloni no sentido de recuperar a memória do ex-ministro da Guerra, marechal Henrique Teixeira Lott. Agora, depois de resgatada a memória desse militar, foi a vez de recuperar a memória de Edna Lott, sua filha e grande representante do nacionalismo de esquerda.

A todos os demais que não pude agradecer nesse reduzido espaço, fica, aqui, meu muito obrigado.

Sumário

Lista de siglas	p. 9
Introdução	p. 12
Cap. I Da vida privada ao espaço público: o ingresso de Edna Lott na política (1959-60)	p. 42
1. Família militar e política: a entrada de Edna Lott na campanha presidencial do marechal Lott, em 1959 e início de 1960.....	p. 43
2. A tradicional família brasileira e política: os diferentes papéis femininos desempenhados por Edna Lott.....	p. 61
3. O candidato e a militante nacionalistas.....	p. 84
3.1. Em defesa da nação e das mulheres: a militância política de Edna Lott.....	p. 90
Cap. II Os embates, os limites e as vigilâncias políticos: reerguendo a campanha presidencial e o turbulento governo Jânio Quadros (1960-1961)	p. 108
1. Conflitos e disputas na campanha presidencial: os limites do arquétipo político da “filha preferida”	p. 109
2. Um espectro ronda Edna Lott: a intensificação de sua atuação política e a consequente vigilância da imprensa conservadora e da Polícia Política.....	p. 126
3. Entre críticas e elogios: o conturbado governo Jânio Quadros.....	p. 152
4. Os idos de agosto: a farsa de Jânio Quadros e o nacionalismo de esquerda como bode expiatório.....	p. 166
Cap. III Do Movimento Nacionalista Brasileiro à vida partidária: a campanha parlamentar pelo PTB em 1962	p. 176
1. Filiação ao PTB.....	p. 176

2. Campanha parlamentar de 1962..... p. 188
3. As bandeiras de campanha de Edna Lott: recrudescimento do nacionalismo e da participação das mulheres na política..... p. 213

Cap. IV Primeiros anos do mandato parlamentar: experimentando a liberdade política antes do golpe de Estado (1963-1964)

..... p. 240

1. Mandato parlamentar pelo PTB..... p. 240
2. A colunista da “Na ordem do dia”..... p. 242
3. Disputando politicamente os militares..... p. 247
4. Disputando politicamente as mulheres..... p. 270
5. Frentes parlamentares e fissuras no PTB da Guanabara..... p. 287

Cap. V Reinventando-se após o golpe de Estado (1964-69)

..... p. 295

1. Desdobramentos do golpe civil-militar: distanciando-se politicamente dos militares e das mulheres..... p. 296
2. Brechas e compressões do governo Castelo Branco: a candidatura Lott ao governo da Guanabara, em 1965, a CPI do PC e a extinção dos partidos políticos da IV República..... p. 304
3. Do MDB à cassação do mandato parlamentar..... p. 318

Considerações Finais..... p. 335

Fontes primárias..... p. 342

Periódicos..... p. 342

Documentos da Polícia Política..... p. 342

Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara..... p. 343

Bibliografia..... p. 345

Lista de Siglas

AC – Ato Complementar

ABI – Associação Brasileira de Imprensa

ADFG – Ação Democrática Feminina Gaúcha

AI – Ato Institucional

AL – Assembleia Legislativa

ALEG – Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara

ALERJ – Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro

ALN – Aliança Libertadora Nacional

AMFNB – Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil

ANL – Aliança Nacional Libertadora

APERJ – Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

CAMDE – Campanha da Mulher pela Democracia

CEDPEN – Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional

CDF – Cruzada Democrática Feminina

CGT – Comando Geral dos Trabalhadores

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

DN – Diário de Notícias

DOPS – Departamento de Polícia e Ordem Social

DSN – Doutrina de Segurança Nacional

ESG – Escola Superior de Guerra

ESPEG – Escola de Serviço Público do Estado da Guanabara

FAB – Força Aérea Brasileira

FLN – Frente de Libertação Nacional

FMI – Fundo Monetário Internacional

FMP – Frente de Mobilização Popular

FPN – Frente Parlamentar Nacionalista

FPNG - Frente Parlamentar Nacionalista do Estado da Guanabara

GR – Guerra Revolucionária

IME – Instituto Militar de Engenharia

IPM – Inquérito Policial-Militar

ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros

JB – Jornal do Brasil

LIDER – Liga Democrática Radical

LIMDE – Liga da Mulher pela Democracia

MAF – Movimento de Arregimentação Feminina

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

MNB – Movimento Nacionalista Brasileiro

PCB – Partido Comunista do Brasil

PDC – Partido Democrata Cristão

PSB – Partido Socialista Brasileiro

PSD – Partido Social Democrático

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PUA – Pacto de Unidade e Ação

STF – Supremo Tribunal Federal

SUMOC - Superintendência da Moeda e de Crédito

TSE – Tribunal Superior Eleitoral

UCF – União Cívica Feminina

UBES – União Brasileira dos Estudantes Secundaristas

UDN – União Democrática Nacional

UNE – União Nacional dos Estudantes

USEG – União do Servidores do Estado da Guanabara

USP – Universidade de São Paulo

Introdução

Esta dissertação é uma biografia política de Edna Lott, ex-deputada estadual pela Guanabara, durante a década de 1960. Antes de qualquer consideração, faz-se compulsório dizer que eu, autor desse trabalho, sou neto de Edna Lott. Essa informação é fundamental para entender de que ponto essa pesquisa partiu e sob quais condições ela foi produzida. A questão subjetiva entre o autor e o objeto desse trabalho, portanto, apresentar-se-á de maneira mais destacada, obrigando-nos a redobrar nossas atenções quanto à relação afetiva entre biógrafo e biografada. Importante que se diga que não há trabalho acadêmico que esteja vedado à subjetividade. Toda escolha de objeto, abordagem, escopo, bibliografia, etc. parte de um caráter subjetivo, em alguns casos mais e, em outros, menos conscientes do autor/autora que produz determinado trabalho acadêmico. Posto isto, informação sem a qual acabariam surgindo muitas dúvidas para o leitor no decorrer do texto, partamos para um breve resumo da vida de Edna Lott.

Nascida no dia 28 de maio de 1919,¹ na cidade do Rio de Janeiro, Edna Marília Lott de Moraes Costa foi a segunda filha do casal Henrique Baptista Duffles Teixeira Lott, mais tarde marechal e ministro da Guerra, e Laura Ferreira do Amaral Lott.² Em 10 de

¹ As informações mais pessoais e familiares sobre Edna Lott podem ser encontradas no livro *Marechal Henrique Lott*, escrito pelo major Joffre Gomes da Costa para a campanha presidencial de 1960. Ver: COSTA, Joffre Gomes da. **Marechal Lott**. Rio de Janeiro: Partido Social Democrata, 1960.

² COSTA, J. G., op. cit., p. 107.

junho de 1943, Edna Lott se casou com Oscar de Moraes Costa, na época, cadete do 3º ano do Exército, tendo com ele cinco filhos: Laura Lúcia (1944), Oscar Henrique (1945), Nelson Luís (1949), Carlos Eduardo (1953) e Laura Lúcia (1955).³ Profissionalmente, formada na cadeira de História e Geografia da Faculdade Nacional de Filosofia, em 1939, Edna Lott foi professora dessa matéria em diversas instituições públicas, entre os ensinos primário e secundário, por mais de 20 anos.⁴ Entre essas escolas, destacam-se o Colégio Pedro II e o Instituto de Educação.⁵

O ingresso de Edna Lott na política aconteceu no ano de 1959, quando a campanha presidencial de seu pai, então ministro da Guerra de Juscelino Kubitschek, começava a ganhar força entre diferentes setores políticos. Militar averso ao jogo político e grande entusiasta da vida doméstica e da caserna, o marechal Lott emergiu na vida pública brasileira em duas situações de grave crise política, com possíveis confrontos entre grupos políticos rivais.⁶ A estreia na vida pública aconteceu devido ao suicídio de Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954, que causou grande conturbação no cenário político brasileiro. Buscando apaziguar os ânimos exaltados pela morte do ex-presidente, Café Filho - vice-presidente que assumia o cargo máximo da República e que havia aderido à facção que buscava derrubar Getúlio Vargas – nomeou Lott como seu novo ministro da Guerra.

Alheio aos partidos militares⁷ em luta e reconhecido, no meio castrense, como oficial disciplinador e intransigente à quebra da ordem e da hierarquia militares, Lott foi

³ COSTA, J. G., op. cit., p. 177.

⁴ Ibidem.

⁵ *O Semanário*, 14-20 de nov. 1959, p. 12; *O Cruzeiro*, 27 de fev. 1960, p. 120.

⁶ Sobre o marechal Lott ver: CARLONI, Karla. **Marechal Lott, a opção das esquerdas: uma biografia política**. Rio de Janeiro: Garamond, 2015; _____. **Forças Armadas e democracia no Brasil: o 11 de Novembro de 1955**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

⁷ Sobre a definição de *partido militar* ver: ROUQUIÉ, Alain. **Os processos políticos nos partidos militares do Brasil. Estratégias de pesquisa e dinâmica institucional**. In: ROUQUIÉ, Alain (org.). *Os partidos militares no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1980; PEIXOTO, Antonio Carlos. **Exército e política no Brasil. Uma crítica dos modelos de interpretação**. In: ROUQUIÉ, Alain. (org.). *Os partidos militares no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

escolhido como novo ministro da Guerra no intuito de pacificar os ânimos dentro das Forças Armadas.⁸ Esse objetivo foi, de certa forma, rapidamente conquistado. No entanto, a tranquilidade na caserna não se manteve por muito tempo. Logo em novembro de 1954, a crise política ressurgiria, quando o Partido Social Democrático (PSD)⁹ mineiro lançou a candidatura presidencial de Juscelino Kubitschek, então governador do Estado, para o pleito de 1955. Para elevar ainda mais os ânimos, João Goulart, grande herdeiro de Getúlio Vargas no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)¹⁰, comporia a chapa de JK como candidato a vice-presidente da República.

O fantasma de Getúlio Vargas, recém morto, apareceria, novamente, mais vivo do que nunca. Os seus opositores, gravitando principalmente em torno da União Democrática Nacional (UDN)¹¹, somente haviam chegado ao Palácio do Catete por via indireta, apresentando, já naquele momento, flagrante debilidade em disputas eleitorais. O medo da volta do getulismo ao poder, sentido profundamente pelas direitas da época, acabou se confirmando nas urnas. A UDN, após duas derrotas eleitorais e pressentindo o pior, não lançou candidato próprio, preferindo apoiar Juarez Távora, do Partido Democrata Cristão (PDC). Assim que confirmada a vitória de Juscelino Kubitschek e João Goulart, os seus opositores se lançaram às tramas golpistas. Nesse momento que apareceu de maneira mais destacada o marechal Lott.

O ministro da Guerra não havia sido o único a ser trocado por Café Filho, assim que se tornou o novo presidente do país, em agosto de 1954. Sua ascensão ao cargo

⁸ CARLONI, K., *Forças Armadas e democracia no Brasil*, p. 55-9.

⁹ Sobre o PSD ver: HIPOLITO, Lucia. **De raposas e reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-64)**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

¹⁰ Sobre o PTB ver: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **PTB: do Getulismo ao Reformismo (1945-1964)**. 2.ed. São Paulo: LTr, 2011; CASTRO GOMES, Angela. **A invenção do trabalhismo**. 3.ed. 7ª reimp. Rio de Janeiro: FGV, 2017; D'ARAUJO, Maria Celina. **Sindicatos, carisma e poder: o PTB de 1945-65**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

¹¹ Sobre a UDN ver: BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

máximo da República foi seguida de uma profunda reconfiguração dos ministérios, substituindo os ministros mais próximos a Getúlio por políticos mais próximos à UDN. A manobra para impedir a posse de Juscelino Kubitschek partiria, novamente, de dentro do Estado, possuindo substancial apoio da direita militar que, à exceção de Lott, ocupava os principais postos de comando das Forças Armadas. Alegando doença grave, Café Filho passaria o seu cargo para o presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Luz (PSD-MG), que, sendo ele vinculado à oligarquia pessedista mineira que não apoiava JK, encarregar-se-ia de impossibilitar a posse de Juscelino Kubitschek.

Para alcançar os resultados almejados, era preciso substituir o ministro da Guerra, único a não demonstrar patente adesão aos planos de impedir a posse de Juscelino Kubitschek. A manobra passaria por desprestigiar o então ministro da Guerra de modo a fazê-lo renunciar de seu cargo, aparentando, assim, não ter sido uma medida tomada por Carlos Luz. Buscando punição para o coronel Bizarria Mamede, que havia infringido a norma, estabelecida por Lott, que impedia pronunciamentos políticos por parte dos militares, o ministro da Guerra não veria o seu objetivo referendado pelo presidente em exercício. Tal situação levou Lott a pedir demissão do Ministério da Guerra. No entanto, ainda demissionário, Lott seria alertado por Odylio Dênys, comandante do I Exército, e por subalternos das Forças Armadas do que significava a sua saída do ministério e como essa ação poderia resultar em uma guerra civil entre grupos, civis e militares, rivais.

Preocupado com a possibilidade de uma guerra civil caso saísse do ministério da Guerra, Lott, secundado por oficiais e praças, desencadearia um movimento militar na madrugada de 11 de novembro de 1955, nomeado, pelo próprio, como *Retorno aos Quadros Constitucionais Vigentes*.¹² Tal movimento seria crucial para a posse de Juscelino Kubitschek, sem o qual, muito provavelmente, o político mineiro não teria

¹² Todo esse processo pode ser visto, pormenorizadamente, em: CARLONI, K. **Forças Armadas e democracia no Brasil: o 11 de Novembro de 1955**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

assumido o cargo para o qual o haviam elegido. Dobrando resistências militares, principalmente na Marinha e na Aeronáutica, e civis, derrubando dois presidentes - Carlos Luz, presidente interino, e, depois, Café Filho, quando tentou reassumir a presidência depois de uma “milagrosa” recuperação -, Lott conseguiu chegar a uma solução pactuada com o novo presidente em exercício, o senador por Santa Catarina, Nereu Ramos (PSD), com o Supremo Tribunal Federal, com o clero e até mesmo com setores da imprensa.

Empossado em janeiro de 1956, Juscelino Kubitschek, sem alternativas, manteve Lott no Ministério da Guerra. O esquema militar de Lott seria imprescindível para que JK governasse durante todo o seu mandato, sufocando duas revoltas, de Jacareacanga (PA), em 1956, e de Aragarças (GO), em 1959, protagonizadas por oficiais da Aeronáutica. O ministério da Guerra de Lott também seria marcado pela regulamentação da carreira dos sargentos no Exército, recebendo, inclusive, às quartas-feiras, alguns deles em seu gabinete.¹³ Tal atitude conferiria a Lott grande prestígio entre os subalternos das Forças Armadas e, ao mesmo tempo, grande rancor da oficialidade, sobretudo dos oficiais generais.¹⁴

Todos esses eventos acabaram por conferir a Lott uma aura quase mítica entre os movimentos nacionalistas, populares e de esquerda, ensejando, desde o ano de 1956, um movimento, intitulado Frente de Novembro, que congregava a união entre o soldado e o operário em torno do nacionalismo brasileiro, órfão de uma figura simbólica que canalizasse essas aspirações desde o suicídio de Getúlio Vargas.¹⁵ Por todo esse carisma alcançado¹⁶, além das estratégias personalistas de Juscelino Kubitschek, Lott seria alçado

¹³ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 183-4.

¹⁴ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 184.

¹⁵ Ver, principalmente, os capítulos *A Frente de Novembro: trabalhadores e soldados*, no livro *Forças Armadas e democracia no Brasil*, e *O ministério JK*, no livro *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, ambos de Carloni.

¹⁶ Carloni, em *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, faz uma discussão sobre carisma, que, a princípio, não seria visto como um atributo do ex-ministro da Guerra. Refletindo a partir do antropólogo Clifford Geertz, Carloni defende que o carisma, fenômeno cultural e histórico, possui diversas maneiras de se

candidato presidencial do PSD em 1960.¹⁷ É nesse momento que Edna Lott ingressou na política brasileira. Primeiro, em 1959, quando a candidatura Lott era ainda cogitada e, depois, em 1960, como a principal articuladora e propugnadora da campanha presidencial de seu pai.

Com a confirmação da candidatura Lott pelo Partido Social Democrático (PSD), Edna Lott atuou intensamente pela eleição de seu pai, sendo o grande destaque daquela campanha. De filha de Lott, Edna, em pouco tempo, passou a pertencer à Comissão Executiva do Movimento Nacionalista Brasileiro. Apesar da candidatura ter sido derrotada, muitos periódicos da época, inclusive os que não eram favoráveis a Lott, admitiram que Edna foi o grande destaque da candidatura pessedista e que, sem ela, a derrota teria sido maior.

A partir dessa experiência inicial, a vida política de Edna Lott entraria em ascensão. Em 1962, seria eleita deputada estadual pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e, em 1966, pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), ambos os mandatos pelo Estado da Guanabara. Tendo atuação destacada nos anos 1960, Edna Lott acabaria sendo cassada, em 1969,¹⁸ pelo artigo 3º do Ato Institucional n. 16 (AI-16) combinado com o Ato Institucional n. 5 (AI-5).¹⁹ Edna ainda entraria com uma petição no Ministério da Justiça, pedindo explicações para a sua cassação, sem, no entanto, obter grandes êxitos.²⁰ Após ter seus direitos políticos cassados, por mais de 10 anos, Edna Lott entrou em um período,

expressar, sendo, no caso da política, ligada às personagens que ocupam os centros de poder em determinado momento crítico de determinada sociedade. Esse era, sem dúvidas, o caso de Lott naquele momento. Ver: CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 181-5.

¹⁷ Ver, especialmente, os capítulos *As eleições de 1960*, do livro *Marechal Lott, a opção das esquerdas* de Carloni, e *...E o PSD não ocupou o novo centro – as eleições de 1958 e 1960*, do livro *De raposas e reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-64)* de Hippolito. Ver também: BOJUNGA, Cláudio. **JK: o artista do impossível**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

¹⁸ Essa parte final da vida política e biológica de Edna Lott já foi bem pesquisada e apresentada pelo jornalista e biógrafo do marechal Lott, Wagner William, em sua obra *O soldado absoluto*. Ver: WILLIAM, Wagner. **O soldado absoluto**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

¹⁹ WILLIAM, W., op. cit., p. 409.

²⁰ WILLIAM, W., op. cit., p. 409-10.

para dizer o mínimo, muito ruim em sua vida. Nelson, seu segundo filho e militante da Aliança Libertadora Nacional (ALN), foi preso naquele mesmo ano de 1969, pelos militares.²¹

Não conseguindo encontrar seu filho nas diferentes prisões da ditadura, Edna Lott se lançou em uma busca incansável pela libertação de Nelson.²² Apesar de conseguir mitigar a situação vivida pelo filho no cárcere, Edna Lott não chegou a vê-lo liberto. Antes que isso ocorresse, Edna morreria assassinada em 10 de junho de 1971, em Lambari, Minas Gerais.²³ Mal explicado até hoje, o assassinato, perpetrado por Eduardo Fernandes da Silva, acabou sendo julgado e considerado como “crime passional”, pela justiça e pela opinião pública da época.²⁴

Eduardo Fernandes da Silva, seu suposto amante, havia sido assessor parlamentar de Edna Lott, durante os seus mandatos na década de 1960.²⁵ Relação amorosa reconhecida apenas pelo réu, Eduardo Fernandes da Silva, filho de oficial da Marinha e que possuía muitos contatos com agentes do regime militar, convocou alguns deles para depor em sua defesa.²⁶ De lá para cá, a memória de Edna Lott caiu totalmente no ostracismo, inclusive familiar. Seja como for, o objeto do nosso trabalho não é a morte de Edna Lott, mas, sim, a sua vida política de 1959 a 1969.

Como dissemos na primeira alínea dessa introdução, a dissertação é uma biografia política de Edna Lott. Depois dessa longa exposição, podemos ver todas as dificuldades, inerentes à escrita biográfica²⁷, que se impõem ao nosso trabalho. Por mais extenso e

²¹ WILLIAM, W., op. cit., p. 417 e ss.

²² WILLIAM, W., op. cit., p. 432 e ss.

²³ WILLIAM, W., op. cit., p. 461-7.

²⁴ WILLIAM, W., op. cit., p. 467-71.

²⁵ WILLIAM, W., op. cit., p. 462.

²⁶ WILLIAM, W., op. cit., p. 464-5.

²⁷ Sobre as várias modalidades de escrita biográfica ver: LEVI, Giovanni. **Usos da biografia**. In: MORAES FERREIRA, Marieta de; AMADO, Janaína (org.). *Usos & abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006; CASTRO GOMES, Angela de. **Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo**. In: CASTRO GOMES, Angela de (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004; LEVILLAIN, Philippe.

detalhado que tenha sido, sobretudo sobre o marechal Lott - que, por sinal, não é o biografado desse trabalho -, essa longa exposição nos permite ver toda a dimensão do que é escrever uma biografia sobre Edna Lott. A biografia, modalidade de escrita existente desde a antiguidade, possuía, tradicionalmente, uma marca de origem que a aproximava do panegírico, isto é, da exaltação de grandes figuras públicas, como reis, generais, sacerdotes, etc. Nesses textos, em seus diferentes períodos históricos, podemos ver uma grande preocupação em retratar personagens modelares para a sociedade de determinada época.

Nesse sentido, a biografia se aproximava da mitologia, uma espécie de mitologia com fontes históricas em que se buscava provar a grandiosidade da personagem retratada. Esse regime de escrita seguiu forte por bastante tempo, até finais do século XIX, quando passou a ser duramente questionado e descreditado pelas novas correntes historiográficas de pensamento que surgiam naquele momento, sobretudo as de viés estruturalista. Os grandes homens, que eram vistos como os motores do processo histórico, passaram a ser preteridos em detrimento das causas profundas, como a economia, as classes sociais, demografia, etc.²⁸ No entanto, o indivíduo, relegado por quase um século, voltaria a ganhar relevância com a crise dos modelos que o criticavam, ganhando nova vida a partir da década de 1970.²⁹ Mesmo assim, a questão da mitificação do biografado (ainda que novas personagens, que não eram vistas como “grandes homens”, passassem a servir de objeto para a escrita biográfica) continua sendo uma preocupação para todos aqueles que se propõem a escrever uma biografia.

No caso dessa dissertação, essa preocupação deve ser redobrada, ainda que não inviabilize a execução desse trabalho. Primeiro, devido a mitificação do pai de nossa

Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Dora Rocha (trad.). 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

²⁸ LEVILLAIN, P., op. cit., p. 145-50.

²⁹ LEVILLAIN, P., op. cit., p. 141-5.

biografada. Carloni, em *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, trabalha bem a mitificação que o militar passou nos anos em que esteve no proscênio do embate público. Se o Movimento 11 de Novembro fez de Lott um mito militar, a candidatura presidencial de 1960 alçou a figura de Lott ao posto de mito político e militar. Carloni mostra como o ex-ministro da Guerra seria comparado a outras figuras brasileiras mitificadas como Duque de Caxias, Tiradentes e Getúlio Vargas, frequentemente carregando uma aura redentora e messiânica.³⁰

Nesse sentido, não é possível falar sobre Edna Lott sem abordar todo esse caráter mítico atribuído ao seu pai, uma vez que nossa biografada ingressou na política justamente no período em que a mitologia de seu pai se encontrava em seu zênite. Também é preciso dizer que Edna Lott tinha consciência desse aspecto mítico que revestia seu pai na esfera pública, como apontou em uma reportagem a revista *O Cruzeiro*. “Eu faço política por gosto, meu pai por patriotismo. Ele é um símbolo nacional, como todo mundo sabe, e costumava me prevenir que a política é uma piscina de crocodilos, mas nem isso me desanimava.”³¹

Aqui temos um ponto que confere maior complexidade e dificuldade para o nosso trabalho, isto é, o fato dessa dissertação se tratar de uma biografia política de Edna Lott. Assim como a escrita biográfica, a *história política* também passou por um ostracismo no mesmo período de fins do século XIX até os anos 1970, proporcionado pelos mesmos detratores da escrita biográfica.³² Tradicionalmente hegemônica na produção

³⁰ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 22-32.

³¹ *O Cruzeiro*, 23 de jun. 1971, p. 33.

³² Sobre a *história política* ver: FLAMARION CARDOSO, Ciro. **História e poder: uma nova história política?** In: FLAMARION CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012; MENDONÇA, Sonia Regina de; FONTES, Virgínia. **História e teoria política**. In: FLAMARION CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012; FALCON, Francisco. **História e Poder**. In: FLAMARION CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História*. 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010; RÉMOND, René. **Uma história presente**. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Dora Rocha (trad.). 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

historiográfica da Antiguidade até o século XIX, a história política passou a sofrer forte ataque, acusada de ser narrativa, factual, individualista, psicologizante, idealista, subjetivista, em suma, uma história do evento, do efêmero, que, no final, não alterava consideravelmente o curso da História.³³

Além disso, a história política, por dar uma atenção desmedida ao Estado, ao poder (sua disputa, conquista e conservação), às instituições estatais, às monarquias, à formação dos Estados nacionais, às revoluções, etc., acabava por mitificar essas instâncias do poder ou da política.³⁴ Refletia na história política, afirma René Rémond, “o brilho que emanava do Estado, realidade suprema e transcendente que é uma expressão do sagrado em nossas sociedades secularizadas”.³⁵ Por essa razão, alguns autores, como Raoul Girardet, decretaram a política como o ambiente remanescente do mito nas nossas sociedades secularizadas.³⁶

Se não bastasse todos esses problemas, nosso trabalho se complica ainda mais pelo fato do biógrafo ser o neto da biografada. Aqui temos o nosso segundo motivo para redobarmos nossas atenções. A grande proximidade entre biógrafo e biografada acentua ainda mais a questão mítica em torno da figura de Lott e de Edna Lott. Nesse sentido, a biografia de Edna Lott não deixa de ser também uma autobiografia³⁷, uma vez que, como neto, partilho de muitos aspectos dessa família. No entanto, por mais que, aparentemente, tenhamos chegado a um nó górdio, a proximidade familiar não implica em uma impossibilidade de escrever a biografia de Edna Lott. A subjetividade do historiador, vista

³³ RÉMOND, R., op. cit., p. 18.

³⁴ RÉMOND, R., op. cit., p. 15.

³⁵ Ibidem.

³⁶ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

³⁷ Sobre autobiografia ver: LORIGA, Sabina. **O eu do historiador**. História da historiografia. Ouro Preto. n.º 10. Dezembro. 2012.

tradicionalmente como um problema, pode, muitas vezes, aprofundar questões que não poderiam ser trabalhadas de outra forma.

Como afirma Sabina Loriga: “O historiador não deve apagar sua subjetividade como queria Ranke. Ele deve aprender a reconhecê-la e a transformá-la em uma fonte de conhecimento. Ele deve, sobretudo, descobrir a historicidade do seu eu.”³⁸ Foi isso o que procurei demonstrar no meu trabalho de conclusão de curso, “*Entre dois amores*”: *ethos familiar e política na experiência de Edna Lott*, no bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense.³⁹ Nessa monografia, entre outras questões, eu buscava articular a influência da relação família - Forças Armadas – política, agindo como um só bloco, na atuação política de Edna Lott.⁴⁰

Demarcar bem essa questão simbólica é crucial para nosso trabalho, tanto para entender a atuação política de Edna Lott, quanto para entender de onde parte e quais são os fatores que influenciam a escrita do seu biógrafo. Importante deixar bastante claro o segundo ponto, uma vez que detalhes mais voltados a essa questão familiar podem passar, e provavelmente passarão, despercebidos por mim. No entanto, esses não são os únicos problemas que a escrita biográfica apresenta, como já ferozmente apontou Bourdieu, em seu clássico texto *A ilusão biográfica*⁴¹. Para Bourdieu, essa modalidade de escrita pressupõe, no mínimo, “que a vida é uma história e que, [...], uma vida é inseparavelmente o conjunto de acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história.”⁴²

³⁸ LORIGA, S., op. cit., p. 254.

³⁹ LOTT, Felipe. **Entre dois amores. Ethos familiar e política na experiência de Edna Lott**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Ciências Sociais, 2016.

⁴⁰ LOTT, F., op. cit., p. 20-1.

⁴¹ BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: MORAES FERREIRA, Marieta de; AMADO, Janaína (org.). *Usos & abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

⁴² BOURDIEU, P., op. cit., p. 183.

Segundo o sociólogo francês, a biografia, em última instância, serviria para ou buscaria dar um sentido global à vida de determinada personagem, conferindo a um mesmo indivíduo biológico uma identidade social coerente que inexistia na realidade. Nesse afã de encontrar um sentido que justifique todas as ações do biografado, a escrita biográfica acaba por “aproximar-se do modelo oficial da apresentação oficial de si, carteira de identidade, ficha de estado civil, *curriculum vitae*, biografia oficial, bem como da filosofia da identidade que o sustenta, quanto mais nos aproximamos”, continua Bourdieu, “dos interrogatórios oficiais das investigações oficiais – cujo limite é a investigação judiciária ou policial -, afastando-se ao mesmo tempo das trocas íntimas entre familiares e da lógica da *confidência* que prevalece nesses mercados protegidos.” (grifo do autor).⁴³ A biografia, frequentemente positiva quanto à personagem, apresentaria a imagem que o biografado e/ou o biógrafo desejam expressar publicamente, deixando, muitas vezes, as partes não tão abonadoras ou desconexas no espaço da vida privada do biografado.

Para contornar essa característica de conferir uma coerência férrea a toda uma vida, Bourdieu propõe, como solução para a escrita biográfica, que o biógrafo reconstrua as *colocações e deslocamentos* do seu biografado de maneira não linear, isto é, reconstrua o fluxo dos diferentes capitais em disputa que essa personagem, em constante devir, dispunha, perdia, almejava, conquistava, etc. em determinado *campo social* em que estava inserida, levando em consideração também como os outros atores sociais agiam de acordo com essa mesma lógica de disputa pela distribuição dos diferentes capitais disponíveis nesse *campo social*.⁴⁴ A partir desse método de análise, sem, no entanto, cair na esparrela de atribuir ao biografado uma consciência racional e utilitária todo o tempo, Bourdieu entende que a escrita biográfica poderia apresentar alguma contribuição científica de fato.

⁴³ BOURDIEU, P., op. cit., p. 188.

⁴⁴ BOURDIEU, P., op. cit., p. 190.

Um grande autor que ouviu as admoestações de Bourdieu foi, sem dúvida alguma, o historiador italiano Giovanni Levi. Em seu texto *Usos da biografia*, Giovanni Levi se perguntava, tendo em vista todas essas dificuldades, se seria possível escrever a vida de um indivíduo; identificando, como principal problema, o “fato de que nós, como historiadores, imaginamos que os atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado. Seguindo uma tradição biográfica estabelecida e a própria retórica de nossa disciplina, contentamo-nos”, continua Levi, “com modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas.”⁴⁵

Debruçando-se sobre o mesmo problema que Bourdieu, Giovanni Levi propõe uma tipologia para as biografias que apresentam reais contribuições para o entendimento e o desenvolvimento das ciências sociais. São eles: (1) *prosopografia e biografia modal*, (2) *biografia e contexto*, (3) *biografia e os casos extremos*, (4) *biografia e hermenêutica*. Importante deixarmos claro, antes de continuarmos, que Giovanni Levi considera que essa “tipologia das utilizações e das indagações que se fazem hoje a respeito da biografia não pretende esgotar todas as possibilidades ou práticas”⁴⁶, havendo outras modalidades de escrita biográfica.

Definindo rapidamente, a biografia de Edna Lott, aqui apresentada, é a do tipo *biografia e contexto*. Isso não significa dizer que não possamos perceber características das outras três modalidades de escrita biográfica nessa dissertação. No entanto, nessa introdução, focaremos mais a nossa reflexão sobre a *biografia e contexto*. Giovanni Levi coloca que esse tipo de biografia se remete a duas perspectivas diferentes. “Por um lado, a reconstituição do contexto histórico e social em que se desenrolam os acontecimentos

⁴⁵ LEVI, G., op. cit., p. 169.

⁴⁶ LEVI, G., op. cit., p. 178.

permite compreender o que à primeira vista parece inexplicável e desconcertante.”⁴⁷ “Por outro lado, o contexto serve para preencher as lacunas documentais por meio de comparações com outras pessoas cuja vida apresenta alguma analogia, por esse ou aquele motivo, com a do personagem estudado.”⁴⁸

A trajetória de nossa biografada nos ajuda a entender melhor a campanha presidencial de Lott, a renúncia de Jânio Quadros em 1961, o esfacelamento do governo João Goulart, principalmente na sua relação com o PTB da Guanabara, o início do chaguismo, a atuação dos militares de esquerda e das diferentes correntes nacionalistas de esquerda naquela década, todos temas ou objetos ainda pouco estudados pelos historiadores e demais cientistas sociais, até o momento. Além de todos esses temas, a trajetória de Edna Lott nos auxilia a melhor compreender, de maneira ainda mais específica, as possibilidades e limites da atuação política das mulheres nos anos 1960.

Por essa razão, surge a dúvida: seria possível reconstruir um contexto histórico e social a partir de uma trajetória singular? O próprio Giovanni Levi responde a essa questão.

Essa utilização repousa sobre uma hipótese implícita que pode ser assim formulada: qualquer que seja a sua originalidade aparente, uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica.⁴⁹

As escolhas de um indivíduo, conscientes ou não, possuem, portanto, uma relação com o contexto em que ele está inserido, seja ele histórico, social, cultural, político, econômico, etc. Apesar desse argumento, esse tipo de biografia ainda guarda alguns problemas. “Pode-se alegar, no entanto, que o contexto”, afirma Levi, “é frequentemente apresentado como algo rígido, coerente, e que ele serve de pano de fundo imóvel para

⁴⁷ LEVI, G., op. cit., p. 175.

⁴⁸ LEVI, G., op. cit., p. 176.

⁴⁹ Ibidem.

explicar a biografia. As trajetórias individuais estão arraigadas em um contexto, mas não agem sobre ele, não o modificam.”.⁵⁰ Chegamos aqui a um dos embates mais antigos nas discussões acadêmicas, isto é, entre individualismo e coletivismo, indivíduo e sociedade.

Por sinal, a escrita biográfica havia sido degredada dos estudos acadêmicos justamente pelas diferentes correntes estruturalistas, hegemônicas do final do século XIX até inícios da década de 1970, que viam no indivíduo apenas a manifestação das estruturas sociais, sobretudo as de longa ou longuíssima duração. No entanto, como afirma Levillain, o individualismo, ganhando nova vida a partir justamente dos anos 1970 em diante, daria nova vida às diferentes modalidades de escrita biográfica.⁵¹

Segundo Levillain, “o individualismo remete sempre a dois dados: o reconhecimento da liberdade de escolha do homem; o confronto entre a sociedade e o indivíduo na fixação dos valores. Resulta daí”, continua o historiador francês, “que, se o valor se liga ao todo (e a questão da ideologia retorna à consideração), ele é prescrito, e a capacidade de escolha do indivíduo é restrita; se se liga ao indivíduo, ele é espontâneo e separado da ideia que faz a união do todo (holismo).”.⁵² Levillain diferencia esse novo individualismo, utilizado na escrita biográfica,

dos outros individualismos (sociológico, econômico, jurídico, filosófico, político) pelo fato de que não é “um empreendimento de legitimação de instituições e valores”, mas leva estes em consideração em nome de seu método para explicar as escolhas realizadas pelo indivíduo, partindo do princípio de que uma sociedade não é um sistema, e de que os fenômenos sociais são o resultado de um aglomerado de comportamentos.⁵³

Levillain define esse novo individualismo como *individualismo metodológico*, que busca explicar “os fenômenos coletivos a partir dos comportamentos e das estratégias

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ LEVILLAIN, P., op. cit., p. 167.

⁵² Ibidem.

⁵³ LEVILLAIN, P., op. cit., p. 168.

individuais.”.⁵⁴ E, resumindo, coloca que “se os indivíduos são modelados pelas sociedades, eles manifestam preferências que devem ser explicadas.”.⁵⁵ Apesar desse novo modelo de individualismo ter permitido o ressurgimento da escrita biográfica como um empreendimento reconhecido academicamente, não será essa posição que encamparemos em nosso trabalho. Tampouco será uma posição estruturalista. Tomaremos como posição um meio termo,⁵⁶ articulando como Edna Lott transitava politicamente pelo meio social, influenciando-o, e como o meio social influenciava na sua atuação política.

Esse foi o método utilizado por Norbert Elias em sua obra *Mozart, sociologia de um gênio*⁵⁷. Em seu trabalho, Elias colocava que para cumprir seu objetivo era “preciso ser capaz de traçar um quadro claro das pressões sociais que agem sobre o indivíduo.”.⁵⁸ Definindo-se claramente como um trabalho sociológico e sem maiores preocupações de que seu estudo fosse uma narrativa histórica, Elias afirma que seu intuito é na “elaboração de um modelo teórico verificável da configuração de uma pessoa – neste caso, um artista do século XVIII – formava, em sua interdependência com outras figuras sociais da época.”.⁵⁹ Nesse sentido, afirma o sociólogo alemão, ao tratar de determinada experiência de Mozart, que o sentido dessa experiência

não pode ser percebido de maneira realista e convincente caso se descreva apenas o destino da pessoa individual, sem apresentar também um modelo das estruturas sociais da época, especialmente quando levam a diferença de poder. Só dentro da estrutura de tal modelo é que se pode discernir o que uma pessoa como Mozart, envolvida por tal sociedade, era capaz de fazer

⁵⁴ Ibidem.

⁵⁵ Ibidem.

⁵⁶ Sobre essa discussão ver: ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. org. Michael Schröter. trad. Vera Ribeiro. rev. téc. e notas Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

⁵⁷ ELIAS, Norbert. **Mozart, sociologia de um gênio**. org. Michael Schröter; trad. Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

⁵⁸ ELIAS, N., *Mozart, sociologia de um gênio*, p. 18-9.

⁵⁹ ELIAS, N., *Mozart, sociologia de um gênio*, p. 19.

enquanto indivíduo, e o que – não importa sua força, grandeza ou singularidade – não era capaz de fazer.⁶⁰

Assim como no caso de Mozart, o mesmo acontece com a nossa biografada. Não é possível compreender a trajetória política de Edna Lott se não tivermos claro as estruturas sociais da época, suas possibilidades e seus limites. Por essa razão, torna-se fundamental refletirmos sobre a questão de gênero, ou seja, a posição que uma mulher ocupava naquela sociedade da década de 1960.⁶¹ Para analisarmos, satisfatoriamente, a atuação política de Edna Lott é incontornável compreendermos a relação entre espaço público, entendido como exclusividade dos homens, e o espaço privado, lugar em que a mulher “deveria” se restringir.

Durante toda a sua trajetória política, Edna Lott teve que lidar constantemente com essas barreiras de gênero impostas às mulheres, algo comum na biografia de outras mulheres que também tiveram uma atuação pública. De acordo com Soihet, “hoje, quando a biografia tem despertado interesse crescente, tem surgido obras desse tipo, buscando compreender o condicionamento social e sexual das mulheres focalizadas e a interação entre sua vida pública e privada.”⁶² Além de sua condição de gênero, Edna Lott pertencia a uma família tradicional, que, por sua vez, pertencia a uma estrutura ainda mais tradicional, isto é, o Exército.⁶³

Apesar disso, Edna Lott se integrou na política pelos setores da esquerda, o que conferia maiores possibilidades de atuação e de autoafirmação no campo político. Essa mudança de ares poderia parecer abrupta, se a figura política de seu pai, desde o contragolpe militar de 1955, não houvesse sido apropriada pelas esquerdas da época.

⁶⁰ Ibidem.

⁶¹ Sobre a história das mulheres ver: SCOTT, Joan. **História das mulheres**. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011; SOIHET, Rachel. **História das Mulheres**. In: FLAMAREON CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História*. 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

⁶² SOIHET, R., op. cit., p. 269.

⁶³ Sobre a relação entre família e Exército ver: CASTRO, Celso. **Apresentação**. In: CASTRO, Celso (org.). *A família militar no Brasil: transformações e permanências*. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

Inclusive, dentro das próprias Forças Armadas, como veremos mais à frente, havia grupos mais à esquerda ou de esquerda. Importante apontarmos também que, embora essas tenham sido as estruturas com as quais a parlamentar teve que se defrontar durante toda a sua trajetória política, essas estruturas se fecharam e enrijeceram ainda mais a partir de 1964, obrigando a deputada a reajustar sua relação com essas estruturas sociais.

Assim, se Elias afirma que: “A vida de Mozart ilustra nitidamente a situação de grupos burgueses outsiders numa economia dominada pela aristocracia de corte, num tempo em que o equilíbrio de forças ainda era muito favorável ao establishment cortesão, mas”, continua o sociólogo alemão, “não a ponto de suprimir todas as expressões de protesto, ainda que apenas na arena, politicamente menos perigosa, da cultura.”⁶⁴; o mesmo poderíamos dizer sobre a trajetória política de Edna Lott, que ilustra bem as esquerdas, pré-golpe de 1964, e também a política guanabarina no início do domínio de Chagas Freitas da Guanabara, ambas levando em consideração, evidentemente, a questão de gênero.

Por tudo isso, a biografia política de Edna Lott se inscreve na *história do tempo presente*.⁶⁵ Essa modalidade historiográfica, assim como a biografia e a história política (e que não possuía o mesmo nome que utilizamos atualmente), esteve presente desde muito tempo na disciplina História, principalmente na Idade Antiga, e que também sofreu com o ostracismo a partir do final do século XIX, recuperando-se a partir da década de 1970. Dentro das tradicionais divisões da História, a prática da história do tempo presente

⁶⁴ ELIAS, N., *Mozart, sociologia de um gênio*, p. 16.

⁶⁵ A história do tempo presente surge como uma novidade, embora essa modalidade de história já fosse utilizada desde a antiguidade clássica, por Heródoto, Tucídides, etc. Para não nos atermos muito a essa questão, deixamos como referências: HARTOG, François. **Crer em história**. trad. Camila Dias. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017; ROUSSOU, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente e o contemporâneo**. trad. Fernando e Fabrício Coelho. Rio de Janeiro: FGV, 2016; FICO, Carlos. **História que temos vivido**. In: VARELLA, Flávia; MIRANDA MOLLO, Helena; FARIA PEREIRA, Mateus Henrique de; MATA, Sérgio da (org.). *Tempo presente & usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

se relaciona apenas com a História Contemporânea, ainda que isso não signifique que ambas tenham o mesmo significado e abrangência.

Na definição de Henry Roussou, a história do tempo presente é aquela que “se interessa por um presente que é o seu, em um contexto em que o passado não está nem acabado, nem encerrado, em que o sujeito da sua narração é um ‘ainda-aí’”.⁶⁶ Essa definição, proposta por Henry Roussou, diferencia a história contemporânea, espaço em que a história do tempo presente atua, dos outros períodos históricos – Idade Antiga, Média e Moderna – na medida em que suas balizas cronológicas se encontram em constante mudança e questionamento. Segundo o próprio Henry Roussou, dependendo das tradições locais e nacionais, o contemporâneo pode começar em datas diferentes, assim como a sua data de término.⁶⁷

Por essa razão, as contestações da história contemporânea não se restringem apenas ao campo da periodicidade, mas também, como afirma Henry Roussou, “sobre a sua factibilidade, seu significado, sua significação”.⁶⁸ Como os estudos da história do tempo presente se debruçam sobre um período ainda recente na vida dos povos, as paixões decorrentes desses eventos ainda não tiveram tempo de decantar, tratando-se, muitas vezes, de temas candentes ainda nas suas respectivas sociedades. Esse é o caso dessa dissertação, que se debruça sobre um período de transição entre a democracia da IV República e a instauração da ditadura civil-militar, e o seu recrudescimento até a implementação do AI-5, em 1968.

Devido às disputas políticas, que se seguem mesmo após “finalizado” determinado período ou experiência histórica, os historiadores se lançam a entender esses processos ainda muito próximos do período do pesquisador para preencher, inclusive, uma demanda

⁶⁶ ROUSSOU, H., op. cit., p. 18.

⁶⁷ ROUSSOU, H., op. cit., p. 20.

⁶⁸ Ibidem.

social crescente de compreender os acontecimentos históricos mais recentes. Esse fenômeno de demanda social por explicações históricas dos acontecimentos recentes, segundo François Hartog, fez com que a história contemporânea não só vencesse a batalha pela legitimidade, como também suplantasse os outros períodos históricos em importância, passando a ser a grande representante da própria disciplina.⁶⁹ Essa mudança de interesse do público, leigo ou acadêmico, teria provocado, segundo o historiador francês, uma mudança de regime de historicidade.

Segundo Hartog, atualmente há uma demanda social que pressiona os pesquisadores a darem explicações históricas sobre acontecimentos recentes, o recuo temporal, tão estimado no passado, foi deixado de lado pelo imediato, pelo passado recente, pelo que acabou de ocorrer, principalmente quando relacionados a experiências traumáticas.⁷⁰ À essa mudança de paradigma, Hartog chama de *regime presentista* ou *presentismo*, em que o presente ou passado próximo ganham maior relevância ou atenção nas pesquisas históricas em detrimento de uma perspectiva futurista de História.⁷¹ Por essa razão, emerge como grande problema para o nosso trabalho a questão da *memória*⁷² e da *história oral*⁷³.

De acordo com Marieta de Moraes Ferreira⁷⁴, a história contemporânea e a história do tempo presente poderiam ser agrupadas pela existência e atuação das testemunhas vivas.⁷⁵ Segundo a historiadora, essa modalidade da História possuiria uma baliza

⁶⁹ HARTOG, F., op. cit., p. 34.

⁷⁰ HARTOG, F., op. cit., p. 36-9 e 58-9.

⁷¹ Ver, sobretudo, o capítulo 4, *Do lado dos historiadores: os avatares do regime moderno de historicidade*, de Hartog (2017).

⁷² Ver: JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo XXI, 2002.

⁷³ Sobre história oral ver: MORAES FERREIRA, Marieta de. **História oral: velhas questões, novos desafios**. In: FLAMARION CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

⁷⁴ MORAES FERREIRA, Marieta de. **Demandas sociais e história do tempo presente**. In: VARELLA, Flávia; MIRANDA MOLLO, Helena; FARIA PEREIRA, Mateus Henrique de; MATA, Sérgio da (org.). *Tempo presente & usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

⁷⁵ MORAES FERREIRA, M., *Demandas sociais e história do tempo presente*, p. 109.

temporal móvel também pela questão do testemunho, avançando à medida que as testemunhas vão morrendo ou se esquecendo daquilo que viveram.⁷⁶ Por esse motivo, é necessário, destarte, que esclareçamos que memória e história não são sinônimos obrigatoriamente. A História constrói a sua narrativa a partir de um método científico, inquirindo variados tipos de fonte para expor o passado no presente, estando passível de críticas, revisões, etc. frequentes conforme o objeto e/ou o tema avance em complexidade, ou seja, a partir da descoberta de novas fontes, novas metodologias, novas epistemologias e correntes de pensamento, ou do próprio aperfeiçoamento de antigas metodologias, epistemologias e correntes de pensamento.

A memória, por sua vez, individual ou coletiva, busca, geralmente e frequentemente, justificar ou produzir uma identidade, individual e/ou coletiva, e um sentido de pertencimento social a partir de uma leitura do passado.⁷⁷ Por esse motivo, a memória corresponde ao ato de lembrar, no presente, o passado. O presente de quem lembra, com todas as mudanças que ocorreram nesse processo, condiciona a leitura do passado, havendo, assim, várias leituras do passado de acordo com o determinado momento em que o indivíduo é estimulado a lembrar. Nesse sentido, precisamos fazer duas avaliações distintas quanto ao esquecimento de Edna Lott, uma, social, e outra, familiar.

A memória social, longe de representar um tranquilo consenso coletivo, é fruto de diversas e constantes lutas de reconstrução do passado pelos diferentes grupos presentes em determinada sociedade. O processo de memória social espelha, de maneira quase perfeita, as disputas de poder e a distribuição de poder que cada grupo detém na sociedade. A cristalização de uma memória social encobre outras memórias coletivas

⁷⁶ Ibidem.

⁷⁷ Ver: POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p. 200-212; _____. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

sobre um mesmo período ou evento, de modo que o processo de construção da memória social somente se faz mediante a vários esquecimentos sobre uma mesma questão. “El espacio de la memoria”, afirma a socióloga argentina Elizabeth Jelin, “es entonces un espacio de lucha política, y no pocas veces esta lucha es concebida en términos de la lucha ‘contra el olvido’: *recordar para no repetir*. [...] La ‘memoria contra el olvido’ o ‘contra el silencio’ esconde”, continua Jelin, “lo que en realidad es una oposición entre distintas memorias rivales (cada una de ellas con sus propios olvidos). Es en verdad ‘memoria contra memoria’.”.⁷⁸

Isto acontece em relação à memória da ditadura no Brasil, que é, até os dias de hoje, um terreno de grandes disputas políticas, principalmente no período de maior repressão política por parte do Estado, após a promulgação do AI-5, e com a emergência da luta armada. No entanto, curiosamente, esses dois grupos acabaram por promover um esquecimento social da figura da ex-parlamentar carioca. Isto não significa dizer que foi algo intencional, visando especificamente à figura de nossa biografada.

Do ponto de vista militar, Edna Lott, que defendeu arduamente a categoria na Assembleia Legislativa da Guanabara, foi esquecida devido às disputas internas na corporação. Vencendo em 1964, a direita militar passou a promover um gradual esquecimento da figura política do marechal Lott.⁷⁹ Além disso, Edna Lott atuava politicamente junto aos militares de esquerda, que sofreram diferentes punições e expurgos da corporação militar. O esquecimento de Edna Lott na corporação se deve, portanto, muito mais ao próprio esquecimento de seu pai e dos seus aliados políticos, do que propriamente por alguma importância pessoal que Edna Lott tivesse nas Forças Armadas.

⁷⁸ JELIN, E., op. cit., p. 6.

⁷⁹ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 46-53.

Do ponto de vista das esquerdas, temos três motivos principais para o seu esquecimento.⁸⁰ Primeiro, as esquerdas que romperam com os partidos da IV República, principalmente com o PCB, rifaram completamente toda essa experiência partidária do período 1945 a 1965.⁸¹ De acordo com essas esquerdas, os partidos promoviam uma política de conciliação de classes que impedia o povo brasileiro de fazer a revolução. Segundo, o MDB, partido imposto pela ditadura, não representava, satisfatoriamente em seu início, os valores da esquerda. Antes de ser reconhecido como um partido de oposição, a partir de meados da década de 1970 em diante, o MDB era visto como um partido artificial, criado apenas para dar uma aparência democrática a um regime ditatorial.

Atuando tanto no PTB, quanto no MDB, a trajetória política de Edna Lott não possuía maiores condições de ser lembrada pela esquerda que emergiu após o golpe de 1964. Para essas esquerdas, o PTB e o MDB representavam, respectivamente, a razão para a derrota, em 1964, e a continuação da derrota de 1964. Em relação às esquerdas, há também um terceiro motivo. As esquerdas, principalmente aquelas que seguiram para a luta armada, negam o caráter ofensivo das próprias esquerdas no início dos anos 1960, antes do golpe civil-militar.⁸² Toda uma profícua experiência política de esquerda, que congregava os movimentos sindical, camponês, estudantil, de militares, sobretudo baixa patente e subalternos, intelectuais, e, inclusive, os próprios partidos políticos, como PTB e PCB, acabaria sendo desprestigiada ou deslegitimada por essas esquerdas pós-1964 e, principalmente, pós-1968.

Articulada com todos esses movimentos, primeiro através do Movimento Nacionalista Brasileiro (MNB) e, depois, do PTB, Edna Lott seguiria o mesmo destino desses grupos rumo ao esquecimento social. Nesse sentido, a memória política de Edna

⁸⁰ Sobre essa discussão ver: AARÃO REIS, Daniel. **Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória**. In: *Seminário 40 anos do Golpe: ditadura militar e resistência no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

⁸¹ AARÃO REIS, D., op. cit., p. 128-9.

⁸² AARÃO REIS, D., op. cit., p. 124-7.

Lott não poderia encontrar campo fértil para se estabelecer. Além dessas razões todas, poderíamos elencar mais uma razão para o seu esquecimento social, que independe do embate entre militares da ditadura e militantes de esquerda, isto é, o machismo da sociedade brasileira. Como coloca Soihet, a mulher quando ousa adentrar no espaço público, visto como exclusividade masculina, acaba sendo vista como “força do mal”, “desencadeadora do desequilíbrio do e no mundo masculino”.⁸³

No entanto, a razão desse esquecimento social deve ser entendida junto à posição política defendida por Edna Lott, uma vez que outras mulheres que tiveram uma atuação política destacada e, também, um fim trágico, como Olga Benário e Zuzu Angel, só para ficarmos em alguns exemplos, não foram relegadas ao mesmo olvido social. Nesse sentido, o machismo da sociedade brasileira serve para promover ainda mais o esquecimento de uma grande personagem do nacionalismo de esquerda e do nacional-reformismo, da década de 1960. Após o fim da ditadura, a memória vencedora dentro das esquerdas foi a da luta armada, que exaltou sua própria atuação e defenestrou a experiência política anterior ao golpe de Estado. O caso mais expressivo desse esquecimento e depreciação da sua atuação política foi, sem dúvidas, João Goulart, visto e entendido, correntemente, como “fraco”, “inábil”, “pelego”, “burguês”, “boêmio”, etc.

Por essa razão, podemos perceber uma nítida diferença da memória social em relação à Zuzu Angel, relacionada, em grande medida, à luta armada, e Edna Lott, marcadamente vinculada ao nacional-reformismo e ao nacionalismo de esquerda. Apesar de tudo isso, Edna Lott seria, junto a outros parlamentares cassados pela ditadura, anistiada pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, em 1998, por iniciativa do deputado Francisco Veloso, do Partido da Social Democracia Brasileira

⁸³ SOIHET, R., op. cit., p. 263.

(PSDB).⁸⁴ Mais à frente, em uma data ainda incerta, uma creche receberia o nome de Edna Lott. Localizada na comunidade de Acari, a creche Edna Lott, segundo sua diretora adjunta, Tania Cristina Simões, pertencia, até 2007, à Secretaria de Desenvolvimento da Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, passando a integrar a Secretaria de Educação a partir desse ano.⁸⁵ Entretanto, apesar de funcionar desde esse tempo, a creche Edna Lott, segundo Tania Cristina Simões, até agora não foi fundada oficialmente.⁸⁶ Por essa razão, afirma a diretora adjunta, que não é possível, até o momento, encontrar maiores informações sobre a creche na internet, uma vez que nem mesmo os funcionários da instituição dispõem dessas informações.⁸⁷

Independente disso tudo, torna-se difícil esperar que haja uma memória social quando nem mesmo a própria família se preocupa em lembrar da atuação política de sua parente. Em parte, sem dúvidas, esse esquecimento se deve a um trauma familiar em decorrência de sua morte trágica. Entretanto, somente isso não explica o esquecimento familiar. É preciso atentarmos, incontornavelmente, para como esse grupo constrói a sua ideia de *família* e de pertencimento a essa família.

Segundo Pollak: “Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui o território (no caso de Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum. Isso significa fornecer um quadro de referências e de pontos de referência.”⁸⁸ A principal função social da memória coletiva é, portanto, o de oferecer, simultaneamente, uma identidade comum e uma sensação de pertencimento a um grupo,⁸⁹ sensação essa que é produzida, no caso desse grupo familiar, pela relação

⁸⁴ Projeto de Resolução n.º 1.142/98. Disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro.nsf/c117efcede3c2c7b032565020052e8ec/a3b8550eb70c8c8c032565f6006b3bf0?OpenDocument>. Acesso em: 27 de mar. 2019.

⁸⁵ Conversa com a diretora adjunta da creche Edna Lott, Tania Cristina Simões, no dia 27 de mar. 2019.

⁸⁶ Conversa com a diretora adjunta da creche Edna Lott, Tania Cristina Simões, no dia 27 de mar. 2019.

⁸⁷ Conversa com a diretora adjunta da creche Edna Lott, Tania Cristina Simões, no dia 27 de mar. 2019.

⁸⁸ POLLAK, M., *Memória, esquecimento e silêncio*, p. 9.

⁸⁹ *Ibidem*.

que os familiares constroem com a figura do marechal Lott. Podemos entender bem essa situação através do conceito de *memória dividida*, utilizada por Alessandro Portelli em seu artigo *O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum*.⁹⁰

Segundo o historiador italiano, há duas memórias, radicalmente diferentes, que disputam a definição dos significados e das interpretações sociais daquele evento. Haveria, portanto, uma memória dividida em torno do massacre de Civitella. De maneira similar, podemos ver uma memória dividida na família Lott. Esse fenômeno ocorre em torno da figura do marechal, cabendo à Edna Lott a parte que não se deseja lembrar, isto é, a parte política do ex-ministro da Guerra. Nessa identidade familiar hegemônica, Lott é lembrado como militar e esquecido como político. Por fazer parte intensamente da trajetória política do marechal, Edna acabaria também esquecida, uma vez que o centro simbólico dessa família gravita em torno do marechal. Por essa razão, não utilizaremos memórias de membros da família como fonte para essa dissertação.

Para escrever a biografia de Edna Lott, utilizaremos, principalmente, fontes de periódicos, dos discursos parlamentares da nossa biografada, presentes nos anais da Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara (ALEG) e guardados na Biblioteca da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), e dos documentos produzidos pela Polícia Política sobre Edna Lott, guardados no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ). Apesar de dispormos de uma grande quantidade de fontes, esse trabalho não se pretende definitivo quanto ao tema da política da década de 1960, em geral, e da trajetória política de Edna Lott, em particular. Por ser um tema e questão muito recentes, muitas fontes podem ser encontradas, confrontadas e/ou

⁹⁰ PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum**. In: MORAES FERREIRA, Marieta de; AMADO, Janaina (org.). *Usos & abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

reinterpretadas, possibilitando novas leituras e entendimentos da política na década de 1960, de modo geral, e da trajetória política de Edna Lott, em particular.

Posto tudo isso, passemos a tratar das fontes que coletamos e utilizamos em nosso trabalho e a resumir os capítulos da nossa dissertação, composta por cinco capítulos de desenvolvimento, além dessa introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, *Da vida privada ao espaço público: o ingresso de Edna Lott na política (1959-60)*, buscamos apresentar como foi o processo de entrada de Edna Lott na política através da campanha presidencial de seu pai, que começara a se esboçar a partir de 1959. Nesse capítulo utilizamos fontes de diversos periódicos, de diferentes linhas ideológicas, e, principalmente, do livro *Marechal Henrique Lott*, escrito pelo major Joffre Gomes da Costa.

O primeiro capítulo tratará, dessa forma, das possibilidades e limites do papel político que Edna Lott podia desempenhar e ocupar naquele momento e naquela situação, uma vez que os periódicos, cada um de acordo com sua ideologia e sua posição quanto aos candidatos de 1960, também utilizariam Edna Lott para melhor apresentar o candidato Lott. Importante também que deixemos claro que Edna Lott não era uma personagem passiva, representando o roteiro prescrito por esses diferentes grupos políticos ou midiáticos. A questão se encontra, justamente, nesse embate entre liberdade individual de Edna Lott e o papel social conferido a ela por esses grupos, que, evidentemente, apresentavam convergências e dissonâncias.

No segundo capítulo, *Os embates, os limites e as vigilâncias políticos: reerguendo a campanha presidencial e o turbulento governo Jânio Quadros (1960-61)*, trabalhamos a rápida ascensão política de Edna Lott, durante a campanha presidencial e o curto governo JQ. Se no primeiro capítulo analisamos a saída de Edna Lott do espaço privado para o público, esquadrinhando toda o complexo jogo de representações de arquétipos

femininos tradicionais; no segundo capítulo, trabalhamos já a posição de Edna Lott como grande articuladora da campanha presidencial de seu pai, as disputas e embates que ela teve que travar para que a candidatura Lott saísse do atoleiro em que esteve na maior parte do tempo.

Essa vigorosa atuação fez com que Edna Lott ingressasse no Movimento Nacionalista Brasileiro (MNB), chegando em sua Comissão Executiva logo durante a campanha presidencial. Por esse motivo, maiores atenções da imprensa conservadora e da Polícia Política seriam voltadas para a líder nacionalista. Nesse sentido, além dos variados periódicos, utilizaremos muitos documentos produzidos pela Polícia Política nesse período em que Edna começava a se destacar na campanha presidencial e, posteriormente, no MNB e antes dela ser eleita deputada estadual pela Guanabara, em 1962. Essa documentação, que utilizaremos principalmente nesse segundo capítulo, encontra-se guardada e conservada no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ), no fundo Polícia Política (PolPol).⁹¹

No terceiro capítulo, *Do Movimento Nacionalista Brasileiro à vida partidária: a campanha parlamentar pelo PTB em 1962*, analisaremos a filiação de Edna Lott à sigla trabalhista, sua candidatura e campanha eleitoral em 1962. Filiada ao PTB, a convite de Lutero Vargas, Edna Lott ainda encontraria as restrições políticas, similares às enfrentadas por ela durante a campanha presidencial de seu pai. Esse ano de 1962 seria um divisor de águas na trajetória política de Edna Lott, passando a gozar de maior espaço político e contar com uma raia própria mais independente da figura política de seu pai. Nesse capítulo, utilizaremos fontes de periódicos diversos, principalmente analisando os primeiros artigos que Edna Lott publicou pelo jornal nacionalista *O Semanário*.

⁹¹ Esses documentos serão citados, ao longo do trabalho, como: APERJ. PolPol: (informações específicas do documento).

No quarto capítulo, *Primeiros anos do mandato parlamentar: experimentando a liberdade política antes do golpe de Estado (1963-64)*, e quinto capítulo, *Reinventando-se após o golpe de Estado (1964-69)*, analisamos a vida parlamentar da deputada. No capítulo quatro e parte do capítulo cinco, trabalhamos a atuação de Edna Lott pelo PTB, antes e depois do golpe (1963-65). Na outra parte do capítulo cinco, analisamos a atuação parlamentar de Edna Lott pelo MDB, de 1965 a 1969. Nesses dois capítulos, além das diversas fontes de periódicos, trabalhamos bastante os discursos de Edna Lott presentes nos anais da Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara (ALEG).⁹²

Esses documentos, guardados e conservados na Biblioteca da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), são compostos, em geral, de dez volumes que resumem as atividades parlamentares de cada ano. À exceção dos meses de janeiro a março, que compõem um mesmo volume, cada mês possui, normalmente, um volume no período de 1963 a 1969. No entanto, a partir de 1967, esse número começou a diminuir até chegar ao ano de 1969, que possui apenas um volume condensando toda a produção parlamentar daquele ano. Assim, no total, foram analisados os discursos de Edna Lott em 58 volumes de anais da Assembleia. Devido à extensão dessa documentação, concentramos mais nossa atenção nos títulos das falas da deputada, presentes nos índices de cada volume, destacando alguns discursos mais importantes para nosso trabalho.

Como podemos perceber, as fontes que utilizamos são, de certa forma, fontes “oficiais”, isto é, ou produzidas pelo Estado, como os relatórios da Polícia Política e as falas na Assembleia, ou informações publicadas em periódicos (matérias, notícias, entrevistas, etc.), ou livro para campanha eleitoral. Em todas essas fontes, há uma intencionalidade tanto de quem escreve, quanto de Edna Lott nos momentos em que

⁹² Essa documentação será citada, ao longo do nosso trabalho, como: AL – anais – (mês) – (ano) – vol. (nº romano). Exemplo: AL – anais – maio – 1968 – vol. LXXII.

dispõe de maior liberdade e autonomia para colocar suas ideias. Independentemente disso, todas as fontes reportam a um trato público, a um mundo formal, em que há, por assim dizer, maior “seriedade” e intencionalidade no que se diz e faz, do que de uma fonte mais informal e corriqueira como uma fonte oral sobre algum aspecto privado da vida de nossa biografada.

Sendo assim, as fontes, que coletamos e analisamos, também referendam o objetivo de nossa dissertação de procurar trabalhar a trajetória política e pública de Edna Lott. Acreditamos, por fim, que nosso trabalho será útil para aprofundar os estudos políticos sobre a década de 1960, a IV República, o início da ditadura civil-militar, etc., e também de iniciar outros, como a atuação feminina na Assembleia Legislativa da Guanabara durante a IV República, o cisma dentro do PTB guanabarino e, consecutivamente, com João Goulart, o início do chaguismo durante a década de 1960, etc. Lembrando, mais uma vez, que essa dissertação se trata de um começo e não de algo definitivo.

Cap. I

Da vida privada ao espaço público: o ingresso de Edna Lott na política (1959-60)

Neste capítulo I, apresentaremos como Edna Lott, uma figura desconhecida até então, começou a participar da política do país, através da campanha presidencial de seu pai, marechal Lott. Para poder participar do espaço público, restrito tradicionalmente aos homens, Edna Lott teve que saber encarnar os diferentes e tradicionais modelos de feminino da sociedade brasileira. Assim, Edna usou as vestes da “perfeita filha” de militar, da tradicional *família militar* (seção 1), as da filha, esposa/viúva, mãe e professora, arquétipos femininos tradicionais da vida civil brasileira (seção 2), para poder ingressar na política e, a partir desse ponto, poder defender suas ideias e suas bandeiras, sobretudo as do nacionalismo (seção 3 e 3.1). Nesse sentido, o primeiro capítulo dessa biografia se aproxima da prosopografia, uma vez que, ao utilizar as personagens femininas tradicionais, Edna Lott serve para ilustrar “os comportamentos ou as aparências ligadas às condições sociais estatisticamente mais frequentes.” das mulheres na sociedade brasileira, daquela época.⁹³

⁹³ LEVI, G., op. cit., p. 174.

1. *Família militar e política: a entrada de Edna Lott na campanha presidencial do marechal Lott, em 1959 e início de 1960*

A vida política de Edna Lott teve início nas disputas pela definição do candidato presidencial do PSD no pleito de 1960. Até esse momento, quando o nome de seu pai ganhava força dentro das opções pessedistas para disputar à presidência da República, Edna Lott ainda não havia participado da vida pública do país. Seu ingresso na política deveu-se, basicamente, ao destaque que seu pai alcançara nos anos anteriores como ministro da Guerra.

Após apaziguar a crise civil e militar estourada pelo suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1954, de garantir a posse dos eleitos, Juscelino Kubitschek e João Goulart, em novembro de 1955, e, depois desse evento, continuar no Ministério da Guerra, durante o governo JK, garantindo a ordem na caserna, Lott seria escolhido como o candidato sucessório do PSD para a eleição presidencial de 1960. Após grandes embates e querelas entre facções internas no partido, o PSD se decidiu por lançar a candidatura do marechal. Juscelino Kubitschek, desejoso de perder a eleição de 1960 para poder retornar com força na disputa presidencial de 1965, agiu de modo a prejudicar qualquer candidato forte que pudesse sair das fileiras pessedistas.⁹⁴ Por essa razão, Lott, que havia alcançado uma aura mítica naquele período, principalmente a partir de 1955,⁹⁵ seria o candidato escolhido pela sigla.

No entanto, a opção por Lott não era unanimidade. Ciosa dos seus próprios quadros partidários, o marechal possuía pouquíssima relação com a sigla.⁹⁶ A definição do ex-ministro da Guerra como candidato sucessório de JK representava, assim, uma vitória da ala nacionalista do PSD, minoritária, sobre a ala oligárquica do partido, hegemônica na

⁹⁴ HIPPOLITO, L., *op. cit.*, p. 245-8.

⁹⁵ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 22-32.

⁹⁶ Ver, principalmente, o capítulo 5, *Organização interna e oligarquização da chefia – o poder das raposas pessedistas*, de Hippolito (2012).

sigla.⁹⁷ Nesse ínterim, que havia começado um ano antes da eleição, em 1959, Edna Lott ainda vivia a típica vida de uma mulher brasileira de classe média. Casada e com quatro filhos vivos, Edna Lott era uma professora de História e Geografia de escolas como o Instituto de Educação e o Colégio Pedro II. No entanto, sua vida apresentaria uma drástica mudança nesse mesmo ano de 1959. Em abril, seu marido, Oscar de Moraes Costa, faleceria⁹⁸ e, concomitantemente a esse infortúnio, a campanha para transformar Lott no candidato do PSD ganhava força no interior do PSD.

Esses dois fatores canalizariam a entrada de Edna Lott na política brasileira. No entanto, é preciso se dizer que não sabemos se Edna Lott já possuía algum tipo de atuação política anterior a essa data, como, por exemplo, nos colégios em que dava aula. Segundo o próprio marechal, em uma declaração dada ao jornal *Diário Carioca*⁹⁹, em agosto de 1960, Edna “sempre gostara de política. ‘Não saiu a mim’, riu.”¹⁰⁰ Seja como for, o ingresso mais expressivo de Edna Lott na política ocorreu logo em 1959, quando ela começou a participar da campanha para fazer de Lott o candidato presidencial do PSD. Esse seria o início de uma longa e intensa trajetória política. No entanto, Edna Lott ainda encontraria muitas dificuldades para conquistar seu lugar próprio na política brasileira. Nesse sentido, Edna Lott precisou passar por diferentes papéis tradicionais femininos antes de poder atuar autonomamente no campo político. Esses arquétipos, poderíamos dizer, serviam como uma espécie de “permissão” masculina para a participação da mulher na política.

⁹⁷ HIPOLITO, L., op. cit., p. 246-51.

⁹⁸ *Última Hora*, 30 de abr. 1959, p. 4.

⁹⁹ Fundado em 17 de julho de 1928 com o propósito de fazer oposição ao governo Washington Luís, o *Diário Carioca* passou, o primeiro período da Era Vargas, apoiando Getúlio e, no segundo período, criticando e atacando o ex-presidente. De linha liberal, o *Diário Carioca* apoiaria o 11 de novembro e o governo de Juscelino Kubitschek, na esperança de conseguir cargos no novo governo. Mesmo não obtendo o que almejava com JK, o *Diário Carioca* apoiaria a candidatura Lott, em 1960. Antes de fechar, em 1965, o jornal ainda apoiaria o governo João Goulart. DIÁRIO CARIÓCA. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-carioca>. Acesso em: 12 de jan. 2019.

¹⁰⁰ *Diário Carioca*, 12 de ago. 1960, p. 3.

O primeiro desses papéis seria o da “perfeita filha de militar”. Edna Lott apareceria, inicialmente, como uma espécie de ratificação do mito de Lott, iniciado a partir de 1955 e realçada na campanha presidencial, em 1960. A figura política de Lott havia alcançado uma proporção épica, naquele período, contando, inclusive, em sua campanha presidencial com a publicação de três biografias para publicizar sua vida e “feitos”. Segundo Carloni: “Historicamente pode-se afirmar que os autores registraram no papel a construção de um novo mito no imaginário político da sociedade brasileira – o marechal passou a figurar na galeria dos ‘heróis da história nacional’.”.¹⁰¹

Dentre essas três biografias, o livro *Marechal Henrique Lott* se constituiu, destacadamente, como o trabalho que mais abordou a nossa biografada, principalmente na esfera privada. Nessa obra, podemos coletar muitas informações sobre Edna Lott que nos ajudam a entender melhor a personagem política que entrava em cena, naquela eleição presidencial. Importante colocarmos, antes de tudo e como dissemos na introdução, que não utilizaremos fontes orais de familiares de Edna, nem mesmo requereremos às minhas memórias, para recheiar cada um dos pontos levantados pelo major Joffre Gomes da Costa, em seu livro. Daremos preferência à imagem de Edna Lott que foi construída pelo biógrafo do marechal.

Jacques Le Goff, em seu trabalho sobre São Luís¹⁰², esclarece-nos que “uma biografia não é só a coleção de tudo o que se pode e de tudo o que se deve saber sobre uma personagem.”.¹⁰³ Pensando dessa maneira, privilegiaremos as informações contidas nessa biografia por nos mostrar uma imagem mais próxima do que a campanha do marechal Lott desejava que Edna Lott representasse naquela disputa eleitoral. Como bem sabemos, a memória reconstrói o passado a partir do presente, das questões e das

¹⁰¹ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 24.

¹⁰² LE GOFF, Jacques. **São Luís: biografia**. Trad. Marcos de Castro. 1ª reimpr. Rio de Janeiro: Record, 1999.

¹⁰³ LE GOFF, J., op. cit., p. 21.

percepções daquele que lembra de suas experiências no momento atual, iluminando e sombreando, conscientemente ou não, as partes que lhe interessa no tempo em que está rememorando. Por esse motivo, muitas personagens fazem leituras contrastantes e, até mesmo, radicalmente diferentes do que pensavam, sentiram, viveram e experimentaram no passado.

É necessário ressalvamos que a nossa opção não passa por uma avaliação do que seria um documento mais “verdadeiro”, depreciando as fontes oferecidas pelas memórias de parentes e pessoas próximas de Edna Lott. Toda fonte produzida é orientada por alguma intenção, seja ela mais ou menos consciente. Portanto, optarmos pela obra do major Joffre Gomes da Costa não significa dizer que ela é mais verdadeira ou mais fiel ao passado do que outros tipos de fonte. Por esse motivo, é importante notarmos dois pontos fundamentais sobre *Marechal Henrique Lott*: (1) o livro é sobre o marechal Lott, logo, Edna não passa de uma figura lateral nessa narrativa; (2) evidentemente que toda obra possui uma intencionalidade, sendo, no caso desta, um esforço em construir uma imagem política do ex-ministro da Guerra para vencer a eleição presidencial de 1960.

Além de tudo isso, torna-se compulsório também atentarmos para o fato de que *Marechal Henrique Lott* não foi o único livro publicado para aquela disputa eleitoral. Além dessa obra do major Joffre Gomes da Costa, foram lançadas outras duas biografias sobre o marechal que buscavam apresentar as razões para a escolha de Lott como o próximo presidente da República.¹⁰⁴ Foram elas: *A vida do Marechal Lott: a espada a serviço da lei*, de Salomão Jorge, e *Lott: o marechal da legalidade*, de Bendita Vieira Bentes Pampolha.¹⁰⁵ Para a nossa dissertação, interessa-nos apenas a publicação do major Joffre Gomes da Costa, pois, como coloca Carloni, essa é “a obra mais detalhada e documentada publicada no período”, contando “com extrema riqueza de detalhes de fatos

¹⁰⁴ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 24-32.

¹⁰⁵ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 24.

da vida privada do marechal e de seus familiares – praticamente uma história da família Lott.”¹⁰⁶

Por abranger, pormenorizadamente, a dimensão familiar do candidato pessedista, que o livro *Marechal Henrique Lott* se torna tão importante para nós. Publicado, já no meio da campanha eleitoral, pelo PSD da Guanabara, o livro do major Joffre Gomes da Costa tinha como objetivo tornar mais conhecida a figura do marechal Lott no interior do país. Direcionado a um eleitorado mais conservador, era essencial mostrar o candidato pessedista umbilicalmente ligado aos valores tradicionais, como a família, a religião, o Exército. Foi buscando alcançar esses objetivos, que Edna Lott aparecia dentro do material de propaganda da campanha do marechal.

O papel de Edna Lott, nessa narrativa, era referendar e consubstanciar o pertencimento de Lott à *família militar* e, por conseguinte, à família tradicional. A *família militar* trata-se, segundo a antropóloga Fernanda Chinelli¹⁰⁷, “de uma categoria nativa que procura estender os laços parentais para além da família nuclear”.¹⁰⁸ Isso ocorre, de acordo com Chinelli, devido ao “escasso contato com as famílias de origem”, tornando-se “muito comum que oficiais, esposas e filhos se voltem para seus pares”.¹⁰⁹ Essa característica demarca e fortalece uma identidade coletiva já muito grande em uma instituição “totalizante”, como conceitua o antropólogo Celso Castro.¹¹⁰

Por tudo isso, caberia à Edna Lott, dentro da narrativa de *Marechal Henrique Lott*, os papéis de filha devotada, esposa de militar, mãe de muitos filhos e professora normalista. Importante deixarmos claro que, embora para uma visão masculina essas

¹⁰⁶ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 27.

¹⁰⁷ CHINELLI, Fernanda. **Família militar: apontamentos sobre uma comunidade performada**. In: CASTRO, Celso. (org.). *A família militar no Brasil: transformações e permanências*. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

¹⁰⁸ CHINELLI, F., op. cit., p. 77.

¹⁰⁹ Ibidem.

¹¹⁰ Sobre conceituação de *instituição totalizante* ver: CASTRO, Celso. **O espírito militar: um antropólogo na caserna**. 2.ed. revista. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

posições sejam consideradas menores, essas personagens femininas eram formas de participação legítimas das mulheres na política, naquela época. As diferentes manifestações do ser privado feminino, tais como mãe, esposa, filha, viúva, professora, etc., eram as figuras que permitiam a atuação e participação das mulheres no espaço público, naquele momento, como veremos mais à frente.

Assim, no livro do major Joffre Gomes da Costa, Edna Lott apareceria como a segunda filha de Henrique, um capitão do Exército de origem humilde¹¹¹, e de Laura Ferreira do Amaral, carioca do Engenho Novo e que “pertencia a uma abastada família suburbana, com raízes na melhor sociedade brasileira.”¹¹² Esse ponto é especialmente relevante, pois, como coloca a antropóloga Maria Cecília de Oliveira Adão¹¹³, é interessante perceber, após todo o processo de absorção desse *ethos* castrense por parte do cadete, “como a ideia de casamento e formação de um núcleo familiar próprio se relaciona com os valores e com a carreira militar. Nessa perspectiva,” continua Adão, “o casamento seria uma forma de o militar reafirmar a eficácia da formação que recebeu e de exercer os valores do grupo.”¹¹⁴ Esse dado seria realçado pelo major Joffre Gomes da Costa, quando aborda a forma como o casal se conheceu.

No melhor estilo endógeno, típico do Exército¹¹⁵, o biógrafo conta que Laura “visitava muito a Ilha do Governador, onde aos 13 anos conheceu o Aspirante Henrique Lott, amigo íntimo de seu primo-irmão Edgard do Amaral, que fez as apresentações.”¹¹⁶ Edgar do Amaral que, no parágrafo anterior do livro, já havia sido apresentado como já

¹¹¹ Essas informações podem ser encontradas na *1ª Parte A Infância*, no livro do major Joffre Gomes da Costa.

¹¹² COSTA, J. G., op. cit., p. 103.

¹¹³ ADÃO, Maria Cecília de Oliveira. **Projeto e individualismo: considerações sobre a adesão das esposas ao projeto profissional dos oficiais do Exército brasileiro.** In: CASTRO, Celso. (org.). *A família militar no Brasil: transformações e permanências*. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

¹¹⁴ ADÃO, M. C. O., op. cit., p. 32.

¹¹⁵ BARROS, Alexandre de Souza Costa. **Parentesco entre membros das Forças Armadas brasileiras.** In: CASTRO, Celso. (org.). *A família militar no Brasil: transformações e permanências*. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

¹¹⁶ COSTA, J. G., op. cit., p. 103.

tendo alcançado o posto de marechal. Continuando sua narrativa, Joffre Gomes da Costa nos conta que Laura “tem em Henrique aos 15 anos, o primeiro e único namorado de quem fica noiva, no dia 11 de novembro de 1915, quando já havia um amor puro e sincero que seria conservado até a morte.”¹¹⁷ Ainda segundo o biógrafo, os dois “marcaram o casamento para os primeiros meses de 1916, quando Henrique será promovido a Tenente.”¹¹⁸

Novamente vemos a importância do casamento, logo cedo e entre pessoas que compunham a corporação, seguindo a dinâmica social da caserna. Segundo Adão, “objetivar um casamento, mesmo que nos primeiros anos de carreira, seja uma maneira de agir em conformidade com os valores adquiridos no processo de formação militar. Em complementariedade, o casamento seria visto, ainda, como”, continua Adão, “uma possibilidade de receber o apoio necessário para superar as exigências da profissão.”¹¹⁹ Veremos, em breve, como Edna Lott repetiria esse padrão em seu casamento com Oscar de Moraes Costa.

Após uma longa narrativa da história do casal, dando ênfase ao fervor religioso dos dois¹²⁰, Joffre Gomes da Costa nos apresenta toda a prole do candidato presidencial composta por 5 filhas (Heloísa Maria, Edna Marília, Regina Célia, Henriette e Elys), um filho (Lauro Henrique) e 19 netos e netas vivos.¹²¹ A listagem de toda a descendência de Lott apontava para essa relação estreita entre o candidato do PSD e os valores da família militar, tanto que o biógrafo fez questão de contar com a primeira filha Henriete, que viveu por apenas poucas horas¹²², e a primeira neta Laura Lúcia, acometida por uma

¹¹⁷ Ibidem.

¹¹⁸ Ibidem.

¹¹⁹ ADÃO, M. C. O., op. cit., p. 32.

¹²⁰ COSTA, J. G., op. cit., p. 110.

¹²¹ COSTA, J. G., op. cit., p. 175-85.

¹²² COSTA, J. G., op. cit., p. 107.

doença grave aos 7 anos de idade.¹²³ Ter filhos, de preferência muitos, é um ponto muito importante na dinâmica social nas Forças Armadas.

Esse traço é tão forte que as antropólogas Ester Nunes Praça da Silva e Livia Alessandra Fialho Costa, fazendo entrevistas com esposas de militares no final da primeira e início da segunda décadas do século XXI¹²⁴, salientam ter recebido como resposta que “casar implica ter filhos”.¹²⁵ Essa demonstração da amálgama entre Lott e a família militar ainda era reforçada pelo fato de suas filhas, em sua maioria, terem se casado com outros militares (Edna Marília, Henriette, em seu primeiro casamento, e Elys), exercerem a profissão de normalistas (Heloísa Maria, Edna Marília, Regina Célia e Elys) e de seu único filho ter seguido a carreira militar, ocupando, naquele momento, o posto de capitão da Aeronáutica.¹²⁶ Todos esses detalhes narrados colocavam Lott como sendo o patriarca de uma verdadeira família verde-oliva.¹²⁷

Dentro desse quadro, Edna Lott seria apresentada como a filha ideal de um militar. Edna Lott era normalista, atuando na área há mais de uma década.¹²⁸ Foi a primeira filha a se casar com um militar e a conceder a primeira neta, contando ambos os gêneros, ao seu pai. Ester Nunes Praça da Silva e Livia Alessandra Fialho Costa também apontam, em seu texto, para o costume do casamento entre normalistas e militares¹²⁹, o que reforça a adequação de Edna Lott à tradição castrense. Em 11 de novembro de 1940, Edna Lott e Oscar de Moraes Costa, então cadete do terceiro ano, noivaram.¹³⁰ Importante atentarmos

¹²³ COSTA, J. G., op. cit., p. 185.

¹²⁴ SILVA, Ester Nunes Praça da; COSTA, Livia Alessandra Fialho. **Mulheres casadas com militar: anotações sobre dinâmicas conjugais**. In: CASTRO, Celso. (org.). *A família militar no Brasil: transformações e permanências*. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

¹²⁵ SILVA, E. N. P.; COSTA, L. A. F., op. cit., p. 144.

¹²⁶ COSTA, J. G., op. cit., p. 175-85.

¹²⁷ Ver: CASTRO, Celso. **A “tradicional família militar”: autobiografias de mulheres de militares**. In: CASTRO, Celso. (org.). *A família militar no Brasil: transformações e permanências*. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

¹²⁸ COSTA, J. G., op. cit., p. 177.

¹²⁹ SILVA, E. N. P.; COSTA, L. A. F., op. cit., p. 139.

¹³⁰ COSTA, J. G., op. cit., p. 177.

para o realce do biógrafo ao dia do noivado de Edna e Oscar, 11 de novembro de 1940, “data escolhida de propósito porque, justamente naquele dia, há vinte anos passados, Laura e Henrique, na Casa do Engenho Novo, festejavam seu passado.”.¹³¹

Como bem sabemos, datas e eventos são fundamentais em narrativas míticas e heroicas. Esses detalhes, por mais insólitos que possam parecer, são o que consubstanciam a canonização de determinadas personagens e acontecimentos. Carloni aponta para uma imagem mítica e heroica de Lott, construída por seus biógrafos.¹³² Segundo a historiadora, “nas biografias, o marechal é definido como aquele que a sociedade brasileira aguardava. [...] Lott, para os seus biógrafos, seria a concretização dos anseios da nação.”.¹³³ No caso da biografia escrita pelo major Joffre Gomes da Costa, Carloni afirma que “o autor construiu uma verdadeira epopeia” de Lott, que, “desde a infância, estaria predestinado a servir à pátria, e sua vida serviria de exemplo aos demais compatriotas.”.¹³⁴

Por conta disso, independente se consciente e/ou inconsciente, o encadeamento de noivados dessa família, que aconteceram fortuitamente no dia 11 de novembro, mesmo dia do contragolpe militar de 1955, produz um efeito de destino, como “sinais” que, supostamente, indicassem a concretização de algo já há muito definido. É importante colocarmos que, na narrativa de Joffre, esse dado parece algo mais inconsciente do que consciente, como se ele tivesse sido absorvido ou seduzido pela mitologia dessa família. De qualquer forma, é importante atentarmos para o fato de que a política também é feita por aspectos irracionais, marcada por sonhos e fantasias, como já veremos mais à frente.

¹³¹ Ibidem.

¹³² CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 22-32

¹³³ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 31.

¹³⁴ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 27.

O casamento se concretizou, como narra o major Joffre Gomes da Costa, “quando Oscar foi promovido ao posto de 1º tenente”, em 10 de junho de 1943.¹³⁵ Com ele, Edna teve cinco filhos ao todo: Laura Lúcia (1944-1951), Oscar Henrique (1945), Nelson Luís (1949), Carlos Eduardo (1953) e Laura Lúcia (1955).¹³⁶ A imagem de Edna Lott, construída por Joffre Gomes da Costa, espelhava uma mulher inteiramente identificada com a família verde-oliva. Filha de militar, primeira filha a se casar com um militar e tendo muitos filhos. Como coloca Celso Castro, analisando a biografia de mulheres de militares, “muitas entre as autoras engravidam logo, e em geral tiveram mais de um filho, nascido, quando possível, em hospitais militares. A experiência comum da maternidade aumenta a solidariedade grupal e reforça a imagem de uma ‘família verde-oliva’.”¹³⁷

Podemos ver claramente, depois de todo o exposto, como Edna Lott se encaixava perfeitamente na mitologia que o major Joffre Gomes da Costa desejava criar para o marechal Lott. Inspirada pelo trabalho de Girardet, *Mitos e mitologias políticas*, Carloni enumera uma série de outras personagens mitificadas que serviam de base para a heroificação de Lott, como Tiradentes e Duque de Caxias.¹³⁸ Pensando junto com esses dois autores, podemos ver nitidamente como Edna Lott encarnava determinado papel arquetípico na constelação mitológica do marechal Lott. Isso não implica dizer que a nossa biografada buscou construir essa imagem, pois, como coloca o próprio Girardet, o “mito existe independentemente de seus usuários eventuais; impõe-se a eles bem mais do que eles contribuem para sua elaboração.”¹³⁹

Outro aspecto importante, destacado por Girardet, é que, assim como “o mito religioso, o mito político aparece como fundamentalmente polimorfo: é preciso entender

¹³⁵ COSTA, J. G., op. cit., p. 177.

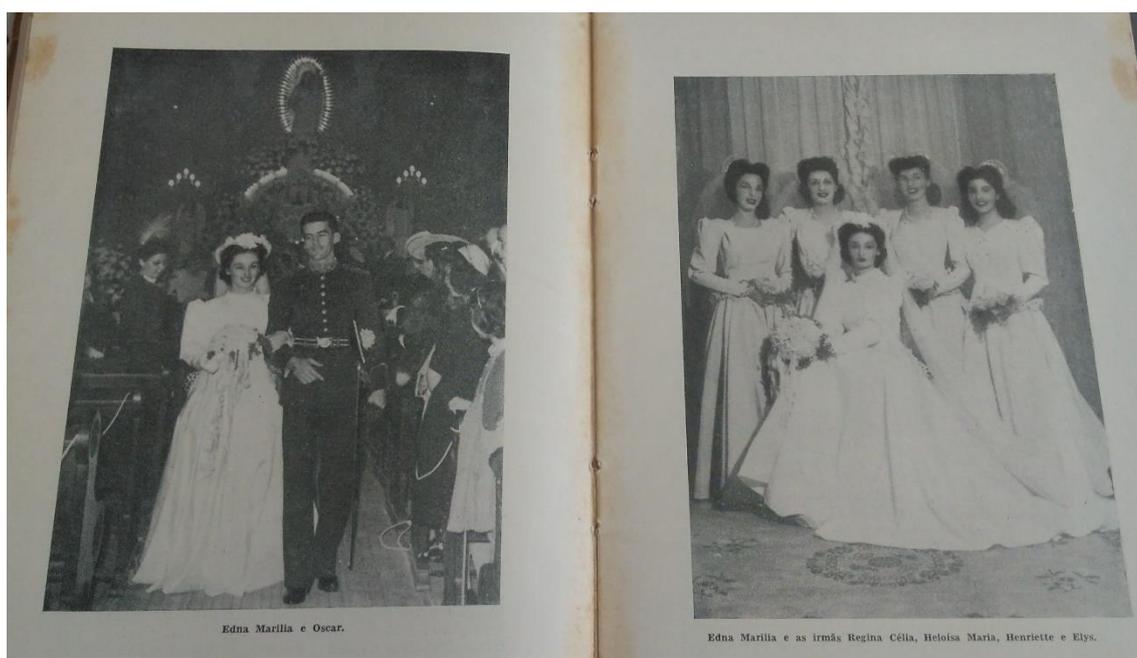
¹³⁶ Ibidem.

¹³⁷ CASTRO, C., *A “tradicional família militar”*, p. 18.

¹³⁸ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 25-6.

¹³⁹ GIRARDET, R., op. cit., p. 51.

com isso que uma mesma série de imagens oníricas pode encontrar-se veiculada por mitos aparentemente os mais diversos”.¹⁴⁰ Nessa constelação mitológica do marechal, podemos perceber Edna Lott como a “filha preferida”, ou seja, aquela que segue à risca todos os valores, tradições e ideias de seu pai. Além de todos os elementos textuais apresentados pelo major Joffre Gomes da Costa, podemos perceber esse aspecto no livro através de duas fotos, uma seguida da outra.



(Imagem 1)¹⁴¹

Na *imagem 1*, podemos ver duas fotos que reforçam uma mesma ideia. Na foto da esquerda, vemos o casamento de Edna e Oscar. O noivo está vestido com seu uniforme de gala, consubstanciando a fidelidade de Edna à tradição militar. No entanto, apenas essa foto não nos permitiria captar uma ideia de “predileção”. No livro também consta uma fotografia muito parecida de sua irmã mais nova Elys, trajando seu vestido de noiva, e seu cunhado Hugo Ligneul, também vestindo seu uniforme de gala.¹⁴² É, por essa razão,

¹⁴⁰ GIRARDET, R., op. cit., p. 15.

¹⁴¹ COSTA, J. G., op. cit., p. 178-9.

¹⁴² Há um erro na contagem das páginas no livro de Joffre Gomes da Costa. Seguindo a contagem, a página com a foto do casamento de Elys Lott Ligneul e Hugo Ligneul deveria ser a página 177, mas acabou que esse número saiu duas páginas depois.

que a foto da direita nos permite enxergar essa ideia, que, diga-se de passagem, não parece ser intencional por parte do biógrafo. A legenda, presente embaixo da foto, diz: “Edna Marília e as irmãs Regina Célia, Heloísa Maria, Henriette e Elys”.¹⁴³ Além da legenda, a montagem da foto destaca Edna Lott em relação às suas irmãs, posicionadas em um segundo plano atrás do plano principal, ocupado por Edna. Obviamente que não se poderia esperar outra composição por parte do fotógrafo, uma vez que se tratava do casamento de Edna, no entanto, não há outras fotos similares de suas irmãs no livro de Joffre Gomes da Costa.

Não havendo uma mesma composição imagética que chamasse a atenção para outra filha de igual forma, percebemos, mesmo que inconscientemente, uma maior atenção dispensada à Edna Lott ao lermos o livro do major Joffre Gomes da Costa. Outro aspecto importante do mito político da “filha preferida” se apresenta naquela que verbaliza os desejos e pensamentos mais íntimos de seu pai e que não podem ser proferidos pelo próprio. Também sobre ela recaem, não raras vezes, as responsabilidades pela queda ou derrocada desse pai devido à sua participação no espaço público. Poderíamos citar alguns exemplos para ilustrar o arquétipo da “filha preferida”, entretanto ser-nos-ia necessário utilizar figuras mitológicas que possuem pouca relação com o Brasil, de modo geral, e com a sociedade brasileira dos anos 1950, em particular.

Restringir-nos-emos, dessa forma, a expor o arquétipo da “filha preferida” de maneira genérica de acordo com uma estrutura mítica recorrente nas mais diversas culturas, como os panteões greco-latino e germânico, em que um “pai”/”Pai” figura o centro de uma constelação de outras personagens, representando a ordem social e fornecendo todo um cabedal de ligações afetivas e de significados entre essas personagens, entre as quais se destaca, comumente, a “filha preferida”, profundamente

¹⁴³ COSTA, J. G., op. cit., p. 179.

identificada com esse “pai”/”Pai”. Tendo isto em vista, torna-se fundamental analisarmos a profunda identificação de Edna Lott com a sua figura paterna, vista como garantidora da ordem social e como a maior representante viva do nacionalismo brasileiro da segunda metade da década de 1950 até os anos 1960, tendo, como forte marca, um conspícuo *ethos militar*¹⁴⁴.

Em seu artigo *Construção da subjetividade de mulheres de militares: discursos e contextos*¹⁴⁵, a psicóloga social Werusca Marques Virote de Souza Pinto nos auxilia a compreender a nossa biografada ao afirmar que a “cultura militar é expressa por valores sólidos marcados por elementos estruturais que remetem à masculinidade, à força e à ordem”.¹⁴⁶ Adão também nos ajuda a entender Edna Lott, quando afirma que a adesão de esposas de militares ao projeto profissional do marido é maior quando elas são filhas de militar. Segundo a antropóloga, a adesão ao projeto, ou seja, aos valores militares, deve-se pelo “fato de conviverem desde a infância em ambiente militar e terem sua rede de sociabilidade formada predominantemente por pessoas pertencentes a esse grupo”.¹⁴⁷

As antropólogas Ester Nunes Praça da Silva e Lívia Alessandra Fialho Costa, analisando os conflitos entre a vida militar, pessoal e familiar, chamam nossa atenção para a questão da autoridade dos pais. Segundo elas, suas entrevistadas “consideram que, nas relações familiares, a autoridade inquestionável dos pais não pode ser confundida com autoritarismo”.¹⁴⁸ Esses pontos, levantados por cada respectiva autora, resumem bem a atuação política de Edna Lott no início da campanha presidencial de Lott. Para melhor demonstrarmos esses traços em Edna Lott, poderíamos sintetizar essas questões em dois

¹⁴⁴ Sobre *ethos militar* ver: CASTRO, Celso. **O espírito militar: um antropólogo na caserna**. 2.ed. revista. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

¹⁴⁵ PINTO, Werusca Marques Virote de Souza. **Construção da subjetividade de mulheres de militares: discursos e contexto**. In: CASTRO, Celso. (org.). *A família militar no Brasil: transformações e permanências*. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

¹⁴⁶ PINTO, W. M. V. S., op. cit., p. 119.

¹⁴⁷ ADÃO, M. C. O., op. cit., p. 35.

¹⁴⁸ SILVA, E. N. P.; COSTA, L. A. F., op. cit., p. 148.

aspectos: (1) uma atuação política fortemente marcada por um *ethos* militar, perceptível principalmente em seus discursos em que costumava invocar palavras como “luta”, “sacrifício”, “glória”; (2) provar para o público eleitor que Lott possuía, sim, pulso firme, mas nem por isso seria autoritário.

Esse traço da personalidade de Edna Lott, isto é, o *ethos* militar, é facilmente percebido na matéria mais focada na atuação da filha do candidato pessedista, uma espécie de minibiografia escrita pela revista *O Cruzeiro*¹⁴⁹. Nessa matéria, publicada em 27 de fevereiro de 1960, a revista utilizou constantemente palavras próprias ao meio militar para apresentar Edna Lott, a começar pelo título: “Edna Luta por Lott”.¹⁵⁰ Assim, depois de uma introdução sobre quem era Edna Lott e como ela havia ingressado na campanha presidencial, *O Cruzeiro* dizia que: “Exercendo o magistério há 19 anos, a filha de Lott só então descobriu sua vocação para as lides partidárias. Empunhou armas e foi para as trincheiras lutar pela candidatura do pai.”.¹⁵¹

Logo em seguida, a revista voltava a associar Edna Lott à caserna: “Quando estudava na Faculdade Nacional de Filosofia, as colegas a chamavam de ‘Pátria Amada’ e ‘Defensora do Glorioso Exército Brasileiro’.”.¹⁵² Um pouco mais adiante: “Quando D. Edna Lott decidiu, em junho do ano passado, ser soldado de batalha eleitoral de seu pai, teve de multiplicar-se por três, a fim de que nem a casa, nem as aulas, nem a política fossem sacrificadas.”.¹⁵³ Quase que apresentando uma cadência, a revista retomava a esse

¹⁴⁹ *O Cruzeiro* foi a maior revista de fotojornalismo de sua época, tendo funcionado de 1928 até 1975. Pertencendo ao *Diários Associados*, do barão da mídia, Assis Chateaubriand, *O Cruzeiro* abordava temas variados, indo desde política à vida dos famosos, para um público preferencialmente feminino de classe média, mas que também abrangia o masculino. A revista, portanto, era importantíssima na fixação dos valores na sociedade brasileira nessas décadas, valores esses tradicionais e de promoção ao consumo. Por fim, vale ressaltar que Assis Chateaubriand apoiou a candidatura Lott, em 1960. CRUZEIRO, O. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/cruzeiro-o>. Acesso em: 9 de jan. 2019.

¹⁵⁰ *O Cruzeiro*, 27 de fev. 1960, p. 118-9.

¹⁵¹ *O Cruzeiro*, 27 de fev. 1960, p. 120.

¹⁵² *O Cruzeiro*, 27 de fev. 1960, p. 120.

¹⁵³ *O Cruzeiro*, 27 de fev. 1960, p. 120.

campo semântico dizendo que: “Em dezembro, quando as aulas terminaram, começou a viajar, sempre em missão eleitoral.”¹⁵⁴ Como podemos perceber, *O Cruzeiro* parecia falar mais de um militar do que de uma mulher da década de 1960.

Um pouco antes dessa matéria da *O Cruzeiro*, quando a candidatura Lott ainda não estava definida, o jornal *Última Hora*¹⁵⁵ publicou, em 14 de outubro de 1959, uma fala de Edna Lott proferida em um comício em homenagem aos combatentes e enfermeiras brasileiros, que lutaram na II Guerra Mundial.¹⁵⁶ Nesse breve discurso, podemos observar essa característica militar de Edna Lott em sua própria fala. Colocando-se “como brasileira e como filha”, Edna Lott dividia seu discurso para afirmar a mesma ideia. “Como brasileira, quero assegurar-vos a identidade de minhas ideias com aquelas que aqui viestes defender, lutando por uma Brasil mais feliz, independente e soberano.”¹⁵⁷ “Como filha”, dizia Edna Lott,

quero dizer-vos que, conhecendo profundamente o nosso candidato, posso afirmar que os seus ideais, os seus sentimentos e os seus propósitos se irmanam inteiramente com os nossos. Posso afirmar que ele, como nós, será um soldado decidido na batalha pelo desenvolvimento do Brasil pela sua independência econômica e pela soberania de nossa pátria. Posso assegurar que o Marechal está disposto a defender e assegurar as liberdades democráticas, por cuja sobrevivência vós, os organizadores deste Comitê, lutaram nos campos da Itália e em holocausto às quais muitos dos vossos companheiros entregaram, ali, naqueles campos de glória as suas preciosas vidas.¹⁵⁸

Evidentemente que um comício em homenagem aos pracinhas exige um discurso direcionado a esse público, movimentando as ideias, imagens e palavras entendidas e

¹⁵⁴ *O Cruzeiro*, 27 de fev. 1960, p. 120.

¹⁵⁵ *Última Hora* foi um jornal fundado pelo jornalista Samuel Wainer, em 1951, para apoiar politicamente Getúlio Vargas em seu segundo governo (1951-1954). Tendo como função principal defender Getúlio Vargas e o getulismo na imprensa, o *Última Hora* apresentava uma linha nacionalista e popular, variando em um arco político que ia da centro-esquerda à centro-direita. O periódico apoiaria a campanha de Lott, em 1960. ÚLTIMA HORA. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/ultima-hora>. Acesso em: 9 de jan. 2019.

¹⁵⁶ *Última Hora*, 14 de out. 1959, p. 8.

¹⁵⁷ *Última Hora*, 14 de out. 1959, p. 8.

¹⁵⁸ *Última Hora*, 14 de out. 1959, p. 8.

utilizadas por eles. No entanto, não somente podemos ver um domínio desse imaginário militar, como também podemos observar essa relação da filha que defende o seu pai. Aqui entramos no nosso segundo ponto, a busca de Edna em conferir ao seu pai traços mais humanos e menos rígidos. Essa estratégia de campanha pode ser bem observada na entrevista que Edna Lott deu ao jornal *O Semanário*¹⁵⁹, publicado na edição de 14 a 20 de novembro de 1959.

Basta vermos o título da entrevista, “MEU PAI”, tendo como subtítulo “D. Edna Lott, Filha do Ministro da Guerra e Militante Nacionalista, Revela Episódio da Vida e Traços da Personalidade e do Caráter do Candidato do Povo”, para percebermos essa intenção.¹⁶⁰ Não tendo sido publicada no formato tradicional de perguntas e respostas, a entrevista d’*O Semanário* era dividida em sete tópicos, seguindo essa ordem: (1) A escola pública e a educação da família; (2) A educação do lar; (3) Formação religiosa; (4) Tolerância e disciplina; (5) Missões no estrangeiro; (6) O marechal depois de 1954; (7) 11 de novembro.¹⁶¹ Ao longo desses itens, Edna Lott buscava construir uma relação de maior intimidade entre o público leitor e o marechal, compartilhando momentos e características privados do candidato presidencial.

Para não nos estendermos muito em cada um desses sete pontos, destacaremos alguns trechos dos tópicos “A educação do lar”, “Formação religiosa” e “Tolerância e disciplina”. Buscando mostrar uma face mais humana de seu pai, Edna Lott dizia, na seção “A educação do lar”, que:

¹⁵⁹ *O Semanário* foi um jornal nacionalista de esquerda, fundado em 1956, que circulava na cidade do Rio de Janeiro. Apesar da pequena tiragem, era o jornal mais representativo do nacionalismo de esquerda, albergando grandes nomes do jornalismo como Barbosa Lima Sobrinho e Edgar Morel, entre outros intelectuais de renome como Nelson Werneck Sodré e Osny Duarte e, inclusive, Edna Lott, como veremos mais à frente. *O Semanário* apoiou fervorosamente a campanha do marechal Lott, dando grande destaque à atuação de Edna Lott. SEMANÁRIO, O. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/semanario-o>. Acesso em: 9 de jan. 2019.

¹⁶⁰ *O Semanário*, 14-20 de nov. 1959, p. 12.

¹⁶¹ *O Semanário*, 14-20 de nov. 1959, p. 12.

“Meu pai nos orientava numa conduta, segundo os hábitos que ele adota, com uma coerência irreparável, embora sem nunca formular imposições rígidas e intolerantes. Desses hábitos resultaram sua inquebrantável capacidade de estudar e absorver conhecimentos. Levanta, invariavelmente, às 3,30 horas da manhã e se dedica, em seguida, a fazer ginástica. Pratica, com notável perfeição, a equitação e a natação. Só depois dos exercícios físicos, é que começa a estudar. Dentro desses costumes metódicos e regrados, a música é o seu divertimento preferido. Aprecia os autores eruditos em geral e demonstra particular admiração pelo piano. Sempre desejou que seus filhos tocassem piano, mas apenas sua neta mais velha, que morreu ainda na infância, mostrou tendência para atender essa satisfação sua que, infelizmente, lhe foi negada. Essa neta foi a minha primeira filha.”¹⁶²

Interessante notarmos que ao mesmo tempo em que a figura rigorosa de Lott não é negada por sua filha nessa fala, Edna Lott confere características pessoais que amenizam esses traços e permitem uma maior identificação do público com o candidato presidencial, como gostar de música, fazer ginástica e natação. Continuando nesse movimento, Edna Lott abordaria, na “Formação religiosa”, a relação do fervor católico de seu pai e o protestantismo de seu marido.

“O marechal recebeu educação católica desde a infância, – declarou ainda D. Edna – e ainda hoje é extremamente perseverante em sua fé. Entretanto, não media as qualidades e o caráter de ninguém pelas suas convicções religiosas, como nunca tentou impor aos seus filhos a sua crença. Meu marido, falecido recentemente, era presbiteriano e filho de pastor presbiteriano. Quando resolvemos ficar noivos e o problema foi levado a consideração dele, que na ocasião estava de regresso do exterior, suas primeiras indagações referiram-se às qualidades pessoais do meu pretendente. Uma vez que elas fossem positivas, como de fato foram até morrer, não se teria que levar em conta suas divergências religiosas com aquelas que a família adota.”¹⁶³

Após mostrar que o pai gostava de música e de praticar esporte como qualquer outra pessoa, Edna Lott, como vemos na citação acima, apontava para o fervor católico combinado com a tolerância religiosa do marechal. No último tópico que destacamos, “Tolerância e disciplina”, Edna Lott abordaria seu pai enquanto autoridade militar. “A

¹⁶² *O Semanário*, 14-20 de nov. 1959, p. 12.

¹⁶³ *O Semanário*, 14-20 de nov. 1959, p. 12.

severidade de seus métodos de vida, - observou D. Edna - em tempo algum, levou-o a incorrer em decisões que revelassem intolerância, injustiça nas punições aplicadas ou incompreensão em face de deslizes que”, continuava Edna Lott, “não afetassem a integridade da disciplina nas unidades sob o seu comando’.”¹⁶⁴ Para melhor ilustrar essa afirmação, Edna utilizou uma série de exemplos de seu pai. Deixamos aqui uma dessas histórias contadas por nossa biografada.

“A prova disso é que, durante o tempo em que comandou o Batalhão Escola da Vila Militar, decresceram os índices de penalidades e, conseqüentemente, das transgressões disciplinares. Quando era instrutor na Escola Militar do Realengo, dois cadetes foram ameaçados de expulsão, por terem sido surpreendidos num campo de futebol com uniforme incompleto. Recorrendo ao meu pai, declararam que haviam tirado a túnica em consequência do calor, que se tornava mais abrasador, na medida em que recrudesciam as inflamações da torcida. Isso não lhes tirava a vocação militar nem comprometia o alcance dos serviços que, no futuro, poderiam prestar ao Exército. Assim entendeu ele, com justa compreensão, e a irregularidade dos rapazes foi relevada.”¹⁶⁵

Mais uma vez podemos observar a tentativa de amenizar a severidade da personagem política de seu pai, tentando mostrar uma figura mais afável e próxima da vida dos seus eleitores. Para finalizarmos essa primeira seção deste capítulo, poderíamos citar uma outra fala de Edna Lott que sintetiza tudo o que falamos até aqui, ou seja, o fervor pelo pai, pelo Exército e pelas suas tradições, configurando-se na personagem da “filha preferida”. No item “Missões no estrangeiro”, a entrevistada dizia que:

“Numa reunião em Paris – narra d. Edna – o diretor da Escola Superior de Guerra francesa afirmou que se meu pai fosse francês seria marechal de França, que na carreira militar naquele país é uma honra máxima e difícil de ser obtida. Mas ele já obteve uma honra maior, porque é marechal do Exército Brasileiro, o mais glorioso do mundo”.¹⁶⁶

¹⁶⁴ *O Semanário*, 14-20 de nov. 1959, p. 12.

¹⁶⁵ *O Semanário*, 14-20 de nov. 1959, p. 12.

¹⁶⁶ *O Semanário*, 14-20 de nov. 1959, p. 12.

Assim, podemos afirmar que o ingresso de Edna Lott na campanha presidencial do marechal se deu através da personagem da “filha preferida”, da “filha dedicada”. No entanto, não seria apenas pelo papel de “filha” que Edna Lott atuaria nessa campanha. Conforme fosse conquistando prestígio e espaço políticos, Edna Lott passaria a desempenhar outras personagens femininas como as de “mãe”, “viúva” e “professora”. Antes de se tornar a “militante nacionalista”, a “líder nacionalista”, Edna Lott ainda passaria por um estágio intermediário entre a família militar e a mulher independente com posicionamentos políticos próprios, isto é, justamente por esses papéis femininos tradicionais acima mencionados.

2. A tradicional família brasileira e política: os diferentes papéis femininos desempenhados por Edna Lott

Mesmo que a *família militar* seja uma das formas do modelo da “tradicional família brasileira”, Edna Lott precisaria representar alguns arquétipos femininos de uma família tradicional mais genérica para ser melhor percebida pelo público eleitor. Evidentemente que não eram todos, nem mesmo a maioria da população brasileira, que compartilhavam de um *ethos* militar. Representar a personagem da “filha de militar”, única e somente, não levaria Edna Lott muito longe. Era necessário também encarnar arquétipos femininos próprios da sociedade civil, com linguajar da sociedade civil. Por isso, as personagens de “mãe”, “esposa”, “viúva”, “professora” eram fundamentais na construção política de Edna Lott.

Para entendermos essas figuras femininas, antes precisamos entender o modelo feminino hegemônico na sociedade brasileira, daquela época. O fim da sociedade escravagista e o desenvolvimento industrial, no Brasil, trariam uma série de mudanças que se repetiriam e reforçariam conforme houvesse uma nova crise desse paradigma feminino no país. Estudando essas transformações nas primeiras três décadas do século

XX, Mariana Maluf e Maria Lúcia Mott enfocam o esforço diuturno, por parte de médicos, juízes, padres, escritores, etc., em criar um modelo de feminilidade.¹⁶⁷ Segundo as historiadoras, o argumento principal se baseava “na crença de uma natureza feminina, que dotaria a mulher biologicamente para desempenhar as funções da esfera privada”.¹⁶⁸

O espaço privado corresponderia ao preparo da mulher para o casamento e, posteriormente, ao cuidado que a mulher dispensaria ao marido e aos filhos.¹⁶⁹ Essa lógica buscava a manutenção das estruturas sociais vigentes, vedando a presença e a participação das mulheres em diversas e diferentes esferas da sociedade, entre elas a política. Essa construção social ganharia tamanha força ao ponto de se naturalizar na sociedade brasileira. Nesse entendimento, portanto, a mulher estaria destinada ao espaço privado da família, cuidando das suas tarefas domésticas, do marido e dos filhos.

Tudo isso é importante para o nosso trabalho, pois essas ideias seriam reforçadas na década de 1950.¹⁷⁰ Além do grande crescimento industrial do país, promovendo o acesso da mulher ao mercado de trabalho e à educação formal, esse movimento de fortalecer os valores tradicionais se deveu também à participação feminina no esforço de guerra, principalmente como enfermeiras, no campos de batalha na Europa.¹⁷¹ Retomava-se, assim, ao modelo de família em que os homens detinham todo o poder sobre a mulher e eram os responsáveis pelo sustento da família.¹⁷² Nesse processo, a mulher ideal, segundo Bassanezi, seria novamente “definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias

¹⁶⁷ MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. **Recôndito do mundo feminino**. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. vol. 3. República: da Belle Époque à Era do Rádio. Fernando A. Novais (coord.). 9. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹⁶⁸ MALUF, M.; MOTT, M. L., op. cit., p. 373.

¹⁶⁹ MALUF, M.; MOTT, M. L., op. cit., p. 374.

¹⁷⁰ BASSANEZI, Carla. **Mulheres nos anos dourados**. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. Carla Bassanezi (coord. De textos). 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

¹⁷¹ BASSANEZI, C., op. cit., p. 608.

¹⁷² Ibidem.

da *feminilidade*, como instinto materno, pureza, resignação e doçura.” (grifos da autora).¹⁷³

“Ser mãe, esposa e dona-de-casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina”¹⁷⁴, de acordo com a historiadora.

A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas de feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade. A mulher que não seguisse *seus* caminhos, estaria indo contra a natureza, não poderia ser realmente feliz ou fazer com que outras pessoas fossem felizes.¹⁷⁵
(grifo da autora)

Todas essas características tradicionais são importantes para entendermos a personagem feminina de Edna Lott que era criada para o público civil. Na reportagem “MEU PAI” d’*O Semanário*, que já analisamos anteriormente, o periódico dizia que “D. Edna é professora pública do Instituto de Educação e no Colégio D. Pedro II. Formou-se em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.”¹⁷⁶ O jornal nacionalista completava ressaltando que: “Embora sem ter nunca participado de atividades políticas, também não esteve jamais distanciada do contexto dos problemas e da análise das crises incorporadas ao processo de desenvolvimento de nossa formação democrática.”¹⁷⁷ Essa descrição d’*O Semanário* era seguida de uma citação de Edna Lott exemplar desse modelo de mulher tradicional.

“Fora de minhas ocupações normais, que até aqui se dividiam entre a educação de meus filhos e de meus alunos, meu tempo hoje se concentra em atuar nas inaugurações e no funcionamento dos Comitês Nacionalistas instalados nesta capital, com o encargo essencial de relacionar a campanha nacionalista com a candidatura do marechal à Presidência da República, cujo programa de ação política está condensado, fundamentalmente,

¹⁷³ BASSANEZI, C., op. cit., p. 608-9.

¹⁷⁴ BASSANEZI, C., op. cit., p. 609.

¹⁷⁵ BASSANEZI, C., op. cit., p. 609-10.

¹⁷⁶ *O Semanário*, 14-20 de nov. 1959, p. 12.

¹⁷⁷ *O Semanário*, 14-20 de nov. 1959, p. 12.

na defesa e ampliação das grandes conquistas que o povo brasileiro empreendeu, a partir do momento em que a Petrobrás se implantou como exemplo representativo de nossos ideais de autonomia e de emancipação.”¹⁷⁸

Como podemos perceber, a participação política de Edna Lott é justificada por uma vida inteira dedicada à esfera privada, à educação dos filhos e dos alunos. Apesar de o trabalho feminino ainda ser muito estigmatizado, inclusive naquela década de 1950¹⁷⁹, já havia se tornado tradicional contornar esses preconceitos através de profissões vistas como tipicamente femininas, como as de professora e enfermeira.¹⁸⁰ Na visão conservadora, hegemônica na sociedade brasileira, a figura da professora assumia as cores da mãe e a escola, a de uma casa ampliada que acumularia todos os valores tradicionais prescritos às mulheres.¹⁸¹ A “professora”, segundo essa concepção, era a profissão ideal para as mulheres porque espelhava a “natureza feminina”, isto é, características próprias ao gênero feminino como o cuidado, o afeto, o amor, etc.¹⁸² A professora representaria uma mãe idealizada de muitos, a mãe que cuida das e educa as futuras gerações.¹⁸³

Podemos ver essa imagem nitidamente na entrevista concedida por Edna Lott ao programa “O repórter e você”, da Televisão Paulista Canal 5, e publicada pelo *Jornal do Commercio*¹⁸⁴, no dia 7 de fevereiro de 1960.¹⁸⁵ Respondendo a segunda pergunta, “Qual

¹⁷⁸ *O Semanário*, 14-20 de nov. 1959, p. 12.

¹⁷⁹ BASSANEZI, C., op. cit., p. 624.

¹⁸⁰ *Ibidem*.

¹⁸¹ Sobre esse tema, ver: LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. Carla Bassanezi (coord. De textos). 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

¹⁸² LOURO, G. L., op. cit., p. 450.

¹⁸³ LOURO, G. L., op. cit., p. 458.

¹⁸⁴ Fundado em 1º de outubro de 1827, o *Jornal do Commercio* foi um periódico que se dedicava, como o próprio nome sugere, aos assuntos econômicos e políticos, seguindo, de maneira geral, uma orientação conservadora. Em 1959, o *Jornal do Commercio* foi comprado pelo barão da mídia, Assis Chateaubriand, passando a compor o catálogo de publicações dos *Diários Associados*. Comprado por Assis Chateaubriand, o periódico voltaria a ter uma linha conservadora, voltada para os empresários do Rio de Janeiro. Como Chateaubriand apoiou Lott, em 1960, é de se supor que o *Jornal do Commercio* tenha seguido uma linha favorável ao candidato militar, sem ser muito explícito. JORNAL DO COMMERCIO. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-comercio>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

¹⁸⁵ *Jornal do Commercio*, 7 de fev. 1960, p. 8.

o caminho que levou a Senhora a interessar-se pelas questões gerais da vida cívica e política?”¹⁸⁶, Edna Lott dizia que:

“O Sr. não ignora que eu sou professora. Pois bem, tudo começou daí. Quando contemplo o Brasil o que vejo são meninos andando para a escola, são escolas esperando pelas crianças. O que me impressiona na vida brasileira são os milhões que não têm escola primária, são os milhares que não podem matricular-se nas escolas secundárias. Quero lutar por um governo que dê ao Brasil escolas, todas as escolas necessárias. Este governo será o do Marechal Lott.”¹⁸⁷

A terceira pergunta, “Como é que partindo de escolas e de alunos a senhora chegou ao nacionalismo?”¹⁸⁸, Edna Lott seguiria respondendo através da sua identidade/personagem de professora.

“Cedo compreendi que o problema educacional é sobretudo um problema de riqueza. Fundar escolas, multiplicar escolas, aparelhar escolas são atos de quem possua recursos financeiros. Então as escolas que a minha imaginação concebe aparecem como frutos de uma política de enriquecimento nacional. Daí a compreensão de que somente o ideal nacionalista de um Brasil poderoso e rico poderá abrir caminho para a política educacional que me empolga.”¹⁸⁹

Em seguida, Edna Lott seria inquerida se “o nacionalismo se reduz a uma política educacional ativa e capaz de acabar com o analfabetismo?”¹⁹⁰ Ao que a entrevistada retrucava afirmando que: “Não, de modo algum. O que disse é que cheguei ao nacionalismo por via de um incontido anseio de educação e de cultura para o povo brasileiro. Mas sei que o nacionalismo não é apenas uma questão de escolas.”¹⁹¹ Depois de algumas perguntas, o entrevistador interrogava: “A senhora falou em problemas econômicos. Como vê a posição do Marechal Lott neste assunto?”¹⁹² Edna Lott, esquivando-se, respondeu dizendo que ela era “uma humilde professora. Não tenho

¹⁸⁶ *Jornal do Commercio*, 7 de fev. 1960, p. 8.

¹⁸⁷ *Jornal do Commercio*, 7 de fev. 1960, p. 8.

¹⁸⁸ *Jornal do Commercio*, 7 de fev. 1960, p. 8.

¹⁸⁹ *Jornal do Commercio*, 7 de fev. 1960, p. 8.

¹⁹⁰ *Jornal do Commercio*, 7 de fev. 1960, p. 8.

¹⁹¹ *Jornal do Commercio*, 7 de fev. 1960, p. 8.

¹⁹² *Jornal do Commercio*, 7 de fev. 1960, p. 8.

estudos nem meditações especiais sobre economia. O que sei a respeito é o que sabe o cidadão comum, que trabalha e luta pelo sustento da família.”¹⁹³

E seguia dizendo que era “falando como cidadã comum que me animo a afirmar que o fortalecimento da economia brasileira exige uma indústria forte e uma agricultura também forte, exige fábricas modernas e fazendas e sítios onde se pratique uma agricultura também moderna.”¹⁹⁴ Observando essas perguntas e respostas, podemos ver como Edna Lott se localizava e se colocava em um papel feminino comum daquele momento, seguindo uma ótica conservadora. O ápice dessa caracterização foi na matéria “Edna Luta por Lott”. Principal revista dedicada ao fotojornalismo da época¹⁹⁵, *O Cruzeiro* publicaria uma minibiografia que mesclava informações imagéticas e textuais.



(Imagem 2)¹⁹⁶

¹⁹³ *Jornal do Commercio*, 7 de fev. 1960, p. 8.

¹⁹⁴ *Jornal do Commercio*, 7 de fev. 1960, p. 8.

¹⁹⁵ Sobre jornalismo de revista e fotojornalismo ver: SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. 4.ed. 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2016.

¹⁹⁶ *O Cruzeiro*, 27 de fev. 1960, p. 118-9.

Na *imagem 2*, vemos a foto de capa da matéria “Edna Luta por Lott”, que antecede a parte escrita. Nessa composição, formada por duas fotos distintas, já conseguimos ter uma ideia de como a revista iria retratar Edna Lott. Como podemos notar, dois terços da foto representavam a sua vida privada. Na legenda, intitulada de “NO ACONCHEGO DO LAR”, a revista informava que “Laura Lúcia, de 4 anos, e Carlos Eduardo, de 6, são os filhos mais novos de D. Edna Lott. Os dois maiores estão de férias no sítio da família.”.¹⁹⁷ Na foto da esquerda, ocupando apenas um terço da imagem, vemos Edna no espaço público. A legenda dela, por sua vez, informa-nos que: “PREGANDO O NACIONALISMO, D. Edna Lott percorre o Brasil, trabalhando em prol da candidatura do pai. É educadora, mãe de quatro filhos e possui o dom da eloquência.”.¹⁹⁸

É nítido o enquadramento de Edna Lott na vida privada feito pela revista. Seria dentro dessas balizas, como educadora, mãe de quatro filhos e filha do candidato presidencial, que Edna Lott seria retratada. As primeiras duas frases do texto referendariam, inteiramente, as mensagens transmitidas pela foto de capa da matéria.

Professora de História Geral do Instituto de Educação; professora de História do Brasil no Colégio Pedro II; mãe de 4 filhos; viúva de um major do Exército; segunda filha (entre cinco) do ex-Ministro da Guerra, a Sra. Edna Lott transformou-se de repente no mais ativo cabo-eleitoral de seu pai. Enquanto o marido era vivo, D. Edna levava a vida pacata e rotineira de toda boa mãe de família.¹⁹⁹

Nessa introdução, podemos observar como Edna Lott era apresentada como uma mulher comum de classe média. Professora, trabalho que as mulheres podiam exercer sem maiores estigmas, mãe de quatro filhos, esposa/viúva, filha/irmã e que “levava a vida pacata e rotineira de toda boa mãe de família”, ou seja, Edna Lott se encaixava em todos os parâmetros da mulher pertencente à família tradicional brasileira. Passado pelo

¹⁹⁷ *O Cruzeiro*, 27 de fev. 1960, p. 119.

¹⁹⁸ *O Cruzeiro*, 27 de fev. 1960, p. 118.

¹⁹⁹ *O Cruzeiro*, 27 de fev. 1960, p. 120.

processo de reconhecimento de Edna enquanto uma mulher que se circunscrevia nesses e respeitava esses valores, *O Cruzeiro* partiria para explicar como a filha do candidato ingressou na campanha presidencial de Lott.

Mas desde que ele faleceu, em meados do ano passado, D. Edna, para fugir à dor de cada dia e de cada hora, passou a frequentar conferências, fazer cursos intensivos, empregando o tempo que lhe sobrava em estudos e mais estudos. Aconteceu que, por essa época, o nome do Marechal Lott ganhava a rua como candidato à Presidência da República. Foi quando D. Edna, na ânsia de fugir ao sofrimento, travou os primeiros contatos com a política. Inaugurava-se, então, no subúrbio de Marechal Hermes, o primeiro Comitê Nacionalista Pró-Lott-Jango. D. Edna pronunciou, no ato, algumas palavras e, como tem facilidade de expressão e boa eloquência, agradou ao público. Exercendo o magistério há 19 anos, a filha de Lott só então descobriu sua vocação para as lides partidárias. Empunhou armas e foi para as trincheiras lutar pela candidatura do pai.²⁰⁰

Podemos ver nitidamente que, sendo a política um território entendido como exclusivo dos homens, a entrada de uma mulher em uma campanha presidencial só poderia ocorrer devido à uma excepcionalidade, à uma ruptura, a um desvio de um caminho que se apresentava como certo e seguro. Para entender essa lógica é oportuno utilizarmos o artigo de Michelle Perrot, *Sair*, em que a historiadora francesa analisa os limites entre público e privado imposto à vida das mulheres ocidentais, no século XIX, e as diferentes brechas e artifícios para, como já afirma o próprio título, sair desse espaço reduzido e limitante.²⁰¹

Para nosso trabalho é importante, especificamente, a seção intitulada “O alargamento do espaço: migrações e viagens” em que, tratando especificamente das mulheres mais bem posicionadas na sociedade, Perrot afirma que para ela: “Mais do que a viagem de consumo cultural, interessa-nos aqui a viagem-ação, aquela através da qual as mulheres tentam uma verdadeira ‘saída’ para fora dos seus espaços e dos seus

²⁰⁰ *O Cruzeiro*, 27 de fev. 1960, p. 120.

²⁰¹ PERROT, Michelle. *Sair*. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente*. trad. rev. Maria Helena da Cruz Coelho et al. vol. 4. Porto: Afrontamento, 1991.

papéis.”²⁰² “Para essa transgressão”, continua a historiadora francesa, “é preciso uma vontade de fuga, um sofrimento, a recusa de um futuro insuportável, uma convicção, um espírito de descoberta ou de missão”.²⁰³

Nessas opções arroladas por Perrot, podemos encontrar várias possibilidades para a entrada de Edna Lott na campanha presidencial do marechal. Podemos entender como uma convicção pelo nacionalismo; um espírito de descoberta de um novo mundo, no caso, a política; ou mesmo um espírito de missão de ajudar na vitória eleitoral do candidato em que ela acreditava ser o melhor. Independente dessas possibilidades, *O Cruzeiro* optou pela “saída” que estaria mais conformada aos padrões tradicionais, ou seja, a vontade de fuga, um sofrimento. Escapar da dor da viuvez seria, portanto, a motivação de Edna Lott para participar da política, de acordo com a revista. Abria-se, aos olhos conservadores e tradicionalistas, uma exceção justificável para que uma “boa mulher de família” adentrasse na e participasse da política, um mundo exclusivamente masculino até aquele momento.

Nos anos 1950, essa era uma questão muito delicada, pois, como vimos, entendia-se que a mulher estava “destinada” ao casamento e à maternidade, ou seja, ao espaço privado. Bassanezi nos esclarece esse tema ao colocar que “a realização da mulher passava pelo casamento”, sendo que a “esposa ideal era antes de tudo o complemento do marido no cotidiano doméstico”.²⁰⁴ O matrimônio era, portanto, a grande meta da vida das mulheres daquela época, significando um grande fracasso social o fato de não se conseguir arranjar um marido.

O grande medo da maioria das boas moças era ficar solteira. O problema não era apenas a solidão, às mulheres *de família* não era permitido amenizá-la com aventuras amorosas ocasionais, teriam de se preocupar também com seu sustento já que, sem marido,

²⁰² PERROT, M., op. cit., p. 522.

²⁰³ Ibidem.

²⁰⁴ BASSANEZI, C., op. cit., p. 631-2.

iriam se tornar um peso à família e sofreriam com o estigma de não terem cumprido com o destino feminino.²⁰⁵ (grifos da autora)

O grande problema que *O Cruzeiro* apresentava, então, era justamente o falecimento do marido, que, além da própria perda em si, gerava, conseqüentemente, dificuldades materiais e sociais. Por tudo que falamos até aqui, podemos afirmar que a viuvez significaria uma espécie de “morte” social, altamente simbólica, da e para a mulher daquela época. Incumbida socialmente de cuidar do marido e dos filhos, a morte do conjuge representaria a perda de metade do que se entendia como a “vida” da mulher. Junto a isso, soma-se o problema econômico. A mulher passaria a ter que sustentar seus filhos sem o suporte material do marido.

A introdução da matéria d’*O Cruzeiro*, logo em suas primeiras descrições, mostra-nos bem essa situação. “Professora de História Geral do Instituto de Educação; professora de História do Brasil no Colégio Pedro II; mãe de 4 filhos; viúva de um major do Exército; segunda filha (entre cinco) do ex-Ministro da Guerra”.²⁰⁶ Para aquela época, essa narrativa inicial geraria grande consternação e angústia ao colocar a pergunta incontornável: como essa viúva vai sustentar quatro filhos com um salário de professora? Além disso, não poderia contar com o auxílio de seu pai, uma vez que ele também possuía outras quatro filhas.

No entanto, apesar dessa introdução e continuação dramáticas em torno da perda do marido e de tudo o que isso acarretaria, podemos perceber, por outro lado, a construção material e simbólica de uma “grande mulher”, ou seja, aquela que vencida todos esses desafios através do seu próprio trabalho e de suas soluções para dar conta da sua vida e de seus quatro filhos. A carga dramática crescente da descrição inicial de Edna Lott, colocando-a em uma situação-limite para aquela época, servia para apresentar soluções

²⁰⁵ BASSANEZI, C., op. cit., p. 619.

²⁰⁶ *O Cruzeiro*, 27 de fev. 1960, p. 120.

igualmente incríveis inventadas pela personagem política que a revista buscava construir. Embora, ao longo dessa matéria, *O Cruzeiro* tenha variado na elevação e no rebaixamento da personagem, não restam dúvidas de que se tratava de uma construção heroica da personagem narrada.

Quando D. Edna Lott decidiu, em junho do ano passado, ser soldado de batalha eleitoral de seu pai, teve de multiplicar-se por três, a fim de que nem a casa, nem as aulas, nem a política fossem sacrificadas. Dedicava as manhãs ao lar e ao convívio com os filhos. As tardes eram consumidas com o ensino – dias pares no Instituto de Educação, dias ímpares no Colégio Pedro II. As noites, os sábados e domingos, eram reservados à política: inauguração de Comitês Lott-Jango, visitas a Sindicatos, palestras em núcleos eleitorais suburbanos, reuniões em família, etc.²⁰⁷

No trecho acima, podemos ver como Edna Lott desempenhava satisfatoriamente todas as suas “funções sociais” de “boa mulher de família”, conseguindo atuar politicamente sem se descuidar de suas “tarefas femininas” do cuidado dos filhos. A tripla jornada – cuidar dos filhos, trabalho como professora e atuação política – não eram vistas como extenuantes pela sociedade da época, mas como uma condição inalienável da participação da mulher na política. Mostrando o respeito e a obediência a esses valores e condições tradicionais, *O Cruzeiro* dimensionava a atuação política de Edna Lott em proporções épicas.

Para se ter uma ideia da intensa movimentação de D. Edna, basta dizer que num semestre ela participou da organização de mais de 200 comitês nacionalistas. Em dezembro, quando as aulas terminaram, começou a viajar, sempre em missão eleitoral. Esteve em Brasília, Estado do Rio, no Rio Grande do Sul, em São Paulo, na Bahia, visitando em cada “tourné” dezenas de cidades e vilas.²⁰⁸

No trecho acima, podemos perceber, claramente, como *O Cruzeiro* buscou construir uma imagem heroica de Edna Lott, nessa matéria. Uma heroína conservadora, isto é, uma mulher que se desdobrava em várias personagens, desempenhava diferentes funções,

²⁰⁷ *O Cruzeiro*, 27 de fev. 1960, p. 120.

²⁰⁸ *O Cruzeiro*, 27 de fev. 1960, p. 120.

percorria grandes distâncias por todo o país para garantir a vitória, o triunfo, a missão dos homens. Importante ressaltarmos um ponto fundamental dessa heroína conservadora, isto é, sua posição de coadjuvante em todo o desenrolar político. Mesmo apresentando todo esse desempenho, Edna Lott encontraria grandes dificuldades e reações em cruzar esses limites patriarcais impostos à participação das mulheres na política, como veremos melhor no próximo capítulo.

Mesmo assim, para não ficarmos apenas na matéria d’*O Cruzeiro*, é importante que se diga que podemos perceber Edna Lott como uma mulher que dispunha de maior autonomia e independência em matérias de outros periódicos, que dispensavam esse tom épico. É o que vemos na matéria d’*O Semanário*, “Meu Pai”, que, apesar de ser um jornal nacionalista, era conservador nas questões relacionadas aos costumes. Nesse periódico, Edna Lott foi apresentada como “professora pública do Instituto de Educação e no Colégio D. Pedro II. Formou-se em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.”²⁰⁹ O periódico também citou, em seguida e antes de disponibilizar a entrevista, uma fala de Edna Lott em que ela dizia que:

“Fora de minhas ocupações normais, que até aqui se dividiam entre a educação de meus filhos e de meus alunos, meu tempo hoje se concentra em atuar nas inaugurações e no funcionamento dos Comitês Nacionalistas instalados nesta capital, com o encargo essencial de relacionar a campanha nacionalista com a candidatura do marechal à Presidência da República, cujo programa de ação política está condensado, fundamentalmente, na defesa e ampliação das grandes conquistas que o povo brasileiro empreendeu, a partir do momento em que a Petrobrás se implantou como exemplo representativo de nossos ideais de autonomia e de emancipação.”²¹⁰

Como podemos perceber, *O Semanário* apresentava sua entrevistada dentro das balizas conservadoras daquela época, assim como conferia destaque à Edna Lott sem, com isso, utilizar uma linguagem engrandecedora. É importante notarmos que o Instituto

²⁰⁹ *O Semanário*, 14-20 de nov. 1959, p. 12.

²¹⁰ *O Semanário*, 14-20 de nov. 1959, p. 12.

de Educação e o Colégio Pedro II eram dois dos maiores e mais prestigiados colégios do país, naquele momento. Ser professora dessas duas escolas conferia um *status* muito grande dentro do magistério e da sociedade. O periódico nacionalista também colocou que Edna Lott se formou pela Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, na cadeira de História e Geografia. Sem precisar fazer alarde, *O Semanário* apresentava Edna Lott como uma profissional bastante qualificada. Apesar de mostrar Edna Lott como essa profissional de ponta, o periódico nacionalista também assinalava, através da fala da entrevistada, o respeito e a obediência que ela tinha das “tarefas femininas” ao cuidar dos seus filhos e da educação dos seus alunos.

O Semanário, como podemos ver, construiu a mesma imagem de Edna Lott, feita pelo *O Cruzeiro*, sem uma narrativa épica. Esse dado é importante para entendermos a mudança dos padrões de comportamento feminino que aconteciam naqueles anos pós-II Guerra Mundial. Nesse período, houve um aumento significativo da participação feminina no mercado de trabalho, inclusive nas áreas em que se exigiam maiores qualificações profissionais.²¹¹ “Essa tendência”, de acordo com Bassanezi, “demandou uma maior escolaridade feminina e provocou, sem dúvida, mudanças no *status* social das mulheres.”²¹² Edna Lott representava, portanto, a mulher mais autônoma e independente do espaço privado, ou seja, do marido, do pai e dos filhos.

No entanto, como coloca Bassanezi, o trabalho feminino ainda era cercado por muitos preconceitos e estigmas, especialmente pelos temores da perda da *feminilidade* e de ameaça à estabilidade da organização doméstica e do matrimônio devido à participação da mulher em uma atividade profissional.²¹³ “Era prática comum entre as mulheres que trabalhavam”, segundo Bassanezi,

²¹¹ BASSANEZI, C., op. cit., p. 624.

²¹² Ibidem.

²¹³ Ibidem.

interromper suas atividades com o casamento ou a chegada do primeiro filho. Não era muito fácil encontrar esposas de classe média trabalhando fora de casa a não ser por necessidades econômicas – situação que, de certa forma, poderia chegar a envergonhar o marido. Em geral, esperava-se que essas mulheres se dedicassem inteiramente ao lar, fossem sustentadas pelo marido e *preservadas da rua*.²¹⁴ (grifo da autora)

Edna Lott se transformava em um símbolo muito forte dessa independência feminina que vinha se tornando cada vez mais comum, ao longo da IV República brasileira. Edna Lott exerceu sua profissão sem abandonar a carreira depois que se formou na Universidade do Brasil, depois que se casou com Oscar de Moraes Costa, depois que teve sua primeira filha e seus outros quatro filhos seguintes. Importante destacarmos, como faz Bassanezi, que: “Considerado o mais próximo da função da ‘mãe’, o magistério era o curso mais procurado pelas moças, o que não significa sequer que todas as estudantes fossem exercer a profissão ao se formarem, pois muitas contentavam-se”, segundo a historiadora, “com o prestígio do diploma e a chamada ‘cultura geral’ adquirida na escola normal.”²¹⁵

Além disso, o acesso à educação formal e profissional, afirma Bassanezi, encurtou a distância entre homens e mulheres produzindo um grande temor da “mulher culta”.²¹⁶ “Para manter as hierarquias entre masculino e feminino, as possíveis ameaças da ‘mulher culta’ às relações tradicionais teriam”, segundo a historiadora, “de ser neutralizadas por ideias como: um certo nível cultural é necessário à jovem para que ‘saiba conversar’ e agradar os rapazes assim como é útil para o governo de uma casa e a educação dos filhos”²¹⁷. Ainda assim, de acordo com Bassanezi, “os rapazes evitam as garotas muito inteligentes e a ‘mulher culta’ tem menos chances de se casar e de ser feliz no

²¹⁴ BASSANEZI, C., op. cit., p. 625.

²¹⁵ Ibidem.

²¹⁶ Ibidem.

²¹⁷ BASSANEZI, C., op. cit., p. 625-6.

casamento.”.²¹⁸ Tudo isso mostra, claramente, a força dessa mulher que decidiu não seguir os padrões sociais daquela época, seguindo sua profissão apesar de formada em uma grande Universidade, casada e mãe de quatro filhos.

Além de tudo isso, é importante salientarmos que a escolha de seu marido também se configurava em um fator muito importante que, possivelmente, produzia grande identificação das mulheres que conquistavam maior autonomia, naquele momento, com Edna Lott. “A escolha matrimonial”, no esclarece Bassanezi, “já não cabia mais aos pais e sim aos enamorados. Entretanto, a influência familiar, ainda que menor que nos tempos do *casamento arranjado*, permanecia forte e reconhecida como um cuidado que os pais deveriam ter com o futuro dos filhos.” (grifos da autora).²¹⁹ Nessa nova relação de contração de casamento, a mulher ganhara maior autonomia sobre sua escolha conjugal frente às decisões e preferências de sua família de origem.

No entanto, Bassanezi nos lembra que essa maior liberdade adquirida não significava uma escolha motivada unicamente pelo amor.²²⁰ “Dificuldades financeiras, diferenças de classes, problemas familiares, preconceitos sociais eram”, segundo a historiadora, “algumas das barreiras reconhecidas e reforçadas contra as uniões fora dos padrões.”.²²¹ Por esse motivo, quando Edna Lott afirmava, na entrevista d’*O Semanário*, que seu marido era de outra religião; não somente ela apontava para tolerância de seu pai, mas também para a sua autonomia de escolher seu próprio marido.

Meu marido, falecido recentemente, era presbiteriano e filho de pastor presbiteriano. Quando resolvemos ficar noivos e o problema foi levado a consideração dele, que na ocasião estava de regresso do exterior, suas primeiras indagações referiram-se às qualidades pessoais do meu pretendente. Uma vez que elas fossem positivas, como de fato foram até morrer, não se teria que

²¹⁸ BASSANEZI, C., op. cit., p. 626.

²¹⁹ BASSANEZI, C., op. cit., p. 616.

²²⁰ BASSANEZI, C., op. cit., p. 618.

²²¹ *Ibidem*.

levar em conta suas divergências religiosas com aquelas que a família adota.²²²

Essa resposta de Edna Lott possuía o mérito político de demonstrar, ao mesmo tempo, a tolerância do pai, a autonomia e independência de si própria e a harmonia da família com a sua escolha conjugal. “Nem sempre pais e filhas sonhavam”, afirma Bassanezi, “com o mesmo ideal de namorado. [...] Entretanto, o critério principal da avaliação do *bom partido*, um futuro bom marido, era mais consensual: *ser honesto e trabalhador, capaz de manter a família com conforto*” (grifos da autora).²²³ É o que vemos na fala de Edna Lott, quando ela afirmava que seu pai se preocupou mais com as qualidades do seu futuro marido do que com uma possível rixa religiosa entre católicos e protestantes.

Por tudo o que foi demonstrado, é possível afirmarmos que a construção imagética de Edna Lott para a tradicional família civil apresentou maiores brechas e possibilidades de atuação política do que a construção feita para a família militar. No livro do major Joffre Gomes da Costa, vemos Edna Lott totalmente retratada em valores conservadores dispondo de, praticamente, nenhuma margem de atuação política. Em *Marechal Henrique Lott*, somente podemos enxergar um possível protagonismo de Edna Lott através de elaboradas conjecturas, relacionadas principalmente à sua imagem de professora.

Assim, encontramos no livro todas as instituições de ensino em que nossa biografada estudou.

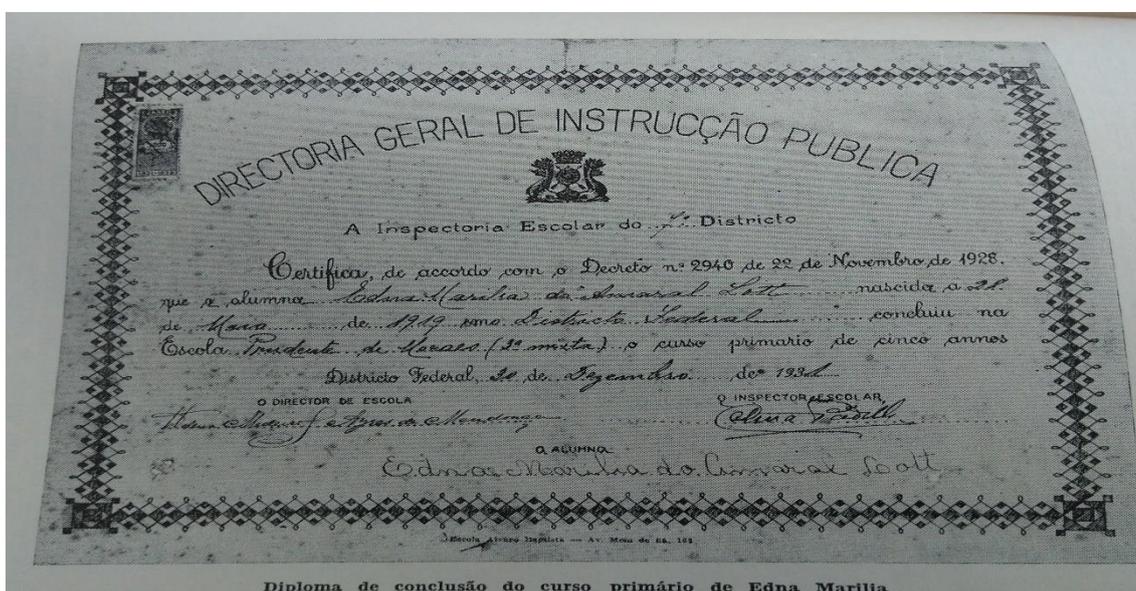
Edna Marília começa frequentando o Jardim de Infância na Escola Pública de Engenho Novo, depois faz o primário na Escola Costa Rica, Ilha do Governador, em seguida cursa uma escola primária do Grajaú e vai também para Realengo, terminando na Escola Prudente de Moraes. Como Henrique tivesse tido trabalhos extraordinários nas férias, estudou sozinha para o curso do Instituto de Educação com o auxílio de livros escolhidos por seu dedicado pai; prestando exames, é aprovada e matriculada no 1.º ano. Interrompeu o Ginásio, estudando no Colégio Assunção em

²²² *O Semanário*, 14-20 de nov. 1959, p. 12.

²²³ BASSANEZI, C., op. cit., p. 618.

Copenhague, voltando, após um ano, ao Instituto, concluindo o professorado. Mais tarde fez concurso para a Universidade do Distrito Federal, sendo aprovada. No ano seguinte a Universidade transformou-se em Faculdade Nacional de Filosofia, aí faz o curso de bacharel, cadeira de Geografia e História no qual é aprovada.²²⁴

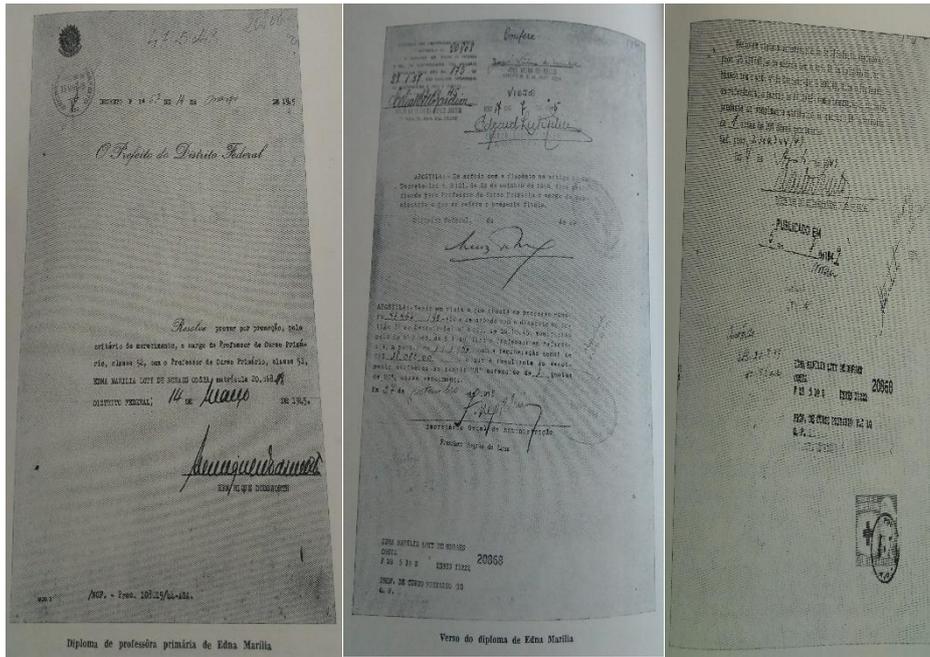
Após essa longa e minuciosa exposição da formação escolar de Edna Lott, assim como da de suas irmãs e de seu irmão, o livro do major Joffre Gomes da Costa apresentava fotos de alguns desses diplomas de Edna Lott, como podemos ver nas *imagens 3, 4, 5 e 6*.



(Imagem 3)²²⁵

²²⁴ COSTA, J. G., op. cit., p. 136.

²²⁵ COSTA, J. G., op. cit., p. 137.



(Imagens 4, 5 e 6)²²⁶

Embora a formação escolar de todas as filhas e filho de Lott tenha sido descrita pelo major Joffre Gomes da Costa, nenhum outro familiar do marechal, além de Edna, teve o privilégio de contar com documentos próprios publicados nesse livro. Mais adiante, em uma seção para melhor apresentar toda a sua prole, também encontramos as instituições em que Edna Lott exerceu a docência.

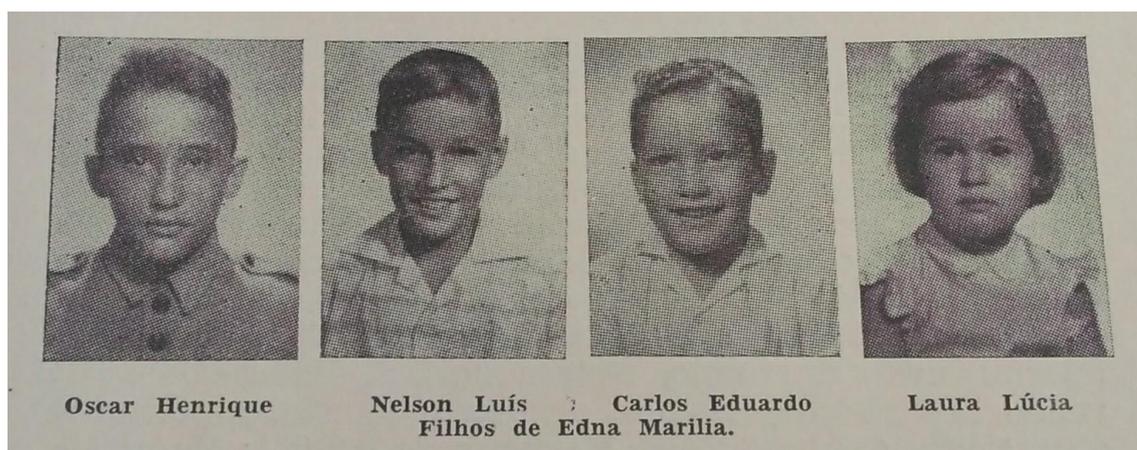
EDNA MARÍLIA – Professora do Instituto de Educação. Exerceu o magistério primário durante longo período. Mais de dez anos ensinou nos mais variados bairros da Capital da República. Fez parte do corpo docente das seguintes escolas públicas: São Salvador (Piedade), Evaristo da Veiga (Jacarepaguá), Marechal Trompowsky (Copacabana), Cócio Barcelos (Copacabana), Azevedo Sodré (Tijuca) e Minas Gerais (Praia Vermelha). Possuindo o curso da Faculdade Nacional de Filosofia – cadeira de Geografia e História – transferiu-se para o magistério secundário, ensinando no Instituto Ferreira Viana, Ginásio Dr. Clóvis Monteiro e Instituto de Educação, onde leciona há muito tempo.²²⁷

A narrativa de Joffre Gomes da Costa seguiria informando sobre o casamento de Edna Lott e seus filhos, tendo espaço para uma ainda mais resumida apresentação de seu

²²⁶ COSTA, J. G., op. cit., p. 139-41.

²²⁷ COSTA, J. G., op. cit., p. 177.

marido. Essa descrição seria seguida pelas duas fotos do casamento de Edna Lott e Oscar de Moraes Costa (*imagem 1*). Quanto aos filhos do casal, as informações ainda são mais escassas do que às referentes a Oscar de Moraes Costa. Sobre os quatro filhos vivos de Edna Lott, o mais relevante são as fotos deles publicadas junto a de outros netos e netas do marechal.



(Imagem 7)²²⁸

Destoando das fotografias dos outros netos e netas do marechal, os filhos de Edna Lott aparecem em fotos, mais ou menos na mesma proporção, parecendo compor uma mesma imagem. Essa montagem nos remete, quase que imediatamente, para um caderno de chamada de uma turma de alguma escola. Sutilmente, essa imagem nos aponta e reforça a imagem de Edna Lott como professora, assim como da igualmente forte relação entre o arquétipo de “professora” e o de “mãe” em uma visão conservadora. Mesmo assim, depois de tudo o que foi apresentado, ainda é muito difícil ver um protagonismo de Edna Lott na construção de sua personagem no livro do major Joffre Gomes da Costa. Isso é claro por duas razões: a ênfase dada no colégio público e a omissão do Colégio Pedro II.

Uma das principais pautas da campanha presidencial de Lott era em relação à educação, que tinha por objetivo munir a indústria, em expansão, de profissionais técnicos

²²⁸ COSTA, J. G., op. cit., p. 191.

bem capacitados.²²⁹ Para isso, Lott dava grande ênfase ao ensino público. “A diretriz básica da política educacional seria o fortalecimento do ensino público, através de amplas reformas com os seguintes objetivos”, enumera Carloni,

suprimir com o ensino primário o déficit escolar e o analfabetismo nas áreas urbanas e rurais e, assim, “incorporar também à vida cívica grande massa de adultos, por métodos educacionais que se ajustem às condições do trabalho”; o ensino secundário deveria ser capaz de preparar técnicos de nível médio com as qualificações exigidas pelos setores de atividades em expansão; o nível superior teria a responsabilidade de preparar especialistas, tendo em vista as exigências mais prementes do desenvolvimento, inclusive aquelas de cunho humanístico e cultural.²³⁰

O plano educacional pensado por Lott e seus assessores, como podemos ver, abrangia todos os níveis de ensino – primário, secundário e superior – enfatizando no seu caráter público. A construção da personagem de Edna Lott, pelo major Joffre Gomes da Costa, servia, entre outros objetivos, para referendar as propostas para educação da candidatura Lott. Edna Lott seria o exemplo vivo do fervor histórico do marechal pelo ensino público. Por isso, além da graduação na Universidade do Brasil, era importante apresentar todas as escolas primárias e secundárias públicas que Edna Lott estudou e que deu aula, ou dava naquele momento.

Não à toa o primeiro tema da entrevista para *O Semanário*, edição de 14-20 de novembro de 1959, seria “A escola pública e a educação da família”. Logo na primeira frase dessa primeira seção, o periódico nacionalista citava Edna Lott que dizia: “Todos nós, filhos do marechal, sem nenhuma exceção, - continuou – estudamos na escola pública e dessa preferência participou a grande maioria de seus netos.”²³¹ *O Semanário* concedeu um grande espaço nessa seção para Edna Lott afirmar a estreita relação de Lott com o ensino público.

²²⁹ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 233-4.

²³⁰ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 234.

²³¹ *O Semanário*, 14-20 de nov. 1959, p. 12.

“Meu pai sempre ressaltava, com particular destaque, o espírito democrático da escola pública, onde crianças de camadas sociais diversas se punham em contato diário com filhos de uma mesma nação. Tomando como base as origens e os recursos de nossa família, fomos todos criados como gente modesta, com obrigações proeminentes de economia forçada para segurança de nossa sobrevivência. Mas ainda excluindo essa contingência, o marechal ainda nos educava batendo-se com rigor contra a discriminação de classes sociais, notadamente contra a discriminação racial, que ele condenava invocando a sua crença religiosa e o fato histórico de que nossa Pátria é produto do esforço, do trabalho e do patriotismo de várias raças. A escola pública, para ele, ostenta esta vantagem substancial de estabelecer um convívio fraternal de crianças identificadas pela ventura comum de terem nascido no Brasil.”²³²

Como podemos perceber, o periódico concedia uma margem muito mais ampla para Edna Lott se exprimir pessoalmente, mesmo que essas ideias, poderíamos supor, tivessem sido criadas por assessores da campanha presidencial. No *Marechal Henrique Lott*, Edna Lott aparecia meramente como uma figura ilustrativa e de demonstração da veracidade das crenças, convicções e projetos de seu pai. No periódico nacionalista, por outro lado, Edna Lott encontrava um espaço que pudesse se expressar e de começar, inclusive, a construir sua própria imagem política. Antes dessa grande fala, acima citada, *O Semanário* colocava que “D. Edna, como professora e descendente ‘de uma família solidamente vinculada ao magistério’, conforme ela própria indica, estende-se em apreciar as vantagens da instituição escolar pública”.²³³

Vemos, portanto, como Edna Lott dispunha de maior espaço político na imprensa conservadora, representante da tradicional família civil, do que no livro do major Joffre Gomes da Costa, mais preocupado em construir uma imagem mais próxima da tradicional família militar. Além disso, é importante percebermos também a omissão de Joffre Gomes da Costa do cargo de professora de Edna Lott no Colégio Pedro II. Essa lacuna possui uma relevância enorme, uma vez que essa informação já havia sido noticiada pelos

²³² *O Semanário*, 14-20 de nov. 1959, p. 12.

²³³ *O Semanário*, 14-20 de nov. 1959, p. 12.

periódicos *O Semanário* e *O Cruzeiro*, em matérias publicadas antes do lançamento do livro do major Joffre Gomes da Costa, como podemos constatar na foto abaixo.



(Imagem 8)²³⁴

Como podemos perceber através da legenda da *imagem 8*, *Marechal Henrique Lott* foi lançado, necessariamente, pelo menos a partir de março de 1960. As matérias d'*O Semanário* e *O Cruzeiro*, que informavam que Edna Lott era professora do Colégio Pedro II, foram publicadas, respectivamente, em 14-20 de novembro de 1959 e 27 de fevereiro de 1960. Portanto, a informação de que Edna Lott era professora do Colégio Pedro II já havia sido divulgada pela grande imprensa. Mesmo que *O Semanário* fosse um jornal com um público mais restrito, é importante atentarmos para o fato de *O Cruzeiro* ter sido a revista de maior circulação da época, chegando a vender 700 mil exemplares, por semana, durante a década de 1950.²³⁵

²³⁴ COSTA, J. G., op. cit., p. 464.

²³⁵ SCALZO, M., op. cit., p. 30.

O Cruzeiro não possuía um tema específico, abrangendo tanto o público feminino, quanto masculino. A revista produzia grandes reportagens sobre diferentes assuntos que iam desde a vida íntima dos astros de cinema e moda até as grandes questões políticas da época.²³⁶ Portanto, *O Cruzeiro* era, inegavelmente, uma revista de grande importância e alcance no debate público daquele momento. Uma informação publicada nessa revista não passava despercebida do grande público consumidor de revistas, em geral, e do debate político, em particular. Por essa razão, podemos entender a omissão do major Joffre Gomes da Costa como uma escolha consciente para melhor retratar Edna Lott como a “filha ideal” de um militar, isto é, uma normalista que era professora apenas do Instituto de Educação.

Ao retratar dessa forma, o biógrafo do marechal Lott tirava todo o reconhecimento da excelência profissional de Edna Lott, tornando-a apenas uma professora comum. Os periódicos conservadores, por outro lado e apesar de a enquadrarem em personagens conservadoras, concediam margens políticas bem maiores para Edna Lott, reconhecendo méritos individuais na filha do candidato. As aberturas desses periódicos possibilitavam que Edna Lott pudesse ser identificada não apenas pelas figuras femininas tradicionais, mas pela mulher mais independente e autônoma que ganhava força naquele momento de mudanças nas relações de gênero no país. Nessas brechas, Edna Lott também poderia colocar um pouco mais da sua personalidade, saindo do papel mais engessado de referendar no espaço privado toda a mitologia do seu pai.

Assim, sutilmente, Edna Lott teria sua imagem construída nesse interstício entre a mulher tradicional, restrita à esfera privada, e a mulher mais independente, que participava da esfera pública. Conforme fosse conquistando maior espaço e autonomia

²³⁶ Ibidem.

política, processo que se iniciou na própria eleição presidencial de 1960, Edna Lott passaria a construir de maneira mais autoral sua própria imagem e personagem políticas.

3. O candidato e a militante nacionalistas

Como vimos falando, o foco do nosso trabalho é a trajetória política de Edna Lott. Por isso, não nos deteremos muito em esmiuçar o porquê de Lott ter sido escolhido candidato presidencial do PSD, nem como foi a sua campanha.²³⁷ Para nós, importa-nos apenas o caráter nacionalista da campanha presidencial do ministro da Guerra de Juscelino Kubitschek, razão pela qual Edna Lott se engajou na campanha presidencial de 1960. A opção por Lott, entre outros fatores, representou a vitória política que a facção nacional-desenvolvimentista, a Ala Moça²³⁸, obteve sobre a oligarquia pessedista dentro do partido.²³⁹ O êxito da Ala Moça foi um grande feito, uma vez que, sendo minoritária na agremiação, a facção nacional-desenvolvimentista conseguiu emplacar um candidato alheio a uma sigla ciosa de seus quadros partidários.²⁴⁰

Além de não ter nenhuma vinculação prévia ao partido antes daquele pleito presidencial, Lott era um candidato identificado com os ideais nacionalistas – soberania nacional, desenvolvimento econômico e fomento da indústria nacional, defesa da ampliação das leis sociais e da ampliação da participação política da população brasileira, etc.²⁴¹-, que não eram, exatamente, as principais pautas defendidas pelo PSD, partido predominantemente agrário e conservador, quando não reacionário.²⁴² Por essa razão,

²³⁷ Sobre a campanha presidencial de Lott ver *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, de Carloni, e *De raposas e reformistas*, de Hippolito, ambos os livros citados na introdução desse trabalho.

²³⁸ Sobre a Ala Moça do PSD ver, principalmente, o capítulo 6 *Esses moços* da obra, anteriormente citada, de Hippolito.

²³⁹ HIPPOLITO, L., op. cit., p. 245-53.

²⁴⁰ Sobre como funcionava o PSD por dentro ver, principalmente, o capítulo 5 *Organização interna e oligarquização da chefia – o poder das raposas pessedistas* da obra, anteriormente citada, de Hippolito.

²⁴¹ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 235 e ss.

²⁴² HIPPOLITO, L., op. cit., p. 41-2.

todas as forças que se consideravam nacionalistas, naquele momento, aderiram à candidatura do marechal Lott.²⁴³

No entanto, antes de prosseguirmos, é importante dizermos que o *nacionalismo* não era um conceito consensual, havendo grandes disputas em torno do que seria ser nacionalista e de quem seriam os nacionalistas. Esse debate se intensificou muito a partir da morte de Getúlio Vargas, quando os embates políticos ainda ocorriam em torno da adesão ou oposição ao ex-presidente, progredindo até encontrar seu ápice na eleição presidencial de 1960. Derrotada tanto nas urnas, quanto nas tentativas golpistas, a UDN, principal partido liberal e opositor aos últimos presidentes, viu-se obrigada a repensar a sua estratégia política durante o governo JK, lançando mão de uma estratégia mais próxima das massas populares e que encampasse também as ideias nacionalistas.²⁴⁴

Dessa nova estratégia partidária surgiria o *nacionalismo* da UDN, já no ano de 1957, por iniciativa de Gabriel Passos. De acordo com a socióloga Maria Victória Benevides, “o Diretório Nacional aprova a criação de ‘centros nacionalistas’, sendo constituída uma Comissão de Estudos (Afonso Arinos, Hebert Levy, Gabriel Passos, Milton Campos, Bilac Pinto e Odilon Braga) para fixar a linha nacionalista do partido”.²⁴⁵ Apesar dessa nova linha política receber forte oposição dentro da própria agremiação, principalmente por parte de Carlos Lacerda, seria essa estratégia política que guiaria a UDN na disputa presidencial de 1960.²⁴⁶ Por essa razão, torna-se fundamental e imprescindível discernirmos quem eram os nacionalistas que se aglutinavam em torno da candidatura Lott.

Sem nos preocuparmos muito em adentrarmos em todas as ramificações do nacionalismo brasileiro da IV República, faremos uma simples diferenciação entre

²⁴³ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 235 e ss.

²⁴⁴ BENEVIDES, M. V., op. cit., p. 105-6.

²⁴⁵ BENEVIDES, M. V., op. cit., p. 106.

²⁴⁶ BENEVIDES, M. V., op. cit., p. 106-11.

nacionalismo de esquerda e *nacionalismo de direita*. Similares no discurso ufanista, a diferença entre esses dois nacionalismos se encontra, basicamente, na proposta de desenvolvimento econômico para “engrandecer” o país. O *nacionalismo de esquerda* defendia o desenvolvimento nacional pelo uso e pelo fortalecimento das forças produtivas do próprio país a partir de uma grande participação do Estado nesse processo; enquanto que o *nacionalismo de direita* advogava justamente o contrário, ou seja, o desenvolvimento do país deveria se dar por meio de uma substancial participação do capital estrangeiro, minimizando ao máximo a participação do Estado na economia.

Dentro dessa resumida diferenciação, os correligionários nacionalistas de Lott eram aqueles adeptos do nacionalismo de esquerda, que, inscritos na tradição do *nacional-estatismo*²⁴⁷, tinham como principal referência política o segundo governo de Getúlio Vargas. Foi partilhando dos ideais do *nacionalismo de esquerda* que Edna Lott iniciaria sua trajetória política, na campanha presidencial de seu pai. No entanto, o nacionalismo de esquerda não era composto por apenas um grande grupo homogêneo, mas por diferentes grupos que possuíam semelhanças e especificidades próprias. Dentro desse campo político, quatro grupos possuem influência e importância especiais na formação e atuação políticas da nossa biografada.

Esses quatro grupos, aqui arrolados sem ordem de importância, eram compostos por: (1) intelectuais, gravitando principalmente em torno do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB)²⁴⁸; (2) políticos de partidos variados, principalmente os do PTB, aglutinados na Frente Parlamentar Nacionalista (FPN)²⁴⁹; (3) militares de esquerda,

²⁴⁷ Sobre o *nacional-estatismo* ver: AARÃO REIS, Daniel. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

²⁴⁸ Sobre o ISEB ver: ABREU, Alzira Alves de. **Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb)**. In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel (org.). *As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

²⁴⁹ Sobre a FNP ver: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano*. 2.ed. vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008; _____. **Nacionalismo**

formados por oficiais e praças nacionalistas, legalistas e comunistas²⁵⁰; (4) o Partido Comunista do Brasil (PCB), articulado com sindicatos, movimentos camponês, estudantil, de mulheres, etc.²⁵¹ Da articulação desses setores surgiria o Movimento Nacionalista Brasileiro (MNB), em 1957, tendo como principal porta-voz o jornal *O Semanário*.²⁵²

Edna Lott, iniciando sua atuação política em contato direto com esses setores, ocuparia e desempenharia um papel de grande destaque já no decorrer da campanha presidencial de 1960, quando passaria a integrar a Comissão Executiva do Movimento Nacionalista Brasileiro.²⁵³ Nos dois anos seguintes, 1961 e 1962, Edna Lott publicaria artigos esparsos n’*O Semanário* até dispor, no período de janeiro de 1963 a março de 1964, de uma coluna fixa intitulada “Na ordem do dia”. A conquista de um espaço próprio na imprensa foi decorrente também da sua eleição à Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara, em 1962, pelo PTB. Como podemos ver, Edna Lott, a partir daquele ano de 1960, conseguiria conjugar exitosamente as forças que compunham o Movimento Nacionalista Brasileiro, ou seja, intelectualidade, movimentos sociais, partidos políticos e setores das Forças Armadas.

Nesse ponto, é importante mencionarmos que as duas principais influências políticas de Edna Lott, nesse momento de disputa eleitoral, foram o coronel Kardec

como projeto de nação: a Frente Parlamentar Nacionalista (1956-1964). In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel (org.). *As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

²⁵⁰ Sobre os militares de esquerda, além dos trabalhos já citados de Carloni, ver: VASCONCELOS, Cláudio Beserra. **Repressão a militares na ditadura pós-64.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2018; CUNHA, Paulo Ribeiro da. **Militares e militância: uma relação dialética conflituosa.** 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014; CARLONI, K. **A esquerda militar no Brasil (1955-1964).** In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel (org.). *As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

²⁵¹ Sobre o PCB e o nacionalismo ver: SEGATO, José Antonio. **PCB: a questão nacional e a democracia.** In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano.* 2.ed. vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

²⁵² Sobre a formação do Movimento Nacionalista Brasileiro ver: *O Semanário*, 13-20 de jun. 1957, p. 2 e *O Semanário*, 27 de jun.-4 de jul. 1957, p. 2.

²⁵³ *Correio da Manhã*, 27 de mar. 1962, 4.

Lemme e o, nem sempre lembrado como militar, general Nelson Werneck Sodré, apesar deste negar essa influência sobre Edna Lott, futuramente, em seu livro *A ofensiva reacionária*²⁵⁴, publicado em 1992. Os dois atuavam politicamente nas Forças Armadas e no Partido Comunista, além de serem dois dos poucos militares a atuarem junto à intelectualidade, principalmente no ISEB.²⁵⁵ Kardec Lemme, junto de sua esposa Édila Lemme, foi o principal assessor político de Edna Lott ao longo da campanha presidencial de 1960 e seguiria, após o pleito, auxiliando Edna Lott no decorrer de sua trajetória política.²⁵⁶ Nelson Werneck Sodré, segundo Carloni, foi o mentor intelectual de Edna Lott²⁵⁷, alinhavando as ideias nacionalistas que ela iria defender tão ardorosamente durante toda a campanha presidencial e no decorrer de sua militância política.

Por tudo isso, poderíamos situar Edna Lott em uma posição de articulação com vários e diferentes grupos nacionalistas, exercendo, principalmente, nesse momento da campanha presidencial, uma função de mobilização popular e intelectual/ideológica. Importante notarmos que esse papel se transformaria muito rapidamente ao longo do ano de 1960. No início da campanha presidencial, Edna Lott estaria restrita ao arquétipo de “professora positivista”, ou seja, a professora que ensina a “verdade” ao povo, a “ideologia correta”, etc., como podemos ver na matéria “Edna Luta por Lott”, d’*O Cruzeiro*.

Tanto no Instituto de Educação como no Colégio Pedro II, a filha de Lott faz questão de que pelo menos um aluno termine o ano com média 100 em História do Brasil. Este sentimento nacionalista, ela o está transmitindo aos filhos: Oscar Henrique, de 14 anos; Nelson Luiz, de 10; Carlos Eduardo, de 6, e Laura Lúcia, de 4. Os garotos não a decepcionam. Nelson Luiz, que cursa o Colégio Pedro II, conclui o ano 59 como o primeiro aluno

²⁵⁴ WERNECK SODRÉ, Nelson. *A ofensiva reacionária*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

²⁵⁵ VASCONCELOS, C. B., op. cit., p. 122.

²⁵⁶ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 164.

²⁵⁷ CARLONI, Karla. **Edna Lott**. In: Dicionário da Política Republicana do Rio de Janeiro. ABREU, Alzira Alves de.; PAULA, Christiane Jalles de. (org.). 1.ed. Rio de Janeiro: FGV; Cpdoc, 2014, p. 693-694.

da classe e, naturalmente, com média 100 em Geografia e História.²⁵⁸

Mais adiante, a revista apresentava a resposta de Edna Lott à pergunta “Que espécie de pregação faz D. Edna Lott em seus comícios?”, em que a líder nacionalista afirmava que: “Procuo explicar aos que me ouvem o verdadeiro sentido do nacionalismo, cuja bandeira desfraldamos, e tenho verificado que essa ideia virou quase fanatismo entre as camadas mais sensíveis do povo. O entusiasmo é enorme, principalmente entre as mulheres.”²⁵⁹ Podemos perceber, claramente, nesse trecho a imagem da “professora positivista” criada pel’*O Cruzeiro*. Mas, mesmo nessa matéria da revista, já veríamos o crescimento do papel de intelectual e de mobilização popular de Edna Lott, quando *O Cruzeiro* tentaria explicar a primeira polêmica com o ministro da Fazenda, Sebastião Paes de Almeida, devido a declarações de Edna Lott em um comício em Porto Alegre.

No comício de Porto Alegre afirmou que “os protestos do povo morrem sem que deles tomem conhecimento os responsáveis pela administração pública. Meu pai nenhuma responsabilidade tem no caso porque nunca foi Ministro da Fazenda nem presidente do Banco do Brasil”. Esse discurso, que teve a mais ampla repercussão, feito como foi pela filha do candidato do Governo à Presidência da República, ficou atravessado, como espinha de peixe, na garganta dos homens do Catete, fazendo com que o Mar. Lott desse um terno puxão de orelhas na filha. Mas essa foi a primeira vez que D. Edna saiu fora dos trilhos das injunções políticas. Agora tem assessores, que preparam os seus discursos e que arrefecem um pouco seu fervor patriótico e resfriam outro tanto o seu ardente sangue nacionalista.²⁶⁰

Como veremos mais à frente, esse “fervor patriótico” de Edna Lott dificilmente seria arrefecido. Edna Lott ganharia mais autonomia e independência, principalmente dos papéis femininos tradicionais, conforme fosse aumentando a sua participação na campanha presidencial de Lott. Seguindo um crescendo, Edna Lott produziria discursos

²⁵⁸ *O Cruzeiro*, 27 de fev. 1960, p. 120.

²⁵⁹ *O Cruzeiro*, 27 de fev. 1960, p. 120.

²⁶⁰ *O Cruzeiro*, 27 de fev. 1960, p. 120.

cada vez mais nacionalistas, em geral, e de incentivo à participação política da mulher, em particular.

3.1. Em defesa da nação e das mulheres: a militância política de Edna Lott

As principais bandeiras políticas de Edna Lott, durante a campanha presidencial de Lott e, depois, ao longo de toda a sua trajetória política, foram o nacionalismo e a maior participação da mulher na política, defesa esta que era feita, inicialmente, por meio do Movimento Nacionalista Brasileiro (MNB). Podemos observar, claramente, essas pautas na atuação política de Edna Lott em uma de suas primeiras aparições em comícios, em outubro de 1959, no evento de exaltação aos pracinhas, combatentes e enfermeiras, organizado pelo Comitê Popular do Largo da Carioca, quando nossa biografada dizia que falava aos presentes “como brasileira e como filha” e que, “como brasileira, quero assegurar-vos a identidade de minhas ideias com aquelas que aqui viestes defender, lutando por uma Brasil mais feliz, independente e soberano.”²⁶¹

Em outro comício político de campanha, no bairro de Vila Santa Catarina, em Porto Alegre, Edna Lott reforçaria sua condição de mulher, afastando-se da posição de filha. Em resposta ao discurso da presidente da Ala Feminina, do Comitê Nacionalista Pró-Lott e Jango, Edna afirmaria que:

Poderia responder-vos como filha do nosso candidato à Presidência da República. Mas prefiro fazê-lo como vossa companheira de lutas, como mulher que sente os angustiantes efeitos da crise, da elevação quase diária dos preços dos gêneros alimentícios, das utilidades, dos remédios, de tudo o que precisamos para o mínimo de conforto.²⁶²

A solução para esses problemas, segundo Edna, era o nacionalismo e seguia discorrendo como Lott era o candidato que “somente terá como centro de suas preocupações o interesse nacional. E esse interesse nacional é um Brasil de brasileiros

²⁶¹ *Última Hora*, 14 de out. 1959, p. 8.

²⁶² *O Semanário*, 6-12 de fev. 1960, p. 12.

para brasileiros.”²⁶³ Defendendo a partir da posição de mulher, da “companheira de lutas”, Edna transmitiria aos presentes grande parte das propostas e do projeto nacionalistas, como “um Brasil de grandes indústrias que radiquem no solo brasileiro o produto de seu trabalho; um Brasil que policie a remessa exorbitante de lucros para outras partes do mundo; um Brasil que não abdique no domínio sobre suas fabulosas reservas de matérias-primas”.²⁶⁴

O grande diferencial da militância de Edna Lott era, portanto, unir as bandeiras das lutas nacionalista e das mulheres dentro da campanha presidencial do marechal Lott, conferindo uma maior e mais substancial importância às questões que abrangiam especificamente as mulheres, tanto em âmbito público, quanto privado, no seio de uma ideologia que, tradicionalmente, exalta e exaltava os grandes homens, os heróis da pátria e seus feitos, relegando as mulheres a um espaço político subalterno ou esquecido. Essa estratégia política, levada a cabo por Edna Lott, obtinha maior e grande receptividade nos estados e cidades mais urbanizados e industrializados do país, que, por sinal, possuíam maior quantidade de eleitores, principalmente mulheres.

Foram nos estados mais industrializados e urbanizados que as mulheres conseguiram maiores condições de romper com a vida tradicional, de confinamento no espaço privado da casa e da família. Nessas regiões, as mulheres possuíam maior acesso à educação formal e ao emprego, podendo sustentar a sua própria vida e a de sua família, ainda que fossem casos minoritários, pelo menos em relação às classes médias e altas.²⁶⁵

²⁶³ *O Semanário*, 6-12 de fev. 1960, p. 12.

²⁶⁴ *O Semanário*, 6-12 de fev. 1960, p. 12.

²⁶⁵ Sobre acesso à educação formal e ao emprego, em diferentes classes sociais inclusive, ver: D’INCAO, Maria Ângela. **Mulher e família burguesa**. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. Carla Bassanezi (coord. De textos). 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002; FONSECA, Cláudia. **Ser mulher, mãe e pobre**. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. Carla Bassanezi (coord. De textos). 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002; SOIHET, Rachel. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano**. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. Carla Bassanezi (coord. De textos). 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

Por essa razão, vemos grande atividade política de Edna Lott em São Paulo, por exemplo, onde eram organizados, pela vereadora Ruth Guimarães, comitês de campanha denominados Legionárias de Lott, “para participar da campanha a ser desenvolvida pela mulher paulista em favor do candidato do PSD à presidência da República.”²⁶⁶

Em uma das muitas idas ao Estado de São Paulo, Edna Lott terminaria uma de suas entrevistas destacando que “as regiões progressistas são justamente aquelas em que, como São Paulo, as mulheres têm papel preponderante na vida pública.”²⁶⁷ Em outra oportunidade, na “Mensagem de D. Edna à mulher paulista”, publicada pelo jornal nacionalista *O Semanário*, na sua edição de 20 a 26 de fevereiro de 1960, podemos observar a destreza com que Edna Lott manejava as construções imagéticas e identitárias utilizadas usualmente pelos próprios paulistas e paulistanos. São Paulo “terra do trabalho”, “terra fabril”, “condutora do desenvolvimento nacional”, em suma, dos homens e mulheres que constroem o Brasil soberano e autônomo política e economicamente.

Saudando a mulher paulista, “penetrando no íntimo de vossos lares”²⁶⁸, Edna Lott recriava toda a hegemônica identidade paulista para iniciar a sua mensagem que incluía as mulheres nesse processo de construção de São Paulo.

A História, desde as Bandeiras intemeratas, dos sacrifícios cívicos das revoluções, até o gigantesco esforço humano com que foi construído o moderno São Paulo industrial, conta-nos, com eloquência, embora de modo silencioso e austero, o que se pediu da mulher na conjugação perene desse dispêndio de forças.²⁶⁹

A partir dessa introdução, remetendo inicialmente à família e à construção de uma comunidade paulista, Edna Lott se propõe a romper, em parte, com o “modo silencioso e austero” que as mulheres contribuíram com a criação de São Paulo, invertendo a ordem de importância dos gêneros na construção dessa sociedade. Não somente a mulher

²⁶⁶ *Correio da Manhã*, 18 de fev. 1960, p. 8.

²⁶⁷ *Jornal do Commercio*, 2-3 de maio 1960, p. 3.

²⁶⁸ *O Semanário*, 20-26 de fev. 1960, p. 12.

²⁶⁹ *O Semanário*, 20-26 de fev. 1960, p. 12.

paulista ombreou com o homem paulista na “edificação” desse “portento”, como ela também era responsável pela criação do homem e por esse homem ter se tornado quem viria a ser. Assim, Edna Lott se perguntava

quem criou, quem lançou a vida, quem encorajou desde os primeiros passos, corrigiu as primeiras palavras, guiou o pensamento pelos melhores caminhos, quem forjou, desde o início, as personalidades destes que hoje se orgulham, muito justamente, de pertencerem à coorte vanguardeira do desenvolvimento brasileiro?²⁷⁰

Ela mesmo respondia em seguida, na sua própria mensagem, que: “Sim, fostes e sois vós, mulher paulista – avós, filhas, irmãs, noivas e namoradas – que há mais de quatrocentos anos vinde formando varões para este empreendimento gigante que o resto do Brasil admira.”²⁷¹ Respondida à pergunta, Edna Lott passaria o resto de sua mensagem exaltando toda a contribuição da mulher paulista ao desenvolvimento de sua cidade, de seu Estado e, por conseguinte, de seu país. Além de São Paulo, veremos também a boa receptividade das incursões políticas de Edna Lott em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul.

Respondendo à uma pergunta no Paraná, Edna, segundo o jornal *Novos Rumos*²⁷², “afirmou que mais de cem comitês nacionalistas femininos já foram instalados em Minas Gerais”.²⁷³ No Rio Grande do Sul, Edna Lott ombreou junto de seu pai e do governador do Estado, Leonel Brizola, o posto de presidente de honra da Comissão Executiva Estadual do Movimento Nacionalista Lott-Jango.²⁷⁴ No entanto, o sucesso da atuação

²⁷⁰ *O Semanário*, 20-26 de fev. 1960, p. 12.

²⁷¹ *O Semanário*, 20-26 de fev. 1960, p. 12.

²⁷² *Novos Rumos* foi um jornal oficioso do Partido Comunista do Brasil, surgido a partir do choque proporcionado pelo XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em fevereiro de 1956. Fundado em fevereiro de 1959, o *Novos Rumos* representou a nova linha política do PCB, definida pela Declaração de março de 1958, que fazia uma revisão do stalinismo e que defendia o desenvolvimento do capitalismo nacional, através de uma frente única nacionalista e anti-imperialista para instaurar um governo nacionalista e popular. *Novos Rumos*, como órgão de imprensa oficioso do PCB, apoiou a candidatura Lott. NOVOS RUMOS. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/novos-rumos>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

²⁷³ *Novos Rumos*, 5-11 de ago. 1960, p. 6.

²⁷⁴ *Novos Rumos*, 12-18 de ago. 1960, p. 8.

política de Edna Lott, na campanha presidencial de Lott, não se restringia ao Centro-Sul do país. A líder nacionalista também apresentaria grande desempenho político no Nordeste. Há de se registrar que, curiosamente, sabemos da grande repercussão política de Edna Lott nos estados nordestinos pelo *Novos Rumos*, jornal oficioso do PCB.

O *Novos Rumos* foi, entre os mais diferentes periódicos cariocas que pesquisamos, aquele que menos deu atenção às questões familiares entre Edna Lott e o marechal e que, também, reconheceu maiores méritos na atuação política da líder nacionalista. Assim, na matéria intitulada “Edna Lott em Sergipe”, publicada na semana de 27 de maio a 2 de junho de 1960, o jornal comunista noticiava que

D. Edna Lott tem se projetado, nos últimos meses, como ardorosa e lúcida combatente nacionalista, que procura levar a todo o país as ideias patrióticas em que se enquadram a candidatura do Marechal Lott, seu pai. Durante sua permanência naquela cidade, pronunciou conferências e manteve conversações com líderes sindicais e estudantis.²⁷⁵

Em outro momento mais à frente, no final de julho e início de agosto, o *Novos Rumos* atribuía a Edna Lott o crescimento do apoio dos trabalhadores à candidatura Lott. A matéria, intitulada “Frente Operária cresce com Lott” e como subtítulo “Êxito de d. Edna”, publicada na semana de 29 de julho a 4 de agosto de 1960, afirmava que: “Uma demonstração vigorosa do apoio dos trabalhadores às candidaturas Lott e Jango foi a excursão de D. Edna Lott ao Nordeste, na última semana.”²⁷⁶ A matéria do jornal exaltaria todo o itinerário político de Edna Lott pelas cidades nordestinas.

Falando em várias capitais nordestinas – Teresina, João Pessoa, São Luís e Belém – D. Edna recebeu sempre a acolhida maciça e entusiástica do povo e dos trabalhadores. Em Teresina, por exemplo, mais de 15 mil pessoas assistiram ao seu comício, na Praça Pedro II, que se encontrava repleta; no Aeroporto, e na passeata que os nacionalistas locais promoveram, com ela, pela cidade, outra grande multidão se movimentou para acolhê-la, e

²⁷⁵ *Novos Rumos*, 27 de maio-2 de jun. 1960, p. 3.

²⁷⁶ *Novos Rumos*, 29 de jul.- 4 de ago. 1960, p. 4.

manifestar calorosamente o seu apoio à candidatura nacionalista do marechal Lott.²⁷⁷

A cada nova publicação sobre as visitas de campanha ao Nordeste, *Novos Rumos* aumentava exponencialmente a dimensão do apoio local à Edna Lott. O jornal comunista passava a conferir tons épicos ou messiânicos as passagens de Edna Lott pelo território nordestino. Em publicação da semana do dia 12 a 18 de agosto de 1960, intitulada “Povo cearense mostrou que Fortaleza é Lott”, o *Novos Rumos* afirmava que: “A visita de d. Edna Lott a esta cidade transformou-se num acontecimento de extraordinária repercussão em todo o Estado, e veio evidenciar o grande entusiasmo e apoio maciço da população cearense às candidaturas nacionalistas de Lott e Jango.”²⁷⁸ “O comício realizado pela filha do Marechal Lott, em frente ao Teatro José de Alencar, foi”, segundo o periódico do PCB, “uma manifestação popular de uma amplitude raras vezes observada, nesta Capital.”²⁷⁹

O tom apoteótico era escancarado na matéria, conferindo proporções colossais a presença de Edna no Ceará. “Mais de dez mil pessoas desde as primeiras horas da noite já lotavam completamente a Praça José de Alencar, em frente ao teatro, atraídas”, segundo o jornal, “pela popularidade de d. Edna e pelas palavras-de-ordem nacionalistas pregadas por ela.”²⁸⁰ A emoção do público presente e a popularidade de Edna Lott no comício eram retratados, pelo *Novos Rumos*, na mesma intensidade que qualquer grande orador político da época. O jornal comunista transmitia, inclusive, a ideia de que várias caravanas cearenses que se dirigiram para Fortaleza para assistir o comício na Praça José de Alencar.

Quando tomou a palavra, d. Edna foi verdadeiramente ovacionada pela multidão, onde era notada a presença de numerosas delegações, com suas respectivas faixas de saudação, vindas de bairros e mesmo de cidades distantes da Capital, para

²⁷⁷ *Novos Rumos*, 29 de jul.- 4 de ago. 1960, p. 4.

²⁷⁸ *Novos Rumos*, 12-18 de ago. 1960, p. 4.

²⁷⁹ *Novos Rumos*, 12-18 de ago. 1960, p. 4.

²⁸⁰ *Novos Rumos*, 12-18 de ago. 1960, p. 4.

ouvir e aplaudir a palavra desassombrada daquela brava representante da mulher brasileira.²⁸¹

Na cobertura desse evento no Ceará, o *Novos Rumos* aproveitava para reforçar os valores nacionalistas da candidatura Lott e da própria Edna Lott, assim como o entreguismo da candidatura Jânio Quadros. “Com aplausos e vivas calorosos e entusiastas, que toda hora interrompiam o discurso da oradora”²⁸²; o jornal, além de demonstrar o afã popular, continuava posicionando Edna Lott entre líderes sindicais, como Vital Felix, e políticos, como os deputados estaduais Ézio Pinheiro e Wilson Roriz, na sua cobertura do comício em Fortaleza.²⁸³

Por todo o exposto, podemos afirmar, sem sombra de dúvidas, que a atuação política de Edna Lott, durante a campanha presidencial de 1960, promoveu uma confluência entre o nacionalismo e o incentivo do maior engajamento político das mulheres, daquela época. A soma de todos esses fatores - nacionalismo, participação das mulheres na política, papéis femininos tradicionais e a defesa da candidatura presidencial de seu pai, - fez com que Edna Lott fosse comparada à Alzira Vargas, filha do ex-presidente Getúlio Vargas. Em 1º de outubro de 1960, vésperas do pleito presidencial, a revista de humor *Careta*²⁸⁴ afirmava, em sua coluna “Comédia Infinita”, que: “A sra. Edna Lott é chamada de Alzirinha Bossa Nova.”²⁸⁵

Seguindo o adágio, o gracejo da *Careta* nos ajuda a entender, sobremaneira, a atuação de Edna Lott na campanha presidencial de seu pai ao compará-la a outra mulher de grande projeção política, na época, e que também possuía uma forte relação afetiva e

²⁸¹ *Novos Rumos*, 12-18 de ago. 1960, p. 4.

²⁸² *Novos Rumos*, 12-18 de ago. 1960, p. 4.

²⁸³ *Novos Rumos*, 12-18 de ago. 1960, p. 4.

²⁸⁴ *Careta* foi uma revista humorística e satírica, que durou de 1908 a 1960. Durante a sua existência, a revista conseguiu mesclar a presença de intelectuais renomados e um humor que abordava diversos temas, desde política aos costumes. Por essa razão, *Careta* foi uma revista muito popular em sua época. CARETA. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CARETA.pdf>. Acesso em: 31 de jan. 2019.

²⁸⁵ *Careta*, 1º de out. 1960, p. 10.

política com seu próprio pai. Importante dizermos que o espelhamento da imagem política de Alzira Vargas sobre Edna Lott não era mera casualidade. Naquele ano de 1960, a filha do ex-presidente lançava a primeira edição de *Getúlio Vargas, meu pai*²⁸⁶, que obteve grande sucesso de vendas.²⁸⁷ Passados seis anos do suicídio do ex-presidente, Alzira publicava um livro que buscava elucidar certos episódios da controversa trajetória política de seu pai. Podemos constatar esse fato logo nas primeiras palavras de Alzira Vargas.

Dedico este livro a vocês²⁸⁸, e por intermédio de vocês a todos os jovens brasileiros que nasceram sob a proteção do nome de Getúlio Vargas, e que não o conheceram suficientemente para poder compreendê-lo, julgá-lo e apreciá-lo.

Ele foi um homem excepcional que, tendo vivido todas as angústias da adolescência de um povo, se conservou sempre jovem e morreu em plena juventude espiritual, deixando um exemplo insuperável dentro da História do Brasil.

Tendo lido e ouvido todas as lendas que são contadas, algumas verdadeiras, muitas inventadas, outras fantásticas, a respeito que todos discutem e poucos entenderam.²⁸⁹

Quem lê esses primeiros três parágrafos do livro, presentes, antes de qualquer texto, na dedicatória, consegue perceber a semelhança de Edna Lott com Alzira Vargas. Ambas partilhavam do mesmo fervor pelo próprio pai, relacionando-se com a figura paterna e o mito ao mesmo tempo, sem uma evidente linha divisória entre a figura real e a lenda. Mesmo assim, as duas também se propunham a esclarecer a verdade por trás do mito de seus respectivos pais, homens em grande evidência na época. E, o mais curioso, no mesmo ano de 1960. Alzira Vargas publicando um livro de memórias e Edna Lott, pela sua atuação na campanha presidencial.

²⁸⁶ PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. **Getúlio Vargas, meu pai: memórias de Alzira Vargas do Amaral Peixoto**. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017. Utilizamos nesse trabalho a segunda edição comercial desse livro, contendo uma segunda parte inédita até então.

²⁸⁷ Sabemos dessa informação pela nota dos editores dessa publicação, presente na página 13.

²⁸⁸ Esse “vocês” foram referidos antes dessas primeiras palavras. São eles: Getúlio Vargas da Costa Gama, Cândida Darci Vargas, Edith Maria Vargas da Costa Gama, Celina Vargas do Amaral Peixoto, Yara Maria Tavares Vargas, Getúlio Dornelles Vargas.

²⁸⁹ PEIXOTO, A. V. A., op. cit., p. 19.

Ainda antes do texto propriamente, vemos no *Agradecimento* a forma passional e assertiva que Alzira Vargas escreveria seu livro. “Este livro não tem prefácio. Foi escrito com o sangue de minhas veias, com as lágrimas que ainda me sobravam e com um resto, um rebotalho, de energia nervosa que por algum motivo foi poupado. Não merece um prefácio. Não deve ter um prefácio e não o terá.”²⁹⁰ Sem ler qualquer linha do livro, ainda em seus momentos preliminares, já podemos reconhecer nas palavras de Alzira Vargas o mesmo propósito e tom que Edna Lott empregava para falar de seu pai. A líder nacionalista seria uma ardorosa e assertiva defensora da candidatura presidencial de seu pai, como vimos ao longo desse capítulo. Também podemos perceber as mesmas cargas dramática e épica nas falas dessas duas políticas brasileiras.

Aqueles que acompanhavam os embates políticos, os periódicos e os livros mais populares da época, poderiam fazer facilmente uma conexão entre essas duas mulheres, em um momento em que ambas estavam em evidência, praticamente, pelo mesmo motivo. Além das próprias características semelhantes entre Alzira e Edna, a campanha presidencial de Lott abusou da comparação do candidato pessedista ao ex-presidente petebista. Durante a disputa presidencial de 1960, Lott foi constantemente comparado a Vargas, inclusive, chegando a ser proclamado como o novo Getúlio Vargas, uma vinculação imagética que o próprio marechal não recusava.²⁹¹ Aliás, muito pelo contrário. Lott exaltava a figura do ex-presidente, o Vargas da Petrobrás, da Companhia Siderúrgica Nacional, da Vale do Rio Doce, em suma, da soberania econômica e política do país.²⁹²

O espelhamento de Vargas em Lott facilitava que o mesmo efeito recaísse sobre Edna, comparada a Alzira. Entretanto, não seria apenas por ambas serem filhas apaixonadas e defensoras incondicionais de seus respectivos pais que promoveria uma

²⁹⁰ PEIXOTO, A. V. A., op. cit., p. 21.

²⁹¹ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 235-49.

²⁹² *Ibidem*.

aproximação imagética entre as duas. Edna Lott também se apresentava como uma fervorosa getulista. Durante toda a campanha presidencial, os discursos de Edna se referiram e reivindicaram, constantemente, a figura do ex-presidente. Ao exaltar os valores e as ideias nacionalistas, Edna sempre encontrava uma brecha para encaixar a figura e o nome de Vargas em seus pronunciamentos públicos, traço que se intensificaria conforme Edna Lott conquistasse maior projeção e espaço públicos.

A devoção de Edna Lott por Getúlio Vargas se mostraria presente ao longo de toda a sua trajetória política, inclusive no período da ditadura civil-militar em que Edna Lott exerceu mandato parlamentar. Ao nos debruçarmos nos discursos de Edna Lott na Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara (ALEG), durante os seus dois mandatos, vemos que, em todos esses anos, a petebista fez pelo menos uma homenagem a Getúlio Vargas em suas falas. Obtivemos esse resultado procurando apenas pelo nome do ex-presidente ou de alguma de suas obras nos títulos das falas de Edna Lott, presentes no sumário dos anuais da Assembleia.

Excetuando o ano de 1969, em que as falas dos parlamentares foram sumariamente excluídas dos anais²⁹³, o resultado encontrado foi de 12 discursos de Edna Lott em homenagem a Getúlio Vargas, variando entre as comemorações de nascimento, em abril, e falecimento, em agosto, quando não exaltava as duas datas.²⁹⁴ Se considerarmos os elogios às estatais, como a Petrobrás e a Eletrobrás, a contagem passa para 15 discursos

²⁹³ AL – anais – jan.-dez. – 1969 – vol. LXXIX.

²⁹⁴ Sobre a data comemorativa do nascimento de Getúlio Vargas e o levante do “Gheto de Varsóvia” (AL – anais – abr. – 1963 – vol. XXI); Sobre a data de martírio de Tiradentes e a morte de Getúlio Vargas (AL – anais – abr. – 1963 – vol. XXI); Em memória do Presidente Vargas (AL – anais – ago. – 1963 – vol. XXV); Sobre homenagem à memória de Getúlio Vargas (AL – anais – abr. – 1964 – vol. XXXI); Sobre homenagem à memória do ex-presidente Getúlio Vargas (AL – anais – ago. – 1964 – vol. XXXV); Sobre homenagem da ALEG à memória de Getúlio Vargas (AL – anais – ago. – 1964 – vol. XXXV); Sobre o aniversário do Presidente Getúlio Vargas (AL – anais – abr. – 1965 – vol. XLI); Sobre Getúlio Vargas (AL – anais – abr. – 1966 – vol. LI); Sobre expediente dedicado à memória de Getúlio Vargas (AL – anais – ago. – 1966 – vol. LV); Lembrando o aniversário natalício de Getúlio Vargas a 19 de abril (AL – anais – maio – 1967 – vol. LXII); Registrando o aniversário de morte de Getúlio Vargas (AL – anais – set. – 1967 – vol. LXVI); Sobre Getúlio Vargas (AL – anais – abr. – 1968 – vol. LXX).

exaltando a figura de Getúlio Vargas.²⁹⁵ Era tanto fervor pela figura do ex-presidente que havia espaço até para homenagear o aniversário de 21 anos da Fundação Getúlio Vargas, assim como de lamentar o falecimento de Darcy Vargas, viúva do ex-presidente.²⁹⁶

Como podemos ver, não era apenas o fervor de ambas por seus respectivos pais que possibilitava uma comparação entre essas duas mulheres. Edna Lott, assim como Alzira Vargas, era apaixonada pela figura política de Getúlio Vargas. Nesse sentido, podemos ver ambas como filhas devotas de um mesmo pai simbólico, o pai do nacionalismo, o pai do desenvolvimentismo, o pai do trabalhismo, enfim, o pai do Brasil grande, pujante e independente política e economicamente. No entanto, desde 24 agosto de 1954, essa corrente política se via órfã simbolicamente de um nome que pudesse aglutinar todos esses valores e ideais. O marechal Lott, portanto, surgia como essa figura capaz de encarnar esse arquétipo do “pai”/“Pai”, vago há seis anos. “Para muitos entusiastas, Lott seria”, segundo Carloni, “o verdadeiro herdeiro político de Getúlio Vargas, aquele que iria dar continuidade e proteger os direitos sociais.”²⁹⁷

Importante notarmos que o reconhecimento de Lott como o substituto simbólico de Getúlio Vargas não era uma novidade em 1960. Já na comemoração de um ano do Movimento 11 de Novembro, em 1956, o prefeito de São Paulo, Toledo Pizza, já dizia que: “Com a morte de Getúlio Vargas, abriu-se um hiato na história do Brasil. Seu lugar deve ser ocupado por um *leader*. [...] Esse *leader*, o povo brasileiro aponta neste instante na pessoa do General Teixeira Lott!”²⁹⁸ Aqui Lott e Getúlio Vargas eram comparados enquanto figuras míticas, simbólicas, ocupando o centro da mitologia de determinada

²⁹⁵ Sobre a comemoração do 1º aniversário da Eletrobrás e da Batalha do Riachuelo (AL – anais – jun. – 1963 – vol. XXIII); Sobre o aniversário da Petrobrás (AL – anais – jul. – 1963 – vol. XXIV); Sobre o 10º aniversário da Petrobrás (AL – anais – out. – 1963 – vol. XXVII).

²⁹⁶ Aniversário da Fundação Getúlio Vargas (AL – anais – dez. – 1965 – vol. XLIX); Sobre o falecimento da Srª. Darcy Vargas (AL – anais – jun.-jul. – 1968 – vol. LXXII).

²⁹⁷ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 239.

²⁹⁸ Toledo Pizza apud. CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 179.

corrente política, conferindo às suas filhas um papel igualmente mítico, ainda que bem menor. Representavam o “Pai”, ou seja, todas essas figuras masculinas divinizadas que serviam para ordenar determinada comunidade de sentidos e afetos.

Getúlio Vargas e Lott se tornavam imagetivamente pais de muitos, no caso, de muitos brasileiros. Retornamos mais uma vez à figura da “filha preferida” mitificada, que, diga-se de passagem, era reconhecida como tal publicamente. No início de agosto, Edna Lott receberia uma homenagem prestada por Maria de Lourdes Prestes Maia, em São Paulo. Saudando em nome da mulher paulista, Prestes Maia, uma das líderes da campanha do seu marido - Francisco Prestes Maia, que seria eleito prefeito da cidade de São Paulo, em 1960 -, iniciava seu discurso afirmando que:

É com os sentimentos da mais profunda alegria e da mais intensa vibração cívica que dirijo, neste momento, a minha palavra de saudação à figura respeitável de V. Exa., dona Edna Lott. A Frente Nacionalista de São Paulo, a quem a Pátria comum já deve inúmeros e relevantes trabalhos em favor do bem público, muito se desvanece, orgulha e honra neste momento de grandes decisões nacionais de trazer à terra bandeirante este símbolo de Fé, Trabalho e Inteligência, que conclama a união das mulheres de São Paulo em torno dessa chama de civismo que torna aureolada a efígie respeitável do Marechal Teixeira Lott.²⁹⁹

O reconhecimento de Maria Prestes Maia não era algo pequeno e possuía grande relevância entre as mulheres, principalmente em São Paulo.³⁰⁰ A atriz e professora de teatro teve forte atuação na Federação das Mulheres do Brasil (FMB), movimento feminista criado no final dos anos 1940. Participando a partir da década de 1950, Maria Prestes Maia teve atuação destacada no FMB “em várias ações e como membro da diretoria no Departamento de Assistência Social (1958).”³⁰¹ Após a vitória eleitoral de seu marido, muito por conta de sua atuação, Maria Prestes Maia ainda seria convidada,

²⁹⁹ *O Semanário*, 6-12 de ago. 1960, p. 8.

³⁰⁰ Sobre a vida e a atuação política de Maria Lourdes Prestes Maia ver: MATOS, Maria Izilda Santos de. **Maria Prestes Maia, “a primeira operária de São Paulo”: trajetória, política e cultura**. Cordis. Mulheres na história, São Paulo, n. 12, p. 107-139, jan./jun. 2014.

³⁰¹ MATOS, M. I. S., op. cit., p. 125-6.

em 1961, “para assumir a presidência nacional da entidade.”.³⁰² Embora tenha declinado o convite³⁰³, todo esse breve histórico expõe todo o prestígio e influência que a “primeira-operária de São Paulo”, como gostava de se nomear, possuía naquele momento.

Em sua fala laudatória, vemos como Maria Prestes Maia buscou mitificar a figura de Edna Lott, elevando-a ao posto de ídolo do nacionalismo e das mulheres. Assim a oradora afirmava que:

A Nação inteira já se habituou a ver em V. Exa. um símbolo, a mesmo título que o vosso ilustre pai. Representais, nesta campanha de salvação nacional, a presença da mulher brasileira com todas as suas superiores virtudes e, principalmente, com todo o seu drama de esposa, de mãe e de irmã e de cidadã, integrada nesta pobre e complexa realidade brasileira, sofrendo dia a dia os embates de uma existência difícil e esses dias só podem ser aqueles que nos acenam as forças nacionalistas e democráticas que apoiam o ilustre Marechal Teixeira Lott.³⁰⁴

A mitificação, como discutimos anteriormente, é própria das campanhas eleitorais e dos embates políticos. Sendo assim, mais importante do que o mito e a personagem em questão é percebermos que esse fenômeno nada mais é do que a exacerbação de um determinado modelo, no caso “a filha ideal” ou a “filha preferida”. Mais do que uma imagem divinizada, Edna Lott e Alzira Vargas representavam a “filha dedicada e zelosa”, que, mesmo depois de casada e com filhos, continuava cuidando de seu pai. Nesse emaranhado simbólico, a política não passaria de mais um elemento da vida familiar, como as questões da casa, dos diferentes parentes, das confraternizações, da saúde, do lazer, etc.³⁰⁵ Por se dedicarem intensamente ao cuidado de seus respectivos pais, essas

³⁰² MATOS, M. I. S., op. cit., p. 126.

³⁰³ Ibidem.

³⁰⁴ *O Semanário*, 6-12 de ago. 1960, p. 8.

³⁰⁵ Podemos observar essa imagem mais claramente na correspondência trocada entre Alzira Vargas e seu pai. Entre cartas, bilhetes, mensagens, etc., a vida privada da família e a pública, do país, mesclavam-se em meio a comunicação da filha com seu pai. Para mais ver: **Volta ao poder: a correspondência entre Getúlio Vargas e a filha Alzira, v. 1: 1946-1948**. NOVAES E CRUZ, Adelina; MOREIRA, Regina da Luz. (org.). Rio de Janeiro: FGV: Ouro sobre Azul, 2018; **Volta ao poder: a correspondência entre Getúlio Vargas e a filha Alzira, v. 2: 1949-1950**. NOVAES E CRUZ, Adelina; MOREIRA, Regina da Luz. (org.). Rio de Janeiro: FGV: Ouro sobre Azul, 2018.

filhas, representadas nesse momento por Edna Lott e Alzira Vargas, acabavam participando da política também, mas não apenas. Temos aqui um modelo de feminino, de maneira geral, e de filha, em particular, daquela época.

Por essa razão, podemos supor que o apelido “Alzirinha Bossa Nova” possuía um sentido de renovação de um mesmo modelo de feminino, ligado, mais especificamente, à figura paterna que pleiteava um cargo público eletivo. Em um sentido amplo, Bossa Nova, estilo musical que fazia, em sua época, uma releitura do samba mesclado a influências estrangeiras, pode significar uma inovação da tradição. Por esse motivo, a Bossa Nova ficou muito vinculada à imagem de Juscelino Kubitschek, que era visto como a continuação do varguismo, pelos que se opunham a ele, e como inovador, pelos seus correligionários. Apesar de sair vitorioso na eleição presidencial de 1950, o getulismo já apresentava sinais de esgotamento e de certa disfuncionalidade, naquela década. O caos político, proporcionado pela encarniçada disputa entre getulistas e antigetulistas, só encontraria uma trégua, ainda que momentânea, no governo JK.

Mesmo que a posse de Juscelino Kubitschek também tenha compartilhado dos mesmos ânimos exaltados do segundo governo de Getúlio Vargas, o Brasil conseguiu viver um crescimento econômico acompanhado de uma relativa estabilidade política, durante o governo do pessedista mineiro. Não somente o plano econômico-político proporcionava um entusiasmo com o país. O Brasil também viveu uma grande efervescência cultural expressa nas várias manifestações artísticas, como o Cinema Novo, o Teatro de Arena e a própria Bossa Nova, e também no esporte, com a conquista da primeira Copa do Mundo, em 1958, na Suécia. O desenvolvimento econômico e a relativa estabilidade política eram seguidos de uma revitalização de uma “brasilidade”, deixando para trás conceitos e valores em voga nas décadas anteriores.

Por tudo isso, podemos compreender o gracejo “Alzirinha Bossa Nova” como a renovação da tradição do nacional-estatismo na figura do marechal Lott, naquela nova década que se iniciava. O candidato pessedista, como nos mostra Carloni, utilizou e defendeu frequente e entusiasmadamente os governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, ao longo de sua campanha presidencial, apresentando-se, de certa maneira, como o sucessor dos dois últimos presidentes eleitos antes de 1960.³⁰⁶ Nos desejos e esperanças do nacionalismo de esquerda, poderíamos afirmar que o marechal surgia como uma figura capaz de representar uma síntese dos pontos positivos dos dois últimos presidentes da República, caso fosse eleito.

Se o getulismo se mostrava decadente no final da década de 1950, o “lottismo” poderia supostamente substituí-lo. Se Juscelino Kubitschek também deixava a presidência da República em baixa, devido à crise econômica produzida pelas grandes obras de seu governo, Lott poderia representar a permanência do que era bom nos anos JK. Dentro desta síntese sonhada, em que Lott figuraria como centro norteador de um novo arranjo político, tanto no nível material, quanto simbólico, Edna Lott teria grandes possibilidades de produzir e sustentar, em grande parte, a nova comunidade de sentidos e afetos entre o novo “líder” e as “massas populares” que o nacionalismo de esquerda almejava reconstruir.

De qualquer maneira, não somente Lott não venceria aquela eleição presidencial, como o marechal não nutriria grandes interesses em continuar na política após a realização daquele pleito. Por esse motivo, o desenvolvimento da trajetória política de Edna Lott ganharia crescente autonomia frente à figura de seu pai. No dia 17 de novembro de 1960, o *Jornal do Brasil (JB)*³⁰⁷ dava relevo às novas disposições políticas do

³⁰⁶ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 235-49.

³⁰⁷ Fundado em 9 de abril de 1891, o *Jornal do Brasil* possuiu várias linhas editoriais, assim como foi vendido diversas vezes, até se tornar um grande jornal a partir de 1961. Durante a década de 1950, o *JB* buscou se reformular, apostando na possibilidade de deixar de ser um matutino para se tornar um grande

marechal, enfatizando no título, “Lott festeja aniversário entre poucos que lhe foram levar votos de ventura”, o abandono político do candidato pessedista após sua derrota eleitoral.³⁰⁸ Finalizando essa matéria, o *Jornal do Brasil* também destacaria a posição política de Edna Lott, com o subtítulo “Edna continua”.³⁰⁹

“A Sr.^a Edna Lott, filha do Marechal, que se destacou em sua campanha eleitoral, trabalhando no Movimento Nacionalista, era a única pessoa”, relatava o *Jornal do Brasil*, “a falar de política no Nosso Cantinho.”³¹⁰ Após apresentar a grande diferença de Edna Lott em relação aos seus familiares e convidados quanto à política, o *JB*, antes de citar uma longa fala da líder nacionalista, reincorporava Edna Lott à sua família. “Foi ela também que, acabando o disco – **Parabéns a você**, que tocava enquanto o aniversariante partia o bolo, gritou um ‘Viva, papai’, que foi aplaudido pelos presentes”.³¹¹ Essa tensão entre tradição familiar e política, como vimos ao longo desse capítulo e como veremos nos próximos, prosseguiria ao longo da militância de Edna Lott.

O *Jornal do Brasil* terminaria essa matéria com uma fala de Edna Lott, que poderíamos definir como uma espécie de justificativa e autocrítica pela derrota eleitoral e de uma declaração de que ela, apesar da saída de seu pai, continuaria na política.

Papai se afastou realmente da política. A candidatura foi mesmo um sacrifício para ele. E sua derrota foi decretada pelo terreno de dinheiro na campanha do adversário. A campanha de Lott foi a mais pobre das três. Além disso, ele não transigia para fazer demagogia, e um pouco de demagogia é necessário. Ele parou, mas eu continuo o trabalho, no Movimento Nacionalista. Tenho viajado, falado em comitês de diversas cidades do Brasil. A luta nacionalista continua, afirmou ela.³¹²

jornal. Geralmente de orientação moderada, ao longo de sua história, o *JB* se manteria equidistante das disputas políticas dos anos 1950. Em 1955, não apoiou JK nem Juarez Távora. Em 1960, também não apresentaria uma preferência muito clara por nenhum dos candidatos. JORNAL DO BRASIL. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-brasil>. Acesso: 12 de jan. 2019.

³⁰⁸ *Jornal do Brasil*, 17 de nov. 1960, p. 4.

³⁰⁹ *Jornal do Brasil*, 17 de nov. 1960, p. 4.

³¹⁰ *Jornal do Brasil*, 17 de nov. 1960, p. 4.

³¹¹ *Jornal do Brasil*, 17 de nov. 1960, p. 4.

³¹² *Jornal do Brasil*, 17 de nov. 1960, p. 4.

Como podemos ver, Edna Lott colocava que a razão para a derrota eleitoral era devido ao maior financiamento da campanha de seu adversário, isto é, ocorrera pelo dinheiro e não pelas ideias. A líder nacionalista também reconhecia a falta de destreza de seu pai no jogo político. “Nas recordações de alguns que presenciaram a campanha política de 1960, é comum”, afirma Carloni, “surgirem exemplos da inabilidade política de Lott.”³¹³ “O oficial demonstrava”, continua Carloni abordando a percepção de muitos dos correligionários do marechal, “um perfil rígido e pouco trato com os políticos de carreira e as questões polêmicas da época”.³¹⁴ Podemos entender, portanto, que essa *mea culpa* possuía o intuito de não deixar que os apoiadores políticos de Lott não se afastassem muito após a derrota eleitoral.

“A construção da imagem de um candidato ‘trapalhão’, com ‘falta de jogo de cintura’, é muito mais intensa”, como esclarece Carloni, “no discurso daqueles que, na época, pertenciam justamente aos partidos políticos que pouco fizeram pela vitória do ex-ministro da Guerra”³¹⁵; sendo que nessas “memórias quase não se referem ao abandono político e a conseqüente falta de verbas como importantes dificuldades enfrentadas durante a campanha.”³¹⁶ Assim, se a matéria do *Jornal do Brasil* mostrava o abandono sofrido por Lott após a eleição presidencial de 1960, podemos perceber também que Edna Lott fazia um aceno a esses setores que ainda não haviam se afastado totalmente do projeto lottista.

A declaração de Edna Lott servia bem como uma espécie de autocrítica da campanha e/ou uma crítica muito amena à figura de seu pai, fazendo uso, inclusive, de uma suposta “ingenuidade feminina” ao afirmar que “ele não transigia para fazer demagogia, e um pouco de demagogia é necessário.”. Edna Lott, mostrando maior

³¹³ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 252.

³¹⁴ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 252-3.

³¹⁵ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 252.

³¹⁶ *Ibidem*.

desenvoltura que seu pai, compactuava de certa maneira com o modo de se fazer política da época. Aparentando certa inocência, a vista grossa a demagogia era uma forma de Edna Lott dizer que entendia quais eram as regras do jogo político e que sabia jogá-lo. Apesar disso, mesmo que o marechal tenha parado e Edna Lott tenha continuado na política, a atuação política da líder nacionalista jamais se desprenderia completamente da sua filiação parental.

Cap. II

Os embates, os limites e as vigilâncias políticos: reerguendo a campanha presidencial e o turbulento governo Jânio Quadros (1960-1961)

Neste capítulo II, buscamos analisar os embates políticos travados por Edna Lott para manter e garantir suas posições políticas. Edna Lott, antes de consolidar seu nome como parlamentar guanabarina, teve que assegurar o estreito espaço político, que a sociedade brasileira lhe permitia naquela época, enfrentando próceres da política, aliados e adversários, para poder sustentar suas posições. Os confrontos vividos por Edna Lott dentro da campanha presidencial (seção 1 e 2), as suspeitas de “comunismo” (seção 2) e as disputas com Jânio Quadros (seção 3 e 4), mostram-nos as margens e os limites da participação política de uma mulher naqueles anos 1960. Por enfrentar essas limitações em uma escala muito acentuada, a biografia de Edna Lott se aproxima, nesse capítulo, dos *casos extremos*. “Nesse caso, o contexto não é percebido em sua integridade e exaustividade estáticas, mas por meio de suas margens. Descrevendo os casos extremos, lança-se luz”, segundo Giovanni Levi, “precisamente sobre as margens do campo social dentro do qual são possíveis esses casos.”³¹⁷

³¹⁷ LEVI, G., op. cit., p. 176-7.

1. Conflitos e disputas na campanha presidencial: os limites do arquétipo político da “filha preferida”

Desde quando foi escolhido como candidato presidencial do PSD, Lott encontrou grandes resistências internas dentro do partido. Como vimos no capítulo anterior, a candidatura do então ministro da Guerra foi uma vitória da Ala Moça, facção pessedista minoritária, sobre a oligarquia do partido. Esse resultado só foi possível graças à atuação do presidente Juscelino Kubitschek, que, não querendo fortalecer potenciais rivais pessedistas nas eleições presidenciais de 1965, passou a boicotar todos os possíveis candidatos do partido ao cargo de presidente da República e de governador de estados importantes, como São Paulo e Minas Gerais.³¹⁸ Nos cálculos de Juscelino Kubitschek, perder a eleição de 1960, passando todo o ônus econômico advindo dos gastos públicos de sua administração para a oposição, era fundamental para que ele fosse novamente eleito presidente em 1965.

Pensando no futuro, JK impediu que qualquer quadro do PSD surgisse com força para pleitear a vaga de candidato do partido, em 1960. Como resultado desse boicote promovido por Juscelino Kubitschek, coube a Lott a incumbência de ser o “candidato do governo”. No entanto, se Lott se viu livre das sabotagens de JK nas prévias do partido, o marechal passaria a enfrentar essas dificuldades, proporcionadas pelo então presidente da República, durante a campanha presidencial. Ao longo daquela eleição, a candidatura Lott sofreria substancialmente com o esvaziamento político promovido pelas cúpulas partidárias do PSD e PTB.³¹⁹ Curiosamente, esse comportamento das cúpulas partidárias não preocupou Lott, mesmo alertado por seus correligionários de campanha.³²⁰ Para o marechal, pouco interessado nas questões da política civil, sua campanha estava

³¹⁸ HIPPOLITO, L., op. cit., p. 240-53.

³¹⁹ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 249-52. Sobre a atuação do PTB nesse pleito ver: DELGADO, L. A. N., *PTB: do Getulismo ao Reformismo*, p. 151-63 e 196-208.

³²⁰ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 250-1.

cumprindo o seu propósito de sacrifício pela pátria, mesmo que isso representasse sua derrota eleitoral.

Quem não iria se satisfazer com tal posição seria justamente sua filha, Edna Lott, que começaria por atacar o ministro da Fazenda de Juscelino Kubitschek. No final de janeiro, em um comício no bairro de Santa Helena, em Porto Alegre, em determinado momento de seu discurso, Edna Lott declarava que “meu pai, nosso candidato ao futuro governo cem por cento nacionalista, não tem qualquer responsabilidade nos equívocos da política econômico-financeira de nossos dias” porque o “Marechal Teixeira Lott nunca foi ministro da Fazenda nem presidente do Banco do Brasil”.³²¹ “Sabemos que a política econômico-financeira ora adotada em nossa Pátria é a única responsável por esta situação”³²², dizia ainda nesse discurso, e, defendendo a atitude corajosa do presidente da República de se levantar contra o Fundo Monetário Internacional (FMI) e criticando os grupos políticos que se rebelaram contra essa atitude do presidente, afirmava que “os grupos econômicos externos que acreditam ser possível reverter o Brasil à condição de colônia, são ajudados por esses maus brasileiros”.³²³

Um tanto genérica a primeira crítica de Edna ao governo Juscelino, em que poupava o presidente, mas não seus comandados, esse discurso causou certo frisson no governo JK, ficando “atravessado, como espinha de peixe, na garganta dos homens do Catete”, que fez com que o “Mar. Lott desse um terno puxão de orelhas na filha”³²⁴, segundo *O Cruzeiro*. O mal-estar gerado com essas declarações foi superado com a justificativa de que Edna havia recebido aquele discurso de última hora, sem tê-lo lido antes de proferi-lo. Para evitar que algo semelhante ocorresse novamente, Edna passaria a dispor de assessores que preparariam os discursos e arrefeceriam “um pouco seu fervor patriótico”

³²¹ *Novos Rumos*, 5 a 11 de fev. 1960, p. 6.

³²² *O Semanário*, 6 a 12 de fev. 1960, p. 12.

³²³ *O Cruzeiro*, 27 de fev. 1960, p. 121.

³²⁴ *O Cruzeiro*, 27 de fev. 1960, p. 121.

e resfriariam “outro tanto o seu ardente sangue nacionalista”.³²⁵ No entanto, essa suposta solução não duraria por muito tempo. Pouco tempo depois, Edna Lott voltaria à carga contra a política econômica e financeira do governo JK, só que dessa vez com ataques mais precisos.

No dia 24 de maio, em uma reunião de Lott com intelectuais na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Rio de Janeiro, Edna Lott declarou que havia uma autoridade que estava sabotando a candidatura de seu pai e de João Goulart e, após grande comoção de pedidos para que citasse o nome da autoridade, Edna “declarou, com entusiasmo, que era o sr. Sebastião Paes de Almeida, ministro da Fazenda. Recebeu, por isso, prolongadas palmas.”³²⁶ Tal declaração causaria “profunda repercussão em todas as camadas políticas, principalmente nos setores governistas.”³²⁷, forçando o ministro da Fazenda a lançar uma nota negando que a acusação no dia seguinte à publicação da notícia nos jornais.³²⁸ A nota, emitida por Sebastião Paes de Almeida à imprensa, relatava o que ele vinha fazendo como ministro e terminava afirmando que seus princípios eram os mesmo do marechal Lott e terminava, segundo os círculos políticos ligados ao ministro da Fazenda, dando o caso por encerrado.³²⁹

Apesar dos desejos de Sebastião Paes de Almeida de que esse assunto terminasse rapidamente, não seria isso que aconteceria. Em 27 de maio, Edna autorizaria seus porta-vozes a declarar que estava “coligindo material para documentar suas acusações ao ministro da Fazenda”³³⁰ e, já no dia seguinte, 28 de maio, o Movimento Nacionalista encamparia as acusações de Edna Lott, passando a fazer campanha pela demissão do

³²⁵ *O Cruzeiro*, 27 de fev. 1960, p. 121.

³²⁶ *Correio da Manhã*, 25 de maio 1960, capa.

³²⁷ *Correio da Manhã*, 26 de maio 1960, capa.

³²⁸ Essa discussão continuou no *Correio da Manhã* do dia 26 de maio de 1960, capa.

³²⁹ *Correio da Manhã*, 26 de maio 1960, capa; *Correio da Manhã*, 27 de maio 1960, p. 7.

³³⁰ *Correio da Manhã*, 27 de maio 1960, p. 7.

ministro Sebastião Paes de Almeida e pela posse do deputado Ovídio de Abreu.³³¹ “Interrogado sobre o ‘caso Edna Lott’,” Sebastião Paes de Almeida, informava o *Correio da Manhã*³³², no dia 29 de maio, “pouca coisa acrescentou ao afirmar que ‘os ministros de Estado são mandatários de confiança do presidente da República e devem estar, e estão sempre, como demissionários’.”³³³

As tentativas do ministro da Fazenda de diminuir a proporção das acusações de Edna Lott continuariam fracassando, cada vez se somando novos atores políticos nessa polêmica e pedindo a exoneração de Sebastião Paes de Almeida. No dia 30 de maio, em um comício em Santo André, São Paulo, o vereador Jurandir Alécio do PTB faria coro com o Movimento Nacionalista, tecendo severas críticas ao ministro da Fazenda, chamando-o de “entreguista, sabotador e elemento indesejável ao nacionalismo”.³³⁴ Esse evento possui certa importância se considerarmos que o comício contava com as presenças do ministro do Trabalho, João Batista Ramos (PTB-SP), e Edna Lott, acusadora do ministro da Fazenda. O cerco a Paes de Almeida continuaria ainda por um tempo, chegando o ministro da Fazenda a pedir demissão ao presidente Kubitschek.³³⁵ Enquanto JK negava o pedido de demissão, o deputado federal Osvaldo Lima Filho, líder do PTB na Câmara, prosseguia na artilharia contra Sebastião Paes de Almeida, referindo-se ao

³³¹ *Correio da Manhã*, 28 de maio 1960, capa.

³³² O *Correio da Manhã*, de linha liberal, foi o grande jornal da IV República. Detendo todas as características do liberalismo brasileiro – conservador, reacionário, elitista -, o jornalão apresentaria algumas contradições ao longo de sua história, como, por exemplo, ter apoiado o manifesto dos coronéis, a república do Galeão e a derrubada de Getúlio Vargas e, um ano depois, ter apoiado o contragolpe militar de 1955. Durante o governo JK, o *Correio da Manhã* apresentaria uma linha dúbia, apoiando alguns pontos do governo, opondo-se a outros. Em 1960, o *Correio da Manhã* se manteve equidistante da disputa presidencial, não apoiando nenhum dos dois principais candidatos. O *Correio da Manhã* continuaria a ser o grande jornal brasileiro, durante a década de 1960, no entanto, embora tenha apoiado o golpe de Estado de 1964, o jornal, ao entrar em confronto com o fechamento do regime militar em finais daquela década, perderia, gradativamente, sua força e poderio até fechar em 1974. CORREIO DA MANHÃ. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-da-manha>. Acesso em: 12 de jan. 2019.

³³³ *Correio da Manhã*, 29 de maio 1960, p. 4.

³³⁴ *Correio da Manhã*, 31 de maio 1960, p. 10.

³³⁵ *Diário da Noite*, 1º de jul. 1960, p. 3.

ministro da Fazenda como sabotador e traidor do governo, o que era endossado também pelos sindicatos.³³⁶

A reação da imprensa às acusações de Edna Lott não tardaria, vindo prontamente em defesa de Sebastião Paes de Almeida. Nelson Werneck Sodré, partidário da candidatura Lott, relata brevemente o ataque que a imprensa conservadora passaria a mover contra Edna Lott, em seu livro de memórias, *A ofensiva reacionária*, em que buscava dirimir as polêmicas em torno do ISEB, naqueles anos anteriores ao golpe de Estado. Justificando sua participação na campanha do marechal Lott, Nelson Werneck Sodré se defendia da acusação da imprensa conservadora de ter escrito as acusações proferidas por Edna Lott ao ministro da Fazenda.³³⁷

A crise mais séria surgiu quando, falando na ABI, a sra. Edna Lott, filha do candidato, denunciou a traição. Estava cheia, naturalmente, dos episódios sucessivos e graves, fatos concretos, indesmentíveis, em que extensas áreas do Governo, com a conivência, o beneplácito ou a omissão do Presidente, ajudavam o candidato dito de oposição, em cuja vitória as forças reacionárias estavam profundamente empenhadas.³³⁸

Admitindo que a “sra. Edna Lott participava do Movimento Nacionalista, a que eu pertencia”, Nelson Werneck Sodré negava qualquer proximidade com a líder nacionalista, afirmando que: “Claro que acompanhávamos, tanto quanto possível, as atividades da sra. Edna Lott, que participava da direção colegiada daquele Movimento.”; mas que: “Creio, entretanto, que nenhum dos elementos da referida direção teve conhecimento prévio do que ocorreria na ABI.”³³⁹ Procurando se afastar desse episódio, Nelson Werneck Sodré afirma que: “Eu não soube senão quando o fato estava consumado: a sra. Edna Lott

³³⁶ *Diário da Noite*, 1º de jul. 1960, p. 3.

³³⁷ WERNECK SODRÉ, N., op. cit., p. 139-44.

³³⁸ WERNECK SODRÉ, N., op. cit., p. 138.

³³⁹ *Ibidem*.

acusara de público o ministro da Fazenda, Sebastião Paes de Almeida, de financiar a candidatura Jânio Quadros, de ajuda-la, utilizando-se do cargo para isso.”³⁴⁰

Mesmo amenizando as declarações da líder nacionalista, afirmando que a “sra. Edna Lott apenas exteriorizara, de público, em insopitável impulso de revolta, aquilo que todos sabiam e comentavam. Era compreensível”, segundo o militar, “o seu gesto, tanto mais que, além de partidária, era filha do candidato que estava, de há muito, sofrendo vilania insuportável, conservando-se sereno.”; Nelson Werneck Sodré nos concede uma pequena amostra de como foi a reação da imprensa às acusações de Edna Lott a Sebastião Paes de Almeida, ao afirmar que: “Essa declaração, partindo de quem partia, teve escandaloso eco, que a oposição aproveitou ao máximo, transformando pequeno episódio em vastíssimo bolo, que saboreou largamente.”³⁴¹

Esse vastíssimo bolo, que Nelson Werneck Sodré se refere, deveu-se ao fato de que a imprensa conservadora pró-Lott se juntou aos periódicos contrários ao marechal, após as acusações de Edna Lott. Apesar do episódio ser minorado pelo militar nacionalista, alguns jornais começaram uma artilharia pesada contra Edna Lott. A pressão foi tamanha que obrigou Lott a mudar, sucessivas vezes, de posição em relação ao episódio. Em 27 de maio, o *Diário Carioca* publicava uma fala de Lott, em uma nota intitulada “Edna é responsável”, em que dizia: “Minha filha é maior de idade e sabe o que faz. Até hoje não tive motivos para lamentar ou me surpreender com suas atitudes.”³⁴² No dia seguinte, 28 de maio, o *Última Hora* informava, em sua nota “Edna é responsável”, uma declaração similar do marechal. “Minha filha é de maior idade, e em consequência, responsável pelos seus atos. Respeitando esta condição nada tenho a censurá-la pelo que faz e pelo que diz.”³⁴³

³⁴⁰ WERNECK SODRÉ, N., op. cit., p. 138-9.

³⁴¹ WERNECK SODRÉ, N., op. cit., p. 139.

³⁴² *Diário Carioca*, 27 de maio 1960, p. 1.

³⁴³ *Última Hora*, 28 de maio 1960, p. 6.

Se Lott apoiava a líder nacionalista publicamente, esse respaldo não duraria muito tempo. Em 29 de maio, o *Jornal do Brasil* escrevia que “H. Lott elogiou Paes de Almeida, mas disse discordar do Ministério da Fazenda por não pagar as dívidas da União com os Institutos de Previdência. Tentava desfazer a má impressão deixada pelos ataques da filha, Edna Lott.”³⁴⁴ Se o *JB* era sutil em mostrar um reposicionamento do candidato pessedista, o *Jornal do Commercio* seria mais explícito. Publicando no mesmo dia, 29 de maio, a matéria “Lott declarou que só age diretamente”, com o subtítulo “Recebeu com surpresa a acusação contra o Ministro da Fazenda”, o *Jornal do Commercio* citava uma declaração de Lott.

Quero afirmar – disse o Marechal – que esses nossos concidadãos, que abusam do direito de insultar-me, sabem perfeitamente que, quando tenho que agir, assumo inteira responsabilidade pelos meus atos e pelas minhas palavras. Jamais iria servir-me de um intermediário para fazer declarações dessa natureza.³⁴⁵

A matéria do *Jornal do Commercio* terminaria com outra citação do marechal. “Para mim, foi uma surpresa – adiantou o Marechal – porquanto absolutamente não tínhamos tratado deste assunto, anteriormente. Não sou homem para colocar-me atrás de uma saia, mesmo que seja saia de pessoa da minha família.”³⁴⁶ O *Diário Carioca*, na sua edição do dia 29-30 de maio, faria coro com o *Jornal do Commercio*, publicando uma curta nota citando uma declaração parecida do ex-ministro da Guerra. “Ela disse aquilo porque quis dizer; eu não mandei. Quando quero dizer as coisas, não mando. Jamais me serviria de intermediários, jamais me colocaria atrás de saias, mesmo que estas fossem de minha filha’ – frisou o candidato da aliança PSD-PTB.”³⁴⁷

³⁴⁴ *Jornal do Brasil*, 29 de maio 1960, p. 3.

³⁴⁵ *Jornal do Commercio*, 29 de maio 1960, p. 3.

³⁴⁶ *Jornal do Commercio*, 29 de maio 1960, p. 3.

³⁴⁷ *Diário Carioca*, 29-30 de maio 1960, p. 1.

O *Jornal do Brasil*, nessa primeira polêmica da campanha pessedista protagonizado por Edna Lott, apresentaria a crítica mais acerba, entre os periódicos, em seu artigo “Emoção e Linguagem”, publicado no dia 4 de junho.

Afirmando que filha de candidato também tem direito a instabilidade emocional, o Sr. Henrique Lott, candidato do PSD (e, ao que dizem, também do PTB) à Presidência da República, declarou-se contrário ao pronunciamento da Sr.^a Edna Lott sobre o Sr. Paes de Almeida, Ministro da Fazenda. Tudo indica que o Sr. Lott tem esperanças de que a Sr.^a Dirce Maria Quadros passe a dar opiniões sobre o Sr. Magalhães Pinto ou sobre o Sr. Carlos Lacerda, de maneira a criar uma crise na UDN que venha a perturbar as relações daquele partido com o seu pai, Sr. Jânio Quadros. Mas o Marechal Lott, ao tratar o incidente criado por sua filha, disse que ao ouvir os ataques que ela fazia chegou a pensar em levantar-se e desautorizá-la, publicamente. Não o fez porque julgou que sua atitude seria chocante.³⁴⁸

O machismo do periódico, como podemos notar claramente, sobejava na matéria. A mulher figurava nesse texto do *Jornal do Brasil* como totalmente incapacitada de participar da política e, quando o fazia, acabava por gerar todas essas polêmicas e constrangimentos para os homens que estivessem nessa mesma campanha. Além disso, chama-nos a nossa atenção a mudança drástica de posicionamento do marechal em relação às declarações de sua filha. Esse aspecto também foi questionado pelo *Jornal do Brasil* nessa matéria, que aproveitava para aumentar a distância entre Lott e os comunistas e seus veículos de imprensa. Na matéria “No encontro de Lott com intelectuais: Paes de Almeida sabota Lott”, publicada pelo jornal do PC, na edição de 27 de maio a 2 de junho, o *Novos Rumos* informava que a reação da audiência na ABI, após Edna Lott afirmar que era o ministro da Fazenda quem boicotava a campanha de seu pai, foi de grande entusiasmo.

“De novo, e ainda com maior entusiasmo, a assistência se pôs de pé e aplaudiu. O marechal Lott, sentado à mesa, assentiu com a cabeça.”³⁴⁹ Era a mudança discrepante do

³⁴⁸ *Jornal do Brasil*, 4 de jun. 1960, p. 3.

³⁴⁹ *Novos Rumos*, 27 de maio-2 de jun. 1960, p. 3.

assentimento ao choque de Lott que o *Jornal do Brasil* questionava, em sua matéria “Emoção e Linguagem”.

Se foi esse o caso, por que o Sr. Lott não deu, logo em seguida, uma nota à imprensa, para impedir que o incidente tivesse tanta repercussão? Também não se pode deixar de recordar que publicações de tendência nacionalista ou comunista, narrando o encontro do Sr. Lott com os intelectuais que o apoiam, afirmaram que ele movia a cabeça, de maneira aprovadora, enquanto a sua filha acusava o Sr. Paes de Almeida. É claro que entre o que afirma o Sr. Lott e o que dizem tais publicações temos muito mais confiança no que diz o Marechal, que é um homem honrado. Mas o Marechal ainda deve uma explicação ao público, a respeito do que afirmaram os semanários que o apoiam.³⁵⁰

A polêmica com Paes de Almeida ainda seguiria por mais um tempo. Mesmo que, como vimos, Nelson Werneck Sodré identifique esse entrevero como a principal crise da campanha Lott, a líder nacionalista continuaria seus ataques às cúpulas partidárias do PSD e do PTB, no intuito de conseguir o apoio delas a campanha presidencial de seu pai. Buscando arrefecer os ânimos, Juscelino Kubitschek resolveu interceder na questão. Após um convite oficial de Juscelino à Edna Lott, em Brasília³⁵¹, o caso Paes de Almeida começou a ser definitivamente superado. No entanto, a paz na campanha presidencial não se manteria por muito tempo. As baterias de Edna Lott e dos nacionalistas se voltariam agora contra o próprio Juscelino Kubitschek e João Goulart.

Em novo discurso na ABI, proferido no início de julho e contando com a presença de João Goulart, Edna Lott atacava agora o continuísmo e a apatia das cúpulas partidárias em relação à campanha de seu pai.³⁵²

O continuísmo está nas protelações, particularmente dos casos estaduais, como o de Minas, perturbada quando parecia tão clara, como o da Guanabara, onde aparecem candidatos de toda ordem, separados por ventos estranhos, introduzidos por mágica nas composições, destinadas a entrar a solução; está nas omissões pretensiosamente cautelosas, na espera de misteriosas palavras de ordem, na retenção de verbas ministeriais para serviços de

³⁵⁰ *Novos Rumos*, 27 de maio-2 de jun. 1960, p. 3.

³⁵¹ *Jornal do Brasil*, 10 de jun. 1960, p. 4.

³⁵² *Jornal do Brasil*, 10 de jul. 1960, p. 4.

assistência, na manobra que permite dar tratamento preferencial dos governos que optaram por outra candidatura, ou a candidatos cuja tarefa é dividir e enfraquecer e confundir o quadro sucessório; está em ações como aquela de Cabo Frio, em que soldados são postos a serviço de políticos e industriais e em que a bandeira do Divino é confundida com a da subversão; está no acolhimento à investida da HANNA sobre as nossas riquezas minerais, quando o candidato nacionalista já se pronunciou em defesa dessas riquezas; está particularmente (ilegível) de um pessimismo incurável, a respeito da candidatura nacionalista, dita difícil, insustentável, pesada, quando percebe, em todos os cantos do Brasil, as mais inequívocas provas de vitalidade e de apoio popular.³⁵³

O novo libelo de Edna Lott, atacando as cúpulas partidárias de que “havia traidores dentro do PSD e do PTB”³⁵⁴, voltou a convulsionar os movimentos nacionalista e sindical, que passaram a fazer nova pressão sobre os partidos da coligação.³⁵⁵ Irrados com as declarações de Edna Lott, as cúpulas do PSD e PTB, através de João Goulart, Amaral Peixoto e Benedito Valadares, resolveram exigir de Lott o afastamento ou a neutralização de sua filha da campanha eleitoral.³⁵⁶

Há muito as cúpulas partidárias vinham descontentes com a atuação da filha do candidato, entendendo que Edna “trabalha em faixa própria e não presta satisfações a ninguém”, seus comitês nacionalistas eram considerados “uma dor de cabeça permanente para PSD e PTB” e, além de tudo isso, Edna “vai aos Estados sem consultar os chefes locais (como aconteceu em Santa Catarina e está acontecendo agora em Pernambuco), provocando ciúmadadas e ressentimentos.”³⁵⁷ A estratégia das cúpulas partidárias era a derrota de Lott. Para o PSD, importava que Lott perdesse tanto pelo fato dele ser um candidato alheio ao partido, quanto pela estratégia de Juscelino de passar o ônus político e econômico de seu dispendioso governo para a UDN.³⁵⁸ Para o PTB, a derrota de Lott

³⁵³ *Jornal do Brasil*, 10 de jul. 1960, p. 4.

³⁵⁴ *Jornal do Commercio*, 9 de jul. 1960, p. 3.

³⁵⁵ *Jornal do Brasil*, 9 de jul. 1960, p. 4.

³⁵⁶ *Diário da Noite*, 8 de jul. 1960, p. 7.

³⁵⁷ *O Mundo Ilustrado*, 9 de abril 1960, p. 17.

³⁵⁸ HIPPOLITO, L., op. cit., p. 240-4.

não seria nada ruim se João Goulart conseguisse se eleger vice-presidente, eleições que eram desvinculadas na definição da Constituição de 1946.³⁵⁹ Assim, a atuação de Edna Lott desconcertava as cúpulas do PSD e PTB, que haviam praticamente abandonado seu candidato à presidência da República naquela disputa eleitoral.

João Goulart, candidato à vice de Lott, foi quem mais tentou reformular o andamento daquele pleito. Jango, antes de qualquer polêmica, já havia endossado a chapa não oficial Jan-Jan, Jânio e Jango, que surgiu de maneira mais ou menos espontânea devido à falta de competitividade da candidatura Lott.³⁶⁰ Os candidatos favoritos, Jânio Quadros e João Goulart, não viram com maus olhos esse processo de vinculação das duas candidaturas, favorecendo o desenvolvimento dessa campanha não oficial. Os planos políticos do PTB e de Jango caminhavam tranquilamente até a acusação de Edna Lott de que havia traidores nas cúpulas partidárias da campanha do marechal. Essa declaração, proferida na presença do próprio João Goulart, em evento de campanha na ABI, surtiria como um balaço na direção de Jango, tanto por ele ser candidato à vice na chapa com Lott, quanto por ser ele presidente nacional do PTB. Ataque político mais direto não poderia ser dado.

Irado com as declarações de Edna Lott, João Goulart tentou se desfazer dessa campanha de todo jeito. Primeiro, em reunião em sua casa, Jango, Amaral Peixoto e Benedito Valadares decidiram exigir de Lott o afastamento de sua filha da campanha eleitoral.³⁶¹ Não obtendo sucesso, João Goulart resolveu reorganizar a campanha presidencial, lançando-se ele próprio como candidato à presidência da República e Benedito Valadares, vice-presidente, o que não foi aceito por Juscelino.³⁶² A última tentativa de João Goulart foi se incompatibilizar com a eleição. Jango, renunciando à sua

³⁵⁹ DELGADO, L. A. N., *PTB: do Getulismo ao Reformismo*, p. 151-63 e 196-208.

³⁶⁰ DELGADO, L. A. N., *PTB: do Getulismo ao Reformismo*, p. 205.

³⁶¹ *Jornal do Brasil*, 12 de jul. 1960, capa.

³⁶² *Jornal do Brasil*, 12 de jul. 1960, cap.

viagem programada para Genebra, dizia-se disposto a assumir a chefia do governo enquanto JK estivesse em viagem pela Argentina, Chile e Uruguai, tornando-se impedido de participar daquela disputa eleitoral.³⁶³ Tal proposta foi negada por Juscelino Kubitschek, que cancelou sua viagem aos três países do Cone Sul, e, ao mesmo tempo, “enviou ao Rio o Ministro Armando Falcão para obter do Marechal Teixeira Lott o afastamento definitivo de sua filha da campanha eleitoral.”³⁶⁴

Os dois emissários de Juscelino Kubitschek, o ministro da Justiça, Armando Falcão, e o presidente do PSD, Amaral Peixoto, encontraram-se com o marechal Lott para noticiarem que “a questão sucessória continuava inalterada, frustrando as pretensões de João Goulart e seu grupo de abrirem mão da vice-presidência para concorrerem ao cargo máximo da República.”³⁶⁵ Apesar de Edna Lott não ter sido afastada da campanha eleitoral, seus ataques ao governo JK findariam. Edna já tinha conseguido o que queria, a participação ativa das cúpulas partidárias na campanha de seu pai. “Após a definição da manutenção da candidatura Lott, as máquinas eleitorais do PSD e do PTB resolveram atuar juntas em prol da campanha. Visavam”, segundo o *Jornal do Brasil*, “dois objetivos: tornar menos ostensiva a ausência dos dois partidos na campanha e desembaraçar o candidato da rigidez de sua assessoria militar, dinamizando sua campanha.”³⁶⁶

A imprensa também não deixou de notar a nova postura de Edna Lott, que, “mudando sensivelmente sua atuação, compensou as investidas anteriores, após a união em torno do candidato. Falou com simpatia inesperada sobre a candidatura de Jango e disse que Lott ‘continuará as metas do grande Presidente Juscelino Kubitschek’.”³⁶⁷ Além disso, a própria imprensa admitia o papel essencial que Edna Lott desempenhou na

³⁶³ *Jornal do Commercio*, 9 de jul. 1960, p. 3.

³⁶⁴ *Jornal do Commercio*, 9 de jul. 1960, p. 3.

³⁶⁵ *Jornal do Brasil*, 13 de jul. 1960, p. 4.

³⁶⁶ *Jornal do Brasil*, 14 de jul. 1960, p. 4.

³⁶⁷ *Jornal do Brasil*, 14 de jul. 1960, p. 4.

rearticulação das máquinas eleitorais dos partidos que sustentavam a candidatura Lott. Foi o caso do *Jornal do Brasil*, que, em sua matéria *Coisas da Política*, afirmava que o “JB atribui, ‘escrevendo certo por linhas tortas’, a Edna Lott a consecução da rearticulação das cúpulas partidárias em favor da candidatura Lott.”³⁶⁸

Em matéria de exaltação à união da fragmentária candidatura Lott, intitulada “Finalmente a Integração!”, o *Jornal do Brasil* afirmava que a “campanha do Marechal Lott vinha sendo conduzida, como todos sabem, num clima da apatia e omissões inquietadoras.” e que os “partidos de sua coligação não se animavam a dar-lhe o óbvio apoio necessário a uma atuação coerente com os desejos do candidato e a normalidade de uma ação partidária que pudesse apresentar algum rendimento.”³⁶⁹ O torvelinho político produzido por Edna Lott, quebrando a estratégia das cúpulas partidárias de esvaziar a candidatura Lott, revitalizou uma candidatura que se encontrava em seus estertores. Edna Lott, afirmava o *Jornal do Brasil*, havia conseguido rearticular as máquinas partidárias em favor da campanha de seu pai.

Agora, finalmente, parece que as coisas mudaram: fundaram-se órgãos diretores para a campanha dos candidatos Lott-Jango, em âmbito nacional, dividido em Comitê Nacional e Secretariado. Há, assim, algo de burocrático no esquema, mas, de qualquer maneira, trata-se de organismos que ostensivamente já admitem uma posição partidária que, até há pouco, não queriam reconhecer.³⁷⁰

Embora de maneira contrariada, a imprensa reconhecia a importância fundamental de Edna Lott para a ressurreição do candidato Lott. Os elogios pela conquista de Edna eram minorados pelo seu “comportamento”, supostamente impróprio a uma mulher, e que, se fosse um homem, seria motivo de louvação e elogios, apanágios de força, coragem, persistência, sacrifício. Assim, para a rearticulação das forças políticas pró-Lott,

³⁶⁸ *Jornal do Brasil*, 14 de jul. 1960, p. 4.

³⁶⁹ *Jornal do Brasil*, 15 de jul. 1960, p. 3.

³⁷⁰ *Jornal do Brasil*, 15 de jul. 1960, p. 3.

o *Jornal do Brasil* declarava que: “Não terá menos contribuído para a paz pessedista o fato de a Sr.^a Edna Lott já não invectivar a esmo, como vinha acontecendo, ao contrário: a ilustre dama política lançou as suas flores sobre os governantes e adjacências, e deu assim impulso a que as coisas se recompusessem.”³⁷¹ De qualquer forma, a campanha presidencial de Lott ganharia novo fôlego e maior organização política.

Nesses episódios todos, além da tenacidade e a capacidade de Edna Lott de reerguer uma campanha presidencial conscientemente sabotada, chama-nos a atenção a reação dos meios de comunicação à atitude da líder nacionalista. Não seria muito imaginar que um homem, agindo da mesma forma, fosse visto como um “guerreiro”, um “lutador” ou qualquer outro adjetivo de força relacionado à disputa política. Já Edna Lott, como tradicionalmente era/é encarada a participação da mulher na política, era vista como um elemento desestabilizador da campanha presidencial de Lott.³⁷² “Na medida em que uma mulher aspire à atuação no âmbito público, usurpando os papéis masculinos, transmuta-se”, como bem coloca a historiadora Rachel Soihet, “em força do mal e da infelicidade, dando lugar ao desequilíbrio da história.”³⁷³

Era essa “força do mal” que vemos transparecer naquela disputa eleitoral, principalmente através dos periódicos, quando Edna Lott se negou a aceitar a sabotagem da campanha presidencial de seu pai. O aspecto “desagregador”, imputado à participação política das mulheres, seria mais intenso também por conta da representação em que Edna Lott estava envolvida. A polêmica não surgia apenas pelo fato dela ser mulher, mas por Edna Lott ser a filha do candidato presidencial e que, como já colocamos em vários momentos, encarnava o arquétipo da “filha preferida”. Essa representação arquetípica,

³⁷¹ *Jornal do Brasil*, 15 de jul. 1960, p. 3.

³⁷² PERROT, Michelle. **As mulheres, o poder, a história**. In: PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. seleção de textos e introdução Maria Stella Martins Bresciani. trad. Denise Bottmann. 7. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.

³⁷³ SOIHET, R., *História das Mulheres*, p. 263.

sem dúvida alguma, potencializava as acusações a Paes de Almeida e às cúpulas partidárias. “As representações do poder das mulheres”, como bem coloca Michelle Perrot, representam um “imenso tema de investigação histórica e antropológica.”³⁷⁴

Essas representações são numerosas e antigas, mas muitas vezes recorrentes. Elas modulam a aula inaugural do *Gênesis*, que apresenta a potência sedutora da eterna Eva. A mulher, origem do mal e da infelicidade, potência noturna, força das sombras, rainha da noite, oposta ao homem diurno da ordem e da razão lúcida, é um grande tema romântico, e, em particular, de Mozart a Richard Wagner, da ópera. Em *Parsifal*, a busca da “salvação consiste em exorcizar a ameaça que a mulher representa para o triunfo de uma ordem dos homens”.³⁷⁵ (grifos da autora)

Aqui, portanto, vemos a outra face do mito da “filha preferida”, ou seja, aquela responsável pela perda de poder do pai. Vista como conhecedora dos desejos e pensamentos mais íntimos de seu pai, tão profundos que o mesmo não poderia expressá-los em público, Edna Lott sofreria a reprimenda dos jornais conservadores por não ter, supostamente, seguido as ordens de seu pai, exigindo dele uma punição severa para sua filha. Essa foi a razão de os ataques à Edna Lott terem sido tão duros, pois se entendia que a declaração dela expressava um pensamento e uma avaliação de seu pai, que ele não poderia expor em público. Assim, em meio aos embates, polêmicas e pressões políticos, vemos o marechal Lott reprovar severamente sua filha. Na matéria “Grau Zero”, publicado em 11 de julho de 1960 pelo *Última Hora*, o jornal informava que:

Concluindo sua entrevista, o Marechal Lott respondeu a uma pergunta relacionada com um discurso proferido por sua filha, D. Edna Lott, na semana passada, na ABI.

Declarou, então, o candidato nacionalista que não pode ser responsabilizado pelas declarações de sua filha: “Ela não me consulta e eu não a consulto também. Se eu tivesse sido consultado sobre o seu discurso, daria imediatamente grau zero”.³⁷⁶

³⁷⁴ PERROT, M., *As mulheres, o poder, a história*, p. 177.

³⁷⁵ PERROT, M., *As mulheres, o poder, a história*, p. 177-8.

³⁷⁶ *Última Hora*, 11 de jul. 1960, 2.

Com essa declaração, o marechal buscava se distanciar não apenas das declarações de Edna Lott, como também do mito da “filha preferida” que evidencia os desejos e pensamentos mais íntimos de seu pai. Por esse “grau zero” dado à sua filha, o *Diário Carioca* dava, no dia seguinte, “Grau dez a Lott”. Este longo texto do *Diário Carioca* foi dedicado a tentar limar completamente a participação de Edna Lott na campanha presidencial do marechal. Assim, justificando-se de antemão, o jornal iniciava sua repreensão afirmando que:

No Brasil as famílias dos dirigentes políticos sempre participaram, numa extensão dos deveres de solidariedade doméstica, da vida pública de seus chefes. Essa participação raramente tem excedido, porém, os limites de uma assistência moral e de uma cooperação discreta na mobilização eleitoral, que se faz através da organização de comitês femininos, de reunião de senhoras, de chás, enfim, de toda uma gama de atividade social na qual se aliciam simpatias e se consolidam dedicações. Quando se registrou o excesso, sempre houve a mais viva reação da opinião pública.³⁷⁷

Seguindo se justificando, ao colocar que: “Raramente, entre nós, a mulher atingiu por si mesma a carreira política, e quando ela chega a se integrar num partido e a alcançar um mandato, sua atuação não é recebida com qualquer preconceito.”³⁷⁸, o *Diário Carioca* dizia que: “Esse não nos parece ser o caso da senhora Edna Lott, que saiu da obscuridade familiar no momento em que seu ilustre pai teve a sua candidatura à Presidência da República lançada pelos partidos e movimentos populares do país.”³⁷⁹ Após toda essa cautelosa introdução, o jornal definia peremptoriamente qual era o suposto papel e lugar que Edna Lott deveria ocupar na campanha.

Sua presença na campanha de seu pai somente se justifica assim pelo dever de solidariedade familiar, naturalmente alimentado por uma justa e fervorosa admiração pelo homem a cuja sombra se criou e formou. Era de esperar-se que ela conformasse seu trabalho em favor da eleição do marechal às normas com que, de maneira eficiente, esposas, filhas, irmãs e parentas de candidatos

³⁷⁷ *Diário Carioca*, 12 de jul. 1960, p. 4.

³⁷⁸ *Diário Carioca*, 12 de jul. 1960, p. 4.

³⁷⁹ *Diário Carioca*, 12 de jul. 1960, p. 4.

costumam, entre nós, ajudar os chefes de família, sem prejuízo da modéstia e da discrição que devem cercar seus atos.³⁸⁰

O resto da repressão do jornal era basicamente “a queda”, parte comum em muitos mitos, da “filha preferida”. O *Diário Carioca* diria com todas as letras que Edna Lott não possuía nenhum entendimento sobre política e que interpretava incorretamente as ideias de seu pai.

A curta mas agitada história da intervenção de dona Edna Lott nos acontecimentos políticos ligados à candidatura do seu pai está aí a demonstrar o erro em que ela incidiu, pois, não tendo qualificação política, suas palavras, que não brilham pela prudência nem pela serenidade, são a todo momento interpretadas como traduzindo o pensamento paterno. Isso constrange o marechal – pelo menos já ocorreu o fato por duas vezes – a vir de público declarar que a filha não interpretou o pai nem tinha autorização para tanto.³⁸¹

Ainda seguindo o mito da “filha preferida”, o jornal louvava a intervenção de Lott, que, com essa atitude, restaurava a “ordem natural” rompida pela “infração” de sua filha.

O último discurso de dona Edna Lott que, longe de constituir uma ajuda, foi rude provocação contra as associações políticas que apoiam o marechal, gerou problemas desnecessários. Felizmente, os problemas não chegaram a se agravar pela pronta reação do marechal que, convidado a apreciar o discurso de dona Edna, num programa de televisão em Belo Horizonte, declarou que lhe daria grau zero, acrescentando não ter a filha qualquer autorização a falar em seu nome e indo até mesmo ao constrangimento de lembrar que dona Edna, por ser maior de idade, é responsável pelo que diz e faz.³⁸²

Buscando excluir, por um bom tempo, Edna Lott da campanha presidencial do candidato pessedista, o *Diário Carioca* concluía esse artigo dizendo que “Dona Edna pode ajudar o marechal, poupando-lhe o desgosto de declarações como as que se sentiu no dever de fazer em Belo Horizonte.”³⁸³

³⁸⁰ *Diário Carioca*, 12 de jul. 1960, p. 4.

³⁸¹ *Diário Carioca*, 12 de jul. 1960, p. 4.

³⁸² *Diário Carioca*, 12 de jul. 1960, p. 4.

³⁸³ *Diário Carioca*, 12 de jul. 1960, p. 4.

O que pretendemos demonstrar, com essa longa exposição, foi a limitação do arquétipo da “filha preferida”, que, indubitavelmente, não levaria Edna Lott muito mais adiante politicamente. Apesar de servir como um bom ponto de partida, essa personagem política, por outro lado, não possuía um futuro promissor. Edna Lott precisaria, portanto, romper com a figura paterna e com os limites impostos por uma sociedade patriarcal. Evidentemente que essa ruptura não ocorreria instantaneamente, a partir de um único evento. Por essa razão, a trajetória política de Edna Lott, no período de 1960 a 1962, seria marcada por um conflito de maior e menor autonomia política, estando a líder nacionalista ainda muito presa a imagem de seu pai.

2. Um espectro ronda Edna Lott: a intensificação de sua atuação política e a consequente vigilância da imprensa conservadora e da Polícia Política

As disputas e conflitos em torno da campanha presidencial de Lott não ocorreriam apenas devido à atuação de Edna Lott. Na realidade as polêmicas desencadeadas pela líder nacionalista surgiriam mais como surpresas do que como preocupações já bastante estabelecidas. Até aquele momento, nenhum ator político sabia o que esperar da participação de Edna Lott na campanha. Na realidade, não era esperado nada além da tradicional participação de uma mulher na campanha política de seu pai ou marido. Além disso, a principal preocupação dos setores conservadores quanto à candidatura Lott não era bem a atuação destacada de uma mulher na campanha, mas, sim, o apoio dos comunistas ao marechal.³⁸⁴

Dentre os setores conservadores, foram os militares que mais se dedicaram a frustrar a vitória de Lott. Sentimento antigo, que vinha desde novembro de 1955, os militares de direita culpavam Lott por ter permitido uma suposta “infiltração comunista”

³⁸⁴ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 256-60.

nas Forças Armadas, no período em que o marechal foi ministro da Guerra.³⁸⁵ O grau de responsabilidade atribuído a Lott, por esses militares, variava de acordo com a adesão às ideias de direita. Nesse arco interpretativo, o ex-ministro da Guerra figurava desde um “inocente útil” até um “militar ambicioso”, que havia dado um “golpe” em 1955 com objetivos políticos futuros.³⁸⁶ Por essa razão, esses militares de direita viam seus piores medos “serem” confirmados com o apoio do PCB à candidatura Lott, tendo, para amplificar os pavores direitistas, Luiz Carlos Prestes lançado um documento conclamando o voto dos comunistas na chapa Lott-Jango.³⁸⁷

Se não bastasse tudo isso, o “perigo vermelho” se via mais forte do que nunca no país após a vitória da Revolução Cubana no ano anterior, em 1959. O mundo do pós-II Guerra Mundial e início da Guerra Fria veria, rapidamente, grandes vitórias de movimentos de independência nacional, que, logo em seguida, dirigiram-se para o socialismo, como China, Coreia e, o mais importante para o Brasil, Cuba.³⁸⁸ Todas essas experiências independentistas e revolucionárias, que ocorriam antes de qualquer recuperação das grandes potências europeias, acabaram por fortalecer as convicções das direitas brasileiras de que os movimentos nacionalistas de esquerda no Brasil eram, sem mais espaço para nenhuma dúvida, “vinculados ao comunismo internacional”, “influenciados e financiados por Moscou”, etc.

Assim, na concepção das direitas daquele momento, não eram apenas os próprios comunistas que eram comunistas. Todos os outros movimentos de esquerda ou à esquerda eram uma espécie de “criptocomunistas”, ou seja, comunistas “disfarçados”, “infiltrados”, etc. O nacionalismo de esquerda, evidentemente, não fugia à regra. Por esse motivo, Edna Lott, desde o início da sua trajetória política, seria marcada pela suspeita de

³⁸⁵ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 194-212.

³⁸⁶ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 40 e 256.

³⁸⁷ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 256.

³⁸⁸ AARÃO REIS, D., *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*, p. 21-5.

ter relações com os “comunistas”. Na campanha presidencial de Lott, essa “desconfiança” seria alimentada, desde os primeiros meses, pelas acusações, mais ou menos diretas, do coronel Nemo Canabarro Lucas. Um dos principais líderes da campanha do marechal, Nemo Canabarro Lucas era um entusiasta de Lott desde 1955.

Após uma vida participando de guerras na América do Sul e Europa, o coronel se identificou fortemente com a figura de Lott a partir do contragolpe militar, passando a ver no então general um símbolo do nacionalismo e do patriotismo brasileiro.³⁸⁹ Tamanho fervor fez com que Nemo Canabarro participasse da criação e organização da Frente de Novembro, que tinha como bandeiras a defesa da legalidade democrática e o nacionalismo.³⁹⁰ Composta por civis e militares, tendo em suas fileiras petebistas, pessedistas, sindicalistas e comunistas, Nemo Canabarro Lucas acabaria se tornando o principal líder e porta-voz desse movimento.³⁹¹ Somando-se a isso tudo, o coronel possuía um histórico de militância no Partido Comunista e na Aliança Nacional Libertadora (ANL).³⁹² Para as direitas da época, sobretudo militares, esses eram ingredientes mais do que suficientes para verem em Nemo Canabarro Lucas um “oficial comunista”.³⁹³

Muito provavelmente por essas razões, tentando escapar da “pecha” de comunista, Nemo Canabarro Lucas atuou denunciando, aos periódicos, a “infiltração comunista” na campanha do marechal. Entre os principais nomes, apontados pelo coronel, estava o de Edna Lott. Em janeiro de 1960, Edna Lott e Nemo Canabarro viajaram, separadamente, para atividades de campanha no Rio Grande do Sul³⁹⁴; alguns dias depois de intensa

³⁸⁹ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 167-73.

³⁹⁰ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 167.

³⁹¹ *Ibidem*.

³⁹² *Ibidem*.

³⁹³ Sobre a ANL e a tradição anticomunista no Exército ver: **A insurreição da ANL em 1935: o relatório Bellens Porto**. VIANNA, Marly de Almeida Gomes. (org.). prefácio Humbeto Jansen. 1.ed. Rio de Janeiro: Revan, 2015; MCCAN, Frank D. **Soldados da pátria: História do Exército brasileiro, 1889-1937**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007; VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **Revolucionários de 1935: sonho e realidade**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007; CASTRO, Celso. **Intentona Comunista: ascensão e queda de um ritual**. In: CASTRO, Celso. *A invenção do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

³⁹⁴ *Correio da Manhã*, 16 de jan. 1960, p. 10.

atividade em terras gaúchas, Nemo Canabarro afirmava aos jornais que “sra. Edna Lott, de fato, pudesse estar-se mostrando sensível a alguma influência dos comunistas.”³⁹⁵, após Edna ter feito um discurso criticando a atuação do ministro da Fazenda, Sebastião Paes de Almeida, em Porto Alegre.

Recebendo forte reação às suas declarações, como a do secretário do Comitê Nacionalista Estadual Pró-Lott do Rio Grande do Sul, José Gusmão de Andrade³⁹⁶, Nemo Canabarro se viu obrigado a retificar aos jornais o que havia declarado anteriormente. “A campanha de D. Edna Lott, no que toca à sua ação pessoal, tem produzido”, segundo Nemo Canabarro Lucas, “bons resultados. Onde chega, ela é aguardada com apreço. Por sua vez, com sua naturalidade e modo acolhedor no trato com as pessoas que procuram conhece-la, D. Edna estabelece um cerco de simpatia ao redor do nome de seu pai.”³⁹⁷ No entanto, a retratação de Nemo Canabarro se limitaria a exaltar as capacidades afetivas de Edna Lott em se comunicar com o público, mantendo ainda severas críticas à participação da filha do candidato.

Esses ataques não cessariam tão cedo, chegando, inclusive, a transbordarem das páginas dedicadas à política para as páginas de humor. O *Jornal das Moças*³⁹⁸, dedicado a prescrever o “correto” comportamento das mulheres na sociedade, caçoava, entre outros temas, dos ataques de Canabarro à Edna Lott e a Luiz Carlos Prestes. Em uma de suas colunas dedicada a abordar os programas de televisão, “Tele Fatos”, o *Jornal das Moças* comentava que: “O programa ‘Em Poucas Palavras’ está substituindo, como caricatura, os ótimos programas humorísticos de Manoel da Nóbrega” e, entre as encenações

³⁹⁵ *Correio da Manhã*, 28 de jan. 1960, p. 6.

³⁹⁶ *Correio da Manhã*, 2 de fev. 1960, p. 11.

³⁹⁷ *Correio da Manhã*, 4 de fev. 1960, p. 8.

³⁹⁸ Fundado em 1914, o *Jornal das Moças* era uma revista ilustrada de variedades, que circulou até 1965. Era uma revista que, como *O Cruzeiro*, incumbia-se de tratar dos temas do momento mais voltados para o público feminino. *Jornal das Moças*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal_das_Moças. Acesso em: 2 de fev. 2019.

humorísticas desse programa, os escritores do “Tele Fatos” elencavam a apresentação satírica do “coronel Nemo Canabarro, Lotista de sete costados, condenando o sr. Carlos Prestes e Dona Edna Lott”.³⁹⁹ Segundo a coluna, a montagem tripudiando Nemo Canabarro Lucas foi ainda mais engraçada porque “não estava na linha do programa” e, terminando a matéria, indagava “é ou não é um programa engraçado?”.⁴⁰⁰

Piadas à parte, os insistentes ataques de Nemo Canabarro teriam significativa repercussão na imprensa de modo geral, tanto que Edna Lott e Prestes vieram a público, separadamente, afirmar que não se conheciam, nem possuíam nenhum tipo de contato. Questionada pelo *Jornal do Commercio* sobre o que achava das investidas de Nemo Canabarro, Edna respondeu que “seria melhor que o Cel. Canabarro fizesse a campanha dos nossos adversários” e, lançando mão de um famoso provérbio, finalizava: “Livre-me Deus dos Amigos, porque dos Inimigos me livrarei eu.”.⁴⁰¹ Quanto aos comunistas, Edna declarou, segundo o *Jornal do Commercio*, que os encarava “apenas como seres humanos” e, terminando as questões em relação ao tema, sustentava que: “Jamais compareci a comícios ou atos públicos ao lado do Sr. Prestes. Também jamais tive com o referido senhor qualquer contato político ou mesmo pessoal.”.⁴⁰²

Também pressionado pelas intrigas do coronel Nemo Canabarro, Prestes veio a público, através do *Novos Rumos*, responder sobre suas supostas ligações com Edna Lott. Respondendo à pergunta de Helio Polito, sobre “as ligações da Sra. Edna Lott com comunistas e falsos nacionalistas”, Prestes afirmou que: “Não conheço nem nada tenho a ver com as ligações políticas da Sra. Edna Lott, mas o Coronel Nemo Canabarro, que tem mencionado isso, deveria ser o último a falar em falsos nacionalistas, pois ele, com suas

³⁹⁹ *Jornal das Moças*, 16 de jun. 1960, p. 61.

⁴⁰⁰ *Jornal das Moças*, 16 de jun. 1960, p. 61.

⁴⁰¹ *Jornal do Commercio*, 13 de ago. 1960, p. 3.

⁴⁰² *Jornal do Commercio*, 13 de ago. 1960, p. 3.

atitudes divisionistas e seu anticomunismo sistemático, é um deles.”⁴⁰³ Prestes terminaria essa questão, segundo o jornal do PC, afirmando que, embora os comunistas apoiem à candidatura Lott, havia grandes divergências “sobre importantes problemas de interesse nacional que ainda perduram.”⁴⁰⁴.

Durante todo esse imbróglio, Edna Lott não dispensou tanta atenção a Nemo Canabarro Lucas, buscando mais se desvencilhar dessas polêmicas. As críticas da líder nacionalista eram mais direcionadas a outros atores da campanha eleitoral, como Sebastião Paes de Almeida e as cúpulas partidárias do PSD e PTB. No entanto, a atuação de Nemo Canabarro é importante para entendermos a disputa pela hegemonia do movimento nacionalista dentro da campanha do marechal Lott. Enquanto Edna Lott defendia um nacionalismo mais à esquerda, Nemo Canabarro Lucas, por sua vez, representava uma posição nacionalista mais conservadora. Os ataques do coronel à Edna Lott, portanto, eram motivados pela sua preocupação com os rumos que a campanha levava, guiando-se mais pelos ideais do PTB do que do PSD.⁴⁰⁵

Mesmo que essa disputa tenha tomado proporções menores do que aquelas que Edna Lott moveu contra as cúpulas partidárias, as acusações de Nemo Canabarro Lucas teriam efeitos mais duradouros. Embora os dois principais nomes da campanha Lott tenham chegado, eventualmente, a um entendimento; para as direitas que chegariam ao poder com a eleição de Jânio Quadros⁴⁰⁶, em 1960, o “espectro” do comunismo rondaria a líder nacionalista durante toda a sua trajetória política. Esta preocupação surgiria já na campanha presidencial de 1960, quando a pasta da Guerra passaria a ser conduzida pelo

⁴⁰³ *Novos Rumos*, 19 a 25 de ago. 1960, p. 6.

⁴⁰⁴ *Novos Rumos*, 19 a 25 de ago. 1960, p. 6.

⁴⁰⁵ *Correio da Manhã*, 28 de jan. 1960, p. 6.

⁴⁰⁶ Sobre a direita militar, durante toda a década de 1960, ver: CHIRIO, Maud. **A política nos quartéis: revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira**. trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

marechal Odílio Denys. O novo ministro, por sinal, seria o motivo pelo qual Edna Lott e Nemo Canabarro Lucas se entenderiam durante a campanha presidencial.

Ex-comandante do I Exército e um dos principais atores no Movimento 11 de Novembro, o marechal Denys, assim que empossado no Ministério da Guerra, após a saída de Lott para concorrer à eleição presidencial, passou a agir de modo a liquidar o lottismo dentro das Forças Armadas.⁴⁰⁷ Os militares do dispositivo de segurança de Lott passaram a ser, sucessivamente, substituídos por aqueles militares vinculados ao Movimento 24 de Agosto, em um ritmo mais acelerado do que era esperado pelo governo JK.⁴⁰⁸ A política desempenhada pelo novo ministro da Guerra colocava o governo de Juscelino Kubitschek em uma posição delicada. Uma possível demissão do marechal Denys poderia provocar um dano irreparável naquele processo eleitoral, tornando-se, assim, uma medida altamente desaconselhável naquele momento.

A permanência de Odílio Denys, no Ministério da Guerra, significou a liquidação progressiva do lottismo dentro das Forças Armadas, no momento em que o próprio marechal Lott disputava a eleição presidencial.⁴⁰⁹ Essas medidas de Denys reverberariam substancialmente na imagem do candidato pessedista, colocando em xeque o prestígio do ex-ministro da Guerra na corporação militar e influenciando negativamente os eleitores civis. A condução ministerial de Denys acabaria por levar, inevitavelmente, ao rompimento político entre ele e o próprio marechal Lott, estimulado principalmente pelos dois grandes propugnadores da campanha presidencial do ex-ministro da Guerra, Edna Lott e o coronel Nemo Canabarro Lucas.⁴¹⁰

O resultado eleitoral de 1960 não representaria, portanto, apenas uma derrota de Lott no meio civil, mas também no próprio seio militar. Por essa razão, a decisão de

⁴⁰⁷ *O Cruzeiro*, 11 de jun. 1960, p. 118-9.

⁴⁰⁸ *O Cruzeiro*, 11 de jun. 1960, p. 118.

⁴⁰⁹ *O Cruzeiro*, 11 de jun. 1960, p. 118.

⁴¹⁰ *Diário de Notícias*, 30 de abr. 1960, p. 5.

continuar participando da política, por parte de Edna Lott, tornar-se-ia alvo de constantes ataques da imprensa conservadora, principalmente daquela que já era contrária ao ex-ministro da Guerra, e da vigilância das forças de segurança do Estado. Assim, logo no dia 14 de outubro de 1960, há poucos dias da confirmação do resultado eleitoral, o *Tribuna da Imprensa*⁴¹¹ publicava que “D. Edna Lott ainda não reassumiu as funções de professora do Estado, nem reapareceu no Colégio Pedro II, onde também trabalha.”⁴¹² O jornal, que publicou essa informação em sua coluna de grande repercussão, “Vozes da Cidade”, em sua segunda página, insinuava que Edna Lott não havia retornado ao seu trabalho por receber pensão militar pelo seu marido falecido e, além disso, em uma atitude mais sórdida, o *Tribuna da Imprensa* afirmava que Edna Lott era “ainda funcionária de uma autarquia, cujo nome é mantido em segredo.”⁴¹³

Ainda que este suposto segredo nunca tenha sido revelado ou encontrado pelo jornal, não seria esse o único ataque político que Edna Lott sofreria da imprensa conservadora. A vigilância de sua atuação política após a eleição presidencial só estava começando. Antes de terminar o ano de 1960, em duas publicações próximas uma da outra, o igualmente conservador *Diário da Noite*⁴¹⁴ continuava o cerco à atuação de Edna Lott. Em sua coluna “Para seu controle”, página com formatação de ficha de polícia

⁴¹¹ *Tribuna da Imprensa* foi um jornal fundado pelo jornalista e político Carlos Lacerda, em 27 de dezembro de 1949. Panfletário e virulento, o *Tribuna da Imprensa* defendia de maneira extremada o liberalismo brasileiro, seguindo, como dissemos em outra nota, à risca a tradição liberal brasileira, isto é, elitista, reacionária, conservadora e, durante a Guerra Fria, pró-Estados Unidos. Esse jornal também fazia uso recorrente de mentiras para atacar adversários políticos, sendo assim conspicuamente utilizado por seu principal proprietário, Carlos Lacerda, para alavancar sua carreira política. TRIBUNA DA IMPRENSA. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tribuna-da-imprensa>. Acesso em: 12 de jan. 2019.

⁴¹² *Tribuna da Imprensa*, 14 de out. 1960, p. 2.

⁴¹³ *Tribuna da Imprensa*, 14 de out. 1960, p. 2.

⁴¹⁴ *Diário da Noite*, fundado em 1929, foi um dos primeiros periódicos do barão da mídia Assis Chateaubriand. De linha liberal, apoiou o Getúlio Vargas da Aliança Liberal, no final da década de 1920 e início de 1930, e passou a se contrapor a Vargas com o fim do Estado Novo, fazendo algumas críticas no período ditatorial. Como já dissemos em outras duas notas, a tradição liberal no Brasil é marcadamente elitista, conservadora, quando não reacionária, e excludente. DIÁRIO DA NOITE. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-da-noite>. Acesso em: 12 de jan. 2019.

secreta, o jornal *Diário da Noite* publicava, em 25 de novembro de 1960, que: “Círculos militares e civis estão atentos às conversas da sra. Edna Lott com o governador Leonel Brizola”.⁴¹⁵ Segundo o jornal, Edna Lott teria ido à Porto Alegre no dia 20 de novembro e conversado “nada menos de quatro horas com o governador.”⁴¹⁶ “Nada disse desse encontro.”⁴¹⁷, terminava o *Diário da Noite*.

Em outra publicação, na mesma coluna “Para seu controle”, o *Diário da Noite* trazia a informação, em uma nota intitulada “Edna não quer mudança”, que: “Embora a sra. Edna Lott venha fazendo de tudo para evitar que isso aconteça, é certo que o cel. Alan Kardec (um dos líderes do dispositivo nacionalista do Exército) será transferido para a Sexta Região Militar.”⁴¹⁸ A transferência do coronel Kardec Lemme possuía muitos significados e objetivos naquele momento em que o dispositivo militar se reorganizava, agora não mais sob o comando de Lott. Além de ser, junto de sua esposa Édila Lemme, o principal assessor de Edna Lott durante a campanha presidencial, Kardec Lemme era um dos principais membros do dispositivo militar do Partido Comunista dentro do Exército.

A transferência do coronel Kardec Lemme do Ministério da Guerra, no Rio de Janeiro, para a Sexta Região Militar, em Salvador, representava um avanço da rearticulação das Forças Armadas, agora sob o comando do marechal Odílio Denys. Essa nova articulação do dispositivo militar da presidência da República voltaria a esquentar os ânimos na caserna. Os militares do Movimento 24 de Agosto, não se resumindo em ocupar novamente os postos de comando das Forças Armadas, renovariam as esperanças no processo eleitoral com a candidatura de Jânio Quadros.

⁴¹⁵ *Diário da Noite*, 25 de nov. 1960, p. 2.

⁴¹⁶ *Diário da Noite*, 25 de nov. 1960, p. 2.

⁴¹⁷ *Diário da Noite*, 25 de nov. 1960, p. 2.

⁴¹⁸ *Diário da Noite*, 12 de dez. 1960, p. 2.

Em contraposição, observando o avanço desses militares nas posições-chaves das Forças Armadas, os militares do Movimento 11 de Novembro argumentavam que o “espírito golpista” dos coronéis e generais do 24 de Agosto havia sido refreado pelas novas chances eleitorais, mas que, caso Jânio Quadros fosse derrotado, os pruridos golpistas poderiam ganhar nova vida.⁴¹⁹ O grande risco que esse cenário apresentava, segundo os militares do 11 de Novembro, era de que “a oposição que sobreviveu no plano militar disporia de comandos para manobrar, recolocando o País diante dos mesmos problemas que o Governo venceu em 1955.”⁴²⁰

Mesmo com a vitória eleitoral de Jânio Quadros, os ânimos militares não se arrefeceriam tão cedo e esse era o medo provocado pelas movimentações políticas de Edna Lott na direita militar. Mais alarmista que o *Diário da Noite*, o *Correio da Manhã* estampava em sua capa do dia 29 de novembro de 1960: TRAMA PARA IMPEDIR A POSSE DE JÂNIO.⁴²¹ O *Correio da Manhã* aproveitava a homenagem a Valter Peracchi Barcelos, político e militar gaúcho, para supostamente alertar o público de um golpe que se urdia contra a vitória eleitoral de Jânio Quadros. Nessa matéria, Peracchi Barcelos advertia que as forças que queriam modificar o regime já estavam agindo e, embora tivessem sido derrotadas na primeira investida, tais forças não descansariam diante da primeira derrota.⁴²²

O jornal aproveitava a fala de Peracchi Barcelos para incitar ainda mais os seus leitores. O militar alertava para que estivessem “vigilantes e alerta porque os inconformados, os eternos aproveitadores, agora derrotados, já tramam contra as instituições, já agora não mais na calada da noite, mas abertamente” e que comemorassem a vitória, “mas não nos façamos muito eufóricos, pois desde o momento em que nos

⁴¹⁹ *O Cruzeiro*, 11 de jun. 1960, p. 118.

⁴²⁰ *O Cruzeiro*, 11 de jun. 1960, p. 119.

⁴²¹ *Correio da Manhã*, 29 de nov. 1960, capa.

⁴²² *Correio da Manhã*, 29 de nov. 1960, capa.

vitoriamos, passou a pesar sobre nossos ombros a responsabilidade da manutenção do regime.”.⁴²³ Terminaria conclamando que: “Deixemos de lado o que possa representar divisionismo, separação, para que numa ação unida, possamos nos apresentar perante o futuro governo da República para defender os superiores interesses do Rio Grande do Sul.”.⁴²⁴

A fala de Peracchi Barcelos não deixava claro se os que tinham que ficar vigilantes e alertas eram somente os vencedores do pleito presidencial ou se o povo se somaria a essa tarefa; apesar disso, o importante da matéria é a identificação do governador Leonel Brizola como o principal insatisfeito e conspirador contra o governo Jânio Quadros. Validando as declarações do militar e político gaúcho, o *Correio da Manhã* asseverava que tais palavras não eram afirmações de comício e que tinham base real. “Por estranho que pareça, há gente interessada”, afirmava o jornal, “em provocar um movimento visando impedir a posse do sr. Jânio Quadros” e denunciava o governador gaúcho, Leonel Brizola, como “o centro desse movimento”.⁴²⁵

O *Correio da Manhã* reforçaria, ainda mais, a sua matéria afirmando que: “Sabemos, de fonte absolutamente segura, que altas personalidades já foram consultadas sobre um possível movimento”⁴²⁶ e terminava questionando o que teria Edna Lott conversado com Leonel Brizola, o suposto grande articulador dessas maquinações. “Os meios políticos”, de acordo com o periódico, “continuam até agora a se perguntar o que veio fazer a filha do marechal Lott a essa Capital, na semana passada. A sra. Edna Lott conferenciou com o governador até alta madrugada e, depois, viajou para o Rio em companhia do sr. Brizola.”.⁴²⁷

⁴²³ *Correio da Manhã*, 29 de nov. 1960, capa.

⁴²⁴ *Correio da Manhã*, 29 de nov. 1960, capa.

⁴²⁵ *Correio da Manhã*, 29 de nov. 1960, capa.

⁴²⁶ *Correio da Manhã*, 29 de nov. 1960, capa.

⁴²⁷ *Correio da Manhã*, 29 de nov. 1960, capa.

Essa articulação entre Leonel Brizola e Edna Lott preocupava muito os setores conservadores da sociedade. Leonel Brizola era governador do Estado que detinha o maior poder militar entre os entes federados, o III Exército. Edna Lott era a principal representante do maior símbolo militar, daquele momento, e que havia passado toda a campanha presidencial afirmando que, caso Jânio Quadros fosse eleito, haveria banho de sangue no país.⁴²⁸ As constantes afirmações do marechal Lott nesse sentido preocupavam os seus adversários, chegando ao ponto de solicitarem a Edna Lott que “interferisse junto a seu ilustre pai para que este seja menos inconveniente, e pare de falar em ditadura, golpe e guerra civil”.⁴²⁹

O marechal Lott, como vimos anteriormente, era visto negativamente pelos setores conservadores da sociedade, principalmente entre os militares de direita. Além disso, Lott já havia provado que possuía grande poder de decisão com o contragolpe do 11 de Novembro, episódio que lhe proporcionou considerável aumento de prestígio nas Forças Armadas. Portanto, o tal “banho de sangue”, alardeado por Lott durante toda a sua campanha presidencial e uma das razões para a sua atuação em 1955⁴³⁰, poderia ser visto, pelos setores de direita, como um sinal de que o militar poderia intervir novamente caso fosse derrotado na eleição de 1960, causando grandes preocupações para esse campo político. As preocupações da direita, variando de acordo com a intensidade dos seus temores e da ojeriza ao ex-ministro da Guerra, poderiam levar a imaginação desde um golpe personalista de Lott até uma revolução comunista comandada pelo marechal, estando ele consciente do avanço do comunismo ou não.

Assim, uma possível união entre a tropa destacadamente mais poderosa do país e o principal líder das Forças Armadas, naquele momento, através dos contatos entre Brizola

⁴²⁸ *O Mundo Ilustrado*, 18 de jun. 1960, p. 54.

⁴²⁹ *O Mundo Ilustrado*, 18 de jun. 1960, p. 54.

⁴³⁰ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 138-9.

e Edna Lott, causava grandes arrepios na direita que, enfim, havia chegado à presidência da República pela via eleitoral. Por isso, era importante, para esses setores, saber quais eram os vínculos e o teor da conversa entre Edna Lott e Leonel Brizola e, além disso, isolar Edna Lott nessa articulação militar dos nacionalistas de esquerda. Uma dessas medidas, como vimos anteriormente, era a transferência de seu principal assessor durante a campanha presidencial do marechal Lott, cel. Kardec Lemme, do centro de comando militar, no Rio de Janeiro, para a Sexta Região Militar, em Salvador. Essa medida era fundamental para a direita militar, uma vez que Kardec Lemme era um dos militares de esquerda mais dinâmicos da política naquele momento, travando contato político, inclusive, com os subalternos das Forças Armadas, setor que nutria grande apreciação por Lott.⁴³¹

O final daquele ano de 1960, que custava a terminar, conferiu ainda maior importância ao papel político de Edna Lott, transformada em uma das principais articuladoras das esquerdas da época. Líder do Movimento Nacionalista Brasileiro, principal articuladora da campanha presidencial de Lott e com maior influência e acesso ao marechal, tendo construído e conquistado grande carisma ao longo da campanha por todo território nacional e possuindo acesso a setores civis e militares, Edna Lott se apresentava como fonte de grande preocupação à direita e às forças de segurança. A vigilância sobre sua atuação política só passaria a aumentar ao longo do tempo, principalmente pela sua atuação no Movimento Nacionalista Brasileiro.

Por todas essas razões, a vigilância sobre Edna Lott passaria a aumentar gradualmente. Até então, a líder nacionalista somente havia chamado a atenção da Polícia Política por um panfleto de quatro páginas, intitulado “CONTINUÍSMO...NÃO”.⁴³² Esse

⁴³¹ Sobre a politização dos subalternos nas Forças Armadas, além do que já citamos, ver: PARUCKER, Paulo Eduardo Castello. **Praças em pé de guerra: o movimento político dos subalternos no Brasil (1961-1964) e a Revolta dos Sargentos de Brasília**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

⁴³² APERJ. PolPol: Prontuário RJ 22.506.

panfleto continha a íntegra de um discurso proferido por Edna Lott na sessão da Comissão Executiva Nacional do Movimento Nacionalista, ocasião em que foi criada a Frente Operária Nacionalista.⁴³³ Assemelhando-se muito ao discurso de inícios de julho de 1960 na ABI, em que Edna Lott atacava as cúpulas partidárias, sendo, muito possivelmente, o mesmo discurso; o panfleto “CONTINUÍSMO...NÃO” exaltava a participação política dos trabalhadores e os convocava a se engajar naquela disputa eleitoral.

Meus patrícios.

Dão os trabalhadores uma prova concreta de que constituem, hoje, em nosso país, a vanguarda política do povo, com a realização deste ato. Aqui, e desta forma, é que, realmente, são encontradas as soluções políticas, aqui, e desta forma, é que se encontram as decisões; aqui, e desta forma, é que definimos os rumos da campanha sucessória. Um ambiente como este, pois, exige pronunciamentos claros, incisivos, exatos. Como nacionalista, só sei fazer pronunciamentos dessa natureza. Fazendo-os, aqui, sei que vou ser entendida, - pois falamos a mesma linguagem.⁴³⁴

O discurso seguiria com uma forte crítica à condução da campanha pelos partidos políticos da coligação Lott-Jango. O título do panfleto negava, portanto, a forma de conduzir a campanha presidencial e, não, o governo de Juscelino Kubitschek. Nesse discurso, a líder nacionalista fazia a defesa do governo JK e afirmava, inclusive, que a candidatura Lott era, sim, um continuísmo do governo anterior. No entanto, o que não era mais possível, na avaliação de Edna Lott, era como esse processo estava sendo regido, atacando, assim, as diversas formas de sabotagens utilizadas contra a campanha do marechal. Por essa razão, Edna Lott convocava os trabalhadores a tomarem partido de Lott, uma vez que os partidos pouco faziam pela campanha presidencial.

Aqui temos o ponto chave para que esse discurso fosse guardado pela Polícia Política, em seus arquivos. Excetuando a convocação dos trabalhadores, esse seria mais um discurso como tantos outros que já apresentamos nesse trabalho. No entanto, a Polícia

⁴³³ APERJ. PolPol: Prontuário RJ 22.506.

⁴³⁴ APERJ. PolPol: Prontuário RJ 22.506.

Política viu nessa convocação um motivo para preocupações. Mesmo que, nas duas últimas páginas desse panfleto, Edna Lott tenha se dedicado intensamente a deixar bem entendido que a candidatura Lott respeitaria os resultados eleitorais, afirmando, em um dos trechos desse discurso, que: “Acusam-nos de pretender violar as regras do jogo democrático os que esperam dessa violação a satisfação dos seus apetites. Digamos, alto, claro e público: o eleito em 3 de outubro deve ser empossado, não há saída sem eleições.”.⁴³⁵ A convocação dos trabalhadores para uma maior atuação política causava pânico imediato nos setores conservadores e, principalmente, nas forças de segurança do Estado.

Por isso, todo o alarme da imprensa conservadora em relação à continuação das atividades políticas de Edna Lott aumentaria as atenções dispensadas pela Polícia Política à líder nacionalista. Assim, a partir de início de abril de 1961, iniciar-se-ia o monitoramento da atuação política de Edna Lott. Logo no dia 10 desse mês, Edna Lott participou de um Ato Público da União Nacional dos Estudantes (UNE), segundo a Polícia Política, patrocinado pelos comunistas da Juventude do PCB.⁴³⁶ De acordo com o relatório da Polícia Política, o evento esteve lotado de comunistas de todos os setores da organização de base, inclusive dos Comitês de Madureira, Leopoldina, Favela da Maré e outros, trazendo faixas como “solidários com Cuba”, “abaixo a carestia” e pelo aumento salarial dos servidores da Guanabara.⁴³⁷ Passados 45 minutos do início do Ato Público, iniciado às 20 horas, o presidente da UNE, que também comandou os trabalhos do evento, convidou os componentes da mesa para tomarem seus lugares.

Seguindo a ordem do relatório da polícia política, eram esses os componentes da mesa: os deputados Hercules Correia dos Reis, Roland Corbisier e Paulo Roberto; os

⁴³⁵ APERJ. PolPol: Prontuário RJ 22.506.

⁴³⁶ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 64. 12 de abr. 1961. p. 1.

⁴³⁷ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 64. 12 de abr. 1961. p. 1.

coronéis Kardec Lemme e Oscar Bastos; Edna Lott; o presidente da UNE, Henrique Miranda; Maria Augusta Tibiriçá Miranda; general Felicíssimo Cardoso; um representante dos estudantes do Peru, João de Barrios; dr. Eduardo Campos; Roberto Morema; e outros líderes sindicais Giovanni Bonita, Orlando Scaccetti, Waldir Gomes dos Santos, Armando Maia, Sebastião Luiz dos Santos, Emílio Bonfante Demaria, etc.⁴³⁸

Essa lista nos traz informações fundamentais para entendermos a situação do Movimento Nacionalista Brasileiro, naquele momento. Primeiro, o critério, adotado pela Polícia Política para o arrolamento dos componentes da mesa, não seguiu uma ordenação tradicional, em que os nomes com “maior *status* social” aparecem primeiro. Basta vermos que coronéis foram listados antes de um general. Perceber esse primeiro ponto nos mostra a importância conferida à Edna Lott, sexto nome arrolado, pelas forças de segurança do Estado. O segundo ponto, e talvez o mais importante, é que nessa lista aparecem três dos principais nomes do partido militar nacionalista⁴³⁹ - Kardec Lemme, Oscar Bastos e Felicíssimo Cardoso. Essa articulação entre altos oficiais militares e outras organizações de esquerda proporcionava uma mistura de ojeriza e preocupação nos setores conservadores da sociedade, principalmente e evidentemente, nos militares.

Um dia após o primeiro relatório que constava seu nome, sobre o Ato Público na UNE, Edna Lott voltou a aparecer com destaque nos arquivos da Polícia Política, dessa vez devido ao I Encontro Latino-Americano de Mulheres, que ocorreria no Sindicato dos Bancários, no Rio de Janeiro.⁴⁴⁰ O evento, marcado para ocorrer nos dias 21, 22 e 23 de abril de 1961, contava com a adesão de representações de todo o continente americano e tinha por objetivo “debater os direitos jurídico-sociais, político-econômicos da mulher,

⁴³⁸ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 64. 12 de abr. 1961. p. 1-2.

⁴³⁹ VASCONCELOS, C. B., op. cit., p. 118-20 e 194.

⁴⁴⁰ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 65 13 de abr. 1961. p. 1.

apreciar o sistema de educação da criança no continente e promover campanha que ‘contribuam para a felicidade e bem-estar das famílias latino-americanas’.”⁴⁴¹

O I Encontro Latino-Americano de Mulheres estava sendo organizado como comemoração do Dia Internacional da Mulher, seguindo, segundo o *Correio da Manhã*, a proposta de Clara Zektin, professora alemã e comunista, de celebrar anualmente a Jornada Internacional da Mulher.⁴⁴² Tal proposta de Zektin surgiu após a realização da II Conferência das Mulheres, ocorrida em Copenhagen, contando com a participação de 100 mulheres de 17 países que reivindicavam o direito ao voto feminino.⁴⁴³ Segundo o *Correio da Manhã*, essa Conferência na Dinamarca, em 1910, ocorria um ano após e em continuidade da primeira jornada da mulher nos Estados Unidos, em fevereiro de 1909, em que muitas mulheres protestaram pelos direitos políticos da população feminina, havendo manifestações em muitas cidades da Costa Leste e Oeste dos Estados Unidos.⁴⁴⁴ Por conta disso, de acordo com o *Correio da Manhã*,

Clara Zektin, professora alemã, propôs, então, que se celebrasse, anualmente, a Jornada Internacional da Mulher, para reivindicar o direito de voto feminino, que só existia então em três países: Nova Zelândia, em 1893; Austrália, em 1902 e Finlândia, em 1906. Aceita a proposição, e, sempre ligada ao despertar da consciência feminina, que já representava parte considerável da força de trabalho, participando assim, diretamente da produção, foi a data celebrada, sempre, no mês de março, no ano seguinte, na Alemanha, Áustria, Dinamarca, Suíça e EE.UU., estendendo-se a celebração em 1912, 1913 e 1914 a outros países, com a organização de atos na Hungria, Alemanha, Holanda etc. Havia surgido a tradição do 8 de março.⁴⁴⁵

O *Correio da Manhã* expunha, de maneira sutil e clara ao mesmo tempo, toda a preocupação que o I Encontro Latino-Americano de Mulheres representava para os setores conservadores da sociedade brasileira. Congresso idealizado e proposto

⁴⁴¹ *Correio da Manhã*, 12 de abr. 1961, p. 7.

⁴⁴² *Correio da Manhã*, 12 de abr. 1961, p. 7.

⁴⁴³ *Correio da Manhã*, 12 de abr. 1961, p. 7.

⁴⁴⁴ *Correio da Manhã*, 12 de abr. 1961, p. 7.

⁴⁴⁵ *Correio da Manhã*, 12 de abr. 1961, p. 7.

historicamente por uma mulher comunista, “sempre ligada ao despertar da consciência feminina, que já representava parte considerável da força de trabalho, participando assim, diretamente da produção”.

O I Encontro Latino-Americano de Mulheres causava um medo que parecia ter sido resolvido com o governo JK. Em relação às mulheres, a fundação da IV República brasileira foi marcada por um grande esforço em excluir e limitar a autonomia feminina na sociedade.⁴⁴⁶ A Constituição de 1946, que não contou com nenhuma parlamentar constituinte, segundo Maria Amélia de Almeida Teles, representou um grande retrocesso para as mulheres.⁴⁴⁷ Ao contrário da Carta de 1934, a discriminação por sexo não foi abordada na elaboração da Constituição de 1946.⁴⁴⁸ O estabelecimento do casamento monogâmico e indissolúvel vedou qualquer possibilidade de acesso ao divórcio por parte das mulheres, além de não serem reconhecidos os direitos dos (as) filhos (as) adulterinos (as).⁴⁴⁹ A restrição do voto aos alfabetizados também “excluiu do direito de escolher os governantes, e, mais ainda, de serem eleitas, mais de dez milhões de mulheres, que eram analfabetas.”⁴⁵⁰

Apesar de todas essas restrições constitucionais, as mulheres continuaram se organizando politicamente.⁴⁵¹ Lutando, principalmente, pelos problemas sociais mais básicos - como a carestia, o aumento do custo de vida, remoções de favelas, direito das mulheres -, as organizações femininas assustavam as classes dominantes por receberem forte influência e incentivo do Partido Comunista do Brasil.⁴⁵² Segundo Telles, a proporção que a luta das mulheres vinha alcançando, na avaliação daquela época, fez com

⁴⁴⁶ TELLES, Maria Amélia de Almeida. **A mulher na República**. In: TELLES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do Feminismo no Brasil e outros ensaios*. São Paulo: Alameda, 2017.

⁴⁴⁷ TELLES, M. A. A., op. cit., p. 54-5.

⁴⁴⁸ Ibidem.

⁴⁴⁹ TELLES, M. A. A., op. cit., p. 55.

⁴⁵⁰ Ibidem.

⁴⁵¹ Ibidem.

⁴⁵² TELLES, M. A. A., op. cit., p. 54-5.

que Juscelino Kubitschek suspendesse o funcionamento das organizações femininas durante o seu governo.⁴⁵³ Por isso, o I Encontro Latino-Americano de Mulheres, no mesmo ano em que JK deixava a presidência da República, trazia à tona, novamente, um movimento que explicitava tensões que estavam latentes na sociedade brasileira.

Ao perigo vermelho, somava-se o medo da emancipação feminina que tanto atemorizava as classes dominantes e os setores conservadores da sociedade brasileira. O que aconteceria nesse encontro internacional de mulheres, desde sua idealização até a sua execução, atrairia bastante as atenções da imprensa conservadora e das forças de segurança do Estado. Assim, o *Correio da Manhã*, no dia 12 de abril de 1961, noticiava a circulação de um manifesto, em apoio à realização do congresso da mulher latino-americana, mencionando os nomes das mulheres que o jornal considerava os mais conhecidos.⁴⁵⁴ Os nomes, seguindo a ordem que aqui arrolamos, eram os de: Adalgisa Nery, Lygia Lessa Bastos, Yvone Jean, Yara Vargas, Eneida, Vanda Lacerda, Nora Ney, Janet Clair, Yara Sales, Maria Alice Barroso, Terezinha Amayo, Ana Brito, Carmen Portinho, Edna Lott.⁴⁵⁵

Um dia após a matéria do *Correio da Manhã*, no dia 13 de abril de 1961, a Polícia Política também escreveria sobre o I Encontro Latino-Americano de Mulheres. Relatando que esse evento contava com delegações de Cuba, Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai, Chile, Uruguai e outros países americanos, o relatório da Polícia Política também realçou o manifesto em favor do congresso feminino e listou, assim como o jornal, os nomes das mulheres que assinavam tal documento.⁴⁵⁶ Os nomes, abaixo apresentados, seguiam essa ordem:

⁴⁵³ TELLES, M. A. A., op. cit., p. 55-6.

⁴⁵⁴ *Correio da Manhã*, 12 de abr. 1961, p. 7.

⁴⁵⁵ *Correio da Manhã*, 12 de abr. 1961, p. 7.

⁴⁵⁶ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 65 13 de abr. 1961. p. 1-2.

Maria Segóvia Jacobsen, do sindicato dos alfaiates e costureiras; as professoras Edna Lott e Edy Duarte Pereira; Cecília Nascimento, presidente do Departamento Feminino do Sindicato dos Bancários da Guanabara; Maria Andrade, presidente do Departamento Feminino do Sindicato dos Bancários de São Paulo; Aidê Rodrigues de Almeida, do Sindicato dos Têxteis da Guanabara; Eurice Longo, do Sindicato dos Têxteis de São Paulo; figuras do meio radiofônico, Neusa Tavares, Nora Ney, Terezinha Amayo, Iara Sales; pintoras, Laura Chermont, Lêda Aguasoni* e Sílvia Chambrés**; doutoras Mia Azevu*** Pereira e Carmen Portinho; Olga Azemida****, farmacêutica; Ruth Santana e Nilza Barroso, professora; Elza Soares Ribeiro, Margarida Hissa*****, Eneida Helena da Silveira, Ivone Jeane e Lila Ripol, jornalistas; Ruth Guimarães, vereadora de São Paulo; Diva Moura, da Associação Cristã Feminina; Sara Zlochewsey, da Liga de Defesa Contra a Lepra; Adalgisa Nery e Maria Lygia Lessa Bastos, deputadas do Estado da Guanabara.⁴⁵⁷

A comparação entre a matéria do *Correio da Manhã* e o relatório da Polícia Política sobre o I Encontro Latino-Americano de Mulheres é fundamental para entendermos como os setores dominantes viam o movimento das mulheres, em geral, e a atuação política de Edna Lott, em particular. De início, podemos reparar que os dois documentos afirmavam que o evento tinha fortes relações com o comunismo. O *Correio da Manhã*, em sua matéria, fez uma longa digressão em torno da história de Clara Zektin, comunista notória, sem dizer expressamente que a professora alemã era comunista.⁴⁵⁸ O relatório da Polícia Política, sem necessidade de maiores eufemismos, afirmava claramente que: “O Encontro

* Não temos certeza quanto à grafia do sobrenome devido à dificuldade de lê-lo no documento.

** Também encontramos dificuldade em ler este sobrenome no documento da Polícia Política.

*** Mesma questão quanto à grafia desse sobrenome.

**** Mesmo problema quanto à leitura do sobrenome no documento da Polícia Política.

***** Novamente, sobrenome de difícil compreensão.

⁴⁵⁷ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 65 13 de abr. 1961. p. 1-2.

⁴⁵⁸ *Correio da Manhã*, 12 de abr. 1961, p. 7.

sofre influência comunista, sendo mais um motivo para arregimentar as suas adeptas e ‘inocentes úteis’, num momento em que procuram agitar todos os seus militantes, nos diversos setores sociais e políticos.”.⁴⁵⁹

Pairava, assim, sobre todas essas mulheres o “espectro do comunismo”. No entanto, o fantasma do comunismo apossava mais umas do que outras e, por isso, é importante notarmos que os nomes listados pelo *Correio da Manhã* aparecem na ordem inversa no relatório da Polícia Política. Podemos ver, claramente, que Adalgisa Nery e Lygia Lessa Bastos são as primeiras a aparecer na lista do *Correio da Manhã* e as últimas, no relatório da Polícia Política. Na lista do *Correio da Manhã* aparecem em destaque profissionais liberais, enquanto que na listagem da Polícia Política aparecem, sobretudo, sindicalistas.

A lógica utilizada para elencar os nomes das signatárias do manifesto, em favor do I Encontro Latino-Americano de Mulheres, ajuda-nos a entender a posição que Edna Lott ocupava e qual era a sua relevância política naquele momento. Ao confrontarmos a lista do *Correio da Manhã* com a do relatório da Polícia Política, podemos ver que a líder nacionalista era um motivo de preocupação tanto para o jornal, quanto para as forças de segurança. Das signatárias citadas pelo *Correio da Manhã*, Edna Lott aparece na última posição, depois de treze nomes. Já no relatório da Polícia Política, Edna Lott é a segunda a ser citada em uma lista que conta com 28 mulheres.

Embora colocassem o nome de Edna Lott em posições diferentes, a lógica do jornal e das forças de segurança não eram muito diferentes assim. Ambas conferiam, sem dúvida alguma, importância à líder do Movimento Nacionalista Brasileiro. A diferença das posições em que o nome de Edna Lott apareceu, em cada documento, é facilmente compreendida quando consideramos para qual tipo de leitor esses documentos foram dirigidos. Enquanto o jornal trabalhava com o grande público, o relatório da Polícia

⁴⁵⁹ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 65 13 de abr. 1961. p. 2.

Política era feito para um grupo reduzido e restrito. Ao *Correio da Manhã*, jornal conservador, não interessava conferir maiores relevâncias à atuação de uma adversária política para o grande público. Por outro lado, à Polícia Política, em que poucos tinham acesso aos seus documentos, pouco importava se a descrição de uma opositora política culminaria em ganho de capital político para a sua adversária.

No entanto, a participação de Edna Lott em movimentos políticos de mulheres não era o que mais captava as atenções da Polícia Política. A grande preocupação que Edna Lott suscitava nas forças de segurança do Estado estava relacionada à sua atuação no Movimento Nacionalista Brasileiro, tanto que a Polícia Política chegou a infiltrar agentes no MNB. A primeira aparição de Edna Lott, nesse monitoramento do MNB, aconteceria em um relatório do dia 16 de junho de 1961, em que a Polícia Política expunha uma reunião dos nacionalistas, ocorrida quatro dias antes, em 12 de junho.⁴⁶⁰ A reunião, ocorrida na sede do MNB, foi realizada pela Comissão de Planejamento do movimento para apresentar o seu trabalho de organização⁴⁶¹. Apesar da reunião não ter acontecido formalmente, por falta de quórum, o documento relatava os “elementos” que compareceram na sede para entrosamento de atividades⁴⁶², focando, principalmente, nos militares presentes.

O tema central do documento da Polícia Política era a relação do MNB com Cuba. Logo de início, o relatório apresentava o diálogo entre o coronel da Aeronáutica, Fortunato Câmara de Oliveira, e o coronel Oscar Bastos, em destaque durante todo o documento, em que Fortunato Câmara de Oliveira perguntava “quando seria possível organizar e realizar uma palestra ‘FIDELISTA’?”.⁴⁶³; ao que “respondeu o Cel. Oscar Bastos, que no momento não seria possível realizar a palestra, tendo em vista outros

⁴⁶⁰ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 108 16 de jun. 1961.

⁴⁶¹ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 108 16 de jun. 1961. p. 1.

⁴⁶² APERJ. PolPol: BR da DPS n. 108 16 de jun. 1961. p. 1.

⁴⁶³ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 108 16 de jun. 1961. p. 1.

compromissos de maior responsabilidade e tarefas de maior vulto.”.⁴⁶⁴ O documento ainda apresentava o trânsito que militares comunistas tinham no Clube Militar⁴⁶⁵, apesar dos diversos espões que haviam no clube.⁴⁶⁶

Além dos coronéis Oscar Bastos e Fortunato Câmara de Oliveira, o relatório da Polícia Política citava o nome de alguns desses militares como: coronel Kardec Lemme; os capitães Hugo Amorim Lima e Paulo Galvão Duarte Simões; coronel Ciro Hollanda, que havia recém aderido ao MNB; João Bosco, de plena confiança de Oscar Bastos e que estava se preparando para ingressar na Escola de Sargentos; coronel Jocelyn Brasil; coronel Nelson Werneck Sodré; tenente Sólón, mensageiro do coronel Oscar Bastos; brigadeiro Francisco Teixeira.⁴⁶⁷ Todos esses nomes causavam grandes preocupações, na Polícia Política, devido a suas movimentações pelo país. “Todas as semanas”, de acordo com o relatório, “estão viajando para São Paulo, Bahia, Recife, Rio G. do Sul, e outros Estados do Nordeste, vários elementos do Movimento Nacionalista Brasileiro, para a formação de um ‘cinturão de segurança’ com as Ligas Camponesas e estudantes.”.⁴⁶⁸ O documento seguia insinuando, sem afirmar expressamente, que essa articulação militar de um “cinturão de segurança” nacionalista passava pelo marechal Lott e por Cuba.

O relatório ainda afirmava que uma Comissão de Militares visitou o marechal Lott em sua casa de veraneio, no dia 4 de junho de 1961.⁴⁶⁹ De acordo com a Polícia Política, tal Comissão de Militares, com destaque para o brigadeiro Teixeira, “voltou muita

⁴⁶⁴ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 108 16 de jun. 1961. p. 1.

⁴⁶⁵ O Clube Militar (CM) foi um local de grandes disputas e discussões políticas, ao longo de toda a IV República. Durante esse período, foram recorrentes as chapas militares nacionalistas a ganharem as eleições para a direção do CM. Por conta disso, o CM possuía grande importância política na época, tendo seus debates recebido farta cobertura da imprensa. Para mais sobre o CM: PEIXOTO, Antonio Carlos. **O Clube Militar e os confrontos no seio das Forças Armadas (1945-1964)**. In: ROUQUIÉ, Alain (org.). *Os partidos militares no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

⁴⁶⁶ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 108 16 de jun. 1961. p. 2-3.

⁴⁶⁷ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 108 16 de jun. 1961. p. 1-3.

⁴⁶⁸ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 108 16 de jun. 1961. p. 3.

⁴⁶⁹ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 108 16 de jun. 1961. p. 3.

satisfeita com as palavras do Marechal Lott.”⁴⁷⁰ No parágrafo seguinte, o documento das forças de segurança relatava que uma “comissão de elementos comunistas” visitaria Cuba, no dia 26 de junho de 1961, “para comemorar o aniversário da Revolução de Fidel Castro” e que a embaixada cubana no Rio de Janeiro estava “em entendimentos com os comunistas do setor sindical e os setores estudantil e parlamentar para que viagem os citados elementos por via marítima a fim de levar o maior número de elementos”.⁴⁷¹

O responsável por providenciar os passaportes e despistar a polícia seria, de acordo com a Polícia Política, João Bosco, homem de confiança do coronel Oscar Bastos. “Entre as pessoas que viajarão com destino à Cuba,” finalizava o relatório, “encontra-se Edna Lott.”⁴⁷² A líder nacionalista não seria a única civil a ser citada nesse documento. Antes dela apareceram os nomes do dr. Moacyr Paixão, que iria revisar o documento escrito pelo coronel Kardec Lemme e outros dois capitães nessa reunião; Nelson Alves, tesoureiro do Movimento Nacionalista Brasileiro; Joaquim Inácio Cardoso, locatário da sede e membro da Comissão Executiva do MNB; e dr. Campos, sem constar o primeiro nome, que indagava sobre onde havia sido feito o DOCUMENTO DOS MILITARES, publicado na imprensa.⁴⁷³

No entanto, de todos os nomes citados nesse documento, entre civis e militares, o único nome dado como certo na viagem à Cuba era o de Edna Lott. Além disso, o nome de Edna foi grafado em caixa alta. Todos os outros nomes, a exceção do coronel Kardec Lemme, que também foi escrito em caixa alta, foram redigidos na forma padrão. Ao grafar os nomes de Edna Lott e Kardec Lemme em caixa alta, o redator desse documento destacava os dois dos demais nomes arrolados no relatório, inclusive do próprio marechal Lott. Poderíamos supor que a preocupação, que essa reunião gerava na Polícia Política,

⁴⁷⁰ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 108 16 de jun. 1961. p. 3.

⁴⁷¹ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 108 16 de jun. 1961. p. 3-4.

⁴⁷² APERJ. PolPol: BR da DPS n. 108 16 de jun. 1961. p. 4.

⁴⁷³ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 108 16 de jun. 1961. p. 1-3.

era motivada por uma possível expansão política do MNB, que poderia, inclusive, internacionalizar-se.

Se, durante o ano de 1960, o nacionalismo de esquerda se expandiu pelo país, no ano seguinte, em 1961, o MNB parecia começar a superar as fronteiras brasileiras. Além da exaltação da Revolução Cubana e de Fidel Castro, tônica do Movimento Nacionalista Brasileiro, durante aquele ano de 1961, outros contatos políticos pareciam estar sendo construídos internacionalmente. Dessas possíveis alianças internacionais, em que o MNB buscava compor forças com outros movimentos de emancipação nacional, o que chamou mais a atenção da imprensa e da Polícia Política, e que Edna Lott participou, foi o apoio aos presos e exilados políticos de Espanha e Portugal.

Em 27, 28 e 29 de janeiro de 1961, ocorreria, em Montevideu, a II Conferência Pró-Anistia dos Presos e Exilados Políticos de Portugal e Espanha, em que compareceria uma delegação brasileira.⁴⁷⁴ Entre os delegados se encontravam: deputado Sílvio Braga; José Matusalém Comelli, vice-presidente da UNE, e o estudante Paz Landim, UNE; ex-combatente Nelson Alves; general Reginal Uter; professor Dalton Boechat, líderes sindicais Benedito Cerqueira e Plínio Alves; jornalista Joel Silveira; o escritor Marques Rebelo; desembargador Osni Duarte Pereira; Maurício Caminha de Lacerda e Edna Lott.⁴⁷⁵ Embora não tenha repercutido muito no momento em que foi realizada, cinco meses depois essa conferência constaria em um dos relatórios da Polícia Política.

Em 14 de julho de 1961, de acordo com a Polícia Política, ocorreu um ato público patrocinado pela Comissão Coordenadora Pró-Anistia de Presos e Exilados Políticos Portugueses e Espanhóis “com o objetivo de prestar solidariedade aos perseguidos políticos pelos regimes ditatoriais vigentes na Espanha e em Portugal”.⁴⁷⁶ Evento

⁴⁷⁴ *Diário da Noite*, 26 de jan. 1961, p. 5.

⁴⁷⁵ *Diário da Noite*, 26 de jan. 1961, p. 5; *Diário Carioca*, 28 de jan. 1961, p. 1.

⁴⁷⁶ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 129 17 de jul. 1961, p. 1.

realizado na ABI, compuseram a mesa Álvaro Lins, presidente da mesa; Emílio Myra y Lopez; deputado Roland Corbisier; jornalista Paulo de Castro; deputado paulista Germinal Feijó; os deputados Saldanha Coelho, Tenório Cavalcanti e Adão Pereira Nunes; engenheiro Ulisses Hildebrando Horta Barbosa; escritor Casais Monteiro; professora Edna Lott; escritor Barbosa Melo; professor Álvaro Drolhe.⁴⁷⁷

“Os oradores”, segundo o relatório policial, “trataram de consubstanciar a política de liberdade e anistia para os presos e exilados espanhóis e portugueses” e “salientaram o Programa da Comissão em suas atividades na América Latina.”⁴⁷⁸ Assim, além das relações com Cuba, a Comissão Coordenadora Pró-Anistia de Presos e Exilados Políticos Portugueses e Espanhóis se apresentava como mais uma possibilidade de inserção do Movimento Nacionalista Brasileiro nas lutas de libertação nacional no plano internacional.

Embora, aparentemente, esse dado tenha escapado das forças de segurança, é importante salientar que o coronel Kardec Lemme lutou na Guerra Civil Espanhola contra os franquistas. O coronel, junto de outros militares como Apolônio de Carvalho, Dinarco Reis, David Capistrano, Nemo Canabarro Lucas, foi enviado pelo Partido Comunista do Brasil para lutar ao lado da República espanhola.⁴⁷⁹ Assim, é de se supor que o engajamento de Edna Lott, em tão grande sintonia política com o coronel Kardec Lemme, não tenha ocorrido por mero acaso, mas porque o MNB já tivesse contatos políticos anteriores com esses presos e exilados políticos da Espanha e Portugal.

A proporções que o Movimento Nacionalista Brasileiro vinha alcançando preocupava as classes dominantes, principalmente as Forças Armadas, já que o MNB era

⁴⁷⁷ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 129 17 de jul. 1961, p. 1-2.

⁴⁷⁸ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 129 17 de jul. 1961, p. 2.

⁴⁷⁹ Sobre a participação dos comunistas brasileiros na Guerra Civil Espanhola ver: BATTIBUGLI, Thaís. **A solidariedade antifascista: brasileiros na Guerra Civil Espanhola (1936-1939)**. Campinas: Autores Associados; São Paulo: Edusp, 2004.

composto principalmente por militares de esquerda. A construção de uma rede que ligava PCB, sindicatos, Ligas Camponesas, UNE, movimento de mulheres, Cuba e os militares de esquerda se mostrava cada vez mais preocupante para a ordem vigente; sobretudo pelas ambiguidades do presidente Jânio Quadros, que, sendo eleito pela direita brasileira, havia reatado relações diplomáticas com a União Soviética e condecorado com a medalha Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul, segunda maior comenda conferida a um estrangeiro no Brasil, o revolucionário cubano Ernesto Guevara.

3. Entre críticas e elogios: o conturbado governo Jânio Quadros

A grande quantidade de ambiguidades do governo de Jânio Quadros, que uma hora acenava para a direita e, em outra, para a esquerda⁴⁸⁰, possibilitava ao Movimento Nacionalista Brasileiro não ter uma avaliação definitiva do novo presidente da República. É bem verdade que as críticas do MNB eram bem maiores que os seus elogios ao governo, no entanto, Jânio Quadros conseguia angariar simpatias do nacionalismo de esquerda através de sua política externa. O mundo, surgido após os escombros da II Guerra Mundial, via, naquele momento, um crescente movimento independentista e revolucionário das então colônias das potências europeias.

O auge desse movimento aconteceu na Conferência de Bandung, em 1955, quando os países reunidos, ditos do Terceiro Mundo, definiram-se por uma política externa não alinhada à nenhuma das duas superpotências mundiais, Estados Unidos e União Soviética, preconizando a defesa da soberania dos povos e a rejeição a interferências estrangeiras em assuntos internos de cada país.⁴⁸¹ Almejando conquistar apoios à esquerda, principalmente dos setores nacionalistas que faziam fortes críticas ao

⁴⁸⁰ AARÃO REIS, D., *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*, p. 25. Também utilizamos Skidmore para abordar o governo de Jânio Quadros. Ver: SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Getúlio a Castello (1930-1964)**. trad. Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁴⁸¹ AARÃO REIS, D., *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*, p. 22.

imperialismo norte-americano, Jânio Quadros adotou, então, uma Política Externa Independente. A nova orientação do Itamaraty teve como principal marca o retorno das relações comerciais e políticas com os países do bloco socialista, o que causou grande descontentamento nos setores mais à direita ao mesmo tempo em que não empolgou, da maneira esperada, os setores mais à esquerda do espectro político brasileiro.⁴⁸²

Assim, vemos, em 25 de abril de 1961, o MNB publicar uma moção de apoio à atuação de Jânio Quadros em defesa do direito de autodeterminação de Cuba, frente aos ataques militares promovidos pelos Estados Unidos.⁴⁸³ A nota afirmava que o Movimento Nacionalista Brasileiro apoiava

integralmente as instruções baixadas pelo governo brasileiro à nossa delegação na Organização das Nações Unidas visando à defesa intransigente do princípio de autodeterminação dos povos, às medidas para a cessação da agressão militar à Cuba e à apuração das responsabilidades da que vem de ser derrotada.⁴⁸⁴

Essa nota foi assinada pela Comissão Executiva Nacionalista, composta, seguindo a ordem do documento, por Joaquim Inácio Cardoso, Nelson de Sousa Alves, Edna Lott, Artur Cadaval Veiga, Hercules Correia, Roland Corbisier, Reginald Hunter, Osny Duarte Pereira, Oscar Gonçalves Bastos, Oliveiros Guanais de Aguiar, José Francisco Landin e Hélio Pires Ferreira.⁴⁸⁵ De todos esses nomes, o de Edna Lott receberia uma atenção especial de alguns jornais conservadores, como o *Diário de Notícias*⁴⁸⁶ e *O Jornal*⁴⁸⁷. Se

⁴⁸² AARÃO REIS, D., *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*, p. 29.

⁴⁸³ *Diário de Notícias*, 26 de abril 1961, p. 1 e 11; *O Jornal*, 26 de abril 1961, capa.

⁴⁸⁴ *Diário de Notícias*, 26 de abril 1961, p. 10.

⁴⁸⁵ *Diário de Notícias*, 26 de abril 1961, p. 10.

⁴⁸⁶ O *Diário de Notícias* foi mais um dos jornais surgidos no final dos anos 1920 para fazer oposição ao governo Washington Luís. Apoiando, a princípio, a Aliança Liberal, logo na década seguinte o *Diário de Notícias* atuaria contra Getúlio Vargas e seus correligionários, pressionando pela reconstitucionalização do país. Após o Estado Novo, período que passou grandes dificuldades, o *Diário de Notícias* se colocaria ao lado da UDN, sendo mais um dos representantes do liberalismo brasileiro na imprensa. Fez oposição ao governo de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e apoiou a campanha e governo de Jânio Quadros. DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-de-noticias-rio-de-janeiro>. Acesso em: 12 de jan. 2019.

⁴⁸⁷ Fundado em 17 de julho de 1919, *O Jornal* foi comprado pelo barão da mídia, Assis Chateaubriand, logo no ano de 1924. Durante a década de 1950, *O Jornal* manteria uma dúbia linha jornalística. Apoiou, discretamente, Getúlio Vargas na eleição de 1950, mas defendia a participação do capital estrangeiro no desenvolvimento nacional. Em 1954, *O Jornal* já havia se enfileirado junto à UDN, apoiando o governo

o apoio do MNB ao governo já era bastante contraditório, o de Edna Lott, então, era ainda mais contrastante, tendo em vista a campanha presidencial do ano anterior.

Na matéria de capa d'*O Jornal*, de 26 de abril de 1961, a notícia recebeu o título de “Edna Lott e nacionalistas apoiam Jânio”.⁴⁸⁸ Nesse mesmo dia, o *Diário de Notícias*, focando mais na figura da líder nacionalista, noticiou a moção como “Apoio de Edna Lott à Política de Jânio”.⁴⁸⁹ Ao lermos os títulos dessas duas matérias, podemos perceber, claramente, que esses jornais buscavam debilitar as aproximações que Jânio Quadros buscava mover em direção aos nacionalistas de esquerda. No entanto, a Política Externa Independente não seria suficiente para que Jânio Quadros alcançasse seus objetivos. É o que vemos na entrevista de Edna Lott publicada n'*O Semanário*, na edição de 4 a 11 de maio de 1961.

Nessa entrevista, concedida à *Manchete*⁴⁹⁰ e que a revista decidiu não publicar, podemos ver como as demagogias de Jânio Quadros não conseguiam grande êxito em seduzir os setores nacionalistas à esquerda. Perguntada o que pensava de ter Jânio Quadros convidado uma mulher para compor o Ministério, Edna Lott respondeu que pensava que “foi iniciativa interessante, mas acredito que a preservação dos direitos da mulher, a defesa de seus interesses não tem ligação com a presença ou ausência de mulheres no Ministério. Colocar uma mulher”, completava sua resposta a líder nacionalista, “no Ministério e obrigar as mães a deixar os filhos sem assistência, para

sucessório de Café Filho. Apesar disso, o periódico também apoiou o 11 de novembro de Lott. *O Jornal* também apoiou o governo JK, mas manteve uma postura contraditória em relação ao presidente Bossa Nova. Em 1960, apoiou a candidatura Lott. JORNAL, O. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-o>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

⁴⁸⁸ *O Jornal*, 26 de abril 1961, capa.

⁴⁸⁹ *Diário de Notícias*, 26 de abril 1961, p. 10.

⁴⁹⁰ *Manchete* foi uma revista dedica a fotojornalismo, fundada, em 26 de abril de 1952, por Adolfo Bloch. O propósito da revista era competir com a revista *O Cruzeiro*, líder no mercado de fotojornalismo no Brasil naquele momento. Seguia, portanto, mais ou menos a mesma linha editorial que a revista dos *Diários Associados*. MANCHETE. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/manchete>. Acesso em: 12 de jan. 2019.

atender a um horário de trabalho que enfraquece a família, parece-me procedimento contraditório.”⁴⁹¹

A pergunta seguinte do questionário da *Manchete*, após a resposta sobre o convite do presidente para que uma mulher ocupasse um ministério, foi se Edna não achava “ridículo que se faça tanto alarde da presença de um brasileiro de cor no Gabinete do Presidente da República? Há ou não há, no Brasil, finalmente, discriminação racial?”⁴⁹² Edna Lott iniciou sua resposta afirmando que: “O alarde em torno do caso mostra que há.”⁴⁹³ E concluía dizendo que

não constitui a presença de um homem de cor de mérito naquelas funções demonstrações de posição a favor da população negra. Demonstração concreta a esse respeito seria, por exemplo, posição definida e combativa do Brasil no caso do Congo e do movimento de libertação dos povos africanos⁴⁹⁴.

Podemos notar por essas duas perguntas, assim como as duas respostas, que as possíveis políticas de Jânio Quadros orientadas às mulheres e negros não passavam muita confiança aos nacionalistas de esquerda. Nas duas falas de Edna Lott, podemos observar como a líder nacionalista se utilizou de temas importantes, tratados demagogicamente por Jânio Quadros, contra o próprio presidente da República. No entanto, a participação das mulheres e dos negros na política e na máquina pública não representava as principais questões debatidas no governo Jânio Quadros. O calcanhar de Aquiles de Jânio era o presente de grego regalado por Juscelino Kubitschek, ou seja, toda a crise econômica deixada pela ex-presidente pessedista.

A crise econômica era o problema mais delicado para a nova administração, havendo grandes expectativas e pressões para as medidas que seriam adotadas pelo

⁴⁹¹ *O Semanário*, 4 a 11 de maio 1961, p. 11.

⁴⁹² *O Semanário*, 4 a 11 de maio 1961, p. 11.

⁴⁹³ *O Semanário*, 4 a 11 de maio 1961, p. 11.

⁴⁹⁴ *O Semanário*, 4 a 11 de maio 1961, p. 11.

governo Jânio Quadros.⁴⁹⁵ Em 13 de março de 1961, o governo promoveria a resolução n.º 204, que dava início a “um programa econômico destinado a unificar e liberar o câmbio, combater o desequilíbrio das contas externas e internas, reduzir os gastos do governo e controlar a inflação.”⁴⁹⁶ Medida tomada pela Superintendência da Moeda e de Crédito (Sumoc), tinha como intuito “viabilizar negociações com credores estrangeiros”, “reduzir as dificuldades na balança de pagamentos e combater a inflação.”⁴⁹⁷ A medida criada pelo ministro da Fazenda, Clemente Mariani, e pelo diretor da Sumoc, Otávio Gouveia de Bulhões, que seguiam uma política econômica ortodoxa aos moldes defendidos pelo FMI, geraria grande insatisfação popular por ter aumentado o custo de vida, restringido o crédito e congelado o aumento dos salários.⁴⁹⁸

A situação econômica, a questão mais premente daquele momento, apareceria, portanto, logo na primeira pergunta da entrevista. Indagada sobre o que pensava sobre a Reforma Cambial, Edna Lott responderia que:

O Movimento Nacionalista Brasileiro, de cuja Comissão Executiva Nacional faço parte, tem posição definida a respeito da Reforma Cambial, e essa posição é naturalmente, a minha: somos frontalmente contrários à Reforma Cambial cujos efeitos o povo já está sentindo em sua própria carne; ela representa um atentado à economia brasileira, ao seu desenvolvimento, subordina-se a imposições antigas do Fundo Monetário Internacional visando, particularmente, à nidificação das taxas cambiais.⁴⁹⁹

Após iniciar sua resposta cautelosamente, afirmando que sua posição era a mesma do MNB, Edna Lott reavivava críticas feitas por ela no ano anterior.

⁴⁹⁵ SKIDMORE, T. E., op. cit., p. 235-7.

⁴⁹⁶ Memorial da Democracia. **A reforma cambial arrocha a economia.** Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/janio-quadros-inicia-reforma-cambial>. Acesso em: 24/04/2018.

⁴⁹⁷ Memorial da Democracia. **A reforma cambial arrocha a economia.** Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/janio-quadros-inicia-reforma-cambial>. Acesso em: 24/04/2018.

⁴⁹⁸ Memorial da Democracia. **A reforma cambial arrocha a economia.** Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/janio-quadros-inicia-reforma-cambial>. Acesso em: 24/04/2018.

⁴⁹⁹ *O Semanário*, 4 a 11 de maio 1961, p. 11.

Não nos surpreende a controvérsia que vem despertando e nem mesmo o apoio que vem recebendo do Sr. Sebastião Paes de Almeida. Ministro da Fazenda do governo anterior: a política econômica do governo atual, em sua essência, é a continuação da política econômica do governo anterior, política que o povo condenou nas urnas; os métodos é que são diferentes.⁵⁰⁰

A primeira resposta de Edna Lott, na entrevista da *Manchete*, expunha e atacava, logo de início, um dos pontos mais delicados do novo presidente da República. Jânio Quadros passara toda a campanha eleitoral de 1960 afirmando que era o oposto de Juscelino Kubitschek. No entanto, ao governar, mostrava-se como o antigo presidente e, não, como “o novo” que tanto prometera. Segundo *O Semanário*, proteger esse ponto fraco de Jânio Quadros, naquele momento, foi o que motivou a desistência da *Manchete* em publicar a entrevista de Edna Lott. Antes de disponibilizar as perguntas e respostas de sua matéria, composta por três títulos – “Liberdade de imprensa só para elogiar Jânio”; “‘Manchete’ recusa publicar uma entrevista de dona Edna Lott”; “O Semanário divulga o questionário” -, o jornal nacionalista introduzia a entrevista da líder nacionalista afirmando que

“Manchete” enviou um questionário à sra. Edna Lott, o qual foi respondido prontamente. A reportagem deveria ser assinada por Lausimar Laus e fotos de Carlos Kerr, com o título geral: “Edna Lott: a reforma cambial é um atentado à economia brasileira”.

Aconteceu o esperado. A revista deturpou tudo, conforme originais em poder de *O Semanário* e, mesmo assim, não publicou o trabalho por julgar uma crítica à política econômica do Presidente Jânio Quadros.⁵⁰¹

Eleito presidente com substancial apoio da grande imprensa e amplos setores de direita com muito poder na época, Jânio Quadros não seria deixado desprotegido por esses grupos tão rapidamente. Por essa razão, Jânio Quadros seria fortemente blindado nos meios de comunicação, não havendo, assim, críticas ao governo. Podemos entender que a desistência da *Manchete*, uma das grandes revistas da época, tenha sido motivada por

⁵⁰⁰ *O Semanário*, 4 a 11 de maio 1961, p. 11.

⁵⁰¹ *O Semanário*, 4 a 11 de maio 1961, p. 11.

esse motivo. Além disso, *O Semanário* não era dos maiores jornais para gerar uma grande polêmica nacional sozinho. O periódico nacionalista precisaria de outros jornais, de orientação política oposta, para poder pressionar, ou mesmo desestabilizar, um governo. No entanto, o pacto de silêncio da imprensa conservadora não se manteria por muito tempo.

Vendo que suas austeras medidas econômicas lhe traziam prejuízo de popularidade, Jânio Quadros começou a se dirigir no sentido de uma política econômica mais nacionalista, a partir de agosto de 1961, o que desagradou profundamente o FMI e o governo dos Estados Unidos.⁵⁰² Somando-se a isso, a política externa independente, principalmente o reatamento das relações comerciais e diplomáticas com o bloco soviético; a grande preocupação dada às questões morais, como uso de biquínis nas praias e as rinhas de galo; e o imenso personalismo do presidente engrossaram a insatisfação dos setores conservadores a Jânio Quadros, que, mal ou bem, eram responsáveis em grande medida pela sua vitória eleitoral.⁵⁰³ Todos esses fatores combinados revelavam, inicialmente, as fissuras que existiam entre Jânio Quadros e seus apoiadores conservadores, inclusive os da imprensa.

Em meio a essas fraturas do novo bloco político a ocupar o Executivo Federal, Edna Lott protagonizaria outra grande polêmica, desta vez, com o novo presidente. Em 26 de julho de 1961, quando participava de um curso intensivo de Ciências Sociais na capital de Minas Gerais, Edna Lott deu uma entrevista coletiva⁵⁰⁴ que repercutiria consideravelmente, principalmente à direita do campo político. Perguntada sobre a política externa do atual governo, Edna Lott respondeu que a “política internacional do governo merece o apoio dos nacionalistas, porque repele e despreza a discriminação de

⁵⁰² SKIDMORE, T. E., op. cit., p. 236-8.

⁵⁰³ SKIDMORE, T. E., op. cit., p. 238-41.

⁵⁰⁴ *O Jornal*, 27 de jul. 1961, p. 1 e 6.

nações e de países” e, assumindo a posição de professora de História, afirmava que: “Precisamos, realmente, abrir os nossos portos não só as nações amigas, como em 1808, mas a todos os povos do mundo, vendendo e comprando tudo aquilo que possa interessar à economia brasileira.”.⁵⁰⁵

A entrevista, publicada pelo *O Jornal*, poderia parecer que seria tranquila no começo, apesar da introdução dessa primeira resposta já ter desferido seus primeiros golpes na figura e no governo do presidente da República. Antes de afirmar que a política externa brasileira merecia apoio dos nacionalistas, Edna Lott iniciava essa resposta colocando que eles, os nacionalistas, não faziam “oposição sistemática ou apaixonada ao governo” e que, não sendo “adeptos do culto à personalidade”, reconheciam “os acertos do sr. Jânio Quadros, como também apontamos os seus erros, servindo, assim, a uma causa maior: o Brasil.”.⁵⁰⁶ Se a primeira resposta permitia ambiguidades, a segunda não deixaria dúvidas quanto à posição política de Edna Lott.

Logo no segundo tema, Edna Lott não pouparia críticas nem procuraria aliviar com aparentes elogios o presidente da República. Perguntada sobre a política interna, a líder nacionalista afirmou que era muito cedo para julgar, que havia se passado apenas seis meses de administração e que muito ainda estava por vir.⁵⁰⁷ Começo de resposta leve, Edna passaria logo para o ataque afirmando que o “que devemos, desde logo, denunciar é a alta do custo de vida” e seguia, em sua ofensiva, sustentando que: “Tudo subiu neste país de uma maneira assustadora, nos últimos meses, como consequência da orientação financeira com a sua instrução 204 completada pela 208 e outras medidas já postas em prática.”.⁵⁰⁸ Edna Lott, após arremeter fortemente contra a condução econômica do

⁵⁰⁵ *O Jornal*, 27 de jul. 1961, p. 1.

⁵⁰⁶ *O Jornal*, 27 de jul. 1961, p. 1.

⁵⁰⁷ *O Jornal*, 27 de jul. 1961, p. 1.

⁵⁰⁸ *O Jornal*, 27 de jul. 1961, p. 1.

governo JQ, terminaria essa pergunta como começou, de maneira branda - “vamos aguardar que o tempo nos conduza a um julgamento definitivo.”.⁵⁰⁹

O último tema da entrevista foi sobre as declarações de seu pai, proferidas durante a campanha presidencial de 1960, de que o país corria grandes riscos de uma guerra civil caso Jânio Quadros fosse eleito presidente. *O Jornal* perguntava, então, se o “presidente da República regenerou-se ou o marechal falhou no seu senso de previsão?”.⁵¹⁰ “Quando o marechal Lott afirmou que o sr. Jânio Quadros arrastaria o Brasil à uma guerra civil, o fez convencido”, respondia a líder nacionalista, “de que o clima político e militar da época conduzia à assertiva. Esta, porém, não perdeu ainda a sua atualidade. Foi feita a longo prazo e vale para os cinco anos do atual governo. É cedo, portanto, para se poder julgar a advertência do marechal. O que posso afirmar”, voltava a defender seu pai, “é que ele jamais faltaria com a verdade.”.⁵¹¹

O repórter ainda insistiria no assunto, lembrando da entrevista concedida pelo marechal à *O Cruzeiro*, em 27 de maio de 1961⁵¹², que não chegou a ser publicada porque o militar “não quis confirmar as suas palavras”, segundo a revista.⁵¹³ Respondendo à questão, Edna Lott afirmou que não se tratava de um recuo de seu pai, mas apenas “uma reafirmação de sua disposição de não se pronunciar sobre assuntos de natureza política para não desrespeitar às normas por ele rigorosamente aplicadas quando ministro da Guerra.”.⁵¹⁴ Ainda sobre esse ponto, Edna Lott teria deixado a entender, segundo a matéria d’*O Jornal*, que “o regime democrático poderia correr sério risco, se o ex-candidato à presidência fosse, por acaso, punido pelas suas declarações” e teria insinuado,

⁵⁰⁹ *O Jornal*, 27 de jul. 1961, p. 1.

⁵¹⁰ *O Jornal*, 27 de jul. 1961, p. 1.

⁵¹¹ *O Jornal*, 27 de jul. 1961, p. 1.

⁵¹² *O Jornal*, 27 de jul. 1961, p. 1.

⁵¹³ *O Cruzeiro*, 27 de maio de 1961, p. 20-1.

⁵¹⁴ *O Jornal*, 27 de jul. 1961, p. 1 e 6.

mais adiante, “que já se notava certa inquietação nos setores militares pelo simples rumor veiculado na ocasião segundo o qual o governo cogitava repreender o marechal.”⁵¹⁵

Tal afirmação causaria grandes inquietações e agitações na política brasileira, em um momento em que a popularidade e o apoio ao governo Jânio Quadros se deterioravam a olhos vistos. Logo no dia seguinte à publicação da entrevista coletiva de Edna, nos mais diferentes jornais, o *Diário Carioca* buscou desmentir as declarações da líder nacionalista logo em sua primeira página. Com a chamada “Lott não autorizou declarações de Edna” e, em seguida, “O marechal Lott não autorizou sua filha, a senhora Edna Lott, a declarar em Belo Horizonte que ainda não perdera a atualidade a afirmação feita, há um ano, pelo marechal, sobre a ameaça de guerra civil representada pelo sr. Jânio Quadros”⁵¹⁶, o jornal conservador *Diário Carioca* tentava desautorizar as declarações de Edna Lott, sem ter, no entanto, conferido com o próprio militar sua posição.

Apesar da publicação afirmar que foi o ex-ministro da Guerra quem “não autorizou declarações de Edna”, a matéria do *Diário Carioca* seguiria desmentindo a sua própria chamada, relatando que: “Foi o que apurou ontem o DC em círculos ligados ao marechal, que não quer dar, nem sobre esse nem sobre outro qualquer assunto político, nenhuma entrevista.”⁵¹⁷ *O Jornal*, que foi o periódico guanabarinense que mais relatou as declarações de Edna Lott em sua entrevista coletiva em Belo Horizonte, também tentaria apresentar uma suposta divergência entre a líder nacionalista e o ex-ministro da Guerra. Também publicado em destaque, em sua página dois, *O Jornal* afirmaria que Edna Lott “acha que o marechal Lott pode voltar à vida política. Mas ele acha que não.”⁵¹⁸ Entretanto, as tentativas de criar uma nova repreensão paterna em público não alcançariam seus objetivos.

⁵¹⁵ *O Jornal*, 27 de jul. 1961, p. 6.

⁵¹⁶ *Diário Carioca*, 28 de jul. 1961, p. 1.

⁵¹⁷ *Diário Carioca*, 28 de jul. 1961, p. 1.

⁵¹⁸ *O Jornal*, 30 de jul. 1961, p. 2.

Assim, frustradas as expectativas de Lott desautorizar publicamente sua filha novamente, Jânio Quadros, através de seu ministro da Educação, Brigídio Tinoco, baixou a portaria n. 78 que suspendia, por três dias, “a professora Edna Marília Lott de Moraes Costa, do Colégio Pedro II, por ter feito, em entrevista de imprensa, crítica desairosa à política interna do Governo da República tendo, ainda, procurado criar clima de inquietação militar.”.⁵¹⁹ No entanto, o tiro sairia pela culatra e o resultado da medida de Jânio Quadros se mostraria desastroso. Edna Lott receberia grande apoio público pela arbitrariedade sofrida, principalmente de jornais de direita que aproveitaram a situação para aumentar a carga sobre o governo. Em resumo, a crítica da direita era motivada pelo entendimento de que a punição não feria apenas a professora Edna Lott, mas a todo o magistério. A defesa, portanto, não era exatamente de Edna Lott, mas da categoria profissional.

Podemos perceber, claramente, esse argumento no editorial do jornal conservador *Diário Carioca*, em uma espécie de carta aberta ao presidente da República. Publicada no dia 2 de agosto de 1961, com o título, mais ou menos sutil, “Bilhetinho a Jânio”, o texto comparava a atitude do presidente da República à do ditador Getúlio Vargas. Segundo o editorial, toda vez que uma medida como essa foi tomada, a liberdade estava ameaçada e alertava dizendo que era “um precedente grave e perigoso, esse de punir professores por darem entrevistas sobre assuntos políticos. Equiparar a disciplina docente à disciplina militar.”.⁵²⁰ A partir desse “aviso”, o jornal desancou a remontar o Estado Novo e sua perseguição política, relacionando a portaria n. 78 com aquele regime ditatorial.

O mais recente de tais acontecimentos foi quando, à sombra de um estado-de-sítio transformado em estado-de-guerra, o governo Vargas prendeu, a bordo do navio Pedro I, alguns dos mais eminentes professores universitários da época: Maurício de

⁵¹⁹ *Jornal do Commercio*, 31 de jul.-1º de ago. 1961, p. 2.

⁵²⁰ *Diário Carioca*, 2 de ago. 1961, p. 4.

Medeiros, Hermes Lima, Leônidas de Rezende, Edgardo Castro Rabelo, entre outros. Mas quando isso aconteceu foi porque já estávamos na boca do túnel do Estado Novo.⁵²¹

Dos professores, o texto se desdobrava para outros perseguidos pela ditadura varguista. “De resto, não foram, então, apenas professores. Também parlamentares: deputados João Mangabeira e Domingos Velasco e senador Abel Chermont.”⁵²² E, após introduzir essas personagens, aproveitava para desferir novo ataque ao governo Jânio Quadros.

Por sinal que, na época, por estranha coincidência, o líder do governo de então na Câmara dos Deputados era o mesmo sr. Pedro Aleixo, líder do governo de agora na mesma Câmara. O qual líder, aliás, prestou, então, serviços tão relevantes ao governo de então, no obter da licença para o processo de seus colegas, que o dito governo houve por bem promove-lo a presidente da dita Câmara, passando a perna no velho Antônio Carlos, como primeiro passo para o golpe do dito Estado Novo, que acabou por engulí-lo, ao supradito Aleixo.⁵²³

O texto seguia em tom grave, afirmando que naquele momento era uma professora que era punida, mas que tal medida poderia se alastrar para toda a sociedade, reforçando a ideia de que não se tratava da figura de Edna Lott.

Não importa que, no caso, se trate da sra. Edna Lott, filha do digno candidato derrotado por Vossa Excelência na última eleição e, ao que parece, escolhida a dedo pelo seu ministro de Estado, coitado, da Educação, justamente por tal circunstância. Importa, sim, o ato em si: equipara à dos militares a disciplina imposta aos professores. Amanhã, por esse mesmo princípio, esse mesmo doutor Tinoco aplicará a mesma punição, pelo mesmo motivo, digamos, ao mesmo professor Hermes Lima, ou Edgardo Castro Rebelo, ou Maurício de Medeiros, ou a qualquer outro inédito em tal campo.⁵²⁴

O *Diário Carioca* terminava o seu editorial supondo que tal medida, do ministro Tinoco, só não foi utilizada contra Santiago Dantas e Afonso Arinos, “por terem mandato e imunidades de congressistas”, já que “o líder do seu governo na Câmara é o mesmo

⁵²¹ *Diário Carioca*, 2 de ago. 1961, p. 4.

⁵²² *Diário Carioca*, 2 de ago. 1961, p. 4.

⁵²³ *Diário Carioca*, 2 de ago. 1961, p. 4.

⁵²⁴ *Diário Carioca*, 2 de ago. 1961, p. 4.

deputado Aleixo, que já tem, como se vê, experiência nessas coisas, Excelência.”.⁵²⁵ O resultado de medidas como a portaria n. 78, concluía o jornal, era a marcha e promulgação de uma ditadura como a do Estado Novo.⁵²⁶

Fazendo coro às ideias do *Diário Carioca*, no mesmo dia em que o jornal publicara seu *Bilhetinho a Jânio*, o deputado federal, líder da maioria e de seu partido na Câmara dos Deputados Federais, Último de Carvalho (PSD-MG) esbravejava em sessão parlamentar que: “Ninguém reage mais no Brasil, nem os homens nem a imprensa”, e que “nem o ditador Getúlio Vargas, durante o Estado-de-Sítio que tanto nos apavorou, quando perdemos, inclusive, todas as franquias constitucionais, arrancou-nos o direito de pensar ou de externar opiniões.”.⁵²⁷ Realmente, como afirmou o deputado mineiro, foram poucas as vozes que defenderiam Edna Lott da punição determinada pelo ministro da Educação.

Dos periódicos da época, apenas o *Diário Carioca* se dignou a noticiar e opinar sobre a portaria n. 78 que punia a professora do Colégio Pedro II. Praticamente, sabemos a repercussão da suspensão de Edna Lott, na Câmara dos Deputados, apenas por esse jornal, que se preocupou em utilizar do ocorrido para atacar Jânio Quadros e de suas, já confessadas pelos meios de comunicação conservadores, pretensões autoritárias. Assim, o jornal continuaria reportando, na mesma matéria, a indignação de Último de Carvalho, que questionava: “Em que regime estamos; de alarma, de desídia ou de guerra? Por todos os lados que estendemos nossas vistas sentimos o acovardamento geral diante do poder do presidente da República.”.⁵²⁸

O líder da maioria e do PSD na Câmara dos Deputados terminaria ainda, segundo a matéria do *Diário Carioca*, afirmando que, depois da censura aos professores, o presidente da República “fará emudecer os parlamentares, se os mesmos continuarem

⁵²⁵ *Diário Carioca*, 2 de ago. 1961, p. 4.

⁵²⁶ *Diário Carioca*, 2 de ago. 1961, p. 4.

⁵²⁷ *Diário Carioca*, 3 de ago. 1961, p. 1 e 3.

⁵²⁸ *Diário Carioca*, 3 de ago. 1961, p. 3.

naquele estado estático em que se encontram”, e que “no final presenciaremos o fechamento do Congresso Nacional, e os parlamentares, tendo à frente o sr. Pedro Aleixo, encontrarão as baionetas cruzadas às portas do parlamento, enquanto o sr. Jânio Quadros se transformará em ditador”.⁵²⁹ Na mesma sessão parlamentar, o deputado federal Dagoberto Sales (PSD-SP) engrossaria o apoio à Edna Lott, afirmando representar a posição da Frente Parlamentar Nacionalista.⁵³⁰

Se, na imprensa nacional, Edna Lott fora defendida pelo pequeno jornal *Diário Carioca*, que não compartilhava das posições políticas da líder nacionalista; na Câmara dos Deputados Federais, a professora contaria com um apoio mais robusto, mostrando rachaduras na relação entre o Executivo e o Legislativo federais. Que a Frente Parlamentar Nacionalista fizesse oposição ao governo Jânio Quadros, apesar da política externa independente, já era esperado. No entanto, o posicionamento do deputado Último de Carvalho, líder na Câmara do principal partido com peso nos espaços institucionais, o PSD, e também líder da maioria, mostrava que os primeiros sinais de uma ruptura política grave entre a presidência da República e o Congresso Nacional se avizinhavam.

Skidmore coloca que um dos motivos para a perda de apoio partidário de Jânio Quadros foi devido a uma reação do *stablishment* político, representado principalmente pelo PSD, às investigações de corrupção e as medidas para superação da ineficiência da máquina pública adotadas pelo novo presidente.⁵³¹ Tomando o argumento de Skidmore, esse era um forte motivo para que o Legislativo, comandado pelo PSD, tenha se colocado em posição de enfrentamento com o Executivo.⁵³² Assim, a afirmação do deputado Último de Carvalho era, além de um apoio à Edna Lott, uma declaração de guerra de boa parte dos parlamentares ao chefe do Executivo Federal. A punição de Edna Lott seria,

⁵²⁹ *Diário Carioca*, 3 de ago. 1961, p. 3.

⁵³⁰ *Diário Carioca*, 3 de ago. 1961, p. 3.

⁵³¹ SKIDMORE, T. E., op. cit., p. 238-9 e 243.

⁵³² SKIDMORE, T. E., op. cit., p. 242-3.

portanto, aproveitada pela direita e setores conservadores em sua ofensiva contra Jânio Quadros.

Importante ressaltarmos, antes de terminarmos esta seção, que essa polêmica em torno de Edna Lott teve um efeito marginal na crise do governo Jânio Quadros, com sua consecutiva renúncia. Outros fatores tiveram relevância incomparavelmente maior, como os ataques de Carlos Lacerda contra o presidente da República.⁵³³ Mesmo assim, analisar esse fato, ainda que pequeno em comparação a outros, será de grande ajuda para entendermos a crise da renúncia de Jânio Quadros e da posse de João Goulart.

4. Os idos de agosto: a farsa de Jânio Quadros e o nacionalismo de esquerda como bode expiatório

Surpreendendo a todos os atores políticos, Jânio Quadros renunciou ao cargo da presidência da República, em 25 de agosto de 1961, alegando que “forças ocultas” o impeliam a tomar tal decisão. Essa medida, inesperada até mesmo para os seus mais próximos assessores, é marcada por grandes dúvidas até hoje. A interpretação mais usual argumenta que Jânio Quadros tentaria, através dessa medida, dar um golpe político e ampliar os poderes do Poder Executivo. Nessa abordagem, os cálculos políticos de Jânio Quadros passariam por dois fatores: (1) o povo demandaria a sua volta ao cargo de presidente da República e (2) os setores mais conservadores, principalmente as Forças Armadas, não permitiriam que seu vice, João Goulart, assumisse o posto presidencial, deixado vago por Jânio.

O segundo ponto não carece de maiores esclarecimentos, pois foi justamente o que ocorreu após a renúncia de Jânio Quadros.⁵³⁴ Já em relação ao apelo popular, pretendemos

⁵³³ SKIDMORE, T. E., op. cit., p. 241-2.

⁵³⁴ Sobre a batalha da posse de Jango ver: FERREIRA, Jorge. **Crises da República: 1954, 1955 e 1961.** In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano*. 2.ed. vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. _____. **Entre a história e a memória: João Goulart.** In: FERREIRA,

aqui apresentar uma visão alternativa. Naquela altura, em meados de 1961, Jânio Quadros vinha perdendo vertiginosamente sua aprovação popular. As medidas econômicas ortodoxas encareciam o custo de vida dos brasileiros, gerando grande insatisfação popular. Segundo Skidmore, para reverter essa progressiva perda de popularidade, Jânio Quadros teria se dirigido para políticas econômicas mais nacionalistas.⁵³⁵ A nova orientação econômica de Jânio Quadros se somaria à Política Externa Independente, há tempos adotada pelo presidente para, entre outras razões, angariar o apoio dos nacionalistas de esquerda.

Podemos notar que Jânio Quadros, ao longo do seu governo, foi saindo de uma posição mais liberal, pela qual foi eleito presidente da República, e foi se dirigindo para uma posição mais próxima do nacionalismo de esquerda. Para completar o quadro, o excessivo personalismo de Jânio Quadros, desejoso de governar acima dos partidos, fazia com que os setores mais conservadores se lembrassem da figura de Getúlio Vargas, como vimos, anteriormente, no editorial do *Diário Carioca* em defesa de Edna Lott. Se, em 1960, Jânio Quadros foi eleito apregoando ser o anti-Getúlio e o anti-Juscelino; em poucos meses após a vitória eleitoral, em meados de 1961, o novo presidente já se pareceria demais, no entender desses setores, com as figuras dos dois últimos presidentes. Por conta disso, Jânio Quadros perderia sua blindagem nos meios de comunicação e passaria a ser criticado pela grande imprensa.

Pressionado pelo grupo que o havia eleito, Jânio Quadros, provavelmente, resolveu se arrimar nos nacionalistas de esquerda. No entanto, essa manobra foi realizada muito apressadamente, sem tempo de se consolidar um verdadeiro apoio dos nacionalistas ao presidente da República. Se os setores conservadores passaram a ver, rapidamente, a

Jorge; AARÃO REIS, Daniel (org.). *As esquerdas no Brasil*. Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964). vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

⁵³⁵ SKIDMORE, T. E., op. cit., p. 236-8.

imagem de Getúlio Vargas refletida em Jânio Quadros, o mesmo não pode ser dito dos nacionalistas de esquerda. Para esse grupo político, Jânio ainda era visto com muita desconfiança, apesar de sua recente marcha em direção ao nacionalismo de esquerda. Devido à volatilidade do presidente da República, essa nova orientação não gerou uma adesão imediata dos nacionalistas de esquerda.

Como podemos ver, Jânio Quadros chegou rapidamente a um impasse político.⁵³⁶ Aqueles que o haviam apoiado, desde a sua campanha eleitoral, estavam descontentes e o criticavam ferozmente, inclusive o seu maior cabo-eleitoral, Carlos Lacerda. Aqueles que lhe faziam oposição começavam a elogiar algumas medidas do presidente, mas com grande comedimento. Vendo-se em um beco sem saída e possuindo grande habilidade em se aproveitar das situações mais imediatas, lançamos a hipótese de que, antes de apelar para um povo abstrato que supostamente o carregaria de volta, “em seus braços”, ao comando do governo, a renúncia de Jânio Quadros possuía a intenção de gerar uma reação política mais errática por parte dos nacionalistas de esquerda.

Nosso argumento é de que Jânio Quadros, à la Napoleão III, tentou reinterpretar a queda de Getúlio Vargas, de 1954, no ano de 1961. O presidente não agradava mais as massas, era criticado acerbamente pela imprensa e possuía um discurso, aderido recentemente, de lutar contra o imperialismo americano, os trustes internacionais, etc. Assim como Getúlio Vargas, Jânio Quadros também justificou seu ato devido a pressões “ocultas” que o impediam, sistematicamente, de governar o país. Por fim, somando-se a tudo isso, ainda havia o detalhe das proximidades das datas. Jânio Quadros renunciou no dia 25 de agosto, um dia após, se não contarmos os anos, do suicídio de Getúlio Vargas, ocorrido em 24 de agosto. Todos esses elementos, portanto, encaixavam-se, farsescamente, na tragédia de Getúlio Vargas.

⁵³⁶ AARÃO REIS, D., *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*, p. 30.

Por esses motivos todos, a interpretação mais comum argumenta que Jânio Quadros calculava que a justaposição desses dois processos históricos levaria o “povo” a se rebelar contra as instituições, conferindo-lhe amplos poderes após terem lhe restituído o cargo de presidente da República.⁵³⁷ Essa é uma teoria plausível, mas credita força demais nesse agente histórico abstrato chamado “povo”. Por vários anos seguidos, Getúlio Vargas havia marcado o imaginário popular como “o pai dos pobres”, sendo, sem dúvidas, o grande símbolo do trabalhismo brasileiro.⁵³⁸ Uma reação emocional em defesa de Getúlio Vargas, por parte desse “povo” abstrato, era mais do que razoável devido ao enorme esforço imagético e afetivo criados em torno do ex-presidente.

Jânio Quadros, por sua vez, era, basicamente, um político paulista com uma carreira meteórica. Mais do que uma figura entranhada no imaginário popular do país, Jânio era um fenômeno eleitoral paulista. Iniciando sua vida como professor, sendo eleito vereador, Jânio logo começou a ascender politicamente, em 1953, quando foi eleito prefeito de São Paulo; no ano seguinte, em 1954, venceu Adhemar de Barros na disputa do governo do Estado de São Paulo.⁵³⁹ Por mais talentoso em representar o homem popular e por mais ascendente que estivesse sua trajetória política, Jânio Quadros venceu aquela eleição presidencial pelo suporte que recebeu de grandes grupos econômicos e políticos. Se fosse apenas pela capacidade de animar “as massas”, Adhemar de Barros teria sido um concorrente muito mais forte em todos os pleitos presidenciais de que participou. Por isso, a desproporção da fidelidade emocional que esse “povo” pudesse apresentar aos dois ex-presidentes era evidente.

Assim, argumentamos que a renúncia de Jânio Quadros tinha como objetivo maior fazer com que a esquerda nacionalista tomasse uma atitude precipitada. Como já

⁵³⁷ FERREIRA, J., *Entre a história e a memória: João Goulart*, p. 520-1.

⁵³⁸ Ver, principalmente, o capítulo 6, *A invenção do trabalhismo*, da obra homônima de Angela Castro Gomes, anteriormente citada.

⁵³⁹ SKIDMORE, T. E., op. cit., p. 228.

abordamos, o mundo vivia sob a constante ameaça produzida pela Guerra Fria, e que, na América Latina, havia começado a esquentar a partir da Revolução Cubana, em 1959. O nacionalismo de esquerda, então, causava grandes preocupações nas classes dominantes e nas forças de segurança do Estado. Também como analisamos anteriormente, Edna Lott e o partido militar nacionalista eram bem monitorados pela Polícia Política. Inclusive, vimos que em um dos relatórios da Polícia Política, datado de 16 de junho de 1961, afirmava-se que o MNB estava construindo um “cinturão de defesa” com as Ligas Camponesas e estudantes, em vários Estados do país.⁵⁴⁰

Ainda nesse relatório, como já trabalhamos, a Polícia Política entendia que a articulação desse “cinturão de defesa” passava por Cuba e pelo marechal Lott, militar este que, durante a campanha presidencial de 1960, alertava sobre a possibilidade de uma guerra civil caso Jânio Quadros fosse eleito. Inclusive, como anteriormente abordado, Edna Lott foi questionada sobre essas alegações nos dias finais de julho de 1961, quase agosto, tendo corroborado as possibilidades aventadas por seu pai. Declaração esta que, segundo o entendimento do periódico que veiculou essa informação, Edna Lott

deixou a entender que o regime democrático poderia correr sério risco, se o ex-candidato à presidência fosse, por acaso, punido pelas suas declarações. Insinuando, mais adiante, que já se notava certa inquietação nos setores militares pelo simples rumor veiculado na ocasião segundo o qual o governo cogitava repreender o marechal.⁵⁴¹

Como podemos ver, claramente, os dias que antecederam a renúncia de Jânio Quadros apresentavam grande potencial para uma saída brusca do presidente. A esquerda nacionalista poderia servir como um bom bode expiatório para Jânio Quadros recuperar a popularidade perdida e aumentar seus poderes presidenciais. É importante notarmos que, segundo nos apresenta a brasilianista Chirio, as Forças Armadas vinham sendo cada

⁵⁴⁰ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 108 16 de jun. 1961.

⁵⁴¹ *O Jornal*, 27 de jul. 1961, p. 6.

vez mais influenciadas, durante toda aquela década de 1950, pela teoria da *guerra revolucionária* (GR).⁵⁴² Importada da França, surgida após a derrota na Indochina e pela guerra que ocorria na Argélia, a GR foi logo associada às teorias desenvolvidas pela Escola Superior de Guerra (ESG), compondo, a grosso modo, a *Doutrina de Segurança Nacional* (DSN).⁵⁴³ Segundo Chirio, a GR foi

integrada às teorias produzidas pela ESG no fim dos anos 1950: a DSN inclui então como peça central o conceito, e até mesmo o roteiro, da GR. A hipótese da guerra total subsiste, mas de convencional e nuclear passa a ganhar contornos quase exclusivos da luta contra o agente comunista infiltrado, veneno ideológico, agitador social e político, artífice da dissolução da unidade nacional, antes de se metamorfosear, armas em punho, em guerrilheiro em busca da conquista do poder.⁵⁴⁴

Insuflada pela Guerra Fria e pela Revolução Cubana, os militares de direita passariam a ver “evidências” de GR por todo o lado. Nesse sentido, é importante atentarmos para o que nos coloca a brasilianista francesa, mais adiante em seu texto, afirmando que:

Embora o governo Jânio Quadros coincida com a iniciativa de uma difusão mais ampla e sistemática da teoria da guerra revolucionária por parte da hierarquia militar, paradoxalmente a renúncia do presidente, em agosto de 1961, parece acelerar a mobilização militar em torno do doutrinamento da tropa e dos oficiais.⁵⁴⁵

Envolvido em toda a articulação de direita responsável pela sua vitória eleitoral, em 1960, é pouco provável que Jânio Quadros não tivesse qualquer ideia dessa nova orientação das Forças Armadas. Guerra revolucionária, marechal Lott, nacionalismo de esquerda, partido militar nacionalista, Cuba, PCB, Ligas Camponesas, UNE, João Goulart, Brizola, Edna Lott, tudo isso tinha um grande potencial mobilizador dos militares de direita. Como argumentou o *Diário Carioca*, ao defender a líder nacionalista

⁵⁴² CHIRIO, M., op. cit., p. 20.

⁵⁴³ Ibidem.

⁵⁴⁴ Ibidem.

⁵⁴⁵ CHIRIO, M., op. cit., p. 23-4.

da punição sofrida no Colégio Pedro II, Jânio Quadros parecia criar uma situação para ter um Estado Novo para si, cuja instauração, em 1937, deveu-se ao “perigo vermelho”.

Se esse foi o plano de Jânio Quadros, como buscamos argumentar, ou não, fato é que os militares de direita pouco se interessaram em ter um novo ditador civil. Seu pedido de renúncia foi aceito por todos os atores políticos, sem ressalvas de qualquer parte.⁵⁴⁶ Mesmo assim, a direita militar agiu, durante todo o processo de posse do vice-presidente, de modo a impedir que seus piores medos se tornassem realidade, ou seja, que a ascensão de João Goulart à presidência da República fosse o primeiro passo rumo à guerra revolucionária. Tais temores seriam referendados no imaginário da direita militar, quando, após os ministros militares terem se alojado, à força, no poder Executivo, o marechal Lott, já na reserva, veio a público apelar para que os militares permanecessem fiéis à Constituição e ao regime democrático.⁵⁴⁷

Em retaliação ao pronunciamento do marechal, feito em 29 de agosto de 1961, o marechal Denys decretaria a prisão de Lott.⁵⁴⁸ Além do acerto de contas dos militares de direita com o ex-ministro da Guerra, essa punição também tinha como objetivo asfixiar qualquer chance de resistência à Junta Militar. Isso é claro quando observamos a reportagem do *Última Hora*, do dia 1º de setembro de 1961, um ou dois dias após a prisão do marechal Lott. Em sua página três, o jornal trazia, em caixa alta, a seguinte chamada: “D. Edna não podia visitar Lott”.⁵⁴⁹ Nessa matéria, o *Última Hora* fazia um breve resumo do itinerário punitivo de Lott, que “foi preso, inicialmente, na Fortaleza de Lajes, local que, normalmente, seria reservado aos criminosos do Exército. Depois Lott foi transferido para Santa Cruz e, finalmente, para o Batalhão de Paraquedistas, na Vila Militar.”⁵⁵⁰

⁵⁴⁶ SKIDMORE, T. E., op. cit., p. 242-3.

⁵⁴⁷ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 275-6.

⁵⁴⁸ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 276-8.

⁵⁴⁹ *Última Hora*, 1º de set. 1961, p. 3.

⁵⁵⁰ *Última Hora*, 1º de set. 1961, p. 3.

Depois de mostrar essa circulação do ex-ministro da Guerra pelos diferentes locais em que cumpriria sua punição militar, o *Última Hora* concluía realçando que, na Vila Militar, “permitiram que Lott recebesse visitas das pessoas de sua família. Menos de uma: sua filha Edna. Motivo: Edna Lott tem sido uma campeã na luta pelo nacionalismo, pelo desenvolvimento e pela legalidade.”.⁵⁵¹ Essa notícia transmitida pelo o *Última Hora* é bastante interessante por várias razões. A primeira delas, o emprego do verbo poder no pretérito imperfeito logo no título da matéria, conferindo uma ação prolongada no tempo. Se Lott fez uma declaração no dia 29 de agosto de 1961, foi punido no dia 30 de agosto do mesmo ano e, durante sua peregrinação pelos locais em que cumpriria sua punição militar, Edna Lott foi impedida de vê-lo no dia 31 do mesmo mês e ano, a melhor utilização do verbo “poder”, na manchete, seria conjugando-o no pretérito perfeito.

Assim, se fosse escrita sem nenhuma intenção política, consideração puramente ideal, a chamada da matéria seria: D. Edna não pôde visitar Lott. No entanto, ao optar pelo uso do verbo no pretérito imperfeito, o jornal conotava que Edna Lott vinha sendo sistematicamente impedida de ver o marechal, apesar de ser sua filha e de todos os demais parentes de Lott poderem lhe visitar na Vila Militar. Essa escolha de tempo verbal do jornal era catalisada pelo segundo e último parágrafo da matéria, que afirmava que “permitiram que Lott recebesse visitas das pessoas de sua família. Menos de uma: sua filha Edna.”.⁵⁵² A permissão de um sujeito indeterminado nesta frase reforça a noção genérica do “nós versus eles” para o público do jornal, incitando uma avaliação negativa dos leitores do *Último Hora* para as decisões da Junta Militar; pois “eles” permitiram que todos os familiares de Lott lhe visitassem à exceção de uma, que, por sinal, “tem sido uma campeã na luta pelo nacionalismo, pelo desenvolvimento e pela legalidade.”.⁵⁵³

⁵⁵¹ *Última Hora*, 1º de set. 1961, p. 3.

⁵⁵² *Última Hora*, 1º de set. 1961, p. 3.

⁵⁵³ *Última Hora*, 1º de set. 1961, p. 3.

Ao colocar que Edna Lott, mesmo sendo familiar do marechal, era impedida de visitar o pai devido a proeminência política da líder do Movimento Nacionalista Brasileiro, o *Última Hora* politizava ainda mais a prisão de Lott e alavancava a posição de destaque de Edna Lott na resistência democrática à Junta Militar. Impedir Edna de visitar Lott, de acordo com a construção do jornal, não era encarado pelas forças de segurança como um encontro entre pai e filha, mas, sim, uma reunião política entre uma líder nacionalista e um símbolo do nacionalismo brasileiro, que articulavam uma estratégia política de resistência à direita militar. Essa medida de impedir que Edna Lott visitasse o próprio pai, naquele momento de grande instabilidade para as pretensões da direita militar, ganhava maior importância se considerarmos a resistência de Brizola e do III Exército, no Rio Grande do Sul.

Logo após a renúncia de Jânio Quadros, no dia 27 de agosto de 1961, Brizola se lançaria na vanguarda da resistência democrática frente aos arroubos golpistas e ditatoriais da Junta Militar, desejosa de impedir a posse de João Goulart.⁵⁵⁴ Dois dias depois, o marechal Lott faria o tal pronunciamento conclamando os militares a se manterem fiéis à Constituição de 1946, sendo preso em seguida. Antes disso, segundo Carloni, o marechal “teria entrado em contato com o governador do Rio Grande do Sul e o orientou a estabelecer comunicação com alguns militares daquela região que apoiariam uma solução legal para crise.”⁵⁵⁵ Tendo isto em vista, era fundamental para a direita militar barrar qualquer contato que Lott pudesse ter com militantes nacionalistas, como, por exemplo, sua própria filha.

Permitir o contato entre Lott e a líder nacionalista poderia ser fatal para as pretensões dos militares de direita, uma vez que, como vimos anteriormente neste capítulo, Edna Lott e Leonel Brizola já vinham de contatos políticos desde o final do ano

⁵⁵⁴ FERREIRA, J., *Crises da República, 1954, 1955 e 1961*, p. 327.

⁵⁵⁵ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 278-9.

anterior. Era fundamental para a Junta Militar neutralizar qualquer possibilidade de articulação da resistência no Sul com as tropas da ex-Capital Federal, os dois Estados que possuíam os Exércitos mais fortes da Federação, isolando, assim, o governador gaúcho. Até o momento, não conseguimos encontrar maiores informações da participação do marechal e de Edna Lott na realização da Campanha da Legalidade, protagonizada por Brizola e apoiada pelo III Exército, sob o comando do general Machado Lopes.

Seja como for, João Goulart tomaria posse da presidência da República em um regime parlamentarista, solução negociada entre o Rio Grande do Sul e a Junta Militar, no dia 7 de setembro de 1961.

Cap. III

Do Movimento Nacionalista Brasileiro à vida partidária: a campanha parlamentar pelo PTB em 1962

Neste capítulo, buscamos apresentar e analisar um momento de transição na trajetória política de Edna Lott, quando passaria a ganhar ainda mais autonomia em suas posições políticas, afastando-se, de certa forma, da órbita de seu pai. Durante a eleição parlamentar de 1962, Edna Lott ainda enfrentaria alguns problemas relativos à participação da mulher na política, ainda que menos intensamente que no período 1960-1961. A partir de 1962, podemos perceber como sua personagem política foi ganhando mais espaço individual, sendo convidada a se filiar ao PTB pelo próprio presidente da seção da Guanabara, Lutero Vargas (seção 1), e podendo intensificar suas ideias e bandeiras durante a campanha eleitoral, inclusive publicando artigos no jornal nacionalista *O Semanário* (seção 2 e 3).

1. Filiação ao PTB

Acumulando grande capital político, principalmente após a disputa eleitoral de 1960, Edna Lott conquistou grande expressão no debate público daquele início de década. Logo em março de 1961, a revista *O Mundo Ilustrado* já noticiava que: “Nos chamados círculos nacionalistas, tem-se como praticamente assegurada a candidatura de D. Edna Lott a deputado federal, nas eleições da Guanabara de 1962, quando deverá ocorrer a renovação da representação carioca na Câmara Federal.”⁵⁵⁶ Sete meses depois, em outubro, o *Correio da Manhã* e o *Tribuna da Imprensa* também publicariam informações

⁵⁵⁶ *O Mundo Ilustrado*, 11 de mar. 1961, p. 7.

semelhantes. Segundo os dois jornais, Edna Lott já havia iniciado sua campanha à deputação federal na Guanabara, visitando bairros, sem, no entanto, possuir uma legenda.⁵⁵⁷

A filiação partidária de Edna Lott seguiria esse objetivo imediato de conseguir uma sigla para a sua candidatura parlamentar, em 1962. Na entrevista dada à revista *Manchete*, publicada pel’*O Semanário*, Edna Lott respondia à pergunta, “Se for candidata, a senhora será apresentada por qualquer partido?”⁵⁵⁸, afirmando que:

O problema de minha candidatura não se apresentou ainda. Serei candidata, ou não, conforme conveniência e decisão do Movimento Nacionalista Brasileiro, e o partido pelo qual o serei, eventualmente, é uma incógnita: será qualquer partido que tenha posição próxima à do MNB.⁵⁵⁹

Mais adiante na entrevista, em uma questão também relativa aos partidos, a *Manchete* perguntava à Edna Lott que rumo havia tomado a Frente Nacionalista, depois das eleições, e se essa Frente iria se unir a algum partido ou se constituir em um partido independente, ao que a líder nacionalista respondia que:

Não posso falar pela Frente Parlamentar Nacionalista, acreditando que a sua pergunta a ela se refira. O Movimento Nacionalista Brasileiro, a que pertenço, não é partido, e por isso engloba elementos de todos os partidos. É minha opinião pessoal de que não chegou ainda o momento para que ele, e só em nome dele posso falar, se transforme em partido político. No momento, constitui-se de elementos de todos os partidos e também de elementos não partidários.⁵⁶⁰

A questão sobre a legenda de Edna Lott, para as eleições parlamentares de 1962, gravitava em torno da conformidade programática que o partido tivesse com o Movimento Nacionalista Brasileiro. Essa opção, tanto de Edna, quanto do MNB, buscava conservar a autonomia de ambos frente à filiação a um partido político, que somente se

⁵⁵⁷ *Correio da Manhã*, 13 de out. 1961, p. 2; *Tribuna da Imprensa*, 13 de out. 1961, p. 3.

⁵⁵⁸ *O Semanário*, 4-11 de maio 1961, p. 11.

⁵⁵⁹ *O Semanário*, 4-11 de maio 1961, p. 11.

⁵⁶⁰ *O Semanário*, 4-11 de maio 1961, p. 11.

efetivou, no final de março daquele ano, após um convite de Lutero Vargas, presidente do PTB carioca.⁵⁶¹ A motivação de Edna Lott para a escolha da legenda, como podemos ver, restringia substancialmente as opções partidárias disponíveis, restando basicamente o PTB.

O capital político de Edna Lott não se resumia ao que ela conseguiu amearhar pessoalmente, durante os anos de 1960 e 1961. O nome de seu pai, evidentemente, ampliava substancialmente a projeção e a relevância da figura política de Edna Lott. Todo esse patrimônio político, herdado, construído e bem administrado por Edna, obrigava a líder nacionalista a escolher um partido que possuísse um tamanho equivalente. Esse aspecto excluía todos os pequenos e médios partidos do período, incluindo o próprio PSD. Maior partido político nacional, o PSD era bem pequeno no Estado da Guanabara, beirando a irrelevância.⁵⁶² UDN⁵⁶³ e PTB monopolizavam e polarizavam as disputas políticas eleitorais no Estado, havendo pouco espaço para outros partidos. Só para termos uma ideia, as duas agremiações concentraram 70% e 80% dos votos, respectivamente, nas eleições para deputado federal de 1958 e de 1962.⁵⁶⁴

Para a deputação estadual, cargo pleiteado por Edna Lott, as duas siglas concentraram tradicionalmente 50% do eleitorado, excetuando nos anos de 1947, 1954 e 1958.⁵⁶⁵ A disputa eleitoral, portanto, acontecia entre esses dois partidos no Estado da Guanabara, antigo Distrito Federal, sendo fortemente marcada por uma clivagem ideológica.⁵⁶⁶ A escolha partidária ocorria, em geral, entre um partido ou outro, uma vez

⁵⁶¹ *Diário de Notícias*, 24 de mar. 1962, p. 4; *Correio da Manhã*, 27 de mar. 1962, p. 4; *Última Hora*, 27 de mar. 1962, p. 3; *Diário Carioca*, 27 de mar. 1962, p. 4.

⁵⁶² BENEVIDES, M. V., op. cit., p. 233.

⁵⁶³ Neste capítulo analisaremos, especificamente, a UDN carioca. Sobre a seção da Guanabara ver: PICALUGA, Izabel Fontenelle. **Partidos políticos e classes sociais: a UDN na Guanabara**. Petrópolis: Vozes, 1980.

⁵⁶⁴ PICALUGA, I. F., op. cit., p. 190.

⁵⁶⁵ *Ibidem*.

⁵⁶⁶ PICALUGA, I. F., op. cit., p. 66.

que não havia um terceiro que pudesse rivalizar tanto ideologicamente, quanto eleitoralmente. Nas eleições parlamentares de 1962, esse cenário de tensões e embates entre as duas siglas se aprofundaria ainda mais. Já naquele início de década, o *lacerdismo* dominaria a UDN carioca em razão de duas vitórias eleitorais, em 1960, creditadas a Carlos Lacerda. Eleito governador da Guanabara naquele ano, o jornalista também foi o responsável pela definição de Jânio Quadros como o candidato da UDN à presidência da República.⁵⁶⁷

Mesmo tendo feito o presidente em 1960, Lacerda radicalizaria em suas posições, cada vez mais à direita, no curto governo de Jânio Quadros, quando este começou a acenar politicamente aos nacionalistas de esquerda, principalmente por sua política externa independente.⁵⁶⁸ Essa ruptura de Lacerda com Jânio Quadros daria início a uma divisão na UDN da Guanabara, agravando-se ao longo do governo de João Goulart e, finalmente, tornando-se irreconciliável a partir do golpe civil-militar.⁵⁶⁹ Como coloca a cientista política Picaluga:

A partir de 1961, podemos observar na UDN carioca duas pautas diferentes de comportamento. De um lado, encontramos os liberais que tenderão a acompanhar as medidas políticas e econômicas do presidente Quadros e de outro, o governador Lacerda e seus simpatizantes que tenderão cada vez mais para uma posição à direita dos demais partidos conservadores.⁵⁷⁰

Outro fator que fortaleceu o lacerdismo, na Guanabara, foi a chegada de Leonel Brizola ao Estado.⁵⁷¹ Em 1962, o então governador gaúcho se candidatava ao cargo de deputado federal pelo PTB, após a grande vitória da Campanha da Legalidade no ano anterior. A presença de um forte político trabalhista e varguista, que recém chegara ao Estado, acabou por intensificar o já robustecido anticomunismo, antinacionalismo e

⁵⁶⁷ PICALUGA, I. F., op. cit., p. 69-70.

⁵⁶⁸ PICALUGA, I. F., op. cit., p. 70-2.

⁵⁶⁹ PICALUGA, I. F., op. cit., p. 67 e 101-2.

⁵⁷⁰ PICALUGA, I. F., op. cit., p. 67.

⁵⁷¹ BENEVIDES, M. V., op. cit., p. 233.

antigetulismo na UDN carioca, que tinha em Lacerda seu principal difusor ideológico.⁵⁷² Essa característica antinacionalista e antigetulista da seção guanabarina incompatibilizaria, incontornavelmente, Edna Lott com a UDN. Como vimos nos dois capítulos anteriores, Edna Lott era uma ardorosa defensora do nacionalismo e possuía grande estima por Getúlio Vargas, sobretudo pelo seu segundo governo nacionalista.

Como última consideração sobre a UDN, poderíamos ainda, com muita boa vontade, ver uma possibilidade de Edna Lott atuar junto à Bossa Nova, facção “nacionalista” e não lacerdista da UDN. Inspirada pela Doutrina Social da Igreja, a Bossa Nova era, segundo Benevides, uma facção considerada de “centro-esquerda” que “surgiu como uma frente de apoio aos projetos reformistas do governo, considerados ‘nacionalistas’ ou de ‘interesse popular’ como a lei antitruste e de remessa de lucros, a defesa das riquezas minerais, o combate à inflação, a reforma de lei de imposto de renda”, etc.⁵⁷³

Apesar de ter apoiado as reformas de base de João Goulart, participando, inclusive, da Frente Parlamentar Nacionalista⁵⁷⁴, a Bossa Nova articulou a candidatura e apoiou o governo de Jânio Quadros. Mesmo se considerássemos que o apoio a Jânio Quadros se dava pelas “pautas de esquerda”, como considera Benevides, o ingresso de Edna Lott ao partido era inviável tanto por ela ter sido a principal articuladora e filha do candidato derrotado, em 1960, quanto por ter feito cerrada oposição ao presidente, em 1961. As críticas de Edna Lott ao governo de JQ foram tão contundentes e frequentes, que o presidente chegou a punir administrativamente a líder nacionalista, como vimos no capítulo II.

⁵⁷² Ibidem.

⁵⁷³ BENEVIDES, M. V., op. cit., p. 115.

⁵⁷⁴ BENEVIDES, M. V., op. cit., p. 123.

Por esses motivos, o PTB se mostrava como o único grande partido que satisfazia as exigências de coerência política com o Movimento Nacionalista Brasileiro. No entanto, a constatação desse fato não se configura na principal questão concernente ao PTB. Nesse ponto, o grande problema é compreendermos que PTB é esse que Edna Lott se filiava. Evidentemente que qualquer partido político apresenta variações, maiores ou menores, em relação ao seu tamanho, ao lugar em que está estabelecido e às suas ideias e programas ao longo do tempo.⁵⁷⁵ Mas, antes de seguirmos para essas considerações, é preciso deixar claro de qual leitura do PTB estamos partindo. As interpretações sobre a sigla não são unívocas.

Dentre as diferentes visões sobre o PTB e o trabalhismo, destacamos as de duas cientistas políticas: Lucília de Almeida Neves Delgado e Maria Celina D’Araujo.⁵⁷⁶ Nessa dissertação de mestrado, não nos preocuparemos em assumir uma dessas duas interpretações. Utilizaremos cada uma delas conforme e quando entendermos que são necessárias e proveitosas para analisarmos a trajetória política de Edna Lott. Inicialmente, começaremos pela interpretação de Lucília de Almeida Neves Delgado, trabalhando mais à frente com Maria Celina D’Araujo.

Em sua tese de doutorado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP), em 1989, Delgado colocava que seu interesse pelo PTB, após ter pesquisado sobre o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), dava-se pelo fato de o partido aparentar a síntese do “enigma democrático brasileiro” da IV República, ou seja,

um inegável dirigismo das elites dominantes, mascarado por um paternalismo e comunitarismo oficial, a que se misturariam, cada vez mais, manifestações de combatividade das classes subalternas, a par da trágica e recorrente indecisão teórica e

⁵⁷⁵ Sobre essa questão ver: LIMA JÚNIOR, Olavo de Brasil. **Os Partidos Políticos Brasileiros: A experiência federal e regional (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

⁵⁷⁶ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **PTB: do Getulismo ao Reformismo (1945-1964)**. 2.ed. São Paulo: LTr, 2011; D’ARAUJO, Maria Celina. **Sindicatos, carisma e poder: o PTB de 1945-65**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

política de alguns de seus dirigentes mais orgânicos e preparados.⁵⁷⁷

Aparência que, podemos dizer, Delgado examina e confirma ao longo do seu trabalho. A cientista política afirma que o PTB só pode ser compreendido em uma relação triangular composta pelo próprio partido, pelos sindicatos e pelo Estado, representado principalmente no Ministério do Trabalho e nos Institutos de Previdência e Seguridade Social.⁵⁷⁸ De acordo com Delgado, a relação entre Estado-PTB-sindicato seria marcada por um constante conflito entre a busca de controle da classe trabalhadora pela classe dirigente e, ao mesmo tempo, a busca de maior autonomia organizativa e de atuação política dessa mesma classe trabalhadora frente a classe dirigente.⁵⁷⁹

No entanto, Delgado também aponta para o fato dessa articulação não se manter sempre estável, tendo apresentado, em alguns momentos, “ameaças de ruptura nesse sistema de alianças”.⁵⁸⁰ Essa situação de instabilidade do tripé Estado-PTB-sindicatos ganhou mais força e fôlego a partir de 1954, com a morte de Getúlio Vargas, surgindo “propostas alternativas de atuação político-sindical por essas organizações”.⁵⁸¹ O suicídio do ex-presidente acabou, gradualmente, pondo fim a clivagem getulistas e antigetulistas, transferindo a disputa política para posições menos personalistas e mais ideológicas. No caso do PTB, a partir daquele episódio, o partido foi se dirigindo para uma linha mais reformista até chegar ao ponto de um reformismo radical, no início da década de 1960.

Com a morte do ex-presidente, em 1954, o partido, que havia sido criado basicamente para garantir a base política de Getúlio Vargas e as conquistas sociais das leis trabalhistas, passou a adotar uma nova prática. Segundo Delgado, “a nova prática, a partir de então adotada pelo PTB, inclusive no plano da atuação parlamentar, e pelos

⁵⁷⁷ DELGADO, L. A. N., *PTB: do Getulismo ao Reformismo*, p. 19-20.

⁵⁷⁸ DELGADO, L. A. N., *PTB: do Getulismo ao Reformismo*, p. 20-1.

⁵⁷⁹ DELGADO, L. A. N., *PTB: do Getulismo ao Reformismo*, p. 20.

⁵⁸⁰ DELGADO, L. A. N., *PTB: do Getulismo ao Reformismo*, p. 21.

⁵⁸¹ *Ibidem*.

sindicatos, ameaçou superar os limites para eles traçados pelos governos do período de 1945 e 1964.”⁵⁸² Por esse motivo, Delgado coloca que a atuação do PTB foi marcada pela ambiguidade e pela ambivalência, uma vez que, por mais que “momentos conjunturais diferenciados nos permitem apontar os caminhos da ampliação das lutas sindicais”, os sindicatos “não alcançaram autonomia” naquela experiência democrática.⁵⁸³

Resumido bem sinteticamente o pensamento de Delgado sobre o PTB, falta indicarmos o que na interpretação dela mais nos interessa para o nosso trabalho, no caso, as correntes políticas do partido. Se tomarmos o perfil dos políticos, traçado por Lucília de Almeida Neves Delgado, encontraremos dois grupos principais: os *pragmáticos*, “originários principalmente dos setores médios da sociedade brasileira. Predominavam os bacharéis em direito com carreira na administração pública. Alguns deles, no entanto, apresentavam raízes empresariais.”, e os *reformistas*, formado por políticos que atuavam “no partido, principalmente a partir da década de 1950, não tinham qualquer vínculo anterior com o Ministério do Trabalho e com o Presidente Vargas. Eram basicamente profissionais liberais, afeitos à atividade intelectual em seus estados de origem.”⁵⁸⁴

Esses *pragmáticos*, segundo Delgado, possuíam uma ação política caracterizada por um fisiologismo reiterado⁵⁸⁵, enquanto que os *reformistas* “tiveram como marca indelével de sua militância partidária a apresentação de propostas de alteração do programa inicial do PTB, procurando desvinculá-lo do trabalhismo varguista.”⁵⁸⁶ Em um texto mais recente, Lucília de Almeida Neves Delgado propôs uma nova tipificação dos petebistas,

⁵⁸² Ibidem.

⁵⁸³ Ibidem.

⁵⁸⁴ DELGADO, L. A. N., *PTB: do Getulismo ao Reformismo*, p. 227.

⁵⁸⁵ Ibidem.

⁵⁸⁶ Ibidem.

acrescentando um novo perfil político.⁵⁸⁷ Essas três tendências partidárias seriam compostas pelos: (1) *getulistas pragmáticos*, (2) *doutrinários trabalhistas* e (3) *pragmáticos reformistas*.⁵⁸⁸ Essa nova caracterização do PTB, proposta por Delgado, está na criação da categoria dos *doutrinários trabalhistas*⁵⁸⁹, que estavam antes circunscritos no grupo dos *reformistas*.

A tendência dos *doutrinários trabalhistas*, tendo como principais nomes Alberto Pasqualini, Sérgio Magalhães e San Thiago Dantas, era composta pelos “intelectuais orgânicos do petebismo e se inscreviam em uma orientação trabalhista socializante, que propugnava uma maior desvinculação do partido em relação ao Estado.”⁵⁹⁰ Os *getulistas pragmáticos*⁵⁹¹ continuam sendo os *pragmáticos*, na definição anterior de Delgado, e os *pragmáticos reformistas* seriam a amálgama dessas duas posições recém apresentadas, tendo como principal nome João Goulart.⁵⁹² Como destaca a cientista política,

a linha pragmática reformista [...] merece um cuidado analítico especial, pois traduziu o casamento entre as proposições discursivas do trabalhismo doutrinário e uma prática política que mesclava traços herdados do getulismo e do trabalhismo dos primeiros tempos, com uma renovação substantiva do próprio trabalhismo, que passou a se confundir/fundir com nacionalismo, reformismo e projeto de maior autonomia política para os trabalhadores.⁵⁹³

Edna Lott, iniciando sua militância pelo PTB em 1962, não tinha nenhum vínculo anterior com o Ministério do Trabalho. O contato mais próximo, que poderíamos considerar, de Edna com Getúlio seria póstumo. O suicídio do ex-presidente, em agosto de 1954, levou seu pai a ocupar o cargo de ministro da Guerra, no novo governo de Café

⁵⁸⁷ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil (1945-1964)**. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

⁵⁸⁸ DELGADO, L. A. N., *Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo*, p. 177-8.

⁵⁸⁹ DELGADO, L. A. N., *Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo*, p. 187-93.

⁵⁹⁰ DELGADO, L. A. N., *Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo*, p. 178.

⁵⁹¹ DELGADO, L. A. N., *Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo*, p. 179-186

⁵⁹² DELGADO, L. A. N., *Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo*, p. 193-203.

⁵⁹³ DELGADO, L. A. N., *Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo*, p. 194-5.

Filho, para apaziguar os ânimos civis e militares com a morte de Vargas. Um general que foi escolhido, justamente, por não ter qualquer atuação política até aquele momento. Logicamente que a líder nacionalista poderia ter sido uma partidária histórica de Getúlio Vargas, mas, no momento, não temos como confirmar essa suposição.

Outro ponto importante, que posiciona Edna Lott entre os *reformistas pragmáticos*, é o fato dela ter sido uma profissional liberal afeita às atividades intelectuais em seu Estado. Toda a construção da personagem política de Edna Lott, durante os anos de 1960 e 1961, passava pelo seu ofício de professora de História e Geografia, de dois grandes colégios. Na campanha presidencial de 1960, momento em que dispôs de maior espaço na imprensa, Edna Lott buscou, frequentemente, embasar seus argumentos e posicionamentos políticos através da História, principalmente a do Brasil. Essa personagem política ganharia cada vez mais força com as sucessivas vitórias eleitorais de Edna Lott, que utilizaria a tribuna da Assembleia, muitas vezes, para dar verdadeiras aulas de História.

Os discursos históricos de exaltação a um evento passado seriam os mais comuns, principalmente os relacionados aos temas que conformavam o ideário político e cultural brasileiro, isto é, o nacionalismo.⁵⁹⁴ Curiosamente, não era apenas o nacionalismo brasileiro que receberia loas da parlamentar. A petebista também encontraria espaço na Assembleia para louvar eventos históricos de outros países que possuíssem um cunho nacionalista. Nessa louvação, Edna Lott exaltaria tanto a independência dos Estados Unidos e a tomada da Bastilha⁵⁹⁵, quanto as independências da Guiana Britânica e da

⁵⁹⁴ Deixamos aqui alguns exemplos: Sobre a data de martírio de Tiradentes e a morte de Getúlio Vargas (AL – anais – abr. – 1963 – vol. XXI); Sobre a data em que se comemora o descobrimento do Brasil (AL – anais – abr. – 1963 – vol. XXI); Sobre a comemoração do 1º aniversário da Eletrobrás e da Batalha do Riachuelo (AL – anais – jun. – 1963 – vol. XXIII); Sobre o aniversário da carta Magna do Estado da Bahia (AL – anais – jul. – 1963 – vol. XXIV); Sobre o dia do descobrimento da América (AL – anais – out. – 1964 – vol. XXXVII); Dia 2 de julho, Independência da Bahia (AL – anais – jul. – 1965 – vol. XLIV).

⁵⁹⁵ Sobre a data Nacional da França (AL – anais – jul. – 1964 – vol. XXXIV); Comemoração da Tomada da Bastilha (AL – anais – jul. – 1965 – vol. XLIV); Sobre o “Dia da Itália” (AL – anais – jun. – 1966 – vol. LIII);

Nicarágua⁵⁹⁶. Podemos afirmar, sem dúvidas, que Edna Lott era entusiasta da *autodeterminação dos povos*, ideal que lhe aproximava muito do PCB.

A transição ideológica do PTB – de um reformismo mais moderado para um reformismo radical, na passagem da década de 1950 para os anos 1960, - não ocorreu apenas por movimentos internos ao partido. Outros atores políticos também influenciariam o PTB na virada de sua ação política, como os sindicatos, os movimentos camponês e estudantil e, inclusive, o próprio PCB.⁵⁹⁷ De todos esses atores políticos, o mais importante para o nosso trabalho é, sem dúvidas, o Partido Comunista. Torna-se fundamental, portanto, assinalarmos o fato de que muitos candidatos parlamentares do PTB, a partir das eleições parlamentares de 1958, eram membros do PC, que, acordados com os petebistas, utilizavam a sigla trabalhista para conquistarem cadeiras nas diversas casas legislativas.⁵⁹⁸

Até o momento, não sabemos precisar, satisfatoriamente, qual o grau de proximidade política de Edna Lott com os comunistas e com o PCB. Conjecturas à parte, a filiação de Edna Lott ao PTB não ocorreu por motivações puramente ideológicas e iniciadas naquela eleição parlamentar de 1962. Os flertes entre o partido e a líder do MNB não eram novos. Durante a campanha presidencial de 1960, Lutero Vargas chegou a aventar a possibilidade de Edna Lott vir como uma das possíveis candidatas constituintes da Guanabara, naquele ano.⁵⁹⁹

Congratulando-se com o povo americano pela sua data máxima, O Dia da Independência (AL – anais – jul. – 1966 – vol. LIV).

⁵⁹⁶ Sobre o 143º aniversário da Independência da Nicarágua (AL – anais – set. – 1964 – vol. XXXVI); Sobre a data Nacional do Chile (AL – anais – set. – 1964 – vol. XXXVI); Sobre a data magna do Paraguai (AL – anais – maio – 1965 – vol. XLII); Sobre a Data Nacional das Repúblicas de Nicarágua, Costa Rica, Guatemala e El Salvador (AL – anais – set. – 1965 – vol. XLVI); Sobre a Independência da Guiana Britânica (AL – anais – maio – 1966 – vol. LII).

⁵⁹⁷ DELGADO, L. A. N., *PTB: do getulismo ao trabalhismo*, p. 232-43.

⁵⁹⁸ SILVA, F. T.; SANTANA, M. A., op. cit., p. 124; DELGADO, L. A. N., *PTB: do getulismo ao trabalhismo*, p. 161.

⁵⁹⁹ *Correio da Manhã*, 21 de abr. 1960, p. 16.

A notícia, que foi transmitida por vários periódicos, teve que ser desmentida por Edna Lott, afirmando à imprensa que considerava a sucessão presidencial o principal problema, naquele momento, e que trabalhava com o Movimento Nacionalista Brasileiro “no sentido de que o Brasil possa ter, no futuro período de Governo, um Presidente capaz de defender, concretamente, objetivamente, sinceramente, os interesses do nosso povo.”.⁶⁰⁰ Negava, portanto, veemente e publicamente, que estivesse interessada em se tornar candidata constituinte pelo PTB, em 1960.

Não está nas minhas cogitações, de forma alguma, pois, a ideia de me tornar candidata a qualquer função eletiva. Acho mesmo, e comigo os nacionalistas, que todos os esforços devem ser conjugados para que cada um ponha em segundo plano todos os problemas, para que dediquem as suas energias ao problema fundamental, e assim contribuam para a unidade das forças políticas que apoiam o nome do Marechal Teixeira Lott para a Presidência da República.⁶⁰¹

Apesar da recusa, Edna Lott passaria a tentar influenciar a opção de outras candidaturas e a estratégia dos partidos, principalmente em relação ao governo do Estado da Guanabara. Objetivando a definição de um forte candidato que pudesse derrotar Carlos Lacerda, em 1960, Edna passou a defender publicamente a unificação de uma candidatura nacionalista.⁶⁰² A disputa nesse campo político acontecia, principalmente, entre os candidatos Sérgio Magalhães, do PTB, e Mendes de Moraes, do PSD, que não repetiam no Estado a tradicional e vitoriosa aliança entre petebistas e pessedistas no plano nacional. A tentativa de influenciar aquela eleição acabou obtendo o resultado oposto do que a líder nacionalista almejava, tendo os dois candidatos reforçado suas decisões de concorrerem separadamente.⁶⁰³

⁶⁰⁰ *Última Hora*, 28 de maio 1960, p. 4; *O Semanário*, 11-17 de jun. 1960, p. 9.

⁶⁰¹ *Última Hora*, 28 de maio 1960, p. 4; *O Semanário*, 11-17 de jun. 1960, p. 9.

⁶⁰² *Jornal do Brasil*, 3 de ago. 1960, p. 4; *Última Hora*, 5 de ago. 1960, p. 4.

⁶⁰³ *Jornal do Brasil*, 6 de ago. 1960, p. 5.

O desejo de Edna Lott acabou não sendo alcançado, acabando por apoiar, publicamente, Sérgio Magalhães devido a definição do Movimento Nacionalista Brasileiro.⁶⁰⁴ Essa escolha de Edna Lott, ainda que por definição do MNB, mostra a sua opção pelo PTB em detrimento do PSD, na Guanabara. É preciso lembrar, também, que a campanha presidencial de Lott, candidato pelo PSD, foi encampada pelos petebistas, promovendo o que Lucia Hippolito definiu como a *petebização* da candidatura do marechal.⁶⁰⁵

Edna Lott, durante toda a disputa presidencial de 1960, travou constante e intenso contato político com o PTB. Já havia, portanto, uma experiência anterior entre a líder nacionalista e o PTB na eleição de 1960 e também no ano de 1961, na oposição ao presidente Jânio Quadros e na luta pela posse de João Goulart. No final das contas, a filiação de Edna Lott à legenda se mostrava como uma opção lógica e óbvia, ao mesmo tempo.

2. Campanha parlamentar de 1962

O início da campanha eleitoral de Edna Lott, em 1962, foi marcado por uma dissensão quanto à esfera parlamentar disputada. Lutero Vargas, presidente da seção guanabarina do PTB, desejava que Edna disputasse o Parlamento Federal, enquanto a líder nacionalista preferia o Estadual.⁶⁰⁶ Assim era como um setor da imprensa, que era tradicionalmente contrária à Edna Lott, noticiava a definição de qual eleição parlamentar a líder nacionalista concorreria. Essa cobertura foi realizada pelo *Correio da Manhã*, *O Jornal* e, principalmente, *Diário Carioca*. *O Última Hora*, que, quando fazia reportagens sobre a líder nacionalista, era, em geral, favorável, também afirmou que Edna Lott disputaria o cargo de deputada federal, no momento em que foi anunciada a filiação de

⁶⁰⁴ *Jornal do Commercio*, 13 de ago. 1960, p. 3.

⁶⁰⁵ HIPPOLITO, L., op. cit., p. 249.

⁶⁰⁶ *Correio da Manhã*, 27 de mar. 1962, p. 4; *Diário Carioca*, 27 de mar. 1962, p. 4.

Edna ao PTB, no final de março de 1962.⁶⁰⁷ Porém, o jornal de Samuel Wainer retificaria tal informação quatro meses depois, no final de julho de 1962, quando divulgou nomes de alguns candidatos petebistas às Câmaras Federal e Estadual.⁶⁰⁸

Apesar desses periódicos, no mesmo período, em 29 de março de 1962, o *Jornal do Brasil* informava, em sua página quatro, que Edna Lott seria candidata ao Parlamento da Guanabara.⁶⁰⁹ O *JB* em relação à maneira de cobrir as movimentações políticas de Edna Lott, dentre esses jornais citados, encontrar-se-ia em uma posição intermediária entre o *Correio da Manhã*, *O Jornal* e *Diário Carioca*, que faziam reportagens críticas ou irônicas, e o *Última Hora*, que produzia reportagens positivas sobre a líder nacionalista, ainda que não fossem frequente. A cobertura política de Edna Lott, pelo *Jornal do Brasil*, seguiria uma linha média sem ser demasiadamente contrário, nem demasiadamente favorável. No entanto, o importante para nós não é sabermos qual dos periódicos noticiou o fato verdadeiro, mas, nesse caso, o que a cobertura do *Correio da Manhã*, *O Jornal* e *Diário Carioca* nos revelam das disputas políticas daquela época.

A escolha editorial desses três jornais cariocas nos aponta quatro pontos muito importantes para compreendermos não somente a participação da mulher na política, como sobre o próprio PTB e como ele era visto por setores conservadores da sociedade. Esses pontos são: (1) o posicionamento de Lutero Vargas; (2) uma candidatura Lott disfarçada ou alternativa; (3) uma inadequação ao modelo feminino hegemônico, devido à dificuldade de Edna Lott conciliar atuação política com seu trabalho; (4) um recuo político de Edna Lott frente à presença de outros candidatos petebistas com maior capital político naquele momento.

⁶⁰⁷ *Última Hora*, 27 de mar. 1962, p. 3.

⁶⁰⁸ *Última Hora*, 30 de jul. 1962, p. 3.

⁶⁰⁹ *Jornal do Brasil*, 29 de mar. 1962, p. 4.

Diferentemente da abordagem de Delgado, a cientista política Maria Celina D’Araujo procurou analisar o PTB sobre outro prisma em seu livro *Sindicatos, Carisma & Poder: o PTB de 1945-65*, de 1996. O foco de análise, segundo a própria autora, era “a estrutura interna de poder e as ambíguas estratégias políticas e eleitorais adotadas pelo partido para a sua consolidação e expansão.”⁶¹⁰ Outro aspecto do PTB, que a cientista política procurou focalizar, foi a “sua incapacidade de enfrentar constrangimentos internos e externos, o que acabou esgotando suas possibilidades e contribuindo para solapar a estabilidade das instituições democráticas brasileiras.”⁶¹¹ Para D’Araujo:

Não obstante seu sucesso eleitoral, não houve no PTB uma estratégia definida nas relações com o governo e com as bases eleitorais para a manutenção de um padrão democrático duradouro. Este fator, associado a um processo interno de mando intolerante e caudilhesco, levou o PTB a uma situação insustentável, que alimentou a própria crise do regime.⁶¹²

Vemos que a interpretação de D’Araujo é bem mais negativa do que a de Delgado. Seguindo uma concepção micheliana de partido, D’Araujo buscou analisar o PTB não pela sua base social ou por compromissos doutrinários, mas por seus conflitos internos.⁶¹³ Essa escolha de análise ou de entendimento do funcionamento dos partidos fez com que a autora concluísse que o PTB era um partido desorganizado, autoritário, personalista, extremamente hierarquizado e com pouco espaço para manifestações, internas e externas, que fossem contrárias as definições da cúpula petebista.

Marcado pelo personalismo de Vargas, o PTB, em seu processo de estruturação, não conseguiu institucionalizar mecanismos internos que permitissem a participação de correntes oposicionistas, nem a consolidação de lideranças secundárias. A dissidência não era tolerada, e sim encarada como ameaça à figura do fundador e, portanto, à razão de ser do partido. Essa dinâmica resultou no incentivo à uma tendência centralizadora e autoritária,

⁶¹⁰ D’ARAÚJO, M. C., op. cit., p. 16.

⁶¹¹ Ibidem.

⁶¹² Ibidem.

⁶¹³ Ibidem.

uma das características de um partido de origem carismática e personalista.⁶¹⁴

“O processo de consolidação de lideranças”, ainda de acordo com a autora, “foi mais grave no plano regional”, destacando-se a seção carioca.⁶¹⁵ Na Guanabara, a característica centralizadora e autoritária do partido se manifestaria de maneira ainda mais forte devido (1) à concentração dos organismos da administração federal nesse Estado, (2) à constituição bem definida de interlocutores e adversários políticos e (3) à sua reduzida extensão territorial, facilitando “uma estrutura organizacional bem mais propícia à observação direta dos dirigentes.”⁶¹⁶ Esse ponto será fundamental para entendermos a ruptura da bancada trabalhista na Assembleia Legislativa da Guanabara, logo no início do ano de 1963.

A disputa personalista pelo partido, na ótica da cientista política, teve início já no ínterim entre a queda de Getúlio Vargas, em 1945, e a volta do ex-chefe do Estado Novo ao Palácio do Catete, em 1950, movimento que ficou conhecido como a *volta da parentela*⁶¹⁷. O entendimento dos Vargas era de que “o partido deveria caminhar comandado por alguém da família ou por alguém a ela ligado por afinidades pessoais.”⁶¹⁸ para melhor garantir o controle e a liderança incontestada de Getúlio no PTB⁶¹⁹, no momento de seu retorno ao cargo máximo da República. Alinhados a essa nova estratégia, caberia a Lutero Vargas e Alzira Vargas controlar a seção petebista do Distrito Federal, hegemonizado, até então, por Segadas Vianna, ex-ministro do Trabalho de Vargas.⁶²⁰

Esse objetivo começaria a ser alcançado já nas eleições parlamentares de 1950, quando Lutero Vargas foi eleito deputado federal mais votado do país, com 85.645 votos,

⁶¹⁴ D'ARAUJO, M. C., op. cit., p. 61.

⁶¹⁵ Ibidem.

⁶¹⁶ D'ARAUJO, M. C., op. cit., p. 61-3.

⁶¹⁷ D'ARAUJO, M. C., op. cit., p. 69.

⁶¹⁸ Ibidem.

⁶¹⁹ D'ARAUJO, M. C., op. cit., p. 70.

⁶²⁰ Sobre a dinâmica de poder do PTB na Guanabara ver: D'ARAUJO, M. C., op. cit., p. 61-75.

seguido por Segadas Vianna, segundo colocado no pleito carioca, com 15.061 votos.⁶²¹ A partir desse momento, a hegemonia política de Segadas Vianna no PTB carioca passaria a ser substituída, gradualmente, pela de Lutero Vargas devido, segundo D'Araujo, a dois fatores: (1) garantindo e propiciando maior autonomia aos parlamentares trabalhistas na defesa de posições e projetos, principalmente em um sentido mais ideológico, e (2) estabelecendo “um criterioso controle de cargos dentro da agremiação.”⁶²²

Além do apelo clientelista para conquistar as bases petebistas de Segadas Vianna, os Vargas, Getúlio no plano nacional e Lutero, no regional, passaram a incrementar seus discursos políticos com tons mais ideológicos, principalmente do nacionalismo e do reformismo.⁶²³ A conquista derradeira do PTB do Distrito Federal aconteceria com a nomeação de Segadas Vianna como novo ministro do Trabalho de Getúlio Vargas, em 1951, junto de sucessivas presidências de comissões vinculadas ao tema de seu ministério.⁶²⁴ Apesar dessas novas atribuições conferirem maiores poderes ao novo ministro do Trabalho no plano federal, a medida de Getúlio Vargas visava afastar Segadas Vianna de suas bases do PTB carioca, possibilitando, com isso, que outros grupos petebistas do Distrito Federal formassem novas alianças, principalmente junto a essas bases.⁶²⁵

O distanciamento de Segadas Vianna da Comissão Executiva regional foi muito bem aproveitado por Lutero Vargas, apoderando-se, já em 1954, de todos os cargos do Diretório e da Executiva Regional do PTB do Distrito Federal.⁶²⁶ A conquista do controle da seção carioca não se fez sem perdas, levando a muitos parlamentares a saírem do PTB devido às interferências de Lutero Vargas. No entanto, para compensar seu

⁶²¹ D'ARAUJO, M. C., op. cit., p. 70.

⁶²² D'ARAUJO, M. C., op. cit., p. 72.

⁶²³ D'ARAUJO, M. C., op. cit., p. 70-2.

⁶²⁴ D'ARAUJO, M. C., op. cit., p. 71.

⁶²⁵ Ibidem.

⁶²⁶ D'ARAUJO, M. C., op. cit., p. 73.

“mandonismo” no partido, Lutero, segundo D’Araujo, “abriu espaço para que setores nacionalistas e de esquerda vissem no PTB/DF uma legenda adequada aos seus ideais. Com essas adesões, o partido ganhou nas legislaturas seguintes nova visibilidade política no parlamento.”.⁶²⁷ Podemos dizer que Edna Lott foi uma das que viu no PTB, a partir desse discurso nacionalista e reformista promovido pelos Vargas, uma legenda adequada aos seus ideais.

Percebendo esse estreitamento de laços políticos entre Edna e PTB, podemos entender que os jornais *Correio da Manhã*, *O Jornal* e *Diário Carioca* trataram de ressaltar a dimensão autoritária de Lutero Vargas para debilitar essa nova aliança, que seria sacramentada nas eleições parlamentares de 1962. Dos três periódicos, foi o *Diário Carioca* que abordou essa questão de maneira mais explícita. No dia 27 de março de 1962, o periódico informou que: “A senhora Edna Lott, filha do marechal, aceitou mesmo o convite do sr. Lutero Vargas para que ela se candidate a deputada pelo PTB da Guanabara. D. Edna preferia uma candidatura estadual, mas, na impossibilidade, aceitou em concorrer no plano federal.”.⁶²⁸

No dia seguinte, em 28 de março de 1962, o jornal seria ainda mais enfático, destacando e insinuando, sobretudo, a pecha corruptora e enganadora imputada aos petebistas pelos seus adversários políticos, naquela época. Assim, como em uma espécie de alerta, o *Diário Carioca* afirmava que: “A senhora Edna Lott foi aconselhada por amigos a ter cuidado com os cabos-eleitorais do PTB.”.⁶²⁹ E, voltando à carga com a suposta insatisfação da líder nacionalista, o jornal prosseguia afirmando que Edna “resolveu aceitar, como se sabe, sua candidatura a deputada federal. Mas aos íntimos confidencia que preferia candidatar-se a deputada estadual, se fosse possível. Não é.”.⁶³⁰

⁶²⁷ Ibidem.

⁶²⁸ *Diário Carioca*, 27 de mar. 1962, p. 4.

⁶²⁹ *Diário Carioca*, 28 de mar. 1962, p. 4.

⁶³⁰ *Diário Carioca*, 28 de mar. 1962, p. 4.

Sem citar diretamente Lutero Vargas, o *Diário Carioca* ressaltava os piores traços atribuídos ao presidente do PTB carioca por esse periódico, isto é, seu mandonismo e seu clientelismo.

No entanto, esse não seria o único aspecto que esses três jornais movimentariam para deslegitimar a candidatura de Edna Lott. A candidata parlamentar do PTB ainda não havia conseguido se libertar, inteiramente, da imagem do marechal Lott. Nesse momento, não era tanto a figura política do militar que pesava sobre Edna. Era, sim, a sua condição de pai da candidata petebista. Mesmo tendo se retirado da política, após a derrota presidencial em 1960, esses três jornais apenas confeririam legitimidade à candidatura de Edna se o seu pai estivesse de acordo e aprovasse a decisão da candidata petebista.

O *Correio da Manhã*, primeiro periódico a levantar a questão, publicava, no dia 27 de março de 1962, em sua coluna “Por trás da notícia”, a seguinte matéria: “FILHA – Candidatura da senhora Edna Lott”.⁶³¹ Nesse título, o colunista Maurício Caminha de Lacerda já deixava claro as intenções do jornal. Após informar que Edna aceitou o convite de Lutero Vargas, ainda que preferisse ser candidata estadual, Maurício Caminha de Lacerda afirmava que Lott não havia se manifestado a respeito e que, por isso, a candidatura de sua filha ainda não havia começado.

Pela legenda do PTB, à deputada federal pela Guanabara, embora ela preferisse a deputação estadual. O convite partiu do sr. Lutero Vargas, que lhe ofereceu ainda um diretório do partido; talvez o diretório de Bangu ou o de Marechal Hermes. Por enquanto, a filha do marechal (papai ainda não se manifestou sobre a sua candidatura) não começará a campanha.⁶³²

Nesse trecho temos todos os ataques à candidatura de Edna, que abordamos até aqui. O autoritarismo que os adversários políticos de Lutero Vargas lhe imputavam, por, segundo Maurício Caminha de Lacerda, decidir qual esfera parlamentar Edna se

⁶³¹ *Correio da Manhã*, 27 de mar. 1962, p. 4.

⁶³² *Correio da Manhã*, 27 de mar. 1962, p. 4.

candidataria. O clientelismo de Lutero, por tentar apaziguar o descontentamento da líder nacionalista com a cessão de um diretório do PTB. E, também, a permissão paterna de Lott para que sua filha pudesse concorrer a um cargo legislativo. A forma que o colunista construiu essa nota dá a entender que um simples “não” de Lott colocaria por terra todas as pretensões políticas de Edna, tomando-a como inteiramente dependente das opções e decisões de seu pai.

No entanto, apesar de não parecer ser essa a intenção do colunista do *Correio da Manhã*, a matéria também mostra o prestígio político que Edna Lott detinha naquele momento. Edna foi convidada nada mais, nada menos do que pelo próprio presidente da seção estadual do partido, tendo oferecido, inclusive, um diretório da sigla para que a líder nacionalista se candidatasse pelo PTB. Assim, para minorar o prestígio político de Edna Lott, o *Correio da Manhã* focava nos aspectos negativos que os opositores de Lutero Vargas lhe atribuía. Nesse ponto, é preciso atentarmos para o fato de que Edna Lott acabou se candidatando ao cargo que, segundo o jornal, ela desejava, isto é, o de deputada estadual.

A suposta imposição de Lutero Vargas da esfera legislativa que Edna Lott concorreria, como o periódico buscava insinuar, pode não ter passado de conjectura ou mesmo de uma intriga política produzida pelo jornal, no intuito de gerar uma cizânia entre o presidente do PTB da Guanabara e a líder do MNB. A própria forma sem maior importância que o colunista do *Correio da Manhã* apresentou o oferecimento de um dos diretórios do partido, dando maior importância à uma suposta imposição de alçada da candidatura de Edna, permite-nos ver uma intenção do jornal em desagregar a aliança política que estava se consolidando, mas que ainda não havia sido sedimentada.

Outro ponto que o colunista do *Correio da Manhã* levantaria para debilitar a candidatura de Edna Lott seria a autoridade de seu pai sobre sua filha, isto é, as posições

que homens e mulheres poderiam ocupar no espaço público de acordo com a sociedade da época. O *Diário Carioca* também seguiria por essa mesma linha, dando grande importância para essa relação de poder entre pai e filha. No mesmo dia da matéria do *Correio da Manhã*, o *Diário Carioca* afirmaria, no final da notícia da candidatura de Edna, que: “Quanto ao marechal, ainda não se manifestou sobre a candidatura da filha.”⁶³³ Embora tivesse sido o grande destaque político da campanha presidencial de Lott, em 1960, e de ter conseguido se manter atuante na política, em 1961, Edna ainda era vista e retratada como a filha do marechal, principalmente pela imprensa conservadora.

Mesmo tendo seu desempenho reconhecido por esses mesmos periódicos, como ressaltava o próprio *Correio da Manhã*, em sua reportagem sobre a candidatura de Edna em que dizia que: “Ela pertenceu à Comissão Executiva do Movimento Nacionalista durante a campanha do marechal e fez comícios por todo o Brasil, sendo então prestigiadíssima pelo MNB.”⁶³⁴; Edna ainda ocupava a posição da filha, devendo dedicação e submissão ao seu pai. Por essa razão, sua campanha parlamentar era vista, principalmente pela imprensa que se opunha à líder nacionalista, como uma candidatura Lott disfarçada ou alternativa. Na frustrada tentativa petebista de ter o marechal como candidato a deputado federal, Lutero Vargas teria contornado a situação lançando a candidatura da filha de Lott. A líder do MNB, nessa visão, funcionaria como um sucedâneo da candidatura do militar por ambos estarem ligados por laços familiares.

Essa linha de raciocínio seria levada mais adiante pelo *Correio da Manhã*, em 29 de maio de 1962. Na mesma coluna, “Por trás da notícia”, e utilizando o mesmo título, “FILHA – Candidatura de D. Edna Lott”, o jornal abordava a suposta frustração de Lutero

⁶³³ *Diário Carioca*, 27 de mar. 1962, p. 4.

⁶³⁴ *Correio da Manhã*, 27 de mar. 1962, p. 4.

Vargas fazer do marechal o próximo primeiro-ministro brasileiro.⁶³⁵ Nessa coluna, Maurício Caminha de Lacerda buscava desmentir os boatos de que Lott havia sugerido a Lutero que convidasse sua filha para ser candidata pelo PTB.⁶³⁶ Tendo suas pretensões de fazer de Lott o próximo primeiro-ministro na nova legislatura frustradas, teria ocorrido ao presidente do PTB carioca, de acordo com o colunista, convidar a militante do MNB como solução para a recusa do ex-ministro da Guerra.⁶³⁷

Novamente, não nos interessa descobrir se o *Correio da Manhã* estava noticiando algo verdadeiro, *stricto sensu*, mesmo porque o jornal já afirmava que: “O sr. Lutero, a princípio, quebrou lanças para que o marechal aceitasse candidatar-se a deputado federal pelo PTB (ainda não começara, no Partido Trabalhista, o movimento com o intuito de transformar o marechal L em **premier**).” (grifo da reportagem).⁶³⁸ Ou seja, os supostos planos do presidente do PTB da Guanabara caíram por terra antes mesmo do próprio partido considerar a possibilidade de fazer de Lott o novo primeiro-ministro de João Goulart. No entanto, essa jogada política pode nos dizer muito sobre as estratégias do PTB, em geral, e de Lutero Vargas, em particular.

No tempo em que vigorou, na década de 1960, o parlamentarismo brasileiro encontrou muitas dificuldades de sua manutenção, tanto que durou apenas do final de 1961 ao começo de 1963.⁶³⁹ A renúncia de Tancredo Neves, o primeiro a ocupar o cargo e a possibilitar a estabilidade e a posse de João Goulart na presidência da República, desencadeou uma série de conflitos latentes na sociedade brasileira. A dificuldade de que outro parlamentar ocupasse o posto, deixado pelo político mineiro, deveu-se

⁶³⁵ *Correio da Manhã*, 29 de maio 1962, p. 4.

⁶³⁶ *Correio da Manhã*, 29 de maio 1962, p. 4.

⁶³⁷ *Correio da Manhã*, 29 de maio 1962, p. 4.

⁶³⁸ *Correio da Manhã*, 29 de maio 1962, p. 4.

⁶³⁹ FERREIRA, Jorge. **O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano*. 2.ed. vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

principalmente, segundo Jorge Ferreira, pela polarização política entre grupos de esquerda e direita no país.⁶⁴⁰ Ainda segundo o historiador, essa polarização política fazia parte da estratégia de João Goulart que buscava produzir um impasse no sistema parlamentarista, recém implantado no país, de modo a recuperar seus poderes de chefe do Executivo a partir de uma volta ao sistema presidencialista via aprovação no Congresso, ainda durante seu mandato.⁶⁴¹

No entanto, faz-se necessário percebermos que um partido político possui muitas correntes e diversas posições sobre diferentes e determinadas matérias. Nesse ponto, precisamos atentar para o fato de que havia uma grande disputa política pelo controle do Diretório Nacional do PTB, principalmente, como aponta D'Araujo, entre as seções regionais da Guanabara, São Paulo e Rio Grande do Sul.⁶⁴² João Goulart, presidente nacional do PTB, presidente da República e filiado à seção gaúcha, acumulava muito poder, naquele momento, pendendo a balança do PTB nacional para a seção do Rio Grande do Sul. Dentro desse quadro de impasse do parlamentarismo e de disputas internas pela direção do PTB nacional, lançar uma possível candidatura Lott à Câmara dos Deputados Federais e, após eleito, lança-lo, novamente, ao cargo de primeiro-ministro de João Goulart poderia ser uma grande jogada política de Lutero Vargas e do PTB carioca.

Entretanto, por maior que fosse o capital político que Lott dispusesse, naquele momento, o ex-ministro da Guerra já havia igualmente amealhado grandes restrições ao seu nome, quando não aversões. Por mais avesso ao jogo político que fosse, o marechal Lott já não era mais o oficial de 1954, alheio às disputas políticas civis e militares. No ano seguinte, Lott também havia tomado posição através do contragolpe militar, em 11 de novembro de 1955, e na sucessiva administração do Ministério da Guerra no governo

⁶⁴⁰ FERREIRA, J., *O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964*, p. 357-62.

⁶⁴¹ FERREIRA, J., *O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964*, p. 358.

⁶⁴² DELGADO, L. A. N., *PTB: do Getulismo ao Reformismo*, p. 117; D'ARAUJO, M. C., op. cit., p. 69-70 e 83.

JK. Na década de 1960, Lott havia sido candidato à presidência da República pelo PSD e também se manifestou contra a tentativa de golpe da Junta Militar, em 1961, sendo, inclusive, preso por tais declarações. Uma candidatura Lott pelo PTB provavelmente aumentaria a tensão no Parlamento, intensificando, sobretudo, as suspeitas das direitas civil e militar de “comunismo” ou de ser “inocente útil” nos “insidiosos planos comunistas”.

Se Lutero Vargas intencionava utilizar a mesma solução de Café Filho, talvez o remédio já tivesse passado da validade, contando com muitas restrições ao nome de Lott. Conjecturas e cálculos políticos à parte, a verdade é que essa possível estratégia de Lutero Vargas e do PTB carioca não iria muito longe. Segundo o *Correio da Manhã*, o marechal denegou de imediato o convite de Lutero. “O ex-ministro da Guerra, encaramujado em sua residência de verão (‘Só saio de lá novamente se, novamente, os acontecimentos exigirem’) recusou – de política quer distância.”⁶⁴³ Nesse impasse com o militar, Lutero Vargas, de acordo com esses jornais que vimos citando, resolveu a situação pela alternativa disponível naquele momento, ou seja, pela candidatura da filha de Lott.

Antes mesmo de toda essa matéria sobre a tentativa de fazer o marechal *premier*, *O Jornal* já havia feito uma ironia nesse sentido. Em 28 de março de 1962, o periódico terminava sua matéria sobre a candidatura de Edna, estampada em sua primeira página, sugerindo “um slogan para sua campanha: - Afinal, um Lott no Parlamento.”⁶⁴⁴ Evidentemente que, naquela época, Edna Lott teria condições muito reduzidas de substituir o pai nos planos que Lutero Vargas, segundo esses jornais, planejava para o militar. Entretanto, se Edna não era seu pai, ela também possuía atributos que interessavam bastante as pretensões do PTB.

⁶⁴³ *Correio da Manhã*, 29 de maio 1962, p. 4.

⁶⁴⁴ *O Jornal*, 28 de mar. 1962, capa.

A figura de Lott não refletia apenas uma grande sombra sobre sua filha. A imagem do marechal também abria muitas possibilidades de atuação para Edna, inclusive impulsionando as movimentações políticas da líder nacionalista. Logo no dia 13 de maio de 1962, na coluna “O que dizem... o que fazem...”, pertencente à seção feminina do *Diário de Notícias*, era publicada uma nota que dizia que: “A sra. Edna Lott é candidata à deputação federal pela legenda do PTB na Guanabara. Sua indicação encontrou bastante receptividade, especialmente nos chamados bairros militares, onde foram fundados vários comitês pró Edna Lott.”⁶⁴⁵

Alguns meses mais à frente, em 11 de setembro de 1962, era a vez do *Última Hora*, em sua coluna “Miscelânea”, publicar uma nota noticiando que: “Em homenagem ao Marechal Lott, muitos sargentos das Forças Armadas estão trabalhando para a candidatura de Edna Lott a Deputado Estadual.”⁶⁴⁶ Mesmo não sendo seu pai, Edna Lott conseguia ter bastante penetração entre o eleitorado castrense, configurando-se em um avanço político importante para o PTB nos círculos militares progressistas e legalistas. Essas investidas petebistas ganharam fôlego a partir de 1955, justamente a partir do contragolpe militar de Lott, acumulando cada vez mais força durante o governo JK. A tática petebista, segundo D’Araujo, era

estabelecer uma relação direta entre a postura da facção nacionalista e o trabalhismo petebista. Lott estaria representando o “Exército democrático”, o que implicava necessariamente dizer que havia *outro* Exército não-democrático. O “Exército democrático” era composto pelo “soldado trabalhador”, em contraposição ao Exército dos “gorilas” e dos entreguistas. Definitivamente, após os incidentes de novembro de 1955, o PTB ganhou uma oportunidade única de competir com a UDN no proselitismo dentro das Forças Armadas.⁶⁴⁷ (grifos da autora)

⁶⁴⁵ *Diário de Notícias*, 13 de maio 1962, p. 2.

⁶⁴⁶ *Última Hora*, 11 de set. 1962, p. 11.

⁶⁴⁷ D’ARAÚJO, M. C., op. cit., p. 116.

Estabelecido o “líder”, faltaria construir os canais de comunicação com as bases civis e militares que o PTB almejava alcançar e representar a partir dessas investidas nos setores militares progressistas. Edna Lott, então, como já havia feito durante a disputa presidencial de 1960, surgiria como esse elo entre os setores civis e militares progressistas e legalistas. Por pertencer a esses dois mundos, Edna possuía maior desenvoltura e interesse em articular o nacionalismo das Forças Armadas com o nacionalismo da sociedade civil do que seu pai. Como bem recupera Carloni, um dos motivos para o abandono da campanha presidencial de Lott, alegado por correligionários, foi devido ao excesso de rigidez e de sinceridade do marechal.⁶⁴⁸

Por esse motivo, a filiação e candidatura de Edna Lott apresentavam grandes possibilidades políticas a serem aproveitadas pelo PTB. Edna possuía a capacidade de conjugar o carisma e prestígio de seu pai, melhor do que o próprio, tanto no meio militar, quanto civil, como vimos na eleição presidencial de 1960 e, inclusive, no ano de 1961. Portanto, um êxito eleitoral de Edna, em 1962, possuía um grande potencial de levar as articulações políticas entre o nacionalismo da caserna e dos meios civis a um novo patamar.

Apesar de todas essas possibilidades envolvidas na candidatura da líder nacionalista, Edna Lott ainda passaria um tempo limitada pela estrutura patriarcal daquela sociedade. A articulação política entre militares e civis, protagonizado por Edna, somente teria legitimidade caso fosse aprovada publicamente por seu pai. Retornamos ao questionamento mais constante da atuação de Edna Lott até aquele momento, isto é, a adequação da líder nacionalista ao modelo de feminino daquela época. Naquela estrutura social, uma “boa mulher de família” devia obediência e acatamento total às escolhas e decisões de seu pai, caso não houvesse um marido “responsável” por essa mulher.

⁶⁴⁸ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 252-5.

Essa questão de gênero, referente aos espaços que a mulher poderia ocupar e aos papéis que poderia exercer na sociedade brasileira, intensificar-se-ia muito a partir 1962.⁶⁴⁹ Desse ano até o golpe de 1964, muitos grupos de mulheres conservadoras começariam a ser organizados por todo o país para lutar contra o avanço do nacional-reformismo, sendo os mais expressivos: a Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE-GB), União Cívica Feminina (UCF-SP), Movimento de Arregimentação Feminina (MAF-SP), Liga da Mulher Democrata (LIMDE-MG), Ação Democrática Feminina Gaúcha (ADFG-RS), Cruzada Democrática Feminina (CDF-PE).⁶⁵⁰

Segundo a historiadora Janaína M. Cordeiro, esses grupos tinham como objetivo básico propugnar pelo retorno aos valores tradicionais e o reestabelecimento da mulher à sua restrita esfera da vida privada, isto é, o reforço do domínio do marido ou do pai sobre a mulher.⁶⁵¹ Por conta disso, o grande problema levantado quanto à candidatura parlamentar de Edna Lott era se seu pai estava de acordo, ou não, com sua decisão de concorrer ao Legislativo carioca. Mas esse não seria o único questionamento relativo à questão de gênero.

Junto à questão da filha, unia-se o problema profissional. Todos os três periódicos, que estamos utilizando como base nesse momento, *Correio da Manhã*, *Diário Carioca* e *O Jornal*, deram ênfase ao fato de que Edna Lott entraria com um pedido de licença-prêmio nos colégios em que trabalhava.⁶⁵² Mais incisivo e cáustico, *O Jornal* foi o que conferiu maior destaque ao fato. Publicando na coluna “A notícia em poucas palavras”, estampando a primeira página do dia 28 de março de 1962, sob o título “Eterna

⁶⁴⁹ Sobre a organização e atuação políticas das mulheres conservadoras, naquele final de IV República, ver: CORDEIRO, Janaína Martins. **Direitas em movimento: a Campanha da Mulher pela Democracia e a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2009; SIMÕES, Solange de Deus. **Deus, pátria e família: as mulheres no golpe de 1964**. Petrópolis: Vozes, 1985.

⁶⁵⁰ SIMÕES, S. D., op. cit., p. 27-8.

⁶⁵¹ CORDEIRO, J. M., op. cit., p. 117-9.

⁶⁵² *Correio da Manhã*, 27 de mar. 1962, p. 4; *Diário Carioca*, 27 de mar. 1962, p. 4; *O Jornal*, 28 de mar. 1962, capa.

candidata”, *O Jornal* noticiava que “Edna Lott, filha do nunca assaz condecorado Marechal, deu entrada, ontem, em um requerimento solicitando licença dos cargos de professora do Instituto de Educação e do Colégio Pedro II. Razão: vai se candidatar a deputada federal pelo PTB. E o magistério atrapalha.”⁶⁵³

A cobrança desses periódicos girava em torno da capacidade da mulher, que se candidata a um cargo político, cumprir as funções sociais esperadas da sua suposta condição de gênero. Muito provavelmente, esse questionamento não seria levantado como um grande problema para a candidatura de um homem, naquele momento. No entanto, por se tratar de uma mulher, era exigido, através dos jornais, que ela fosse capaz de cumprir com suas tarefas femininas de cuidar da casa, do marido e dos filhos, e, em casos mais excepcionais, de seu trabalho. Esse ofício, evidentemente, ligado a um modelo de feminilidade hegemônico na sociedade brasileira, daquela época.⁶⁵⁴

Essa questão também ganhava maior relevância por ser a segunda vez que Edna Lott solicitava a licença-prêmio, em dois anos. Em 1960, a líder nacionalista havia pleiteado a mesma dispensa para participar da campanha presidencial de seu pai. Toda essa pressão social não foi suficiente para que Edna retirasse sua candidatura, em 1962. Mesmo assim, é possível que as exigências machistas, da época, tenham motivado a substituição da esfera parlamentar, de federal para estadual, da candidatura de Edna Lott. Ocupar um cargo político circunscrito na cidade em que vivia e trabalhava, ou mesmo em uma cidade próxima onde ocuparia esse cargo, conferiria maiores possibilidades de cumprir, satisfatoriamente, as exigências patriarcais das supostas tarefas femininas. Por essa razão, era politicamente mais proveitoso para Edna Lott se candidatar ao Parlamento estadual do que ao federal.

⁶⁵³ *O Jornal*, 28 de mar. 1962, capa.

⁶⁵⁴ CORDEIRO, J. M., op. cit., p. 103; SIMÕES, S. D., op. cit., p. 17-21.

A transferência do Congresso Nacional do Rio de Janeiro para Brasília, no primeiro semestre de 1960, alterava geograficamente os cálculos políticos dos parlamentares cariocas. Até aquela data, eleger-se deputado pelo antigo Distrito Federal não representava, simultaneamente, uma mudança de Estado e de cidade. A distância geográfica entre o Congresso Nacional e as bases políticas que elegiam os parlamentares cariocas era irrelevante para os cálculos políticos desses candidatos. Portanto, a decisão de se candidatar aos cargos de senador, deputado federal ou distrital (estadual) não passava por um critério de espaço geográfico. A partir das eleições parlamentares de 1962, essa questão espacial deixaria de ser irrelevante e ganharia uma importância inédita para os políticos cariocas.

Essa questão teria uma importância ainda maior para uma candidatura feminina. Ser deputada federal não mais no Rio de Janeiro, mas em Brasília, dificultaria muito o cumprimento das exigências patriarcais, daquela sociedade, por parte de uma parlamentar carioca. Poderíamos deduzir que a preferência de Edna Lott pela deputação estadual, em detrimento de uma federal, fosse motivada por essa análise da nova situação de representação parlamentar do antigo Distrito Federal. Seria muito difícil para Edna, que fez a opção de não se casar novamente, cuidava de quatro filhos e trabalhava em dois colégios, no Rio de Janeiro, exercer, ao mesmo tempo, um mandato parlamentar em Brasília. Além disso, uma candidata, com todos os atributos que Edna Lott concentrava, era muito interessante para o PTB nas disputas políticas da Guanabara, principalmente na disputa das bases lacerdistas.

Para o PTB, a participação feminina na política era particularmente importante para a sua legitimidade enquanto partido popular.⁶⁵⁵ Embora buscasse representar politicamente a classe trabalhadora, na IV República, contraditoriamente a característica

⁶⁵⁵ D'ARAUJO, M. C., op. cit., p. 63.

oligárquica do partido acabou, segundo D'Araujo, impedindo a participação das camadas populares dentro do PTB.⁶⁵⁶ Para contornar a oligarquização e o autoritarismo do partido, Maria Celina D'Araujo argumenta que uma das soluções encontradas pelos altos dirigentes petebistas foi permitir uma raia alternativa, mais ideológica e menos preocupada com o comando da agremiação, promovendo, entre outras medidas, a inclusão de mulheres e negros no partido.⁶⁵⁷

Segundo a cientista política, essa medida se tornava praticamente obrigatória: “Para dar aos diretórios um cunho moderno e democrático”.⁶⁵⁸ “Tudo era pensado”, ainda de acordo com a autora, “para que o novo partido pudesse chegar com a ‘cara do povo’, liderado por trabalhadores que espelhassem as profissões mais populares e as cores étnicas do país.”⁶⁵⁹ Ao analisarmos essa estratégia partidária, podemos perceber que a questão de gênero era movimentada na organização e nos cálculos políticos do PTB. A candidatura de Edna Lott era, portanto, muito proveitosa para a estratégia política e o reforço da identidade partidária do PTB.

Primeiro, por ser mulher, Edna Lott possuía grande potencial de disputar o eleitorado feminino carioca, monopolizado pelo lacerdismo.⁶⁶⁰ Importante lembrarmos, como recupera Picaluga, “o número enorme de mulheres que tiraram título de eleitor justamente para votar em Carlos Lacerda, quando ele concorreu ao governo da Guanabara.”⁶⁶¹ Além de mulher, a petebista era professora, de classe média e ainda se afirmava como dona-de-casa, exatamente o eleitorado feminino do então governador da Guanabara.⁶⁶² Não apenas Edna Lott se encaixava nessas categorias ou identidades

⁶⁵⁶ D'ARAUJO, M. C., op. cit., p. 61.

⁶⁵⁷ D'ARAUJO, M. C., op. cit., p. 63.

⁶⁵⁸ Ibidem.

⁶⁵⁹ Ibidem.

⁶⁶⁰ PICALUGA, I. F., op. cit., p. 147 e 151-2.

⁶⁶¹ PICALUGA, I. F., op. cit., p. 152.

⁶⁶² PICALUGA, I. F., op. cit., p. 151.

sociais, a líder nacionalista movimentou, movimentava e movimentaria intensamente essa imagem política, colocando-se constantemente como uma professora de classe média e dona-de-casa.

Na Assembleia Legislativa, durante seus dois mandatos legislativos, Edna Lott atuaria, muitas vezes, como uma parlamentar classista do magistério. Quando nos debruçamos sobre as falas na tribuna da ALEG, podemos perceber a diversidade de temas relacionados à educação tratados por Edna Lott, como: a definição das normas para a educação⁶⁶³, problemas do ensino e de estrutura das escolas⁶⁶⁴, questões trabalhistas⁶⁶⁵, sobre o acesso ao ensino⁶⁶⁶, eventos comemorativos e homenagens⁶⁶⁷, etc.

É preciso se dizer que, pelo método que utilizamos para coletar esses dados, 58 discursos relacionados às mais diferentes questões do magistério, em um período de quase

⁶⁶³ Deixamos aqui alguns exemplos desses discursos: Sobre o Projeto de Lei nº 106-63 – Fixa normas para a educação primária estadual (AL – anais – out. – 1963 – vol. XXVII); Sobre o Projeto de Lei nº 795-63. “Passagem do ginásial para o normal do Instituto de Educação” (AL – anais – maio – 1964 – vol. XXXII); Sobre o Projeto de Lei nº 795-64, que assegura o acesso ao Instituto de Educação dos alunos aprovados no curso ginásial do mesmo estabelecimento (AL – anais – ago. – 1964 – vol. XXXV); Sobre o Projeto de Lei nº 795-64 – “Acesso ao Curso Normal dos alunos aprovados no ginásial do Instituto de Educação” (AL – anais – out. – 1964 – vol. XXXVII).

⁶⁶⁴ Deixamos aqui alguns exemplos desses discursos: Sobre a deficiência do ensino primário e os vencimentos dos professores secundários (AL – anais – jan.-mar. – 1963 – vol. XX); Sobre verba para compra de material escolar para a escola Souza Aguiar (AL – anais – jul. – 1964 – vol. XXXIV).

⁶⁶⁵ Deixamos aqui alguns exemplos desses discursos: Sobre a deficiência do ensino primário e os vencimentos dos professores secundários (AL – anais – jan.-mar. – 1963 – vol. XX); Sobre o tabelamento dos serviços de pronto-socorro e a contratação de professores para o Ensino Médio do Estado (AL – anais – maio – 1963 – vol. XXII); Sobre reivindicações salariais dos professores (AL – anais – dez. – 1963 – vol. XXIX); Sobre contagem de tempo de serviços de professores do Estado para efeito de aposentadoria (AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXX); Sobre a situação dos professores do Estado (AL – anais – dez. – 1964 – vol. XXXIX).

⁶⁶⁶ Deixamos aqui alguns exemplos desses discursos: Sobre a gratuidade do ensino médio no Estado (AL – anais – abr. – 1963 – vol. XXI); Sobre vagas nas escolas primárias do Estado (AL – anais – abr. – 1964 – vol. XXXI); Sobre acesso ao curso normal das meninas aprovadas no curso ginásial do Instituto de Educação (AL – anais – set. – 1964 – vol. XXXVI); Sobre mais prazo para inscrição no concurso do Ensino Normal do Instituto de Educação (AL – anais – nov. – 1964 – vol. XXXVIII); Sobre o acesso das alunas do Instituto de Educação ao Curso Normal (AL – anais – jan.-mar. – 1965 – vol. XL).

⁶⁶⁷ Deixamos aqui alguns exemplos desses discursos: Sobre o aniversário do Colégio Militar e a fundação do “Comitê” Pró-Reformas de Base, da Urca (AL – anais – maio – 1963 – vol. XXII); Sobre o “Dia da Normalista” (AL – anais – nov. – 1963 – vol. XXVIII); Sobre o 126º aniversário de fundação do Colégio Pedro II (AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXX); Sobre homenagem da ALEG ao professor Mário da Veiga Cabral (AL – anais – jun. – 1964 – vol. XXXIII); Sobre o 25º aniversário da Faculdade de Filosofia do Estado (AL – anais – ago. – 1964 – vol. XXXV); Sobre pesar pelo falecimento do Professor San Thiago Dantas (AL – anais – set. – 1964 – vol. XXXVI); Sobre o 34º aniversário do Instituto de Educação (AL – anais – out. – 1964 – vol. XXXVII).

três anos, é um número bastante expressivo. Evidentemente que, muito provavelmente, Edna Lott tenha tratado da educação em outras falas na tribuna da Assembleia. O método de analisar os títulos nos sumários dos anais da ALEG não nos permitiu alcançar um resultado mais preciso, mas serve igualmente para termos um parâmetro da importância que a parlamentar dava às questões do magistério. Outro ponto importante, dentro dessa esfera representativa de determinada categoria profissional, era a defesa que Edna Lott fazia dos militares e classes correlatas, como policiais e bombeiros.

Ao defender também essas categorias profissionais, Edna Lott completava e disputava a base política de Carlos Lacerda.⁶⁶⁸ Poderíamos definir essa base como a *família tradicional*, sendo composta por um trabalhador das forças de segurança e uma professora, geralmente normalista. Assim, por compartilharem *ethos* muito próximos, Edna Lott conseguia transitar politicamente por esses profissionais da segurança, ainda que em uma escala bem menor quando comparada aos meios militares. Não é preciso que percamos muito tempo expondo o forte traço tradicionalista que perpassa e forma essas instituições e seus membros. Nesse momento, não trabalharemos a questão dos militares, deixando essa discussão para os próximos dois capítulos, e nos focaremos na relação política de Edna Lott com os bombeiros e policiais.

Mesmo em uma quantidade muito menor quando comparada ao tema dos militares, Edna Lott daria grande atenção aos policiais e bombeiros. Estes, ainda que não tenham recebido um número muito extenso de falas, apareceriam nos discurso da trabalhista em questões como propostas de leis⁶⁶⁹, situação trabalhista da classe⁶⁷⁰, organização política

⁶⁶⁸ PICALUGA, I. F., op. cit., p. 147 e 152.

⁶⁶⁹ Sobre o Projeto de Lei nº 98-63 – Gratificação por risco de vida aos oficiais e praças do Corpo de Bombeiros do Estado (AL – anais – out. – 1963 – vol. XXVII); Sobre veto do Governador ao Projeto de Lei referente ao Corpo de Bombeiros (AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXX).

⁶⁷⁰ Sobre a opção de bombeiros pelo Serviço Federal (AL – anais – abr. – 1964 – vol. XXXI); Sobre a opção de bombeiros pelo Serviço Federal (AL – anais – maio – 1964 – vol. XXXII).

da corporação⁶⁷¹, comemorações e homenagens⁶⁷². Curiosamente, após tantas mensagens de congratulações ao Corpo de Bombeiros, a corporação retribuiria homenageando a Assembleia Legislativa.⁶⁷³ Evidentemente que não se pode creditar essa deferência unicamente à atuação da petebista nas questões referentes aos bombeiros, entretanto, essa cortesia da corporação nos ajuda a medir a satisfação da categoria pelos parlamentares da Guanabara.

Por sua vez, a relação política de Edna Lott com os policiais aconteceu de maneira mais variante do que em relação ao Corpo de Bombeiros. Edna Lott apresentaria, em algumas ocasiões, críticas à corporação policial. Dos 35 discursos, que contamos no sumário dos anais da Assembleia durante seu primeiro mandato, avaliamos que foram 20 falas positivas⁶⁷⁴, 3 falas neutras⁶⁷⁵, 12 falas negativas⁶⁷⁶. Para deixar claro que critério utilizamos, o exame seguiu o título adotado pelo escrivão dos anais da ALEG, logo,

⁶⁷¹ I Congresso Latino-Americano de Comandante de Corpo de Bombeiros (AL – anais – out. – 1965 – vol. XLVII).

⁶⁷² Sobre o aniversário do Corpo de Bombeiros e da Polícia Militar (AL – anais – maio – 1963 – vol. XXII); Sobre o aniversário do Corpo de Bombeiros (AL – anais – jul. – 1963 – vol. XXIV); Propondo voto de congratulações ao Primeiro Congresso de Bombeiros (AL – anais – ago. – 1963 – vol. XXV); Sobre o 68º aniversário da banda do Corpo de Bombeiros (AL – anais – nov. – 1964 – vo. XXXVIII); Congratulando-se com a banda do Corpo de Bombeiros pelo brilhantismo conseguido vencendo o concurso de bandas militares (AL – anais – jun. – 1965 – vol. XLIII); “Dia do Bombeiro” (AL – anais – jul. – 1965 – vol. XLIV); Sobre homenagem ao Corpo de Bombeiros (AL – anais – jul. – 1965 – vol. XLIV); Voto de congratulações com a banda do Corpo de Bombeiros (AL – anais – jan.-mar. – 1966 – vol. L); Banda de música do Corpo de Bombeiros (AL – anais – abr. – 1966 – vol. LI); Felicitando o Corpo de Bombeiros pela passagem de seu aniversário (AL – anais – jul. – 1966 – vol. LIV).

⁶⁷³ Sobre a homenagem do Corpo de Bombeiros à Assembleia Legislativa (AL – anais – maio – 1966 – vol. LII).

⁶⁷⁴ Deixamos aqui alguns exemplos desses discursos: Sobre a promoção a Delegado, por merecimento, do Senhor Cecil Borer (AL – anais – out. – 1963 – vol. XXVII); Sobre voto de pesar pelo assassinato do Detetive Le Coq (AL – anais – ago. – 1964 – vol. XXXV); Sobre os vencimentos dos Comissários de Polícia (AL – anais – dez. – 1964 – vol. XXXIX).

⁶⁷⁵ Sobre incidente entre alunos do Colégio Pedro II e a Polícia (AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXX); Sobre Policiamento, transportes e abastecimento para o Estado (AL – anais – set. – 1964 – vol. XXXVI); Sobre o tema do policiamento na cidade (AL – anais – out. – 1964 – vol. XXXVII).

⁶⁷⁶ Deixamos aqui alguns exemplos desses discursos: Sobre a morte, pela polícia do Estado, de um operário na favela de Ramos (AL – anais – jul. – 1963 – vol. XXIV); Sobre violências da polícia do Estado Guanabara (AL – anais – ago. – 1963 – vol. XXV); Sobre Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar os crimes cometidos pela polícia do Estado (AL – anais – set. – 1963 – vol. XXVI); Sobre violências praticadas pela Polícia do Estado (AL – anais – abr. – 1964 – vol. XXXI); Sobre a apreensão de carteiras de motoristas por guardas que só as devolvem mediante propina (AL – anais – set. – 1964 – vol. XXXVI); Sobre policiais que compactuam com assaltantes (AL – anais – set. – 1964 – vol. XXXVI).

seguimos a sua avaliação dos discursos da petebista. Nesse processo, fizemos apenas uma diferenciação entre os títulos “problemas de segurança”, classificados como positivos por entendermos que a responsabilidade pelo problema é atribuída ao governo do Estado, demandando maior atenção pela pauta da segurança⁶⁷⁷; e “problemas de assalto”, como negativos pela responsabilidade ser identificada na polícia, apontando para sua ineficiência sem mencionar o governo do Estado⁶⁷⁸.

É preciso que deixemos claro que os discursos de Edna Lott, que tratavam dos policiais, tiveram maior frequência durante o governo de Lacerda. Desses 35 discursos que contabilizamos, 30 foram proferidos no período de 1963 a 1965, sendo 24 apenas no ano de 1964.⁶⁷⁹ Mais do que criticar a Polícia, o foco de Edna Lott era apresentar Carlos Lacerda como ditador. O combate de Edna Lott a Lacerda havia se iniciado, publicamente, desde a eleição presidencial de 1960 e se intensificado muito durante as eleições parlamentares de 1962. Aproximando-se do dia do pleito, o *Última Hora* publicou algumas reportagens noticiando as faixas da líder nacionalista que foram arrancadas por agentes do governador da Guanabara.⁶⁸⁰

Em 29 de setembro de 1962, o *Diário Carioca* publicava, em sua primeira página com continuação na página 5, a matéria intitulada: “Edna Lott GB: eleição tranquila só com tropa federal”.⁶⁸¹ A notícia começava, logo nas primeiras linhas, com uma citação direta de Edna Lott, que afirmava que:

Sem garantias da tropa federal as eleições na Guanabara não serão normais, uma vez que o clima de coação e terrorismo que o sr.

⁶⁷⁷ Deixamos aqui alguns exemplos desses discursos: Sobre falta de policiamento da cidade (AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXX); Sobre o despolicamento da cidade e os festejos do IV Centenário (AL – anais – jul. – 1964 – vol. XXXIV); Sobre o problema do Policiamento no Estado (AL – anais – jul. – 1964 – vol. XXXIV); Sobre o despolicamento da cidade e a conveniência de se mandar policiais aos Estados Unidos para se aperfeiçoarem em cursos de capturas de bandidos (AL – anais – set. – 1964 – vol. XXXVI).

⁶⁷⁸ Sobre os assaltos que se estão verificando na Cidade e os festejos do IV Centenário (AL – anais – set. – 1964 – vol. XXXVI); Sobre assalto a motoristas (AL – anais – jun. – 1966 – vol. LIII).

⁶⁷⁹ Ver de AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXX a AL – anais – dez. – 1964 – vol. XXXIX.

⁶⁸⁰ *Última Hora*, 18 de set. 1962, p. 11; *Última Hora*, 21 de set. 1962, p. 2; *Última Hora*, 27 de set. 1962, p. 9.

⁶⁸¹ *Diário Carioca*, 29 de set. 1962, capa e p. 5.

Carlos Lacerda vem impondo ao Estado, devidamente aliado às vastas somas gastas pelos candidatos que rezam pela sua cartilha política, impedirão – como já vem acontecendo no período pré-eleitoral – que o povo se manifeste livremente no dia do pleito.⁶⁸²

O *Diário Carioca*, esclarecendo que as declarações foram tomadas na visita que a petebista fez ao jornal, seguia dizendo que a candidata parlamentar denunciara “a proibição de comícios nas imediações da Central” afirmando, em citação direta, que esse foi “um atentado contra os trabalhistas uma vez que aquela é uma das áreas mais receptivas à nossa pregação popular e por isso mesmo, através de tumultos artificialmente preparados pelo sr. Amaral Neto e sua equipe, precisava ser fechada ao povo, como aliás, já foi feito.”⁶⁸³ Matéria repleta de citações de falas inteiras da candidata petebista, o *Diário Carioca* continuava dando destaque as declarações da líder nacionalista.

“Como democrata consciente e habitante de um país civilizado, deploro a situação em se encontra a terra carioca. No Grajaú, para citar um exemplo, as faixas que eu e meus amigos lá colocamos com os nomes dos candidatos contrários ao pensamento do governador, não exclusivamente o meu, são sistematicamente retiradas por elementos que, na calada da noite, servem aos interesses das forças ligadas ao sr. Carlos Lacerda” – prosseguiu a sra. Edna Lott.⁶⁸⁴

Mediante à condução das eleições parlamentares na Guanabara, por parte de Lacerda, Edna Lott não via alternativa senão a interferência de tropas federais no Estado.

“O que queremos ao abordar esse assunto, não é uma garantia restrita a nós, mas sobretudo a garantia para que o povo possa escolher, num centro civilizado como a Guanabara, os candidatos que realmente lhe falem melhor às aspirações e anseios. Isso, temos certeza, só será conseguido através de uma ação equilibrada da tropa federal aqui enviada para garantir o pleito” – disse ainda.⁶⁸⁵

⁶⁸² *Diário Carioca*, 29 de set. 1962, capa.

⁶⁸³ *Diário Carioca*, 29 de set. 1962, capa.

⁶⁸⁴ *Diário Carioca*, 29 de set. 1962, capa.

⁶⁸⁵ *Diário Carioca*, 29 de set. 1962, capa e p. 5.

Antes de finalizar a matéria, o jornal ainda faria uma última citação direta da petebista em que a candidata apontava e acusava o grande apoio empresarial, nacional e estrangeiro, ao governador Carlos Lacerda.⁶⁸⁶

“Se somarmos a isso os gastos fabulosos que os candidatos contra nós fazem, cuja cobertura financeira aliás não se sabe de onde vem, veremos, que as eleições, sem interferência de um poder moderador – no caso a tropa federal -, serão intranquilas e fora das possibilidades de livre manifestação dos eleitores” – acrescentou a candidata pelo PTB, lembrando denúncia feita por um jornal conservador inglês, faz poucos meses, segundo a qual as eleições no Brasil, e na América do Sul, seriam ganhas a peso de ouro.⁶⁸⁷

A candidatura de Edna Lott, portanto, apresentava uma série de características potenciais que poderiam contribuir muito na expansão do PTB, em nível nacional e estadual/local, naquele momento em que a participação e organização políticas se alargavam, alcançando setores da sociedade brasileira até então excluídos do exercício político, como bombeiros, policiais, mulheres, professoras.

Um último fator para a mudança da esfera da candidatura parlamentar, de federal para estadual, pode ter sido um recuo estratégico de Edna Lott frente à presença de outros candidatos petebistas com maior capital político, naquele momento. Além de nomes petebistas já consagrados no antigo Distrito Federal, como os de Elói Dutra e o próprio Sérgio Magalhães, além de intelectuais de renome, como Guerreiro Ramos e Roland Corbisier⁶⁸⁸; a Guanabara observava a chegada de um novo político de peso em seu Estado, Leonel Brizola. A espetacular vitória na crise da legalidade, em 1961, permitiu ao governador gaúcho romper os limites da política regional para projetar e consolidar o seu nome nacionalmente.⁶⁸⁹

⁶⁸⁶ PICALUGA, I. F., op. cit., p. 154-6.

⁶⁸⁷ *Diário Carioca*, 29 de set. 1962, p. 5.

⁶⁸⁸ *Última Hora*, 30 de jul. 1962, p. 3.

⁶⁸⁹ FERREIRA, Jorge. **Nacionalismo, democracia e reformas: As ideias políticas de Leonel Brizola (1961-1964)**. In: FREIRE, Américo; FERREIRA, Jorge (org.). *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos (1961-1964 e 1979-2004)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

Para alcançar suas novas pretensões políticas, Brizola mudou seu domicílio eleitoral de Porto Alegre para o Rio de Janeiro, candidatando-se a deputado federal em 1962, ano em que terminaria seu mandato de governador do Rio Grande do Sul. Nessas eleições parlamentares, veríamos confirmado o grande tamanho político que Brizola havia alcançado a partir da Campanha da Legalidade, no ano anterior. Ao final daquele pleito, o então governador gaúcho receberia 269 mil votos, o que representava, em um eleitorado de um milhão, quase 27% dos sufrágios guanabarininos.⁶⁹⁰

A primeira eleição parlamentar da Guanabara, realmente, apresentava um quadro adverso para novos candidatos petebistas, no plano federal. Seus adversários eleitorais no partido já possuíam nomes bastante consolidados para se elegerem, em 1962. Nesse sentido, é bem provável que esse cálculo político também tenha sido feito por Edna Lott e seus correligionários de campanha. Pensando a partir dessa avaliação, o mais sensato seria realizar um recuo estratégico, optando por disputar um cargo parlamentar que fosse mais tranquilo de ser conquistado nas eleições de 1962.

Entretanto, esse possível recuo não representava um afastamento dessa corrente petebista. Naquela eleição parlamentar, Edna Lott esteve justamente ao lado de Brizola, Elói Dutra, Roland Corbisier, etc. na Frente de Libertação Nacional (FLN).⁶⁹¹ A FLN, segundo Delgado, “foi mais uma das tentativas empreendidas pelos nacionalistas para unirem forças na defesa das reformas econômico-sociais e de um programa governamental de orientação nacionalista.”, sendo que: “Os objetivos imediatos perseguidos pelos criadores dessa nova frente eram eminentemente eleitorais.”⁶⁹² A intenção dos membros frentistas era, basicamente, conquistar o maior número de cadeiras

⁶⁹⁰ FERREIRA, J., *Nacionalismo, democracia e reformas*, p. 37.

⁶⁹¹ *Última Hora*, 18 de set. 1962, p. 3; *Última Hora*, 28 de set. 1962, p. 10.

⁶⁹² DELGADO, L. A.N., *PTB: do Getulismo ao Reformismo*, p. 214.

parlamentares possível de modo a formar uma grande bancada nacionalista em esfera nacional, regional e local.⁶⁹³

Por essa razão, a FLN se configurava em um bloco amplo formado por políticos dos mais variados partidos, principalmente os do PTB, que comungavam dos mesmos valores do nacionalismo de esquerda, incluindo também os comunistas.⁶⁹⁴ Essa larga composição partidária, somada aos próprios problemas internos das diferentes agremiações, acabou por não levar a FLN muito adiante.⁶⁹⁵ Desmantelando-se tão logo se concretizou as eleições de 1962, a FLN contribuiu para um grande crescimento parlamentar do PTB, principalmente no plano federal.⁶⁹⁶ Edna Lott se encontrava entre esses novos deputados, obtendo uma votação expressiva para uma primeira candidatura.

Recebendo 7.256 votos⁶⁹⁷, Edna Lott terminaria aquela eleição como a quinta petebista mais votada para a Assembleia Legislativa da Guanabara, em treze candidatos eleitos pelo partido.⁶⁹⁸ Dividindo o palanque com os grandes nomes nacionais e estaduais do PTB, como Brizola, Elói Dutra, Sérgio Magalhães, entre outros,⁶⁹⁹ não restam dúvidas de que a FLN serviu como grande propulsor na campanha política da líder do MNB.

3. As bandeiras de campanha de Edna Lott: recrudescimento do nacionalismo e da participação das mulheres na política

Os ideais defendidos por Edna Lott, na eleição parlamentar de 1962, foram os mesmos defendidos na disputa presidencial de 1960, isto é, o nacionalismo e a maior participação das mulheres na política e, de modo geral, na vida pública. Essas duas

⁶⁹³ Ibidem.

⁶⁹⁴ DELGADO, L. A.N., *PTB: do Getulismo ao Reformismo*, p. 214-5.

⁶⁹⁵ DELGADO, L. A.N., *PTB: do Getulismo ao Reformismo*, p. 215.

⁶⁹⁶ Ibidem.

⁶⁹⁷ Tribunal Superior Eleitoral. Candidatos Eleitos, Período de 1945 a 1990. Busca Simples: Edna Lott. Ano: 1962. Votos: 7.256. UF: GB. Partido: PTB.

⁶⁹⁸ *Última Hora*, 29 de out. 1962, p. 3; *Correio da Manhã*, 24 de nov. 1962, p. 10.

⁶⁹⁹ *A Noite*, 8 de set. 1962, 4.

bandeiras, defendidas durante os anos 1960 e 1961, seriam intensificadas nessa campanha parlamentar, principalmente pelo maior acesso à imprensa que a líder nacionalista dispôs nesse pleito. Importante notarmos, antes de tudo, que todos os questionamentos levantados, principalmente, pelo *Correio da Manhã*, *Diário Carioca* e *O Jornal*, por volta do dia 27 de março de 1962, foram respondidos em uma matéria do *Jornal do Brasil*, nesse mesmo período.

Em reportagem do dia 29 de março de 1962, com o título “Filha do Marechal Lott vai disputar uma cadeira na Câmara dos Deputados”, o *JB* sanava todas as questões referentes (1) à esfera da candidatura parlamentar de Edna Lott, (2) ao convite anterior do PTB, (3) à permissão de seu pai para que pudesse concorrer à Câmara dos Deputados, (4) ao grupo que articularia e empreenderia sua campanha e (5) ao segundo pedido de licença-prêmio em um espaço de tempo de dois anos.⁷⁰⁰ Logo no primeiro parágrafo da matéria, em sua totalidade, o *Jornal do Brasil* definia qual seria a esfera da candidatura da líder nacionalista, qual seria o grupo que faria sua campanha e qual seria a sede do seu comitê de campanha.

A Sr.^a Edna Lott vai candidatar-se a uma cadeira de deputado pelo PTB do Estado da Guanabara, nas próximas eleições. Sua campanha será esquematizada e ordenada, em todos os seus pormenores, pelo Comitê Nacionalista e concentrará seu quartel-general eleitoral em Marechal Hermes.⁷⁰¹

Afirmando que Edna Lott só considerava sua candidatura definitiva após a homologação pela Convenção Regional do PTB, o *JB* noticiava que a candidata já havia requerido ao Colégio Pedro II e ao Instituto de Educação, estabelecimentos em que lecionava há 22 anos, licença-prêmio para poder realizar a sua campanha eleitoral.⁷⁰² Mais adiante na matéria, o *Jornal do Brasil* abriu espaço para que Edna Lott justificasse

⁷⁰⁰ *Jornal do Brasil*, 29 de mar. 1962, p. 4.

⁷⁰¹ *Jornal do Brasil*, 29 de mar. 1962, p. 4.

⁷⁰² *Jornal do Brasil*, 29 de mar. 1962, p. 4.

o segundo pedido de licença-prêmio em um período de dois anos. Em uma citação direta, Edna respondia que:

Com as aulas que sou obrigada a dar, saio de casa todos os dias às 6 horas para só voltar ao anoitecer. Como poderia realizar minha campanha? Sei, ademais, que a luta vai ser árdua. Os jornais dizem que muitos candidatos estão dispostos a gastar fortunas para se elegerem. Para compensar minha falta de dinheiro, terei que trabalhar em dobro.⁷⁰³

Para a sociedade patriarcal, daquela época, não era evidente o trabalho que uma mulher precisava despender em uma campanha política. A tripla jornada de cuidar dos filhos, trabalhar e atuar politicamente dificilmente era percebida como extenuante, que alijava e, praticamente, excluía a participação das mulheres na política. Um homem que pleiteasse o mesmo direito não seria visto da mesma forma. Muito provavelmente seria reconhecido como um herói que se sacrificava por uma causa maior, abrindo mão do conforto do lar e da família, podendo se dedicar inteiramente à política em detrimento, muitas vezes, do seu próprio trabalho. Já à mulher, era exigido que pedisse permissão ao seu pai ou marido para que pudesse lançar sua própria candidatura política.

Por conta disso, o *JB* noticiava que a candidata: “Revelou, finalmente, que nesses próximos dias irá a Teresópolis, onde seu pai está repousando, para cientificá-lo pessoalmente de sua candidatura.”⁷⁰⁴ A maneira que o *Jornal do Brasil* escreveu essa informação é excelente para entendermos essa relação de poder entre pais e filhas, no espaço do debate público. A narrativa do periódico faz parecer que o marechal estava em um retiro incomunicável, sem acesso à imprensa, e que precisava ser cientificado pessoalmente por sua filha. A obediência filial feminina aqui é bastante realçada, pois um simples telefonema ou uma carta não seria o bastante para que Edna comunicasse uma decisão pessoal, sobre a sua própria vida, ao seu pai.

⁷⁰³ *Jornal do Brasil*, 29 de mar. 1962, p. 4.

⁷⁰⁴ *Jornal do Brasil*, 29 de mar. 1962, p. 4.

Sanando todas as dúvidas iniciais sobre a candidatura de Edna Lott, o *Jornal do Brasil* abriu bastante espaço para noticiar as ideias nacionalistas da candidata. Em uma citação direta, a líder nacionalista afirmava que:

Minha campanha terá como tema o nacionalismo, declarou ao JORNAL DO BRASIL, mas se eleita não esquecerei de defender o Nordeste, ao mesmo tempo que estarei atenta para os problemas da educação e da criança. Embora não seja nordestina, como brasileira não posso esquecer o que vi com meus próprios olhos durante a campanha de meu pai: o Nordeste cada vez mais pobre, em situação de profunda desigualdade com o Sul. Precisamos, portanto, lutar para que o Nordeste não continue cada vez mais desgarrado do restante do Brasil. É uma luta em que todos precisamos nos empenhar.⁷⁰⁵

Apresentando a fidelidade de Edna aos nacionalistas, o *JB* afirmava que a candidata: “Lembrou ainda que desde a campanha passada recebeu convites de diversos partidos. Mas seus companheiros do Grupo Nacionalista foram contrários, argumentado que ‘naquela ocasião não se podia dispersar esforços’.”⁷⁰⁶ O *Jornal do Brasil* fez questão de reforçar tal fidelidade política ao colocar que: “Definindo sua posição diante dos acontecimentos políticos, salientou a Sr.^a Edna Lott que em qualquer circunstância estará com os nacionalistas. ‘Mesmo que fosse obrigada a apoiar o nome do Sr. Jânio Quadros’.”⁷⁰⁷

Por essa razão, Edna Lott aceitou o convite para se candidatar, segundo o *JB*, explicando “que só aceitou o lançamento de seu nome pelo PTB por entender que os trabalhistas são os que mais se aproximam dos ideais que sustenta o Grupo Nacionalista de que faz parte.”⁷⁰⁸ Em uma citação direta, Edna prometia que: “Concretizada minha candidatura pelo PTB, partido que me dirigiu honroso convite, vou lutar pelos ideais nacionalistas que visam, antes de tudo, a libertação econômica do nosso País.”⁷⁰⁹ Essa

⁷⁰⁵ *Jornal do Brasil*, 29 de mar. 1962, p. 4.

⁷⁰⁶ *Jornal do Brasil*, 29 de mar. 1962, p. 4.

⁷⁰⁷ *Jornal do Brasil*, 29 de mar. 1962, p. 4.

⁷⁰⁸ *Jornal do Brasil*, 29 de mar. 1962, p. 4.

⁷⁰⁹ *Jornal do Brasil*, 29 de mar. 1962, p. 4.

afinidade entre o pensamento político de Edna Lott e do PTB ficaria ainda mais clara com os artigos publicados pela candidata no jornal *O Semanário*, principalmente a partir dos meses finais da campanha parlamentar.

Aproximando-se do 7 de outubro, data da eleição, Edna Lott receberia o reforço do jornal *O Semanário*. O periódico nacionalista passaria a publicar longos artigos de autoria da candidata petebista, que se intensificariam conforme se aproximasse o dia do pleito. Inaugurando essa série de quatro artigos publicados no jornal nacionalista, *O Semanário* concedia, no dia 30 de agosto de 1962, espaço para que Edna publicasse uma espécie de carta aberta. Sob o título de “Edna Lott: candidata a deputado estadual pelo PTB”, o jornal fazia uma breve apresentação da líder nacionalista, precedendo o texto de Edna.

Edna Lott, figura de projeção do movimento nacionalista, é candidata a deputado estadual no Estado da Guanabara. Filha do marechal Lott, mulher corajosa que tem lutado incansavelmente pela emancipação econômica e política do Brasil, Edna Lott receberá certamente uma votação maciça. A sua eleição será uma vitória sobre a reação gorilizada, sobre os lacerdas e os ardovinos.⁷¹⁰

O objetivo d’*O Semanário*, como podemos ver pelo título e pela introdução do artigo, era apoiar e fazer propaganda da candidatura de Edna Lott. Por ser o primeiro texto de Edna publicado no jornal, o propósito do artigo era apresentar a candidata de maneira simples e direta, deixando claro quem era ela, a razão de sua candidatura e quais eram suas propostas de campanha. Em formato de carta aberta, Edna iniciava seu texto afirmando que: “Ao candidatar-me a deputado estadual pelo PTB, avalio perfeitamente a extensão das responsabilidades que desejo assumir, não apenas com o Povo e com o Estado da Guanabara, mas também com o nosso País.”⁷¹¹

Esse primeiro parágrafo já deixava claro o compromisso nacionalista, mesmo que o cargo parlamentar que pleiteava pertencesse à esfera estadual. Afirmando que: “A hora

⁷¹⁰ *O Semanário*, 30 de ago. 1962, p. 10.

⁷¹¹ *O Semanário*, 30 de ago. 1962, p. 10.

que o Brasil atravessa é das mais decisivas para a nacionalidade.”⁷¹² Edna colocava que: “É a hora de aposentar a mentalidade conservadora já superada, que tem entravado o desenvolvimento do país, aumentando o grau de miserabilidade do povo. A hora é de tomada de consciência e de reformas de base.”⁷¹³ Ao apresentar a questão nacional dessa forma, nos dois primeiros parágrafos, Edna Lott deixava claro a sua adesão ao reformismo radical, que conquistava cada vez mais militantes dentro do PTB.

Essa posição política analisava a situação econômica-social do Brasil de maneira cindida. De um lado, uma elite atrasada e reacionária, e de outro, um povo brutalmente pauperizado e explorado. Nessa disputa política, a elite buscava manter a situação de miséria do país, enquanto o povo lutava pelo desenvolvimento nacional para romper com a sua condição miserável. A situação era mais dramática, segundo Edna Lott, porque: “Tudo em nosso país nos acena com a prosperidade e com um grande futuro.”⁷¹⁴ E, referendando essa afirmação, seguia enumerando os fatores para essa prosperidade: “A extensão territorial, a posição geográfica invejável, as riquezas minerais e hidráulicas, a potencialidade agropecuária, a capacidade de trabalho do nosso povo e uma população de mais de setenta milhões de habitantes.”⁷¹⁵

Por essa razão, a líder nacionalista perguntava: “Por que nos debatemos com temas cujos termos nos são familiares, sem conseguir solucioná-lo?”⁷¹⁶ A resposta, evidentemente, não poderia ser outra. “Entre os nossos males estão o imperialismo, a estrutura agrária, a ignorância, a ineficiência administrativa e a corrupção.”⁷¹⁷ Após enumerar os adversários do desenvolvimento do país, isto é, o imperialismo e o latifúndio, que corrompiam a administração pública, a candidata petebista apresentava os efeitos

⁷¹² *O Semanário*, 30 de ago. 1962, p. 10.

⁷¹³ *O Semanário*, 30 de ago. 1962, p. 10.

⁷¹⁴ *O Semanário*, 30 de ago. 1962, p. 10.

⁷¹⁵ *O Semanário*, 30 de ago. 1962, p. 10.

⁷¹⁶ *O Semanário*, 30 de ago. 1962, p. 10.

⁷¹⁷ *O Semanário*, 30 de ago. 1962, p. 10.

deletérios da ação desses grupos políticos. “Tudo isso produzindo a miséria, com o conseqüente marginalismo de milhões de brasileiros, a doença, o alto índice de mortalidade infantil, a delinquência de menores, o aumento acelerado dos contingentes de criminosos, a degradação de mulheres”, continuava Edna Lott, “de todas as classes sociais, o despovoamento dos campos, o aumento das favelas, enfim, o aviltamento do homem, frustrado na sua ambição de dar conforto e segurança à família.”⁷¹⁸

Demonstrado o problema, faltava agora apresentar a solução, que, no entender de Edna Lott, era o nacionalismo. “Diante deste quadro desolador, os princípios do nacionalismo e da solidariedade humana impõem que se erga a voz, clamando pela eliminação das causas dos nossos males e pelo estabelecimento de uma autêntica Justiça social.”⁷¹⁹ Por esse motivo, e mesmo reconhecendo a restrição do mandato estadual aos interesses locais, a candidata petebista dividiria suas propostas em âmbito nacional e estadual. Na esfera nacional, Edna Lott prometia, seguindo essa ordem aqui arrolada, que estaria a serviço do povo pelo (a): (1) “erradicação do analfabetismo”; (2) “liquidação do imperialismo e do latifúndio”; (3) “Reforma Agrária que atenda aos interesses do homem do campo”; (4) “melhoria da saúde da população”; (5) “um desenvolvimento planejado que assegure prosperidade e pleno emprego”; (6) “defesa de garantias e liberdades individuais”; (7) “extensão do direito de voto aos analfabetos”; (8) “reconhecimento da função social da maternidade e dos labores da dona-de-casa, para que a mulher que trabalha fora do lar obtenha aposentadoria aos 25 anos de serviço, sem limite de idade”; (9) “solução dos problemas de abastecimento”; e (10) “para que reine no país a justiça e a paz social”.⁷²⁰

⁷¹⁸ *O Semanário*, 30 de ago. 1962, p. 10.

⁷¹⁹ *O Semanário*, 30 de ago. 1962, p. 10.

⁷²⁰ *O Semanário*, 30 de ago. 1962, p. 10.

“No plano estadual estarei atenta”, afirmava Edna Lott, “dia a dia, para todos os problemas da coletividade que forem surgindo, além de ter de imediato minha atenção voltada para o que já temos de aflições que se eternizam sem solução”. Seguindo a ordem apresentada pela candidata, eram esses os problemas crônicos da Guanabara: (1) “falta de água”; (2) “deficiência de transportes”; (3) “carência de telefones”; (4) “abandono das ruas dos subúrbios”; (5) “filas para a compra de gêneros alimentícios”; (6) “audácia dos sonegadores”; (7) “ganância dos trustes do leite e de todos os gêneros de primeira necessidade”; (8) “menores abandonados”; (9) “delinquência infantil”; (10) “desamparo da população à mercê de assaltantes cada vez mais numerosos e monstruosos”; (11) “exploração de crianças na mendicância”; (12) “proliferação de mendigos”; (13) “deficiência de educação e instrução da infância e da mocidade”; (14) “insuficiência de habitações para as classes desfavorecidas”; (15) “inundações”; (16) “imundície das ruas e praças públicas”; e (17) “devastações de nossas reservas florestais e belezas naturais, tão necessárias ao incremento do turismo”.⁷²¹

Após esse longo texto expondo a análise que fazia do país e como pretendia resolver os problemas apresentados por ela, Edna Lott concluiria seu artigo esquematizando suas propostas através de uma lista.

Além de bater-me pela solução de todos esses grandes problemas, tratarei de:

- 1 – Revisão do imposto territorial e predial, das taxas de água e esgoto, da dívida e contribuições dos exportadores de café;
- 2 – Prioridade para o fornecimento de água à cidade, com revisão do planejamento e execução feitos na administração atual e responsabilização pelos possíveis erros e desvios;
- 3 – Revisão dos gabaritos permitidos e das alterações feitas na administração atual, com vistas aos interesses da população;
- 4 – Projeto para a transformação das atuais favelas em núcleos residenciais compatíveis com a dignidade humana;

⁷²¹ *O Semanário*, 30 de ago. 1962, p. 10.

- 5 – Sistema de creches que atenda aos interesses da mulher que trabalha fora do lar;
- 6 – Plano para alfabetização de adultos, em caráter de emergência;
- 7 – Escola gratuita e obrigatória para toda a população infantil;
- 8 – Ampliação das escolas de formação de professoras primárias;
- 9 – Ampliação da rede estadual de ensino médio, para que as crianças das classes desfavorecidas, estudando gratuitamente, tenham possibilidade de acesso às universidades;
- 10 – Medidas visando o encorajamento a empreendimentos industriais, com vistas à ampliação do mercado de trabalho e elevação da renda média “per capita”;
- 11 – Prestigiar e incentivar as organizações femininas que têm por objetivo interessar a mulher no debate e na solução dos problemas da coletividade e dos que dizem respeito, particularmente, ao bem-estar da família (problemas que afetam: a criança, o trabalho da mulher fora do lar, a dona-de-casa, o trabalho de menores, a demissão de mulheres do emprego às vésperas do casamento ou da maternidade).⁷²²

Com esse artigo, Edna Lott conseguiu expor de maneira clara e mais aprofundada seu pensamento político e como pretendia resolver os problemas nacionais. Esse seria o primeiro texto de uma longa parceria entre a petebista e o jornal *O Semanário*, que se intensificaria a partir de 1963. Ainda antes do dia da eleição, Edna teria outros três artigos publicados no jornal, em que esmiuçava as ideias trabalhadas nesse artigo de 30 de agosto de 1962. Esses três artigos, definidos pelo jornal como “Especial para O Semanário”, tratavam da reforma agrária, da questão habitacional nos centros urbanos e da participação das mulheres na política brasileira.

Poucos dias após o primeiro artigo, Edna publicaria, no dia 6 de setembro de 1962, o texto “Reforma Agrária”, tema extremamente polêmico e execrado pelos setores conservadores. Nesse texto, a candidata estabelecia duas razões para se realizar a reforma agrária: (1) a expansão do mercado interno e o desenvolvimento da indústria nacional e (2) a extinção do latifúndio. Segundo Edna Lott:

⁷²² *O Semanário*, 30 de ago. 1962, p. 10.

O desenvolvimento industrial de um país subdesenvolvido estará sempre subordinado às possibilidades de colocação de seus produtos dentro do próprio país. Uma indústria incipiente dificilmente poderia concorrer no mercado internacional com os produtos de outros parques industriais mais avançados. O desenvolvimento pois da indústria num país subdesenvolvido fica condicionado aos limites do poder aquisitivo da população desse mesmo país. O que limita a amplitude de um mercado interno é a quantidade de indivíduos que compõem a população ativa. Ou seja, noutras palavras, o número de pessoas percebendo o dinheiro capaz de lhes permitir, além das despesas comuns de alimentação, habitação e educação, adquirirem bens de consumo.⁷²³

A solução para a expansão do mercado interno brasileiro, assim como de qualquer outro país subdesenvolvido, no entendimento de Edna Lott e de outros nacionalistas da época, encontrava-se no campo. Afirmava a candidata que “o homem do campo vive nas mais negras condições de miséria e abandono.”, trabalhando “sob as mais escorchantes condições de explorações, enxergando raramente o dinheiro e vivendo apenas para a satisfação dos desejos os mais primários.”⁷²⁴ A situação de pobreza extrema do trabalhador do campo, continuava a candidata, era um dos entraves para o desenvolvimento industrial do país, pois: “Apenas uma minoria privilegiada no Brasil – sapatos, garfos, pratos, mesas, cadeiras, come e veste-se bem.”⁷²⁵, ou seja, era consumidora.

Vinculando a ideia de desenvolvimento industrial à de progresso, Edna Lott defendia que: “Para que uma nação possa marchar, em ritmo crescente pela estrada do progresso, faz-se necessário que o seu desenvolvimento industrial não sofra limitações.”, encontrando sempre novos consumidores.⁷²⁶ Para resolver tal questão produtiva e de progresso, a petebista afirmava que: “Isso só será possível se encontrarmos um meio de fazer com que se torne compradoras do parque industrial nacional, aquela grande maioria

⁷²³ *O Semanário*, 6 de set. 1962, p. 3.

⁷²⁴ *O Semanário*, 6 de set. 1962, p. 3.

⁷²⁵ *O Semanário*, 6 de set. 1962, p. 3.

⁷²⁶ *O Semanário*, 6 de set. 1962, p. 3.

que hoje não o é.”⁷²⁷ A partir desse raciocínio, Edna concluía que a solução indicada era a Reforma Agrária, pois: “Os milhões de brasileiros que vivem no campo, hoje em dia sem nenhum poder aquisitivo, quando passarem o seu próprio pedaço de terra irão aos poucos acumulando recursos e se transformando em novos fregueses da indústria nacional.”⁷²⁸

A defesa da Reforma Agrária, além da questão da solidariedade humana com trabalhadores hiper-explorados, era motivada pela defesa da industrialização e de sua expansão no país, a partir do fortalecimento do seu mercado interno. Esse diagnóstico nacional desaguava e desaguaria, necessariamente, na luta contra o latifúndio, pois: “Não é só a exiguidade do mercado interno que freia o desenvolvimento industrial do País.”⁷²⁹ Para Edna Lott, os limites do desenvolvimento industrial brasileiro era fruto de “uma conspiração internacional que subordina a economia nacional à estrangeira”, sujeição essa que “só é possível pela colaboração interna do aliado incondicional, eminentemente retrógrado e antipatriótico: o latifundiário, aliado de todas as horas do imperialismo colonizador.”⁷³⁰

Definindo o latifúndio como “o inimigo do progresso nacional”⁷³¹, Edna se posicionava nas fileiras do PTB mais próximas ao PCB. Naquele momento, a revolução brasileira, segundo, principalmente, os comunistas, seria democrático-burguesa.⁷³² Ou seja, a luta de classes naquela conjuntura, na avaliação dos dirigentes comunistas e petebistas próximos ao PC, seria travada entre as forças progressistas e uma suposta burguesia nacionalista *versus* o latifúndio, feudal, reacionário e decadente, aliado

⁷²⁷ *O Semanário*, 6 de set. 1962, p. 3.

⁷²⁸ *O Semanário*, 6 de set. 1962, p. 3.

⁷²⁹ *O Semanário*, 6 de set. 1962, p. 3.

⁷³⁰ *O Semanário*, 6 de set. 1962, p. 3.

⁷³¹ *O Semanário*, 6 de set. 1962, p. 3.

⁷³² SILVA, F. T.; SANTANA, M. A., op. cit., p. 121-4; DELGADO, L. A. N., *PTB: do Getulismo ao Reformismo*, p. 161-2.

contumaz do imperialismo.⁷³³ Por essa razão, Edna Lott afirmava, quase ao final do texto, que, no momento, “o que interessa política e economicamente é a extinção do latifúndio.”⁷³⁴ E concluía o artigo asseverando que:

O que a Reforma Agrária tem que fazer é desapropriar as terras exploradas em condições pré-capitalistas e doá-las aos que nelas trabalham. É desapropriar a terra dos ociosos latifundiários, “fabricantes” de deputados e senadores, quantos os meeiros e parceiros labutam de sol a sol nas suas terras, para lhes assegurar o dinheiro fácil. A REFORMA AGRÁRIA não vai tomar a terra de quem a tem e nela trabalha. Vai sim, nas condições capitalistas existentes, regular as relações entre patrões e empregados.⁷³⁵

À semelhança da esquerda nacionalista e desenvolvimentista da época, Edna Lott apresentava uma nítida influência das teses produzidas pela Comissão Econômica Para América Latina (CEPAL), sobretudo da Teoria do Subdesenvolvimento de Celso Furtado.⁷³⁶ Segundo o economista Bruno Borja, Furtado entendia “que o crescimento resulta da acumulação de capital e do progresso técnico, sendo seu ritmo determinado pela taxa de investimento e pela produtividade média do capital. No entanto, para manter-se em crescimento”, continua Borja, “uma economia precisa criar seu próprio mercado, repartindo os aumentos de renda entre a acumulação capitalista voltada para o investimento e a renda disponível para consumo da população.”⁷³⁷ Como podemos ver, depois de todo o exposto, Edna Lott era uma grande partidária das teses cepalinas e de Celso Furtado.

O desenvolvimento/subdesenvolvimento nacional, um dos grandes focos da militância da candidata petebista, não seria o único tema tratado por Edna Lott em seus artigos n’*O Semanário*, durante a disputa eleitoral de 1962. No mesmo intervalo de tempo

⁷³³ SILVA, F. T.; SANTANA, M. A., op. cit., p. 121-4; DELGADO, L. A. N., *PTB: do Getulismo ao Reformismo*, p. 161-2.

⁷³⁴ *O Semanário*, 6 de set. 1962, p. 3.

⁷³⁵ *O Semanário*, 6 de set. 1962, p. 3.

⁷³⁶ Sobre a teoria do subdesenvolvimento de Celso Furtado ver: BORJA, Bruno. **A formação da Teoria do Subdesenvolvimento de Celso Furtado**. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Economia, Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, 2013.

⁷³⁷ BORJA, B., op. cit., p. 159.

entre o primeiro e o segundo artigo, Edna Lott publicaria um terceiro texto, em 13 de setembro de 1962, intitulado “Transformar as favelas em núcleos residenciais”. Depois de tratar as questões do campo, era a vez de se debruçar sobre os problemas urbanos. Edna Lott, assim como no seu artigo sobre a reforma agrária, começava seu texto chamando atenção para um ponto em comum entre o homem do campo e o da cidade, isto é, a miséria em que viviam. Segundo a líder nacionalista, a situação da favela era responsabilidade de todos os moradores da cidade do Rio de Janeiro, devido à omissão e à convivência geral de seus cidadãos.⁷³⁸

Enquanto centenas de milhares de pessoas vivem ao nosso lado na idade da pedra, sem luz, sem água, sem esgotos, sem moradia, sem higiene ou assistência de qualquer espécie, continuamos a erguer arranha-céus e monumentos, a construir museus, palácios, cidades, tudo para aumentar os privilégios de quem já tem tantos privilégios. Verbas astronômicas são distribuídas para tudo, para clubes de diversões, grandes e pequenos; dinheiro da população é levantado para as mais diversas obras, inclusive para salvar monumentos egípcios. Em salvar seres humanos não se fala, exceto para subvencionar empresas particulares cujo objetivo é enriquecer seus proprietários.⁷³⁹

Diagnosticado o problema, Edna Lott dividiria seu artigo em três tópicos: “Solução, Execução e Dificuldades”. Percebendo que: “Transferir a população das favelas para outros locais é tarefa quase impossível.”, já que: “Se isto chegasse a ser feito, muito breve haveria novos barracos no antigo local, fossem quais fossem as providências das autoridades.”; a petebista propugnava que: “A solução que se impõe é transformar as favelas em núcleos residenciais.”, uma vez que: “O dinheiro que seria empregado para construção de casas em outro local não será maior se gasto na própria favela.”⁷⁴⁰

O modelo, pensado por Edna Lott, era o das “antigas aldeias medievais do sul da França – St. Paul, Vance, Cagnes-sur-mèr; ou Taormina na Sicília e San Marino, para

⁷³⁸ *O Semanário*, 13 de set. 1962, p. 3.

⁷³⁹ *O Semanário*, 13 de set. 1962, p. 3.

⁷⁴⁰ *O Semanário*, 13 de set. 1962, p. 3.

citar apenas as mais conhecidas.”⁷⁴¹ “Um morro presta-se”, de acordo com a líder nacionalista, “de maneira esplêndida para a construção de pequenas cidades”, o que poderia atrair muitos “turistas, artistas e milionários” como faziam “as cidadezinhas medievais do sul da França”.⁷⁴² Exposta a solução, faltava apresentar como seria a execução de tal política. Como se descrevesse uma maquete, que havia criado para esse projeto, Edna Lott apresentava detalhadamente a arquitetura física e social dessas futuras pequenas cidades.

Uma rua trafegável, inclusive por lotações e caminhões, levaria ao alto. Ali, ou ao longo da rua, se localizariam: torre para distribuição de água; posto de administração, com salão para reuniões cívicas, culturais ou festivais da coletividade; agência de empregos, igreja, posto policial; jardim de infância, escola primária, técnico-profissional, de artesanato e para empregadas domésticas; posto de saúde, ambulatório, pronto socorro, assistência especializada para crianças e gestantes, creche; centro de recuperação de menores, em sistema de semi-internato; padaria, açougue, peixaria, supermercado, possivelmente um sistema de cooperativa de consumidores; e tudo o mais que necessita uma sociedade organizada. Na escola primária, à noite, funcionariam cursos de alfabetização de adultos e outros que a população requeresse. Junto à creche funcionaria um Círculo de Mães, junto às escolas Círculo de Pais e Mestres, junto à administração uma Associação de Moradores, não dos mesmos dependentes, mas com local para a sede. Assistentes sociais teriam amplo ambiente para seus misteres.⁷⁴³

A candidata parlamentar ainda terminaria essa seção de “Execução” definindo que: “Os prédios residenciais conteriam apartamentos em três pavimentos, no máximo. Apartamentos populares, simples, porém condizentes com a dignidade humana e com os requisitos de higiene de nossa era.”⁷⁴⁴ Tal empreendimento não se faria sem grandes empecilhos, e isso era reconhecido por sua proponente. “Quem idealiza isto não está,

⁷⁴¹ *O Semanário*, 13 de set. 1962, p. 3.

⁷⁴² *O Semanário*, 13 de set. 1962, p. 3.

⁷⁴³ *O Semanário*, 13 de set. 1962, p. 3.

⁷⁴⁴ *O Semanário*, 13 de set. 1962, p. 3.

evidentemente, divorciada da realidade e das dificuldades.”⁷⁴⁵, declarava Edna Lott logo no primeiro parágrafo da última seção do artigo.

Foram três as dificuldades apresentadas pela política nacionalista: (1) “o dinheiro que vai custear tal obra”, (2) “a localização dos favelados durante a obra” e (3) “a obtenção de material de construção em tempo hábil”.⁷⁴⁶ O dinheiro para realizar a obra, primeiro problema apresentado por Edna Lott, seria “tanto mais difícil de ser obtido quanto não vai beneficiar os privilegiados que já se acostumaram a açambarcar todos os confortos da civilização.”⁷⁴⁷ Por reconhecer os problemas envolvidos em executar um projeto que pouco favoreceria os poderosos da cidade, Edna Lott defendia que “terá de aparecer a verba estadual”⁷⁴⁸ nesse projeto, além de doações espontâneas dos próprios cariocas.

O segundo problema levantado, sobre onde ficariam os moradores das favelas, a líder nacionalista voltava a encarnar o papel de engenheira social.

Para a solução deste problema serão convocados os sociólogos, os políticos, as autoridades e os próprios favelados. Destes será feito um cadastro, a fim de preservar-lhes os direitos na distribuição das residências, cujo o local será designado por sorteio. Os prédios deverão pertencer a uma autarquia estadual, de funcionamento a ser estudado, com o objetivo de evitar empreguismo, favoritismo e influências políticas. O aluguel será, possivelmente, calculado na base de 10% do salário do locatário, com revisão automática decorrente da revisão ou alteração do salário.⁷⁴⁹

A terceira dificuldade, em relação aos materiais para a construção dessas pequenas cidades nos morros, possuiria uma solução parecida com a questão do campo, ou seja, a expansão do mercado interno. A construção desse projeto funcionaria como um “incentivo para a produção de mais cimento, tijolo, e os outros materiais necessários; um

⁷⁴⁵ *O Semanário*, 13 de set. 1962, p. 3.

⁷⁴⁶ *O Semanário*, 13 de set. 1962, p. 3.

⁷⁴⁷ *O Semanário*, 13 de set. 1962, p. 3.

⁷⁴⁸ *O Semanário*, 13 de set. 1962, p. 3.

⁷⁴⁹ *O Semanário*, 13 de set. 1962, p. 3.

incentivo para a extração de mais cal, areia e pedra”, tudo isso promovendo um “aumento de empregos num país onde é grande o problema do subemprego de mão-de-obra não especializada.”.⁷⁵⁰ Após apresentar a solução para as dificuldades, Edna Lott finalizaria seu artigo conferindo ao seu projeto um tom de desafio à toda sociedade.

O planejamento para a transformação da primeira favela será um desafio para nossos arquitetos, a execução um desafio para nossos engenheiros. A recuperação de crianças e adultos, um desafio para professoras, assistentes sociais, técnicos de educação e todos aqueles que se preocupam com a valorização do ser humano.⁷⁵¹

Nesses dois artigos, escritos por Edna, podemos observar não apenas a proximidade ideológica e programática da candidata com o PTB e com os setores nacionalistas, em pautas como a reforma agrária e a luta pela moradia⁷⁵²; vemos também como a líder nacionalista estava bem sintonizada com a luta das mulheres de esquerda, durante toda a IV República. Segundo Maria Amélia de Almeida Teles:

As lutas desenvolvidas pelas mulheres nesse período passavam, como vimos, por problemas concretos, como o enfrentamento do problema da carestia, ou às vezes por questões mais localizadas, como falta de água ou despejo. A defesa da infância e da maternidade, e o desenvolvimento do ensino e de creches também eram questões constantes.⁷⁵³

“No que diz respeito às questões políticas mais gerais”, de acordo com Teles, “as mulheres se destacaram na luta pela anistia, pela democracia, pela defesa de nossas riquezas, sempre ameaçada pela expansão do imperialismo, e em prol da paz mundial”.⁷⁵⁴ “Quanto aos problemas mais específico,” ainda conforme Teles, “lutava-se contra a discriminação em relação à mulher e pelos seus direitos, em especial pela reforma no Código Civil, propondo-se então a anulação dos artigos discriminatórios à mulher

⁷⁵⁰ *O Semanário*, 13 de set. 1962, p. 3.

⁷⁵¹ *O Semanário*, 13 de set. 1962, p. 3.

⁷⁵² Essas pautas constavam desde a fundação do PTB, compondo o programa do partido. Ver: DELGADO, L. A. N., *PTB: do Getulismo ao Reformismo*, p. 40-2.

⁷⁵³ TELES, M.A.A., op. cit., p. 57.

⁷⁵⁴ *Ibidem*.

casada.”.⁷⁵⁵ Como podemos observar, Edna Lott estava em grande sintonia com a luta das mulheres de esquerda, naqueles primeiros anos de 1960. Além disso, a questão feminina teria grande importância naquele pleito de 1962, recebendo farta cobertura da imprensa.

Dentre os jornais da antiga Guanabara, foi o *Jornal do Brasil* que mais destacou a participação das mulheres nas eleições de 1962, focando, principalmente, nas candidatas parlamentares. Em 18 de agosto daquele ano, o *JB* noticiava a constituição das chapas do PTB para aquela disputa eleitoral. Tendo como título “Chapas do PTB carioca têm três candidatos do PSB e três mulheres”, o jornal realçava a presença dos candidatos pessebistas Aurélio Viana, para o Senado, e Breno da Silveira e Max da Costa Santos, para a Câmara dos Deputados, e as únicas três candidaturas femininas do partido, “a professora Edna Lott, a ex-Vereadora Velinda Maurício da Fonseca e a Sr.^a Judice Andrade.”.⁷⁵⁶

Mais à frente, às vésperas da eleição, o *JB* publicaria uma matéria, no dia 26 de setembro, bastante detalhada sobre as candidaturas femininas de 1962, com o título – “Vinte e três mulheres pretendem eleger-se para salvar a Pátria”.⁷⁵⁷ A matéria do *Jornal do Brasil* impressiona pela quantidade de dados que o periódico levantou para analisar as candidaturas femininas. “Dessas 23 candidatas,” segundo o jornal, “oito são professoras, três jornalistas, duas comerciantes, três funcionárias públicas, quatro advogadas, uma enfermeira, uma assistente social e uma compositora.”, estando “inscritas em doze legendas diferentes.”, sendo o Partido Democrata Cristão “o único na Guanabara que não apresenta candidato feminino ao pleito.”.⁷⁵⁸

O jornal informava ainda que “o número de mulheres que pretendem eleger-se como deputadas não é maior do que o das eleições passadas, nem houve mudança no

⁷⁵⁵ Ibidem.

⁷⁵⁶ *Jornal do Brasil*, 18 de ago. 1962, p. 3.

⁷⁵⁷ *Jornal do Brasil*, 26 de set. 1962, p. 6.

⁷⁵⁸ *Jornal do Brasil*, 26 de set. 1962, p. 6.

quadro profissional das candidatas. A maioria ainda é de professoras, e 80% das 23 candidatas são casadas, porém apenas 30% têm filhos.”⁷⁵⁹ Podemos observar aqui, claramente, como o próprio *Jornal do Brasil* ressaltava a importância que o ofício de professora tinha para a definição de uma candidatura feminina, assim como a surpresa pelo fato de apenas 30% das candidatas serem mães. Em uma matéria bastante esmiuçada, o contraste entre as candidatas e o modelo de mulher, daquela época, foi um dos dados que mais chamou a atenção do *JB*, tanto que o jornal publicou logo no terceiro parágrafo de um texto de 25 parágrafos.

O *Jornal do Brasil* seguiria a matéria apresentando todas as 23 candidatas parlamentares guanabarinas, dispondo os nomes das concorrentes, seus respectivos partidos e profissões. “O Partido Republicano, com quatro candidatas, liderou a apresentação de candidatos femininos. São elas: Iná de Moraes, jornalista; Lígia Cunha, professora; Mercedes Vargas, comerciante; e Dolores da Glória Santos, funcionária da Câmara Federal.”⁷⁶⁰ Em seguida, o jornal apresentava os partidos com candidatura feminina única: a professora Obdula Ferreira Willi, da Representação Popular; a advogada Norma Pinto, do Trabalhista Nacional; Raquel Macedo, funcionária do Ministério da Indústria e Comércio, pelo Libertador; a jornalista Elza Soares, pelo Republicano Trabalhista; e a professora Nair Leal, pelo Movimento Trabalhista Renovador.⁷⁶¹

As outras legendas, que possuíam menos de quatro e mais de uma candidata, também tiveram suas concorrentes arroladas. Eram elas: Lígia Lessa Bastos, “professora já veterana da política”, e a advogada Nilse Nunes, pela UDN; pelo PSB, a jornalista Adalgisa Néri, “outra veterana da política”, e a assistente social Teresinha Cândido; pelo

⁷⁵⁹ *Jornal do Brasil*, 26 de set. 1962, p. 6.

⁷⁶⁰ *Jornal do Brasil*, 26 de set. 1962, p. 6.

⁷⁶¹ *Jornal do Brasil*, 26 de set. 1962, p. 6.

Partido Social Progressista, a advogada e professora Carolina Soto Maior e a enfermeira Enói Barreto; pelo PTB, as professoras Judite Casais Andrade, Velinda Maurício Fonseca e Edna Lott; pelo Partido Social Trabalhista, a compositora Adália Mirante da Silva, a advogada e funcionária do Instituto Brasileiro do Café Carminda Vieira Chaves e a funcionária da Petrobrás Maria Abigail Gonçalves; e pelo PSD, Ione de Oliveira Belo, proprietária da Rádio Copacabana, a professora Cândida Villas Boas e a funcionária pública Graciete Matarazzo.⁷⁶²

Segundo o *Jornal do Brasil*, as ideias da maioria das candidatas, especialmente as das professoras, gravitavam em torno da educação e saúde. Defendiam, principalmente, o fim do “analfabetismo, aumentar o número de hospitais pediátricos, dar maior assistência à mulher.”⁷⁶³ Após um panorama geral das candidaturas femininas, o *JB* daria destaque à Edna Lott no tópico “Veteraníssima”, dividindo o espaço com Lígia Lessa Bastos. Embora o periódico afirmasse que: “Dentre todas as 23 candidatas, uma única pode ser considerada veteraníssima: Lígia Lessa Bastos.” – seguindo com o desempenho da pessedista durante as eleições e mandatos anteriores -, Edna Lott também apareceria nessa mesma seção como uma veterana da política.⁷⁶⁴

O *Jornal do Brasil* escrevia que “Edna Lott, filha do Marechal Lott, percorreu todo o Brasil fazendo campanha política ao lado do pai, nas eleições passadas, e daí surgiu seu amor à política. Trabalha desde 1940 como professora, tendo sido professora primária, secundária e normal.”⁷⁶⁵ E terminava essa seção da matéria com uma citação direta da líder nacionalista:

Sou nacionalista entusiasta, pretendo trabalhar para o Brasil deixar de ter o lamento do lamentável terceiro lugar em mortalidade infantil, no mundo. O povo do Nordeste também terá meu carinho, porque me constrange a opulência do dono da terra

⁷⁶² *Jornal do Brasil*, 26 de set. 1962, p. 6.

⁷⁶³ *Jornal do Brasil*, 26 de set. 1962, p. 6.

⁷⁶⁴ *Jornal do Brasil*, 26 de set. 1962, p. 6.

⁷⁶⁵ *Jornal do Brasil*, 26 de set. 1962, p. 6.

em confronto com a miséria do trabalhador rural. Estou pronta também a lutar pelos interesses do povo carioca.⁷⁶⁶

O voto feminino, portanto, havia se transformado em uma questão relevante nos cálculos políticos para as disputas parlamentares, no final da IV República. Tanto que, logo no dia seguinte à votação, o *Última Hora* publicava uma matéria exaltando a participação da mulher no pleito, com o título “Sexo Dá Frágil Exemplo: Deixou Tudo Para Ir Votar”.⁷⁶⁷ Eivada de machismo, a matéria era uma espécie de resumo da publicação “Vinte e três mulheres pretendem eleger-se para salvar a Pátria”, do *Jornal do Brasil*. O resumo do texto do *Última Hora*, aparecendo como subtítulo, naturalmente deixava claro a intenção da matéria: “Numa prova eloquente de seu alto grau de politização, a mulher carioca acorreu em massa às urnas, fazendo uma pausa em seus afazeres, na sua praia de domingo, no seu programa de fim de semana.”⁷⁶⁸

Apesar do machismo presente em toda a matéria, o periódico de Samuel Wainer realçava “nomes os mais dignos do sufrágio popular”, capazes “de atrair o voto do eleitor politizado”, “como da socialista Adalgisa Néri, que tão bem cumpriu seu primeiro mandato; a Professora Edna Lott, trabalhista, se vitoriosa, será também uma das boas conquistas do eleitor consciente.”⁷⁶⁹ Como podemos perceber, a importância que o voto feminino adquiriu, nas eleições parlamentares de 1962, possibilitou que Edna Lott recebesse maior destaque dos periódicos, principalmente daqueles que possuíam uma linha mais à esquerda e nacionalista. A capacidade de articular o nacionalismo de esquerda com o fomento da participação política das mulheres foi, sem dúvida, um diferencial que Edna bem soube utilizar durante toda a campanha.

⁷⁶⁶ *Jornal do Brasil*, 26 de set. 1962, p. 6.

⁷⁶⁷ *Última Hora*, 8 de out. 1962, p. 9.

⁷⁶⁸ *Última Hora*, 8 de out. 1962, p. 9.

⁷⁶⁹ *Última Hora*, 8 de out. 1962, p. 9.

Essa pauta seria ponto forte no início da campanha parlamentar, recebendo grande cobertura da imprensa, inclusive do próprio *Tribuna da Imprensa*. Nesse momento da campanha eleitoral, repercutiu muito a palestra *A participação da mulher nas lutas patrióticas do nosso povo*, que Edna Lott daria a convite da Liga Feminina do Estado da Guanabara, na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no dia 4 de maio de 1962.⁷⁷⁰ O evento, divulgado nos jornais *Diário de Notícias* e *A Noite*⁷⁷¹, acontecia devido à posse da nova diretoria da Liga Feminina do Estado da Guanabara e que receberia, nos dias seguintes, duas matérias no *A Noite* e *Tribuna da Imprensa* repercutindo como foi a palestra.⁷⁷²

Além de reforçarem e referendarem as ideias nacionalistas defendidas por Edna Lott, como: (1) a limitação de remessa de lucros; (2) a nacionalização das empresas estrangeiras; (3) a reforma agrária; (4) o ensino gratuito e obrigatório em todos os graus notadamente para o técnico profissional⁷⁷³; esses dois jornais destacariam bastante o discurso de exaltação às grandes mulheres da pátria, tais como Maria Quitéria, Anita Garibaldi, princesa Isabel, assim como a mulher comum, chamada pela líder nacionalista de “heroína anônima”.⁷⁷⁴ Essas ideias, defendidas por Edna Lott, seriam aprofundadas em um artigo d’*O Semanário*, poucos dias antes da eleição.

⁷⁷⁰ *Diário de Notícias*, 1º de maio 1962, p. 2; *A Noite*, 3 de maio 1962, p. 2.

⁷⁷¹ Os dados sobre *A Noite* que encontramos não são suficientes para definirmos mais precisamente a posição desse jornal. Fundado nos anos 1910, buscando vocalizar as oligarquias dissidentes ao governo salvacionista de Hermes da Fonseca, *A Noite*, como a maioria dos periódicos aqui apresentados, possuía uma posição política liberal e elitista. Apesar disso, depois de longo período, *A Noite* passaria a pertencer ao Estado brasileiro, tornando-se uma espécie de “diário oficial” do governo. Recebendo pouca atenção dos governos Getúlio Vargas, José Linhares, Gaspar Dutra e Juscelino Kubitschek, *A Noite* encerraria suas atividades em 1957. Entretanto, encontramos reportagens do jornal, especificamente sobre Edna Lott, ao longo da década de 1960. *NOITE, A*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/noite-a>. Acesso em: 31 de jan. 2019.

⁷⁷² *Diário de Notícias*, 1º de maio 1962, p. 2; *A Noite*, 3 de maio 1962, p. 2; *A Noite*, 5 de maio 1962, p. 4; *Tribuna da Imprensa*, 5-6 de maio 1962, p. 2.

⁷⁷³ *A Noite*, 5 de maio 1962, p. 4; *Tribuna da Imprensa*, 5-6 de maio 1962, p. 2.

⁷⁷⁴ *A Noite*, 5 de maio 1962, p. 4; *Tribuna da Imprensa*, 5-6 de maio 1962, p. 2.

Recebendo quase que exatamente o mesmo título da palestra na ABI, “A participação da mulher nas lutas patrióticas do Brasil”, a candidata petebista escreveu um longo texto, presente em duas páginas do jornal nacionalista, expondo, demoradamente, a contribuição das mulheres nos mais diversos setores da vida nacional.⁷⁷⁵ É importante notarmos que os grupos de mulheres conservadoras também mobilizariam essas figuras femininas heroicas, como Anita Garibaldi, Bárbara Heliodora e Marília de Dirceu.⁷⁷⁶

Iniciando seu artigo afirmando que: “Luta patriótica não é só luta armada. A peleja é em todos os setores. Nas artes, nas letras, no ensino, na política, nos esportes, na assistência social, enfim em tudo o que contribua para o desenvolvimento e a felicidade do Brasil e de seu povo.”, Edna Lott se propunha a “fazer um apanhado geral de todas essas mulheres de que a História guardou os nomes.”⁷⁷⁷ “O Brasil sempre foi”, segundo Edna Lott, “muito rico em mulheres abnegadas e patrióticas.”⁷⁷⁸ E seguia asseverando que:

As primeiras mulheres que para aqui vieram como pioneiras a fim de povoar este solo generoso, mas inculto, foram verdadeiras heroínas. Saíram de suas pátrias, fizeram viagem difícil e cheia de perigos. Vieram morar num país que estava iniciando a sua colonização, sem nenhum conforto, sem nenhuma assistência e, ainda, sujeito as diversas moléstias e aos ataques dos indígenas. Só mesmo quem tivesse o estofamento de heroína é que poderia viver em situação tão precária.⁷⁷⁹

Entre as heroínas brasileiras, arroladas no artigo, poderíamos dividi-las em dois grandes grupos: (1) as mulheres cujas histórias estão ligadas a embates militares ou às lutas por independência e (2) as mulheres que promoveram contribuições relacionadas ao âmbito civil. Dentro do primeiro grupo, Edna Lott destacava as figuras de Clara Camarão, “esposa de Felipe Camarão, que era pequena no tamanho e grande na coragem. Com seu

⁷⁷⁵ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 3 e 6.

⁷⁷⁶ SIMÕES, S. D., op. cit., p. 89.

⁷⁷⁷ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 3.

⁷⁷⁸ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 3.

⁷⁷⁹ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 3.

exemplo levou todos os seus a lutarem em defesa de nosso território.”⁷⁸⁰, na Insurreição Pernambucana; Bárbara Heliodora, “esposa dos inconfidentes, Inácio José de Alvarenga Peixoto, uma das mais expressivas figuras femininas da história brasileira, que simbolizou o ideal feminino na luta pela libertação da pátria.”⁷⁸¹, e D. Maria Joaquina Doroteia de Seixas Brandão, “a figura lírica de Marília de Dirceu”⁷⁸², “exemplo de dedicação, renúncia e amor à Pátria. Seu noivo, um dos inconfidentes, o poeta Tomás Antônio Gonzaga, foi degradado para a África. Casou-se lá, com outra. Porém Marília se manteve fiel ao seu amor e despertou em todos os sentimentos de profundo respeito.”⁷⁸³, personagens femininas na Inconfidência Mineira.

As figuras de Soror Joana Angélica e Maria Quitéria, ligadas à Independência, também foram exaltadas. Assim relatava Edna Lott que: “Tropas portuguesas que resistiram à Independência do Brasil, atacavam a torto e a direito, causando motins pelas ruas. Soldados lusitanos assaltaram o convento da Lapa. A abadessa Soror Joana Angélica num ato de bravura deu a sua vida para resistir à invasão do seu convento.”⁷⁸⁴ E “Maria Quitéria, de alma guerreira, combateu com armas na mão, lutando ombro a ombro com os demais soldados brasileiros até à expulsão das tropas portuguesas da Bahia.”⁷⁸⁵ Nesse grupo de mulheres heroicas, ainda seriam exaltados os nomes de Anita Garibaldi, “esposa de Giuseppe Garibaldi, conhecida como heroína de Dois Mundos, pois não só lutou pela sua pátria o Brasil, na ‘Guerra dos Farrapos’, como lutou pela pátria de seu marido, a Itália.”⁷⁸⁶, e de Ana Nery,

conhecida como a “Mãe dos Brasileiros”. Quando três filhos seus, médicos militares, partiram para os campos do Paraguai, decidiu segui-los e resolveu tornar seus filhos todos os bravos soldados

⁷⁸⁰ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 3.

⁷⁸¹ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 3.

⁷⁸² *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 3.

⁷⁸³ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 3.

⁷⁸⁴ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 3.

⁷⁸⁵ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 3.

⁷⁸⁶ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 3.

brasileiros. A seu cargo tomou um hospital de sangue, onde se transformou em enfermeira, dando início ao Serviço de Enfermagem no Brasil. Em homenagem a essa figura ímpar de mulher que amenizou o sofrimento de tantos patriotas, a principal escola de enfermagem no Brasil tem o seu nome. Ana Nery foi recebida triunfalmente em Assunção, quando o nosso Exército ali chegou vitorioso. Na Bahia, seu Estado natal, sua entrada foi também de glória.⁷⁸⁷

Nesse farto rol de mulheres, ainda teve espaço para a exaltação coletiva das mulheres paulistas, “como prova da combatividade feminina, temos um conhecido episódio na luta contra os emboabas. As mulheres paulistas recusaram-se a receber pais, maridos, filhos e irmãos, enquanto não fossem vingados os que tinham sido trucidados no Capão da Traição.”⁷⁸⁸ E, sem ser citada nominalmente, Rosa Maria Paulina de Barros Cavalcanti, mãe, entre outros, de Deodoro da Fonseca.

Nessa mesma guerra (do Paraguai) vemos o desprendimento e o patriotismo de mães brasileiras, que são capazes dos maiores sacrifícios. Uma delas, ao ter conhecimento da morte de seus filhos, ainda disse: “Se tivesse dez filhos, daria todos, pela defesa do Brasil”. Essa brava mulher era a mãe do proclamador da nossa República.⁷⁸⁹

Iniciando o outro grupo de mulheres, as que tiveram uma grande contribuição no âmbito civil, estava o nome da princesa Isabel, “que mereceu o título de ‘A Redentora’.”⁷⁹⁰ Ainda sobre a princesa Isabel, Edna relembrou que: “A essa incomparável mulher devemos também a Fundação Escola Normal.”⁷⁹¹ Na “luta contra o analfabetismo e por um ensino melhor”, Edna Lott ressaltou os nomes de “D. Alba Canizares Nascimento, que fundou o que é atualmente o ‘Serviço de Educação Cívica nas Escolas Primárias e Secundárias’. D. Virgínia Côrtes de Lacerda destacou-se no Ensino Secundário e Superior. Escreveu diversos livros didáticos.”⁷⁹² Além de Alba Canizares

⁷⁸⁷ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 3.

⁷⁸⁸ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 3.

⁷⁸⁹ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 3.

⁷⁹⁰ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 3.

⁷⁹¹ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 3.

⁷⁹² *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 3.

e Virgínia Côrtes de Lacerda, a líder nacionalista terminou a exaltação das mulheres da educação afirmando que: “Em Belo Horizonte, destacou-se em assunto de educação D. Helena Antipoff.”.⁷⁹³

Passando às “letras”, como a própria candidata definiu, Edna Lott destacou, “entre as muitas escritoras de valor, a figura de D. Júlia Lopes de Almeida. Todas nós nos encantamos com a poesia de Nísia Floresta. Iara Müller destacou-se entre as advogadas.”.⁷⁹⁴ A petebista terminava esse rol de mulheres que se consagraram nas “letras”, exaltando, a também candidata à deputada estadual, Adalgisa Néri. “Não podemos deixar de nomear entre as que se dedicam às letras a deputada D. Adalgisa Nery, que tem tanta profundidade em seus artigos, ao mesmo tempo que usa fina ironia, participando das lutas políticas.”.⁷⁹⁵

Após exaltar, e continuar exaltando, a figura de Getúlio, ser comparada a Alzira e aceitar o convite de Lutero, para concorrer ao legislativo pelo PTB, Edna Lott louvava a contribuição de Darci Vargas, esposa e mãe dos citados acima. “No amparo aos desvalidos da sorte aparece a figura de mulher abnegada e digna que é D. Darci Vargas, a organizadora da assistência social no Brasil.”.⁷⁹⁶ Das mulheres citadas nominalmente, Edna Lott terminaria o artigo fazendo “justiça às artistas que tornaram o nome do Brasil mundialmente conhecido”, como a pianista Guiomar Novais, as cantoras Bidu Saião e Carmen Miranda, a tenista Maria Esther Bueno.⁷⁹⁷ Após o desfile das grandes mulheres do Brasil, Edna Lott concluiria seu artigo exaltando a heroína anônima, aquela que não tem seu nome divulgado nos jornais, mas que “são inumeráveis em todos os setores.”.⁷⁹⁸

Assim afirmava a líder nacionalista:

⁷⁹³ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 3.

⁷⁹⁴ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 3.

⁷⁹⁵ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 3.

⁷⁹⁶ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 3 e 6.

⁷⁹⁷ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 6.

⁷⁹⁸ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 6.

E, agora, que não diremos das heroínas anônimas, com as quais esbarramos diariamente nas ruas, nas feiras, nas escolas, nos hospitais, nas filas intermináveis do leite, do pão, para seus filhos. Essas donas-de-casa que trabalham dia e noite, sem descanso, sem férias, sem licenças-prêmios, praticando toda sorte de malabarismos para fazer frente às despesas do lar, para fazer render o pequeno orçamento doméstico. Essa mulher anônima é o verdadeiro Brasil.⁷⁹⁹

Atacando fortemente os trustes farmacêuticos, a petebista afirmava que: “A doença é proibida para os pobres e para a tão falada classe média. Os remédios custam quase tanto como joias ou brilhantes. O truste das drogas é o mais desumano de todos os demais trustes.”⁸⁰⁰ Edna Lott definiria, peremptoriamente, que: “As lutas pela nossa independência política pertencem ao passado. Já atingimos esse objetivo. Temos a nossa bandeira, símbolo da soberania nacional, tremulando nos mastros de nossos navios, de nossos fortes, de nossas escolas, de nossos edifícios.”⁸⁰¹ Faltava, naquele momento, a independência econômica.

A mulher brasileira de nossos dias enfrenta, juntamente com o homem, uma nova luta: a luta pela independência econômica. As nossas armas são diferentes das de nossas avós. Usamos a imprensa escrita, falada, televisionada. Os comícios, as palestras para combater os trustes internacionais que nos espoliam e nos tornam a vida tão penosa e tão cara. Devemos lutar para tornar realidade programa nacionalista: controle de remessa de lucros, nacionalização das empresas estrangeiras, defesa das nossas riquezas, ensino gratuito e obrigatório em todos os graus, principalmente ensino técnico e profissional. Assistência Social eficiente, reforma agrária. Postos em execução esse programa, só assim teremos um Brasil como desejamos. Unido e forte. Um Brasil onde reine a justiça social, onde haja pão e leite suficiente para todos, onde a saúde e a alegria não sejam privilégio de alguns.⁸⁰²

Com a sua campanha eleitoral e, particularmente, com esse artigo, Edna Lott consolidava a sua bandeira nacionalista, com especial interesse nas questões e problemas das mulheres brasileiras. Um nacionalismo em que as mulheres não só pudessem

⁷⁹⁹ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 6.

⁸⁰⁰ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 6.

⁸⁰¹ *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 6.

⁸⁰² *O Semanário*, 4 de out. 1962, p. 6.

participar, mas ter sua atuação exaltada e valorizada em pé de igualdade com a dos homens nacionalistas. Por esse motivo, não é de surpreender que uma das notas na coluna “Conselhos da Semana”, na página “Mulher & Elegância”, do jornal *A Noite*, fosse: “Vote com a certeza de votar bem EDNA LOTT candidata a deputado.”⁸⁰³ Nota essa publicada no dia 1º de setembro, uma semana antes da eleição parlamentar.

⁸⁰³ *A Noite*, 1º de set. 1962, p. 7.

Cap. IV

Primeiros anos do mandato parlamentar: experimentando a liberdade política antes do golpe de Estado (1963-1964)

Eleita deputada estadual na Guanabara, em 1962, Edna Lott passaria a desfrutar de grande liberdade e autonomia política nos primeiros dois anos de mandato parlamentar, entre 1963 e início de 1964. Não mais dependendo tanto da figura de seu pai, a petebista contaria, além da tribuna da Assembleia Legislativa da Guanabara, de uma coluna n' *O Semanário*, principal periódico nacionalista de esquerda da época (seção 1 e 2). Além das bandeiras nacionalistas, analisaremos os dois principais grupos que Edna Lott se propôs a defender, os militares (seção 3) e as mulheres (seção 4). O mandato parlamentar permitiu que a petebista estreitasse seus laços com os diferentes grupos nacionalistas e reformistas, levando-a a participar de diferentes frentes parlamentares que se formaram naquele período pré-golpe de Estado (seção 5). No entanto, a formação dessas frentes parlamentares nacionalistas não garantiu maior estabilidade para o governo de João Goulart, produzindo, assim, um racha interno no PTB da Guanabara.

1. Mandato parlamentar pelo PTB

Como vimos no capítulo anterior, Edna Lott foi eleita com 7.256 votos, sendo a quinta petebista mais votada em uma bancada composta por 13 parlamentares. A trajetória política da líder nacionalista entrava em ascensão. Do espaço privado para a principal

articuladora de uma campanha presidencial, em 1960, para se tornar membra da Comissão Executiva do Movimento Nacionalista Brasileiro, no mesmo ano, até ser eleita deputada estadual pela Guanabara, em 1962. Na Assembleia Legislativa, além de falar pelas professoras e profissionais da segurança (militares, policiais e bombeiros) e das aulas de História, como também vimos no capítulo III, Edna Lott apresentaria discursos voltados para a política externa⁸⁰⁴; apoiando principalmente a autonomia dos países que lutavam por suas independências⁸⁰⁵; questões religiosas⁸⁰⁶, principalmente as vinculadas ao catolicismo⁸⁰⁷; problemas urbanos e melhorias do Estado⁸⁰⁸; problemas e melhorias dos serviços públicos⁸⁰⁹; questões trabalhistas⁸¹⁰; etc.

Apresentando uma atuação parlamentar de destaque, Edna Lott ocuparia muitos cargos relevantes na ALEG. Após um ano participando da comissão de Administração e Redação⁸¹¹, da Assembleia, Edna Lott se tornaria vice-presidente dessa comissão no

⁸⁰⁴ Alguns exemplos: Sobre o acordo de cessação das experiências atômicas (AL – anais – jul. – 1963 – vol. XXIV); Sobre a passeata anti-segregacionista no Estados Unidos (AL – anais – set. – 1963 – vol. XXVI); Em memória do Presidente Kennedy (AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXX).

⁸⁰⁵ Alguns exemplos: Sobre a liberdade do povo cubano (AL – anais – jan.-mar. – 1963 – vol. XX); Sobre a proibição da realização do Congresso de Solidariedade à Cuba (AL – anais – jan.-mar. – 1963 – vol. XX); Sobre a independência do Kenia (AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXIX); Sobre o falecimento do Primeiro-Ministro da Índia, Nehru (AL – anais – jun. – 1964 – vol. XXXIII); Sobre o Presidente Leopold Sédar Senghor, do Senegal (AL – anais – set. – 1964 – vol. XXXVI).

⁸⁰⁶ Alguns exemplos: Sobre perseguições religiosas no Vietnã do Sul (AL – anais – ago. – 1963 – vol. XXV); Sobre o transcurso de mais um ano judaico (AL – anais – set. – 1964 – vol. XXXVI).

⁸⁰⁷ Alguns exemplos: Sobre a encíclica Papal, “Pacem in Terris” (AL – anais – abr. – 1963 – vo. XXI); Sobre a escolha do novo Papa (AL – anais – jun. – 1963 – vol. XXIII); Sobre o envio pelo Papa Paulo VI de emissário às festividades do Jubileu de Ouro do Patriarca Alexis, em Moscou (AL – anais – jul. – 1963 – vol. XXIV); Sobre o manifesto da Ação Católica de Belo Horizonte sobre as Reformas de Base (AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXX).

⁸⁰⁸ Alguns exemplos: Sobre a transferência das favelas da Penha Circular para a Vila Aliança, em Bangu (AL – anais – abr. – 1963 – vo. XXI); Sobre a construção de uma muralha de proteção na Avenida Niemeyer (AL – anais – abr. – 1963 – vo. XXI); Sobre o abastecimento do Estado da Guanabara (AL – anais – ago. – 1963 – vol. XXV); Sobre a falta d’água em Ipanema (AL – anais – abr. – 1964 – vol. XXXI); Sobre o fornecimento de carne e leite à população da cidade (AL – anais – set. – 1964 – vol. XXXVI).

⁸⁰⁹ Alguns exemplos: Sobre o problema da saúde pública (AL – anais – nov. – 1963 – vol. XXVIII); Sobre o recrudescimento dos casos de tifo no Estado da Guanabara (AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXX).

⁸¹⁰ Alguns exemplos: Sobre o 13º salário (AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXX); Sobre os vencimentos dos servidores do Estado (AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXX); Sobre reivindicação dos Rodoviários (AL – anais – abr. – 1964 – vol. XXXI).

⁸¹¹ De AL – anais – jan.-mar. – 1963 – vol. XX a AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXX.

período de abril de 1964 a janeiro-março de 1965.⁸¹² Completado esse mandato de vice-presidente, a petebista continuaria participando dessa comissão de Administração e Redação de abril de 1965 a janeiro-março de 1966.⁸¹³ Conquistando mais espaços na Assembleia, conforme seu mandato avançava no tempo, Edna Lott ocupou a posição de vice-líder da bancada petebista, sendo Frederico Trotta o líder, durante o período janeiro-março a abril de 1964⁸¹⁴ e de setembro de 1964 a outubro de 1965⁸¹⁵. É possível, também, que ela tenha ocupado a liderança da bancada em julho de 1964, pois somente aparece o nome dela na seção de líderes e vice-líderes de bancada nos anais da Assembleia, desse mês.⁸¹⁶

No último ano de seu primeiro mandato, naquele momento já no MDB, Edna Lott comporia a Mesa Diretora da Assembleia Legislativa, no cargo de 2ª Vice-Presidente.⁸¹⁷ Como podemos ver, Edna Lott viveu uma grande ascensão política em seu primeiro mandato parlamentar. Além da sua própria atuação na Assembleia Legislativa, podemos identificar outras duas razões para o seu crescimento no cenário político da Guanabara. São eles: (1) a coluna “Na ordem do dia”, escrita por Edna Lott no jornal *O Semanário* e (2) pelo deserto deixado pela ditadura militar, após desfechado o golpe em abril de 1964, cassando muitos parlamentares petebistas na ALEG.

2. A colunista da “Na ordem do dia”

Após textos esparsos publicados n’*O Semanário* durante sua campanha eleitoral para deputada estadual da Guanabara, Edna Lott passaria a escrever uma coluna fixa no jornal nacionalista. Nomeada de “Na ordem do dia”, título interessante pois remete à

⁸¹² De AL – anais – abr. – 1964 – vol. XXXI a AL – anais – jan.-mar. – 1965 – vol. XL.

⁸¹³ De AL – anais – abr. – 1965 – vol. XLI a AL – anais – jan.-mar. – 1966 – vol. L.

⁸¹⁴ De AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXXI a AL – anais – abr. – 1964 – vol. XXXII.

⁸¹⁵ De AL – anais – set. – 1964 – vol. XXXVI a AL – anais – out. – 1965 – vol. XLVII.

⁸¹⁶ AL – anais – jul. – 1964 – vol. XXXIV.

⁸¹⁷ AL – anais – jan.-mar. – 1966 – vol. L a AL – anais – jan.-mar. – 1967 – vol. LX.

origem militar de Edna, da disciplina castrense, e, também, porque na Assembleia Legislativa a petebista tinha por hábito iniciar as sessões, principalmente o pequeno expediente, solicitando a palavra “pela ordem”; essa coluna foi um espaço importante para que a parlamentar expusesse suas ideias, disputasse as ideias na sociedade e atacasse seus e se defendesse de seus adversários políticos. Iniciando essa coluna em final de janeiro de 1963, podemos ver como se intensificavam as articulações políticas de Edna Lott com os setores nacionalistas de esquerda e, também, de como a parlamentar agora conseguia dispor de maior espaço público sem ter que se remeter constantemente ao seu pai.

Em seu primeiro artigo, publicado na semana de 31 de janeiro a 6 de fevereiro de 1963, a petebista definia qual linha de escrita seguiria em sua coluna. “Nessa coluna seguiremos, obviamente, a linha de ação do Movimento Nacionalista. É oportuno também salientar que, como deputada estadual da Guanabara, encararemos prioritariamente os problemas que interessam a nossa sofrida e desgovernada terra carioca.”⁸¹⁸ Curiosamente, e apesar dessa primeira declaração, a parlamentar daria mais atenção a questões nacionais e, ainda mais, a questões internacionais em sua coluna. Ainda, segundo a colunista:

A luta pela emancipação nacional exige, no entanto que estejamos vigilantes e atentos aos problemas cruciantes que se colocam ao conjunto do povo brasileiro. Legislar e escrever para o povo dentro do bom sentido nacionalista implicam àqueles que foram guinados à posição de comando, por escolha popular, uma múltipla e infatigável dedicação. Hoje em dia começa o povo a ter aquilo que constitui apanágio de um país que caminha a passos largos para o seu amadurecimento: consciência política.⁸¹⁹

Ainda de acordo com a própria autora: “Povo que decide, povo que critica, povo que se afirma é sinônimo de povo no limiar da emancipação. Contribuir, ainda que

⁸¹⁸ *O Semanário*, 31 de jan-6 de fev. 1963, p. 5.

⁸¹⁹ *O Semanário*, 31 de jan-6 de fev. 1963, p. 5.

modestamente, para acelerar este processo, constitui o nosso objetivo. Aí tens pois, companheiro, tua coluna.”⁸²⁰ Edna Lott terminaria o seu texto solicitando ao seu leitor que: “Ajude-nos com o látego da crítica e com o subsídio da sugestão, que estaremos plenamente recompensados.”⁸²¹ Como podemos ver, claramente, o propósito da coluna era disputar e construir a consciência política da sociedade brasileira em direção a sua autonomia econômica e política.

Por essa razão, Edna Lott abordaria diversos temas sempre por um viés político. Alguns desses pontos eram sobre: (1) a luta dos trabalhadores da cidade, sindicatos e movimento operário⁸²²; (2) a luta dos trabalhadores do campo, a reforma agrária e o movimento camponês⁸²³; (3) a defesa dos setores progressistas da Igreja Católica, como d. Hélder Câmara⁸²⁴; (4) a disputa pelos e defesa dos militares, como, por exemplo, a rebelião de sargento em setembro de 1963, na nova Capital Federal⁸²⁵; (5) denúncia da violência praticada pela polícia de Carlos Lacerda⁸²⁶; (6) defesa da educação e do magistério⁸²⁷. Como podemos perceber, essas eram questões tradicionais que Edna Lott movimentou e defendeu ao longo de sua trajetória política até aquele momento. Também chama atenção o fato dela ter escrito poucos artigos sobre esses temas. Até mesmo a pauta da participação feminina na política receberia pouquíssima atenção de Edna Lott “Na ordem do dia”.

⁸²⁰ *O Semanário*, 31 de jan-6 de fev. 1963, p. 5.

⁸²¹ *O Semanário*, 31 de jan-6 de fev. 1963, p. 5.

⁸²² *O Semanário*, 4-10 de abr. 1963, p. 5; *O Semanário*, 18-24 de abr. 1963, p. 7; *O Semanário*, 12-18 de set. 1963, p. 5; *O Semanário*, 3-9 de out. 1963, p. 5; *O Semanário*, 17-23 de out. 1963, p. 5.

⁸²³ *O Semanário*, 16-22 de maio 1963, p. 7; *O Semanário*, 17-23 de out. 1963, p. 5.

⁸²⁴ *O Semanário*, 21-27 de fev. 1963, p. 5; *O Semanário*, 25 de abr.-1º de maio 1963, p. 5; *O Semanário*, 9-15 de maio 1963, p. 5.

⁸²⁵ *O Semanário*, 23-29 de maio 1963, p. 5; *O Semanário*, 11-17 de jul. 1963, p. 5; *O Semanário*, 18-24 de jul. 1963, p. 5; *O Semanário*, 29 de ago-4 de set. 1963, p. 5; 19-25 de set. 1963, p. 5.

⁸²⁶ *O Semanário*, 14-20 de mar. 1963, p. 5; *O Semanário*, 22-28 de ago. 1963, p. 5; *O Semanário*, 26 de set.-2 de out. 1963, p. 5.

⁸²⁷ *O Semanário*, 2-8 de maio 1963, p. 5; *O Semanário*, 20-26 de fev. 1964, p. 5.

Apenas dois artigos publicados trabalhariam a questão das mulheres. Um exaltando Valentina Tereshkova, a primeira cosmonauta a ir ao espaço, em que afirmava que: “O envio de mais um astronauta ao espaço já é fato corriqueiro no dia a dia científico. Mas quando este astronauta é do sexo feminino a coisa muda de figura.”⁸²⁸ E outro, sobre a instalação da Frente Nacionalista Feminina, em Brasília, que, de acordo com a autora, foi uma: “Iniciativa altamente positiva de esposas de parlamentares, professores, representantes de associações operárias, a nova entidade propõe-se a desencadear uma campanha de esclarecimento às mulheres, sobre as reformas de base.”⁸²⁹

Por mais bem argumentados que fossem esses artigos, ainda assim era uma quantidade bem pequena quando comparados ao que Edna Lott apresentava, sobre o mesmo tema, em seus comícios, entrevistas em jornais e revistas e em falas na Assembleia Legislativa. Podemos conjecturar que, por abordar tanto a questão das mulheres em outros espaços, Edna Lott poderia utilizar a sua coluna n’*O Semanário* para tratar de outras questões igualmente importantes. Também podemos supor, levando em consideração o pedido da parlamentar em seu primeiro artigo, que esses temas não eram os que mais interessavam seus leitores e/ou os leitores do jornal nacionalista. Juntando essas duas hipóteses, mais a orientação ideológica do jornal, podemos entender um pouco o principal tema tratado por Edna Lott em sua coluna – a política internacional.

Apresentando grande abrangência na abordagem do imperialismo, Edna Lott argumentava, em variados contextos, a favor da soberania dos povos. Além do apoio aos setores progressistas da Igreja Católica e da exaltação da conquista feminina do espaço, como já mencionamos, Edna Lott tratou dos conflitos entre De Gualle e a América Latina⁸³⁰; dos tratados de desarmamento nuclear⁸³¹; do salazarismo e do colonialismo

⁸²⁸ *O Semanário*, 27 de jun.-3 de jul. 1963, p. 5.

⁸²⁹ *O Semanário*, 30 de maio-5 de jun. 1963, p. 5.

⁸³⁰ *O Semanário*, 7-13 de mar. 1963, p. 5.

⁸³¹ *O Semanário*, 1º-7 de ago. 1963, p. 5.

português⁸³²; do assassinato do presidente Kennedy e do, conseqüente, avanço da reação norte-americana sobre Cuba⁸³³. Mesmo apresentando essa defesa ampla da autodeterminação dos povos e de denúncia do imperialismo, o foco de Edna Lott seria a soberania do Brasil e os ataques estrangeiros que o desenvolvimento nacional sofria.

Nesse ponto, a parlamentar nacionalista também apresentava um grande leque de estocadas ao imperialismo, tratando de notícias em periódicos americanos que descreditassem o Brasil⁸³⁴; denúncia de manobras políticas via Organização dos Estados Americanos (OEA) e/ou embaixada dos Estados Unidos⁸³⁵; denúncia dos governadores dos Estados federados que buscavam resolver suas questões financeiras com governos estrangeiros⁸³⁶; defesa da política externa independente do Brasil na Organização das Nações Unidas (ONU)⁸³⁷; denúncia do Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD)⁸³⁸; denúncia das ofensivas das grandes corporações americanas, como a mineradora Hanna⁸³⁹.

Como podemos ver, esse foi o foco dos artigos de Edna Lott n' *O Semanário*, que, não podemos deixar de considerar, também alavancou a projeção política de Edna Lott. Embora o jornal nacionalista tenha sido fechado com o golpe de Estado, a coluna "Na ordem do dia" serviu, incontornavelmente, para consolidar o nome político de Edna Lott no debate público. Apesar de não terem sido os principais temas da petebista em sua coluna, como vimos nessa seção, continuaremos essa dissertação abordando os principais campos de disputa em que Edna Lott participou até o momento anterior ao golpe de

⁸³² *O Semanário*, 8-14 de ago. 1963, p. 5.

⁸³³ *O Semanário*, 28 de nov.-4 de dez. 1963, p. 5; *O Semanário*, 5-11 de dez. 1963, p. 5; *O Semanário*, 3-9 de jan. 1964, p. 5.

⁸³⁴ *O Semanário*, 6-12 de jun. 1963, p. 5; *O Semanário*, 14-20 de nov. 1963, p. 5.

⁸³⁵ *O Semanário*, 13-19 de jun. 1963, p. 5; *O Semanário*, 4-10 de jun. 1963, p. 5.

⁸³⁶ *O Semanário*, 4-10 de jun. 1963, p. 5.

⁸³⁷ *O Semanário*, 29 de ago-4 de set. 1963, p. 5; *O Semanário*, 21-27 de nov. 1963, p. 5.

⁸³⁸ *O Semanário*, 5-11 de set. 1963, p. 5; *O Semanário*, 14-20 de nov. 1963, p. 5.

⁸³⁹ *O Semanário*, 31 de out-6 de nov. 1963, p. 5; *O Semanário*, 14-20 de nov. 1963, p. 5.

Estado, em abril de 1964, ou seja, as disputas políticas no campo militar e as lutas por maior liberdade e emancipação, de certa forma, da mulher no início dos anos 1960.

3. Disputando politicamente os militares

Os militares, junto com as professoras, foi o principal grupo social defendido ou abordado por Edna Lott, em sua trajetória política. No entanto, essa defesa foi diminuindo drasticamente conforme o regime, instaurado em 1964, foi se fechando politicamente. Defensora exaltada do nacionalismo, era no setor militar que Edna Lott possuía maior penetração. Além do fato de ser filha de quem era, a líder nacionalista, como abordamos anteriormente, era viúva de militar, os filhos estudavam no Colégio Militar, tinha cunhados militares, seus principais amigo/as e assessores/as eram militares ou estavam relacionados à caserna.⁸⁴⁰ Por isso, Edna Lott se sentia à vontade para fazer declarações que tratassem do tema militar ou da atuação política de militares.

Não se restringindo à campanha presidencial de Lott, em 1960, e retornando a tratar do tema, quando eleita deputada em 1962, Edna Lott nunca deixaria de atuar politicamente em relação a algum aspecto castrense. Assim vemos, logo em fevereiro de 1961, Edna Lott publicar um artigo, n' *O Semanário*, clamando ao presidente do Clube Militar, general Justino Alves Bastos, a interceder, junto ao ministro da Fazenda, em favor das viúvas de militares que encontravam dificuldades em receber suas pensões, no início daquele ano.⁸⁴¹ Já tendo se manifestado anteriormente a esse respeito em janeiro de 1961, o que lhe valeu reprimendas do *Tribuna da Imprensa*, acusando-a de “oportunista”⁸⁴², Edna Lott se colocava como representante da família militar. Assim dizia, no início de seu artigo, que: “Dirijo-me a V. Exa. como viúva de militar. Viúva de oficial do Exército.

⁸⁴⁰ WILLIAM, W., op. cit., p. 408-9.

⁸⁴¹ *O Semanário*, 16-23 de fev. 1961, p. 10.

⁸⁴² *Tribuna da Imprensa*, 12 de jan. 1961, p. 3 e *Tribuna da Imprensa*, 16 de jan. 1961, p. 2.

A V. Exa. recorro na qualidade de presidente do Clube Militar que é.”⁸⁴³ Mas que seu apelo não era unicamente individual.

Necessários, apenas, é recordar que a situação “viúva de militar” não é só minha. Singular e especificamente minha. Tal situação abrange milhares de mulheres que estão sujeitas às mesmas agruras e anseiam pelas mesmíssimas reivindicações. Quando falo, quando apelo, (inelegível) na verdade estou repetindo idênticos apelos de milhares de criaturas e equacionando problemas iguais de milhares de viúvas de militares.⁸⁴⁴

Depois de longo texto, Edna Lott dirigia sua súplica ao general Justino Alves Bastos.

V. Exa., Sr. Presidente do Clube Militar, tem, sem dúvida, aquele dever supremo – apanágio do militar – de se empenhar a fundo por que depositem em nossas mãos, sem mais delongas, o que a Lei nos conferiu. O dever aqui invocado é aquele da solidariedade, da camaradagem, que não se extingue se o companheiro morre, pois que os seus filhos e as suas esposas estão vivos e atuantes, como cidadãos de hoje ou de amanhã o fazem assim mesmo parte da família militar.⁸⁴⁵

O que vemos nesse episódio, logo após a disputa presidencial, era qual a posição que Edna Lott buscava ocupar na política militar. Não apenas a de uma militante política que se articulava com oficiais e suboficiais das Forças Armadas, mas também como uma representante da família militar, ou seja, como uma mulher que pertencia e respeitava à corporação e à tradição militares. Talvez por esse motivo, Edna Lott só tenha sido cassada em 1969. A parlamentar guanabarina, mesmo atuando, inegavelmente, com o partido militar nacionalista - que foi, praticamente, liquidado com o golpe de Estado -, pronunciou muitas falas que exaltavam a corporação e as tradições militares ao longo de toda a sua trajetória parlamentar.

⁸⁴³ *O Semanário*, 16-23 de fev. 1961, p. 10.

⁸⁴⁴ *O Semanário*, 16-23 de fev. 1961, p. 10.

⁸⁴⁵ *O Semanário*, 16-23 de fev. 1961, p. 10.

Uma análise quantitativa indica que, durante seus dois mandatos na Assembleia Legislativa da Guanabara, Edna Lott apresentou no total: 68* discursos sobre o tema: 12 em 1963; 16, em 1964; 21, em 1965; 9, em 1966; 6**, em 1967; e 4***, em 1968. Lembrando sempre que as falas nos anais da ALEG de 1969 foram, sumariamente, excluídas do único encadernado desse ano.

Nesses discursos, vemos homenagens a uma das Forças, no caso, à Marinha e ao Exército⁸⁴⁶; homenagem a personagens militares ilustres, como o marechal Dutra, ou simbólicas, como Duque de Caxias⁸⁴⁷; batalhas militares históricas, basicamente as batalhas do Riachuelo e do Tuiuti⁸⁴⁸; homenagens e comemorações de datas, principalmente o Dia do Soldado⁸⁴⁹; notas de pesar diacrônicas, as do marechal Zenóbio

* Esse cálculo contou com alguns títulos que não se referiam claramente a questões relacionadas à caserna, mas que tinham alguma relação. Uma espécie de criptografia para poder falar sobre o tema.

** Dos 6 discursos que contamos, entendemos que 3 passaram dessa maneira: Ressaltando como elemento novo do Quadro Político Nacional, o primeiro encontro do Presidente da República com a imprensa e comentando o Decreto assinado pelo Sr. Presidente da República, concedendo indulto a pessoas envolvidas em delitos políticos e sentenciados até 4 anos de prisão (AL – anais – abr. – 1967 – vol. LXI); Sobre o retorno do ex-Presidente Juscelino Kubitschek e formulando votos para que o Sr. Presidente da República restabeleça a confiança do povo após a mudança ocorrida em 15 de março (AL – anais – abr. – 1967 – vol. LXI); Registrando o 22º aniversário do Dia da Vitória (AL – anais – maio – 1967 – vol. LXII).

*** Dos 4 discursos, entendemos que 2 foram dessa forma: Sobre o término da Guerra em 1945 (AL – anais – maio – 1968 – vol. LXXI); Sobre conferência do Ministro Albuquerque Lima (AL – anais – set. – 1968 – vol. LXXIV).

⁸⁴⁶ Homenageando a Marinha Brasileira (AL – anais – jun. – 1965 – vol. XLIII); Sobre homenagens ao Exército Nacional pela passagem do Dia do Soldado (AL – anais – set. – 1966 – vol. LVI).

⁸⁴⁷ Sobre o “Dia de Caxias” (AL – anais – ago. – 1963 – vol. XXV); Sobre o 80º aniversário do Marechal Eurico Gaspar Dutra (AL – anais – maio – 1965 – vol. XLII); Sobre 25 de agosto, dia de Caxias [...] (AL – anais – set. – 1966 – vol. LVI); Congratulando-se com o Comandante e seus componentes pela passagem do aniversário do Forte de Copacabana – A respeito de visitas feitas a vários subúrbios e reivindicações (AL – anais – set. – 1966 – vol. LVI); Registrando a data de 25 de agosto que lembra a figura de Duque de Caxias; [...] (AL – anais – set. – 1967 – vol. LXVI).

⁸⁴⁸ Sobre a comemoração do 1º aniversário da Eletrobrás e da Batalha do Riachuelo (AL – anais – jun. – 1963 – vol. XXIII); Sobre o transcurso do aniversário da Batalha do Tuiuti (AL – anais – maio – 1965 – vol. XLII); Sobre o aniversário da Batalha do Riachuelo (AL – anais – jun. – 1965 – vol. XLIII); Sobre o Centenário da Batalha do Tuiuti (AL – anais – maio – 1966 – vol. LII); Sobre o aniversário da Batalha do Riachuelo (AL – anais – jun. – 1966 – vol. LIII); Aniversário da Batalha Naval do Riachuelo (AL – anais – jul. – 1967 – vol. LXIV).

⁸⁴⁹ Homenagem, em nome do PTB, o “Dia do Soldado” (AL – anais – set. – 1963 – vol. XXVI); Sobre o 75º aniversário da proclamação da República do Brasil (AL – anais – nov. – 1964 – vol. XXXVIII); Sobre as festividades do “Dia da Bandeira” (AL – anais – nov. – 1964 – vol. XXXVIII); Sobre o Dia do Soldado (AL – anais – set. – 1965 – vol. XLVI); Sobre os seguintes assuntos: Dia da Bandeira – [...] (AL – anais – dez. – 1965 – vol. XLIX).

da Costa e do marechal Mascarenhas de Moraes, e históricas, do marechal Deodoro da Fonseca⁸⁵⁰; condecorações militares, como a Ordem do Mérito Naval conferida ao deputado Gama Filho⁸⁵¹; homenagens ao e questões sobre o Colégio Militar⁸⁵². No entanto, se Edna Lott bem representava as tradições castrenses na Assembleia Legislativa da Guanabara, a parlamentar também expressava as principais contradições da corporação naquele período, principalmente àquelas que antecederam ao golpe de Estado.

Segundo Chirio, as principais razões que levaram os militares, que não haviam participado de nenhuma das conspirações anteriores, a aderirem ao golpe em 1964 foram: (1) a pauperização dos oficiais produzido pelo aumento galopante da inflação, durante o governo Goulart, e (2) a valorização simbólica dos suboficiais e praças promovida também pelo governo Jango.⁸⁵³ Os militares se viam, como argumenta Chirio recuperando um argumento de Nelson Werneck Sodré⁸⁵⁴, como representantes das classes médias e a crescente inflação acentuava os medos de rebaixamento social e proletarização, temores típicos dessas classes.⁸⁵⁵ Por outro lado, e intensificando as preocupações relacionadas ao rebaixamento social, a crescente organização política dos militares subalternos e o prestígio político conferido pelo governo João Goulart aos subalternos foram incrementando as preocupações dos oficiais dos perigos de uma possível “subversão” da hierarquia.⁸⁵⁶

⁸⁵⁰ Sobre os falecimentos da esposa do Deputado Cesário de Melo e do General Zenóbio da Costa (AL – anais – dez. – vol. XXIX); Sobre a morte do Marechal Deodoro da Fonseca (AL – anais – ago. – 1965 – vol. XLV); Sobre o Marechal Mascarenhas de Moraes (AL – anais – set. – 1968 – vol. LXXIV).

⁸⁵¹ Sobre os seguintes assuntos: Concessão da Ordem do Mérito Naval ao Deputado Gama Filho – [...] (AL – anais – dez. – 1965 – vol. XLIX).

⁸⁵² Sobre o aniversário do Colégio Militar e [...] (AL – anais – maio – 1963 – vol. XXII); Sobre o Colégio Militar (AL – anais – maio – 1968 – vol. LXXI).

⁸⁵³ CHIRIO, M., op. cit., p. 29.

⁸⁵⁴ Entre as várias obras, em que esse argumento é movimentado por Nelson Werneck Sodré, ver: SODRÉ, Nelson Werneck. **História militar do Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

⁸⁵⁵ CHIRIO, M., op. cit., p. 28-9.

⁸⁵⁶ CHIRIO, M., op. cit., p. 29- 40.

Dentro dessas contradições, Edna Lott esteve envolvida, diretamente, no debate a respeito dos dois fantasmas que assombravam os militares. Em 3 de maio de 1963, a petebista participou de uma reunião de oficiais que demandavam o aumento de 70% de seus vencimentos.⁸⁵⁷ Ocorrida na ABI, estando presentes também os deputados federais Marco Antônio e Max da Costa Santos, representantes das associações de sargentos, servidores federais e portuários, os oficiais reunidos repudiaram o Plano Trienal proposto pelo governo João Goulart.⁸⁵⁸ Segundo o historiador Jorge Ferreira, seguindo o entendimento da cientista política Argelina Figueiredo, o Plano Trienal possuía um duplo objetivo: (1) “obter o apoio político dos grupos conservadores e da opinião pública em um momento de transição para o regime presidencialista” e (2) “procurava ganhar a confiança dos credores externos, sobretudo norte-americanos, assegurando o refinanciamento da dívida externa e permitindo ajuda financeira adicional”.⁸⁵⁹

As principais metas do Plano Trienal, ainda de acordo com Jorge Ferreira, “eram as de combater a inflação sem comprometer o desenvolvimento econômico e, em um passo seguinte, implementar reformas, sobretudo no aparelho administrativo, no sistema bancário, na estrutura fiscal e, em particular, na reforma agrária.”⁸⁶⁰ Apesar de tentar conciliar, ao tradicional estilo de Getúlio Vargas, João Goulart não conseguiria agradar nenhum grupo político com o seu Plano Trienal.⁸⁶¹ Pelo contrário, amearia muitas críticas e ataques, entre eles dos oficiais das Forças Armadas. Em uma das reuniões no Clube Militar para tratar das reivindicações salariais, Edna Lott teria, segundo o *Correio da Manhã*, condenado “atitudes que classificou como desrespeito ao presidente da República”.⁸⁶²

⁸⁵⁷ *Correio da Manhã*, 4 de maio 1963, capa.

⁸⁵⁸ *Correio da Manhã*, 4 de maio 1963, capa.

⁸⁵⁹ FERREIRA, J., *O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964*, p. 363-4.

⁸⁶⁰ FERREIRA, J., *O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964*, p. 364.

⁸⁶¹ FERREIRA, J., *O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964*, p. 364-6.

⁸⁶² *Correio da Manhã*, 5 de jul. 1963, p. 3.

Alguns dias depois, Edna Lott publicou “Na ordem do dia”, na edição de 11 a 17 de julho de 1963, um artigo criticando a atitude dos oficiais reivindicantes no Clube Militar. Segundo a colunista d’*O Semanário*:

Os recentes acontecimentos do Clube Militar trazem à tona os reais objetivos do golpismo que, infelizmente, com habilidade, o justo descontentamento que reina nos quartéis, pela morosidade que vem se arrastando o aumento do funcionalismo civil e militar, logrou levar alguns oficiais menos esclarecidos à grave manifestação de desrespeito à pessoa do sr. Presidente da República e ao Congresso Nacional.⁸⁶³

Voltando a buscar representar a corporação militar, a petebista dizia que: “Sabemos e compreendemos as justas apreensões da família militar. Vendo dia a dia minguados seus salários e, cada vez mais, compelidos a um nível de vida incompatível com sua representação e características de suas atribuições, são os oficiais”, continuava a colunista d’*O Semanário*, “levados igualmente como todos os setores de nossa população a verdadeira situação de desespero.”⁸⁶⁴; Edna Lott apelava aos oficiais afirmando que “necessitam compreender os militares é que, seus mais legítimos anseios e problemas, não encontrarão solução mais rápida com o recurso a procedimentos extralegais.”⁸⁶⁵

O objetivo da líder nacionalista com esse artigo era, principalmente, alertar os oficiais reivindicantes que a direita militar estava buscando angariar capital político a partir da insatisfação deles em relação ao rebaixamento dos salários, produzida pela inflação desenfreada. “Precavenham-se os mais imprudentes, pois escudados e aproveitando as suas legítimas apreensões estão justamente aqueles que incompatibilizados com a conveniência democrática, buscam interromper o processo de desenvolvimento do povo brasileiro.”⁸⁶⁶ Edna Lott argumentava que, naquele momento, “nosso país não sobreviveria, sem lastro doloroso, a uma nova reedição de vinte e quatro

⁸⁶³ *O Semanário*, 11-17 de jul. 1963, p. 5.

⁸⁶⁴ *O Semanário*, 11-17 de jul. 1963, p. 5.

⁸⁶⁵ *O Semanário*, 11-17 de jul. 1963, p. 5.

⁸⁶⁶ *O Semanário*, 11-17 de jul. 1963, p. 5.

de agosto” e que, defendendo a democracia, afirmava que: “Necessitamos de paz para que, dentro da normalidade política e institucional, marchemos para as reformas de estrutura que está a exigir o imperativo da emancipação nacional.”⁸⁶⁷

Ainda segundo a líder nacionalista: “Nem tudo é perfeito nesta nossa incipiente democracia, mas pouco que aí está deve ser preservado porque dá-nos certeza de que, paulatinamente, caminhamos para ser exemplo, nesta conturbada e sofrida América Latina.”⁸⁶⁸ Edna Lott terminaria o seu artigo apelando para a “tradição democrática do Exército”.

Nossas Forças Armadas têm como tradição o serem forjadas em consonância com as aspirações populares mais legítimas. Alertamos a estes desavisados oficiais que, nos bastidores da reunião do Clube Militar, estavam justamente os adeptos de soluções antinacionalistas para os problemas brasileiros. São os mesmos que, reiteradas vezes, foram repudiados pelo povo por estarem divorciados de seus reais interesses.⁸⁶⁹

Longe de ser um entendimento isolado sobre os meios militares, Chirio afirma que a ideia da “tradição democrática do Exército” era comum naquele momento, tanto que o golpe de Estado, em 1964, causou enorme surpresa em grande parte na opinião pública.⁸⁷⁰ Quadro semelhante ao do Chile pré-golpe de 1973, Chirio afirma que esses dois Exércitos possuíam a imagem de serem “instituições que respeitam os poderes constituídos, a supremacia civil e a lei.”⁸⁷¹ Essa avaliação promovia no Exército brasileiro, ainda segundo a autora, uma sensação de superioridade em relação aos demais exércitos latino-americanos devido “ao legalismo e ao civilismo histórico das Forças Armadas brasileiras, essencializados e reconstruídos.”⁸⁷² Muito provavelmente por essa apreciação, os

⁸⁶⁷ *O Semanário*, 11-17 de jul. 1963, p. 5.

⁸⁶⁸ *O Semanário*, 11-17 de jul. 1963, p. 5.

⁸⁶⁹ *O Semanário*, 11-17 de jul. 1963, p. 5.

⁸⁷⁰ CHIRIO, M., op. cit., p. 40-1.

⁸⁷¹ CHIRIO, M., op. cit., p. 41.

⁸⁷² *Ibidem*.

militantes nacionalistas de esquerda não viram maiores problemas em se aproximar politicamente dos suboficiais e praças.

Mesmo não se chegando à uma solução satisfatória quanto aos salários, o que desgastou ainda mais o governo João Goulart com os oficiais militares foi, sem dúvida, a valorização dos suboficiais e praças. Hoje vista como crasso erro de cálculo político, a aproximação de setores civis (partidos de esquerda, sindicatos, movimento camponês e estudantil, etc.) junto aos suboficiais e praças conferiu à adesão dos oficiais, não vinculados previamente a nenhum partido militar, à direita militar, apoio que sempre lhe faltou em suas tentativas de golpes de Estado anteriores. Além dessa aproximação política dos subalternos com meios civis, havia também uma articulação de oficiais do partido militar nacionalista com as camadas mais baixas da caserna, que reivindicavam melhores condições dentro da corporação militar.⁸⁷³

O historiador Paulo Eduardo Castello Parucker nos chama a atenção para “a ascendência que desfrutavam alguns oficiais nacionalistas sobre os graduados, e da sua forma de atuação”, como os “generais Osvino Alves e Oromar Osório, o almirante Cândido de Aragão, os coronéis Jefferson Cardim e Kardec Lemme, entre outros”, que “gozavam de grande prestígio no seio da tropa por sua postura abertamente nacionalista, e se constituíam em autênticas lideranças militares.”⁸⁷⁴ Mesmo que, como afirma Parucker, essa ascendência tenha se enfraquecido com a radicalização dos sargentos, a partir de 1963, “os graduados frequentemente recorriam a esses oficiais nacionalistas. Quando os comandos militares lançavam mão da transferência de sargentos para desmobilizar o movimento, Osvino e Kardec, entre outros, eram solicitados a anular a

⁸⁷³ Esse seria um dos principais motivos para a cassação dos subalternos nas Forças Armadas. Sobre essa questão ver os capítulos 3, “*Prováveis futuros desajustados*” punições aos oficiais intermediários e subalternos, e 4, “*Cassações brancas*” o caso dos cabos da Aeronáutica, da obra, anteriormente citada, de Cláudio Beserra Vasconcelos.

⁸⁷⁴ PARUCKER, P. E. C., op. cit., p. 86.

movimentação”.⁸⁷⁵ Esses laços que vinham sendo tecidos insuflavam os piores medos de subversão da hierarquia na oficialidade das Forças Armadas, levando-os a optarem pelas ideias da direita militar. Temores estes que ganharam fôlego renovado a partir do contragolpe militar de 1955 e com a continuação do ministério de Lott.

Após uma destacada participação no movimento tenentista dos anos 1920, os sargentos foram sendo, gradualmente, sufocados politicamente pela cúpula das Forças Armadas até o 11 de novembro de 1955.⁸⁷⁶ A partir dessa data, os sargentos começaram a gozar de nova margem para atuar politicamente, tendo, inclusive, desempenhado papel fundamental na derrota da tentativa de golpe militar em 1961.⁸⁷⁷ A estabilidade profissional dos sargentos, estabelecida pelo ministério de Lott⁸⁷⁸, permitiu que eles pudessem melhor se organizar enquanto classe, passando a reivindicar não apenas direitos dentro da corporação, mas também direitos civis.⁸⁷⁹ Nessa luta, os sargentos se aproximariam muito dos sindicatos e outros movimentos populares, lançando, em decorrência dessa intensa experiência política, candidaturas parlamentares, principalmente pelo PTB, para as mais diferentes assembleias legislativas, sob a bandeira: “sargento também é povo!”.⁸⁸⁰

Reagindo prontamente ao avanço dos subalternos, a cúpula militar manobrou junto ao Superior Tribunal Eleitoral (TSE) para impedir que os sargentos eleitos tomassem posse de seus cargos, em janeiro de 1963.⁸⁸¹ Tal decisão judicial desencadeou uma grande luta política em torno da constitucionalidade dos sargentos poderem ser eleitos representantes parlamentares. Entre as personagens dessa disputa, Edna Lott foi uma das

⁸⁷⁵ Ibidem.

⁸⁷⁶ PARUCKER, P. E. C., op. cit., p. 46-50.

⁸⁷⁷ PARUCKER, P. E. C., op. cit., p. 50-6.

⁸⁷⁸ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 164-7.

⁸⁷⁹ PARUCKER, P. E. C., op. cit., p. 57-64 e 89-106.

⁸⁸⁰ PARUCKER, P. E. C., op. cit., p. 57-62.

⁸⁸¹ PARUCKER, P. E. C., op. cit., p. 62-4.

que mais envidou esforços na defesa dos mandatos dos sargentos. Logo no dia 6 de dezembro de 1962, *O Semanário* publicava um discurso de Edna Lott em um evento de homenagem a sua vitória eleitoral, organizado pelos marítimos do Departamento de Portos, Rios e Canais.

Depois de muitos agradecimentos e de exaltação do nacionalismo, conclamando que: “Temos de varrer de nossas fronteiras todos os espoliadores, nacionais e estrangeiros, que ainda nos exploram, desejando sempre amordaçar o povo e realizar uma falsa democracia – a tão decantada democracia representativa.”, Edna Lott chamou a atenção, segundo ela mesma, para duas questões políticas. Uma era em relação ao plebiscito do presidencialismo, em que a petebista defendia o fim do parlamentarismo.⁸⁸² A outra, que daremos maior atenção, era, segundo as palavras da própria petebista, “a recente decisão do Tribunal Superior Eleitoral, declarando a inelegibilidade dos sargentos.”.⁸⁸³ De acordo com Edna Lott:

O TSE cometeu flagrante erro de justiça, que precisa ser denunciado ao povo, como aqui o denuncio. A todo aquele que tem direito a voto é permitido pela Constituição o direito de ser votado, de ser eleito. Fora daí é a discriminação, a falsa democracia. Da tribuna da Assembleia Legislativa da Guanabara estará em breve clamando a minha voz contra esse ato, que fere a fundo os direitos democráticos do nosso povo.⁸⁸⁴

A promessa de Edna Lott se mostraria verdadeira ao longo do ano de 1963. No entanto, a disputa pela elegibilidade dos sargentos não seria resolvida tão rapidamente, suscitando muitos desdobramentos. No dia 17 de maio de 1963, o *Tribuna da Imprensa* noticiava um telegrama de 18 deputados da Assembleia Legislativa da Guanabara, enviado a João Goulart, pedindo “compreensão para os sargentos punidos por terem se manifestado pelas reformas de base, ao defender o direito que eles têm de se expressar

⁸⁸² *O Semanário*, 6 de dez. 1962, p. 7.

⁸⁸³ *O Semanário*, 6 de dez. 1962, p. 7.

⁸⁸⁴ *O Semanário*, 6 de dez. 1962, p. 7.

como povo.”⁸⁸⁵ Assinado pelos parlamentares José Dutra, Paulo Alberto, José Talarico, Jamil Haddad, Ubaldo de Oliveira, Pedro Fernandes, Sinval Palmeira, João Massena, Hércules Corrêa, Saldanha Coelho, Adalgisa Néri, Luís Corrêa, Sinval Sampaio, Velinda Fonseca, Rubens Macedo, Edna Lott, Geraldo Moreira e Frederico Trotta, a mensagem, publicada em negrito pelo jornal, dizia que:

Comunicamos a Vossa Excelência nossa apreensão pela sequência de prisões de policiais e sargentos. Somos contrários à quebra da hierarquia dentro dos quartéis, mas defendemos intransigentemente o direito de qualquer um expressar-se, como povo, pelas reformas de base. Estranhamos, ainda que as medidas punitivistas sejam unilaterais, de vez que extremados conspiradores de direita, militares, não são punidos.⁸⁸⁶

Nos dias seguintes, de 23 a 25 de maio, alguns jornais noticiariam bastante um manifesto em defesa dos sargentos escrito e distribuído por Edna Lott.⁸⁸⁷ A íntegra desse documento seria publicada, pela primeira vez, na capa do *Correio da Manhã* do dia 25 de maio de 1963. O manifesto também seria publicado na coluna de Edna Lott n’*O Semanário*, na edição de 23 a 29 de maio de 1963. Nesse manifesto, o argumento central da líder nacionalista era o espírito democrático que caracterizaria o Exército brasileiro, como abordamos anteriormente, e o diferiria dos da América Latina.

No panorama militar latino-americano, ocupa o Brasil lugar de destaque pela posição democrática de suas Forças Armadas. Saudável exceção, num continente conturbado por pronunciamentos e investidas reacionárias.

Emaranhadas no cipoal de interesses subalternos, guardiães de privilégios e de estruturas confessadamente superadas, infensa a toda e qualquer penetração de ideias democráticas, mantêm-se as forças armadas dos países que nos cercam em processo de involução política, exercendo o triste papel de inimigo das aspirações populares mais legítimas.⁸⁸⁸

⁸⁸⁵ *Tribuna da Imprensa*, 17 de maio 1963, p. 5.

⁸⁸⁶ *Tribuna da Imprensa*, 17 de maio 1963, p. 5.

⁸⁸⁷ *Diário de Notícias*, 23 de maio 1963, p. 7; *Diário Carioca*, 25 de maio 1963, p. 5; *Jornal do Brasil*, 25 de maio 1963, p. 3; *Correio da Manhã*, 25 de maio 1963, capa.

⁸⁸⁸ *Correio da Manhã*, 25 de maio 1963, capa; *O Semanário*, 23-29 de maio 1963, p. 5.

Segundo a colunista: “Inúmeras razões e peculiaridades próprias levaram as Forças Armadas em nosso país por caminhos distintos” dos países latino-americanos.⁸⁸⁹ “O nosso golpismo”, segundo a líder nacionalista, “é mais resultante de influências externas do que, propriamente, fruto de um espírito prussiano disseminado e com ambiente psicológico em nossas Forças Armadas.”⁸⁹⁰ Feita a diferenciação, Edna Lott selava o diagnóstico. “O militar brasileiro é democrata. Justamente por ser democrata, compreende o quão daninha pode se revestir a atitude contemplativa ante o processo social. Sua participação civil deve, portanto, expressar os anseios populares, única fonte segura de democracia.”⁸⁹¹ Por isso, a líder nacionalista explicava que:

Quando sargentos e suboficiais manifestam-se, não significa, como muitos pretendem, quebra de hierarquia militar ou subversão, mas sim a expressão mais autêntica das forças populares, que emergem no cenário nacional, querendo uma participação na vida pública. O Brasil se encontra numa encruzilhada na qual ao cidadão comum e patriota, o mínimo que se lhes pode exigir é uma definição categórica.⁸⁹²

Após repetir o texto do telegrama, enviado pelos parlamentares guanabarininos ao presidente João Goulart, como noticiou o *Tribuna da Imprensa*, Edna Lott terminaria o seu manifesto afirmando: “Feliz do povo que encontre em posições democráticas aqueles que possuem armas para defesa de seus legítimos interesses e de suas instituições democráticas.”⁸⁹³ Toda essa intimidade com a corporação militar lançava Edna Lott a assumir uma posição central na questão dos sargentos, dando continuidade, de certa forma, a uma tradição iniciada por seu pai. Vemos isso na primeira aparição dos sargentos eleitos, Antônio Marques Tomás e Antônio Sena Pires, para a ALEG, ocasião em que,

⁸⁸⁹ *Correio da Manhã*, 25 de maio 1963, capa; *O Semanário*, 23-29 de maio 1963, p. 5.

⁸⁹⁰ *Correio da Manhã*, 25 de maio 1963, capa; *O Semanário*, 23-29 de maio 1963, p. 5.

⁸⁹¹ *Correio da Manhã*, 25 de maio 1963, capa; *O Semanário*, 23-29 de maio 1963, p. 5.

⁸⁹² *Correio da Manhã*, 25 de maio 1963, capa; *O Semanário*, 23-29 de maio 1963, p. 5.

⁸⁹³ *Correio da Manhã*, 25 de maio 1963, capa; *O Semanário*, 23-29 de maio 1963, p. 5.

contrariando as determinações do ministro da Guerra, Amaury Krueel, apareceram fardados na Assembleia.⁸⁹⁴

De acordo com Chirio, Krueel - “considerado legalista pelo poder, é na verdade um grande detrator do ‘sargentismo’, que ele interpreta como um atentado inadmissível ao Regulamento Disciplinar do Exército.”, - baixou uma determinação, “Recomendação contra demonstrações políticas”, que proibia três pontos fundamentais: “apresentar-se fardado nas assembleias legislativas, falar de política ‘partidária’ dentro dos limites dos quartéis e participar de reuniões políticas, nas quais ‘poderão ser envolvidos e utilizados em proveito de terceiros, mais experientes e interesseiros’.”.⁸⁹⁵ Aparecendo fardados na ALEG, os sargentos eleitos deputados infringiram as determinações do então ministro da Guerra.

Muito provavelmente acreditando no legalismo de Krueel, Edna Lott referendou a atitude dos sargentos, colocando-se, segundo o *Diário de Notícias*, como “a principal cicerone dos novos colegas no seu primeiro dia de contato com o plenário, que se inflamou, instantes depois, porque os sargentos apareceram fardados ao lado de generais e almirantes que se trajam à paisana.”.⁸⁹⁶ Talvez um pouco insuflado por essas transgressões castrenses, Krueel instaurou um Inquérito Policial-Militar (IPM) no final de maio de 1963, concluindo, de acordo com o documento citado por Chirio, que “a ação dos agitadores vem aumentando de intensidade, através de reuniões, comícios, sessões, panfletos e utilização da imprensa falada e escrita”, contribuindo para ‘abalar a disciplina e a hierarquia, princípios basilares da nossa instituição’.”.⁸⁹⁷

Esse IPM, como coloca a brasilianista francesa, foi motivado por uma “cerimônia organizada em 11 de maio de 1963 num recinto civil organizado por sargentos e

⁸⁹⁴ *Diário de Notícias*, 29 de maio 1963, capa.

⁸⁹⁵ CHIRIO, M., op. cit., p. 36-7.

⁸⁹⁶ *Diário de Notícias*, 29 de maio 1963, capa.

⁸⁹⁷ CHIRIO, M., op. cit., p. 37.

subtenentes em homenagem ao general Osvino Ferreira Alves, comandante do I Exército.”.⁸⁹⁸ O uso da farda nas diferentes Assembleias Legislativas, como no caso dos sargentos Antônio Marques Tomás e Antônio Sena Pires, pode ter sido a gota d’água para o início da reação dos oficiais militares ao “sargentismo”. Entretanto, como vimos, não eram apenas os subalternos que eram alvos da ojeriza dos oficiais das Forças Armadas, a reação também era motivada por uma disputa interna dentro da oficialidade, isto é, uma reação aos “generais do povo”, que eram, justamente, aqueles oficiais do partido militar nacionalista.⁸⁹⁹

Importante dizermos, antes de continuarmos, que essa nova categoria de “general do povo” surgiu a partir do contragolpe de 1955 e da Frente de Novembro, surgida em decorrência da ação do então ministro da Guerra. Esse ato fez com que Lott recebesse a alcunha de “general do povo”, aquele que promoveria a aliança entre a caserna e os verdadeiros interesses populares.⁹⁰⁰ O destaque alcançado por Lott produziu muitas reações contrárias na direita militar, que, além do “perigo vermelho” na Frente de Novembro – entendida como uma cópia malfeita da ANL -, via nesse movimento grandes riscos à unidade interna das Forças Armadas.⁹⁰¹

Embasando-se em um processo de representação da Cruzada Anticomunista enviado ao ministro da Justiça, Nereu Ramos, em 1956; Carloni afirma que os militares de direita entendiam que a Frente de Novembro “era a formação de um ‘EXÉRCITO DO GENERAL LOTT’ – ‘um GENERAL DO EXÉRCITO, com um EXÉRCITO PARTICULAR, isto é, um Exército de um único GENERAL, e não, de TODOS OS GENERAIS, e não, da PÁTRIA BRASILEIRA’.”.⁹⁰² O grande medo da direita militar

⁸⁹⁸ Ibidem.

⁸⁹⁹ CHIRIO, M., op. cit., p. 38.

⁹⁰⁰ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 173-80.

⁹⁰¹ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 169-70.

⁹⁰² Ibidem.

pela figura do “general do povo” era, portanto, de que, com o seu carisma junto aos militares e os movimentos sociais, tomasse o poder e instaurasse uma “ditadura comunista” no país. Mesmo que Lott não tenha continuado na política civil e tenha se afastado do Exército após sua ida para a reserva, o posto de “general do povo” não ficaria vago.

Com a saída de cena de Lott, a personagem do “general do povo” passou a ser desempenhada, mais expressivamente, pelo general Osvino Ferreira Alves, então comandante do I Exército e que antes havia participado ativamente na resistência à tentativa de golpe da Junta Militar, em 1961.⁹⁰³ Por esse motivo, Osvino se tornaria um dos principais conselheiros militares do presidente João Goulart.⁹⁰⁴ O medo do tal “golpe” do “general do povo” continuaria tirando o sono da direita militar. Talvez até tenha piorado a situação, uma vez que o carisma e a atuação do general Osvino tenham intensificado a atuação política dos subalternos, quando não incentivado.

É o que afirma Cláudio Beserra Vasconcelos, segundo o qual: “O marechal Osvino Ferreira Alves é reiteradamente citado como implicado em fatos supostamente comprobatórios do desenvolvimento de um processo de guerra revolucionária no Brasil.”⁹⁰⁵ O IPM movido por Kruel, portanto, não visava apenas os militares subalternos, mas, sobretudo, minar a força que o general Osvino possuía naquele momento. Por isso, o movimento dos sargentos assustava não apenas pelo próprio movimento, mas pela sua articulação com setores da alta oficialidade, que disputavam, naquele momento, o controle sobre a corporação militar. A dimensão desse processo que se desenrolava pode ser observada na atuação de Edna Lott.

⁹⁰³ VASCONCELOS, C. B., op. cit., p. 188-90.

⁹⁰⁴ VASCONCELOS, C. B., op. cit., p. 189.

⁹⁰⁵ VASCONCELOS, C. B., op. cit., p. 189-90.

Nos anais da Assembleia Legislativa de abril de 1963, vemos uma homenagem prestada por Edna Lott, em nome do PTB e da Oposição, ao comandante do I Exército, Osvino Ferreira Alves⁹⁰⁶. Mais à frente, nos anais da ALEG de julho de 1963⁹⁰⁷ e em um artigo d'*O Semanário*, na semana de 18 a 24 de julho, Edna Lott defendia a manutenção do general Osvino nas Forças Armadas, depois de ter alcançado o limite de tempo de seu serviço na corporação. Na Assembleia, a parlamentar argumentava que: “O nobre general, todavia, é homem ativo, de grande capacidade e que poderá, perfeitamente, continuar prestando relevantes serviços, como já teve ensejo de demonstrar, à Pátria Brasileira.”⁹⁰⁸ Por essa razão, Edna Lott dirigia, em nome dos trabalhistas e dos demais parlamentares, um “apelo ao Presidente João Goulart no sentido de que não aceite o seu afastamento, já que é pensamento do General Osvino retirar-se à vida particular.”⁹⁰⁹

O tom tranquilo demonstrado pela parlamentar na Assembleia não foi o mesmo utilizado pela colunista d'*O Semanário*. Após grandes elogios prestados ao então comandante do I Exército, militar que “credenciou-se no respeito do povo brasileiro pelas atitudes firmes assumidas em defesa da Legalidade e das instituições democráticas de nosso País.”, Edna Lott alertava que: “Sua passagem para a reserva ao término de brilhante carreira seria um ato de rotina não fora as peculiaridades do momento nacional.”⁹¹⁰ Segundo a colunista, o general Osvino era “peça principal de um esquema de segurança que às duras penas tem mantido um clima de tranquilidade, em nosso avanço pacífico e democrático no sentido da emancipação nacional”.⁹¹¹ Edna Lott concluiria dizendo que:

⁹⁰⁶ Sobre voto de congratulações, do PTB e da Oposição, ao General Osvino Ferreira Alves (AL – anais – abr. – 1963 – vol. XXI).

⁹⁰⁷ Sobre o afastamento do General Osvino da ativa e a adoção da cartilha única do Estado (AL – anais – jul. – 1963 – vol. XXIV).

⁹⁰⁸ AL – anais – jul. – 1963 – vol. XXIV, p. 1.953.

⁹⁰⁹ AL – anais – jul. – 1963 – vol. XXIV, p. 1.954.

⁹¹⁰ *O Semanário*, 18-24 de jul. 1963, p. 5.

⁹¹¹ *O Semanário*, 18-24 de jul. 1963, p. 5.

Novamente encontra-se nosso país a braços com o desencadeamento das forças da subversão e do obscurantismo. Abertamente aventam-se fórmulas de esbulho a vontade popular. Vivemos em tudo e por tudo a tentativa de reedição de AGOSTO. Que não se deixem pegar desprevenidas as forças nacionalistas. Que compreenda o Presidente João Goulart que cada homem é imprescindível nesta vigilância redentora. A manutenção do General Osvino é um imperativo de segurança nacional.⁹¹²

Apesar dos alertas da líder nacionalista, o general Osvino passaria para a reserva do Exército.⁹¹³ Mas mesmo fora da ativa das Forças Armadas, o general continuaria atuante na vida pública do país, tornando-se, em janeiro de 1964, diretor da Petrobrás.⁹¹⁴ De qualquer forma, os ânimos na caserna não conseguiriam ser contidos. Em 12 de setembro de 1963, um pequeno grupo de sargentos da Aeronáutica tomaria de assalto a cidade de Brasília, em resposta à decisão do STF em negar a elegibilidade dos sargentos eleitos em 1962.⁹¹⁵ A rebelião foi rapidamente abafada, no entanto, seu efeito não cessaria rapidamente. O medo, mais que presente, de subversão da hierarquia militar e sublevação das “massas populares” alcançava novo patamar após a revolta dos sargentos, em Brasília. Em imediata resposta, Edna Lott buscou temporizar e acalmar os ânimos, de subalternos e oficiais, suscitados pelo evento de 12 de setembro de 1963.

Logo após o evento, em setembro de 1963, Edna Lott pedia calma aos envolvidos na Assembleia Legislativa.⁹¹⁶ “Pedimos aos nossos sargentos, aos nossos militares que tenhamos calma, que esperem porque havemos de conseguir tudo que almejamos: a justiça social, a nossa emancipação completa, a nossa emancipação econômica. Mas sem interromper o processo democrático.”⁹¹⁷ A partir desse ponto, a parlamentar passaria a defender a luta por transformações dentro dos marcos institucionais da democracia. “Pela

⁹¹² *O Semanário*, 18-24 de jul. 1963, p. 5.

⁹¹³ VASCONCELOS, C. B., op. cit., p. 189.

⁹¹⁴ *Ibidem*.

⁹¹⁵ PARUCKER, P. E. C., op. cit., p. 130-88.

⁹¹⁶ Sobre o levante dos Sargentos em Brasília e a encampação das refinarias particulares (AL – anais – set. – 1963 – vol. XXVI).

⁹¹⁷ AL – anais – set. – 1963 – vol. XXVI, p. 2.792.

democracia e pelas nossas instituições devemos fazer qualquer sacrifício. Calma, calma! Esperem porque a nossa luta não será de meses, será de anos. Mas teremos a nossa vitória se nos mantivermos unidos e soubermos respeitar sempre a democracia e nossas instituições.”⁹¹⁸

Também logo em seguida à rebelião dos sargentos, Edna Lott escrevia, em sua coluna “Na ordem do dia”, na semana de 19 a 25 de setembro de 1963, que:

O movimento dos graduados de Brasília, mais do que causa de coisa alguma, deve ser encarado como encerrando uma dupla advertência e efeito daquilo que os políticos responsáveis neste País vem denunciando há muito: o progressivo esvaziamento de estruturas que não mais correspondem a um Brasil que quer avançar. A causa da rebelião, inegibilidade dos sargentos, soma-se a outras tantas causas que, se não sofrerem o devido equacionamento, levantarão massas humanas desesperadas, lançando-nos nos braços do imprevisível. Hoje foi um pequeno grupo de sargentos, amanhã será uma massa imensa de deserdados do campo e da cidade, acuados por níveis indignos de vida.⁹¹⁹

Em seguida, Edna Lott defenderia as instituições democráticas, ao mesmo tempo em que denunciaria a inadequação dessas mesmas instituições ao momento vivido pelo país. “Acreditamos que o povo brasileiro possui reservas e capacidade democrática para confiar nas instituições, aguardando pacificamente e com vigilância a modificação de estruturas e textos legais já superados.”⁹²⁰ Essa relação entre a caducidade de alguns pontos da institucionalidade e da pressão do povo era devido, segundo a petebista, pelo “acelerado processo de conscientização política do povo brasileiro”, mas que, mesmo assim, não carecia “de recursos extraleais para a resolução de nossos problemas.”⁹²¹ Ao contrário, Edna Lott afirmava que: “Os únicos e verdadeiros interessados, neste País, na subversão são os que desejam barrar as conquistas democráticas de nosso povo.”⁹²²

⁹¹⁸ AL – anais – set. – 1963 – vol. XXVI, p. 2.792.

⁹¹⁹ *O Semanário*, 19-25 de set. 1963, p. 5.

⁹²⁰ *O Semanário*, 19-25 de set. 1963, p. 5.

⁹²¹ *O Semanário*, 19-25 de set. 1963, p. 5.

⁹²² *O Semanário*, 19-25 de set. 1963, p. 5.

Segundo a colunista d'*O Semanário*: “Esses já se aprestam a explorar o movimento de Brasília, esgrimindo com a suposta onda de subversão e buscando pretexto para novas investidas antidemocráticas e antinacionais.”⁹²³

Por isso, a líder nacionalista afirmava que: “A aventura de Brasília tem todas as características de um arrebatamento irresponsável e é preciso que fique bem caracterizada suas reais dimensões, para que não sirva de arma e meio de manobra aos costumeiros inimigos de nossa democracia.”⁹²⁴ A busca de Edna Lott em delimitar o significado dessa rebelião é muito importante quando atentamos para a atuação dos movimentos sociais de esquerda frente às instituições, em especial ao Parlamento. Aqui podemos ver uma nítida distinção entre Edna Lott e Leonel Brizola, que defendia as reformas de base “na lei ou na marra”.⁹²⁵ Essa é uma avaliação que Edmar Morel, jornalista de grande prestígio na época, já fazia em seu livro *O golpe começou em Washington*, uma das primeiras reflexões críticas feita por um intelectual no momento imediato ao golpe de Estado.⁹²⁶

Publicado pela primeira vez em 1965, Edmar Morel contrapunha os militantes mais exaltados - identificando, entre eles, Leonel Brizola, por parte dos nacionalistas, e Prestes, pelos comunistas, - dos: “Nacionalistas mais moderados, como Oswaldo Costa, Barbosa Lima Sobrinho, Osni Duarte Pereira, Gondin da Fonseca, Edna Lott, José Frejat, Sérgio Magalhães, Plínio de Abreu Ramos e o autor deste livro”, que “faziam parte de *O Semanário*, sendo considerados livres atiradores e combatidos pelos comunistas de Pequim e de Moscou, e, sobretudo, pelos *brizolistas*.” (grifo do autor).⁹²⁷ Assim,

⁹²³ *O Semanário*, 19-25 de set. 1963, p. 5.

⁹²⁴ *O Semanário*, 19-25 de set. 1963, p. 5.

⁹²⁵ Sobre a pressão protagonizada por Leonel Brizola ao Congresso Nacional e à presidência da República ver: FERREIRA, Jorge. **Leonel Brizola, os nacional-revolucionários e a Frente de Mobilização Popular**. In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel (org.). *As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

⁹²⁶ MOREL, Edmar. **O golpe começou em Washington**. org. Márcio Morel e Leonardo Brito. 2.ed. comentada. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

⁹²⁷ MOREL, E., op. cit., p. 134.

ocupando um outro espectro político do nacionalismo de esquerda, que diferia do de Brizola, a petebista concluiria seu artigo dizendo que:

Por outro lado, também uma advertência se impõe à sensibilidade de nossos políticos. Um mal menor pode tomar infinitas proporções. Para o Congresso estão voltados os olhos de milhões de brasileiros. Problemas como as reformas de base, voto de analfabeto, elegibilidade dos sargentos deverão ser discutidos e merecer solução. Que o centro do debate não se desvie para o incidente de Brasília e que se vote em definitivo as reformas de estrutura pelas quais tanto anseia nosso povo.⁹²⁸

A defesa dos sargentos, portanto, passava também pela defesa do Parlamento como o local das decisões políticas. A incapacidade de deliberar e aprovar tais reformas era o que suscitava que movimentos como esse emergissem no cenário nacional. Assim, acreditando na institucionalidade, Edna Lott continuaria em uma grande campanha de defesa dos sargentos. Se antes era pela elegibilidade, agora a luta seria pela anistia dos sargentos rebelados. Em outubro de 1963, Edna Lott discursaria na ALEG em defesa do sargento Garcia, talvez o maior líder de todo o movimento dos sargentos, e em defesa das esposas dos sargentos, da Marinha e da Aeronáutica, para que tivessem maiores facilidades de se encontrarem com seus maridos na prisão.⁹²⁹

A defesa dos sargentos cresceria junto aos movimentos de esquerda, alcançando, possivelmente, seu ápice no Ato Público em Prol da Anistia para os Sargentos Presos em Brasília, no Sindicato dos Motoristas do Rio de Janeiro, no dia 13 de dezembro.⁹³⁰ Segundo o relatório da Polícia Política, estiveram presentes nesse ato: CGT, UNE, as seções da Liga Feminina da Guanabara, do Estado do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Estado de São Paulo e outros Estados da Federação, Pacto de Unidade e Ação (PUA), Movimento Nacionalista dos Sargentos, Centro de Estudos e Defesa do Petróleo

⁹²⁸ *O Semanário*, 19-25 de set. 1963, p. 5.

⁹²⁹ Sobre a dúvida do caso do Mandato do Sargento Garcia, posta pelo STF (AL – anais – out. – 1963 – vol. XXVII); Sobre visitas aos presos da Aeronáutica e da Marinha (AL – anais – out. – 1963 – vol. XXVII).

⁹³⁰ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 211. 16 de dez. 1963; APERJ. PolPol: BR da DPS n. 212. 17 de dez. 1963.

e da Economia Nacional (CEDPEN), “Representantes de todos os sindicatos do País e líderes representantes dos sindicatos da Guanabara”, União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), FLN, FPN e a Frente de Mobilização Popular (FMP).⁹³¹

Ainda de acordo com esse relatório: “O recinto ficou superlotado. Para compor a mesa que dirigiu os trabalhos foram chamadas 107 pessoas.”⁹³², dentre elas, a Polícia Política destacava, seguindo a ordem arrolada no documento e com os cargos de cada um, os nomes: dep. Julião; dep. Adão Pereira Nunes; senador Arão Steinbruck; dep. sarg. Garcia; dep. Marco Antônio; dep. Max da Costa Santos; Brizola e esposa; José Serra, da UNE; cap. Suzano; gal. Gilberto Alvim; gal. Carlos de Melo; gal. Jovino Marques; cel. Luiz Bayardo; cel. Jocelin Brasil; cel. Farias, do extinto MNB*; ex-padre Alípio; vereador Menezes, de Pernambuco; Edna Lott; Prof. Alvaro Vieira Pinto, diretor do ISEB; dep. Demistocliedes Batista; Barão de Itararé (Aparício Apporelly); Clodsmith Riani e outros.⁹³³

Além desses nomes, também se fizeram presentes à mesa, segundo a Polícia Política, representantes de todas as Ligas Femininas, representantes das três associações de sargentos do Exército, Marinha e Aeronáutica, representantes das associações de cabos e soldados dos fuzileiros e marinheiros, polícia militar, bombeiros, Aeronáutica**, sargentos da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros.⁹³⁴ O relatório da Polícia Política fazia questão de enfatizar que: “No recinto havia muitos sargentos suboficiais, cabos e soldados, fuzileiros, marinheiros. Também havia muito soldado da polícia militar e corpo

⁹³¹ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 211. 16 de dez. 1963. p. 3.

⁹³² APERJ. PolPol: BR da DPS n. 211. 16 de dez. 1963. p. 3.

* Assim foi referenciado no documento. Não dispomos de mais informações sobre a possível extinção do MNB já naquele momento.

⁹³³ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 211. 16 de dez. 1963. p. 3-4.

** Assim aparece no documento, sem mais informações sobre quem seria o representante da “Aeronáutica”.

⁹³⁴ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 211. 16 de dez. 1963. p. 3-4.

de Bombeiros.”.⁹³⁵ Ainda nesse documento, a Polícia Política apresentou resumos das falas de alguns dos oradores do ato pró-anistia dos sargentos, estando, junto das de Brizola, Adão Pereira Nunes, etc., a fala de Edna Lott. Segundo o relatório, a petebista:

Falou em nome da Mulher Brasileira e de seu papel na estrutura política do país. Vai encetar campanha para que seja concedida anistia aos sargentos e uma campanha para ajudar as esposas dos sargentos presos. Pediu a todas as mulheres que se unissem e compartilhassem dos movimentos de massas para que unidas triunfassem ao lado dos patriotas e revolucionários. Falou do Exemplo da mulher cubana na revolução e sua participação.⁹³⁶

No ano seguinte, em 1964, Edna Lott continuaria na defesa de uma anistia dos sargentos, mas, como todos sabemos, as margens para essa reivindicação ficariam gradualmente mais estreitas. A revolta dos sargentos de Brasília, em setembro de 1963, aumentaria exponencialmente o controle do alto oficialato sobre a tropa, encontrando seu pico na rebelião dos marinheiros nos dias 25, 26 e 27 de março de 1964, amotinados no Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro.⁹³⁷ Naquele mesmo período, os subalternos da Marinha também vinham se organizando através da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil (AMFNB), exigindo melhores condições de trabalho, melhores soldos, a possibilidade de andar à paisana quando fora do expediente, revisão do regulamento de casamento e o próprio reconhecimento da Associação pelo almirantado.⁹³⁸

Retrógrada em seu regulamento e estrutura, que vinha desde a Revolta da Chibata ocorrida em 1910⁹³⁹, a Marinha se recusava a aceitar as reivindicações dos marinheiros, passando a persegui-los mais intensamente, inclusive com prisões, a partir do final de

⁹³⁵ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 211. 16 de dez. 1963. p. 4.

⁹³⁶ APERJ. PolPol: BR da DPS n. 211. 16 de dez. 1963. p. 6.

⁹³⁷ Sobre a organização e rebelião dos marinheiros ver: CAPITANI, Avelino Bioen. **A rebelião dos marinheiros**. 2. ed. rev. São Paulo: Expressão Popular, 2005; RODRIGUES, Flávio Luís. **Vozes do mar: o movimento dos marinheiros e o golpe de 1964**. São Paulo: Cortez, 2004.

⁹³⁸ RODRIGUES, F. L., op. cit., p. 60-75.

⁹³⁹ RODRIGUES, F. L., op. cit., p. 49-60

1963 e início de 1964 em decorrência da rebelião dos sargentos de Brasília.⁹⁴⁰ O acirramento do conflito entre o almirantado e a marujada chegou ao seu paroxismo na comemoração de dois anos de existência da AMFNB, que seria realizada no dia 25 de março no Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, terminando no último dia com um grande baile.⁹⁴¹ No entanto, a forma pouco receptiva e repressiva às demandas dos marinheiros apresentada pela cúpula da Marinha, principalmente pela dubiedade do ministro da Armada, almirante Sylvio Motta, acabou por transformar uma festa de associação em um grande ato político.⁹⁴² A rebelião chegaria a termo após várias reviravoltas e tensões entre a oficialidade e os subalternos da Marinha, sendo necessário, inclusive, ativar a força terrestre para conter os ânimos na Armada. Apesar de se chegar à uma resolução, o episódio acabou passando a impressão de vitória da marujada sobre o almirantado, uma vez que João Goulart anistiou todos os envolvidos na rebelião dos marinheiros, equiparando, assim, os oficiais aos subalternos.

Se não bastassem essas duas rebeliões de subalternos das Forças Armadas, João Goulart, contrariando seus conselheiros civis e militares, resolveu aceder ao convite da cerimônia de posse da Associação dos Sargentos, que seria realizada no Automóvel Clube do Rio de Janeiro, no dia 30 de março de 1964, evento esse em que o presidente da República seria homenageado.⁹⁴³ Três dias após se colocar ao lado dos praças na rebelião dos marinheiros, João Goulart prestigiava novamente os subalternos em detrimento dos oficiais. Esse seria o estopim para que os oficiais se rebelassem contra o presidente da República, aderindo, por fim, à direita militar e seus propósitos golpistas.

Mesmo não tendo atuado próximo aos eventos militares derradeiros de março, abril de 1964, a articulação de Edna Lott com os militares entraria em avançado afastamento.

⁹⁴⁰ RODRIGUES, F. L., op. cit., p. 89-99.

⁹⁴¹ RODRIGUES, F. L., op. cit., p. 13-4 e 104.

⁹⁴² RODRIGUES, F. L., op. cit., p. 101 e 104-7.

⁹⁴³ AARÃO REIS, D., *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*, p. 43.

A parlamentar ainda defenderia os subalternos que se rebelaram em Brasília, no decorrer do ano de 1964, como veremos no próximo capítulo. Mesmo assim, o progressivo fechamento do novo regime instaurado pelos militares de direita, opostos à linha política a qual Edna Lott se alinhava, impediu gradativamente maiores articulações políticas de Edna Lott com a caserna.

4. Disputando politicamente as mulheres

O início dos anos 1960 foi palco de uma intensa atividade política das mulheres, que, até então, encontravam-se reclusas em seus espaços privados. Tratava-se, de maneira geral, de uma reação conservadora às mudanças de costumes que vinham ocorrendo desde os fins da II Guerra Mundial, chegando ao seu zênite no final dos anos 1950 e início dos anos 1960. Entre os principais fatores atribuídos para a conquista de maior autonomia social das mulheres nessas décadas, processo visto como radicalmente negativo por essas mulheres conservadoras ou que seguiam ou se identificavam com um modelo mais conservador, estavam os “comunistas”, o “comunismo” ou a “ação dos comunistas”. A saída dessas mulheres do espaço privado de seus lares, muito incentivado por seus pais e/ou maridos conservadores e/ou tradicionalistas, tinha por intuito, portanto, impedir o “avanço do comunismo” no Brasil.

No início dos anos 1960, o “comunismo” seria identificado, principalmente, na figura e no governo de João Goulart. Por esse motivo, a ação dessas mulheres, organizadas nos diferentes grupos como CAMDE, UCF, LIMDE, etc., objetivava promover uma grande campanha de desgaste do governo João Goulart.⁹⁴⁴ Segundo Simões, esses grupos: “Identificavam o nacional-reformismo como o primeiro passo para a instauração do comunismo no Brasil, ou seja, no seu entender, a desagregação da

⁹⁴⁴ SIMÕES, S. D., op. cit., p. 67-8.

família, a perda da pátria e eliminação dos bons costumes, da moral e da religião.”.⁹⁴⁵

Temendo essa suposta desagregação que o comunismo promoveria na família e em outras instituições tradicionais, essas mulheres atuaram de modo a impedir que seus medos se concretizassem boicotando, da forma de que dispunham, o governo de João Goulart.

Importante notarmos, como nos chama atenção Janaína Cordeiro, que embora essas mulheres afirmassem falar pela “mulher brasileira”, elas, na verdade, representavam um modelo de feminino hegemônico que se via ameaçado com as transformações que o mundo, em geral, e o Brasil, em particular, vinham atravessando naquele momento.⁹⁴⁶ Vendo que tudo aquilo que aprenderam como sendo “o mundo” e qual seria o papel delas “nesse mundo”, isto é, o modelo tradicional de família, em que a mulher deveria se restringir ao espaço privado, esboroar-se; essas mulheres conservadoras se organizaram politicamente para impedir esse processo de desintegração de seu próprio estilo de vida.⁹⁴⁷ Por esses motivos, as mulheres da CAMDE, UCF, LIMDE, etc. apoiariam o governo de Castelo Branco.⁹⁴⁸

No entanto, também o movimento de mulheres não era obra do destino, havia disputas pela hegemonia do que seria o modelo de mulher brasileira, naquele início de década. Dentro dessas disputas anteriores ao golpe de Estado, figuraria Edna Lott, que apresentaria uma atuação política no sentido contrário ao das mulheres de direita. A petebista buscou, através do seu mandato parlamentar e de discussões nos jornais, promover a construção de uma mulher mais independente do mundo patriarcal de sua época. Para sistematizar a atuação política de Edna Lott, em relação às mulheres naquele final de IV República, poderíamos enumerar três linhas principais: (1) luta pelas

⁹⁴⁵ SIMÕES, S. D., op. cit., p. 85-6.

⁹⁴⁶ CORDEIRO, J. M., op. cit., p. 121-34.

⁹⁴⁷ Ibidem.

⁹⁴⁸ CORDEIRO, J. M., op. cit., p. 61-100; SIMÕES, S. D., op. cit., p. 120-31.

liberdades individuais da mulher, (2) participação das mulheres nas lutas políticas do Brasil e (3) luta por direitos trabalhistas das mulheres.

Apesar de não nos determos muito nos dois últimos pontos, é importante notarmos que eles nos ajudam a dimensionar o tamanho político que Edna Lott alcançou, naqueles anos anteriores ao golpe de Estado. Podemos perceber a dimensão política que a parlamentar carioca havia alcançado, claramente, na matéria do *Jornal do Brasil* de 29 de março de 1964, escrita por seu correspondente em Recife. O jornal noticiava nesse dia que:

Depois dos repetidos encontros da Cruzada Democrática Feminina, quando milhares de mulheres debateram os temas da atualidade e criticaram a atuação administrativa dos Srs. João Goulart e Miguel Arrais, os correligionários do Presidente da República e do Governador de Pernambuco iniciam contatos para realizar um comício, nos primeiros dias de abril, com a presença (já confirmada) das Sras. Adalgisa Néri, Edna Lott e Neuza Brizolla, em resposta às reuniões e concentrações da Cruzada.⁹⁴⁹

Apesar de não ter havido tempo disponível para realizar tal comício, podemos ver que Edna Lott havia alcançado uma projeção política nacional no que referia às questões femininas. Isso é bem explicado por sua atuação em defesa da participação das mulheres nas lutas políticas nacionais, como já vimos em todos os capítulos anteriores, e dos direitos trabalhistas das mulheres. Nesse período final da IV República, Edna Lott atuou junto da Liga Feminina da Guanabara, como noticiou *O Semanário*.

Quarta-feira, dia 28 de maio, realizou-se na ABI, promovido pela Liga Feminina da Guanabara, um ato público em favor das reformas de base. A reunião, que foi presidida pela deputada Edna Lott, contou (com) a presença do Ministro Almino Afonso e de outras personalidades. Ficou acertada a constituição de uma Comissão Provisória do Movimento de Mobilização da Mulher na luta pelas reformas de base.⁹⁵⁰

Também atuando na questão do campo, Edna Lott esteve presente na II Conferência dos Lavradores da Guanabara, realizada nos dias 25 e 26 de maio de 1963, em que,

⁹⁴⁹ *Jornal do Brasil*, 29 de mar. 1964, p. 22.

⁹⁵⁰ *O Semanário*, 6-12 de jun. 1963, p. 8.

segundo o *Novos Rumos*, ficou decidido “a posição do homem do campo em relação à luta de todos os brasileiros, particularmente dos camponeses, por uma reforma agrária radical e imediata.”.⁹⁵¹ Nessa oportunidade, segundo o jornal do PCB, Edna Lott “ressaltou o papel da mulher camponesa na luta pelas reformas de base e sua projeção em todos os grandes movimentos de nosso povo.”.⁹⁵² A líder nacionalista, portanto, buscava mobilizar as mulheres do campo e da cidade em prol das Reformas de Base, de modo a assumirem um papel de protagonistas do processo nacional-reformista que ganhava corpo no país, naquele momento.

No âmbito dos direitos trabalhistas das mulheres, Edna Lott ficou marcada pela proposta de um projeto de lei que previa a aposentadoria com vencimentos integrais da mulher, funcionária pública, após 25 anos de carreira.⁹⁵³ O *Diário de Notícias*, no dia 18 de agosto de 1963, presta-nos enorme esclarecimento de como a parlamentar enxergava o seu projeto de lei. O jornal informava que: “A deputada Edna Lott prestou interessantes declarações à nossa reportagem sobre o projeto de lei de sua autoria que pretende dar à mulher – funcionária pública – aposentadoria aos 25 anos de trabalho.”.⁹⁵⁴ O *Diário de Notícias* informava, em seguida, que para Edna Lott: “Esta aposentadoria só existirá, se a mulher assim o requerer, tornando claro, que se desejar continuar seu trabalho poderá.”.⁹⁵⁵

Defendo este projeto, disse a deputada Edna Lott, porque a mulher geralmente além da competição pela vida fora do seu lar, quando regressa à casa, passando assim a ter um duplo trabalho. Como penso que a mulher tem grande responsabilidade na formação da família, e como esta é a célula *mater* do Estado, pretendo que defendendo a mulher e seus direitos, estou defendendo a família e conseqüentemente o Estado.⁹⁵⁶

⁹⁵¹ *Novos Rumos*, 7-13 de jun. 1963, p. 6.

⁹⁵² *Novos Rumos*, 7-13 de jun. 1963, p. 6.

⁹⁵³ *A Noite*, 17 de maio 1963, p. 2.

⁹⁵⁴ *Diário de Notícias*, 18 de ago. 1963, p. 2.

⁹⁵⁵ *Diário de Notícias*, 18 de ago. 1963, p. 2.

⁹⁵⁶ *Diário de Notícias*, 18 de ago. 1963, p. 2.

Um dos aspectos interessantes dessa declaração é a defesa de uma pauta de esquerda com um argumento de direita. A defesa do trabalho e da aposentadoria da mulher se justificavam pela defesa da família, questão tão cara às mulheres conservadoras que buscavam desestabilizar o governo de João Goulart. As mulheres da CAMDE, UCF, LIMDE, etc., como colocam Cordeiro e Simões, colocavam-se no debate público através da defesa de sua condição social de seres privados, principalmente na defesa da “família”.⁹⁵⁷ Edna Lott, disputando esse público, fazia a mesma defesa da mulher no espaço público pela sua importância no espaço privado, só que por um viés de esquerda.

Encampando esse projeto de lei, a União dos Servidores do Estado da Guanabara (USEG) instituiu um fórum de debates, “visando esclarecer o funcionalismo em relação aos seus direitos e deveres, bem como em relação aos problemas de interesse nacional e estadual”.⁹⁵⁸ A palestra de estreia seria proferida pela petebista, no dia 5 de setembro de 1963, às 18 horas, na sede da USEG, com o título “A mulher funcionária e sua aposentadoria aos 25 anos”.⁹⁵⁹ Nessa data, também seria criado o Departamento Feminino da USEG que se reuniria no dia 12 de setembro, no mesmo horário e local, “para discutir os termos do memorial de apoio ao projeto n.º 124/63, de autoria da deputada Edna Lott, concedendo aposentadoria aos 25 anos à mulher funcionária.”⁹⁶⁰

Importante ressaltar que, dentro da composição do Departamento Feminino da USEG, caberia à Edna Lott o posto de presidente de honra.⁹⁶¹ Como podemos perceber, depois de todo o exposto, Edna Lott gozava de grande prestígio político na esquerda, em geral, e entre as mulheres, em particular. Para nosso trabalho, no entanto, o mais importante é analisarmos a principal disputa de Edna Lott com as mulheres de direita;

⁹⁵⁷ CORDEIRO, J. M., op. cit., p 43, 51, 54-5, 104, 117, 123-4; SIMÕES, S. D., op. cit., p. 10-1, 27, 39, 52-3.

⁹⁵⁸ *A Luta Democrática*, 1º-2 de set. 1963, p. 3.

⁹⁵⁹ *A Luta Democrática*, 1º-2 de set. 1963, p. 3; *Diário de Notícias*, 3 de set. 1963, segunda seção, p. 7; *Diário de Notícias*, 4 de set. 1963, segunda seção, p. 6.

⁹⁶⁰ *A Luta Democrática*, 7 de set. 1963, p. 3.

⁹⁶¹ *A Luta Democrática*, 7 de set. 1963, p. 3; *Novos Rumos*, 13-19 de set. 1963, p. 2.

isto é, a percepção dessas mulheres conservadoras de que havia uma decadência dos valores tradicionais e a sensação, sentida igualmente por elas, de que o espaço da vida privada estava sob ameaça. Essas preocupações fizeram com que os temas morais fossem reforçados, mesmo que não houvesse, naquele momento, um movimento feminista ou de mulheres melhor organizado, no país, que justificasse tais preocupações.⁹⁶²

Segundo Maria Lygia Quartim de Moraes, “tanto os comitês quanto as Ligas Femininas, atuantes até 1964, tinham objetivos mais genéricos”⁹⁶³, principalmente aqueles relacionados à uma questão assistencial. Por isso, Quartim de Moraes afirma que: “Nesse sentido, eram grupos de mulheres atuando por objetivos de seus partidos ou organizações políticas do que propriamente pelos direitos das mulheres.”⁹⁶⁴ Mesmo ainda dependente das pautas partidárias, que, como já vimos, atrelava a participação feminina na política a pautas assistenciais ou festivas; a luta das mulheres obteve uma grande vitória, em 1962, com a elaboração do Estatuto da Mulher Casada. Uma grande conquista tendo em vista que a legislação brasileira, tradicionalmente, colocou a mulher como inepta e completamente dependente do marido.⁹⁶⁵

O Estatuto da Mulher Casada serviu, na avaliação de Simões, para corrigir essas “aberrações”, introduzindo “várias mudanças de relevância, porém não chegou a superar a situação de subalternidade em que a mulher brasileira vinha sendo colocada por nossos legisladores desde os tempos coloniais.”⁹⁶⁶ Mesmo que limitado, o Estatuto da Mulher Casada, assim como outras conquistas e mudanças de costumes da sociedade, era demasiado para as mulheres conservadoras, daquela época. De acordo com Quartim de

⁹⁶² Sobre o desenvolvimento das conquistas sociais e políticas das mulheres ver: QUARTIM DE MORAES, Maria Lygia. **Cidadania no feminino**. In: PINSKY, Jaime; BASSANEZI PINSKY, Carla (org.). *História da cidadania*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

⁹⁶³ QUARTIM DE MORAES, M. L., op. cit., p. 509.

⁹⁶⁴ Ibidem.

⁹⁶⁵ SIMÕES, S. D., op. cit., p. 16.

⁹⁶⁶ Ibidem.

Moraes: “Assustados com a ‘revolução dos jovens’, a minissaia, as pílulas anticoncepcionais e o fantasma do comunismo, os movimentos conservadores entraram em cena, ocupando as ruas para desestabilizar o governo do presidente João Goulart.”.⁹⁶⁷

Por todos esses fatores, as disputas em torno do Código Civil ganhariam grande relevo, naqueles primeiros anos da década de 1960. Embora essa questão ganhasse mais força, ela seria obstruída primeiro pelos movimentos de mulheres conservadoras e, depois, pela própria ditadura militar. Somente a partir da década de 1970, as mulheres conquistariam maior liberdade e autonomia frente ao poder masculino, principalmente com a promulgação da Lei do Divórcio, em 1977, que, como coloca Quartim de Moraes, “instituiu o fim da sociedade conjugal e a possibilidade de novo casamento, além de facilitar o reconhecimento dos filhos nascidos fora do casamento.”.⁹⁶⁸ A igualdade de direitos entre homens e mulheres apenas viria com a Constituição de 1988, que, segundo Quartim de Moraes, “finalmente igualou os direitos civis das mulheres aos dos homens, tanto na vida pública como na privada.”.⁹⁶⁹

Por esse motivo, embora limitado, o Estatuto da Mulher Casada foi a última grande conquista das mulheres, naquele final de IV República. Um dos exemplos dessas limitações, levantados por Simões, foi a permanência da dependência legal da mulher em relação ao homem. Por isso, após colocar que: “Devendo obediência ao homem/marido, sendo consideradas, até recentemente, pelas leis que ordenam a sociedade como ‘irresponsáveis’ juridicamente e, ainda hoje, como incapazes de compartilhar com o marido a chefia da família,” Simões perguntava “qual o espaço que as mulheres puderam encontrar na vida pública?”.⁹⁷⁰

⁹⁶⁷ QUARTIM DE MORAES, M. L., op. cit., p. 509.

⁹⁶⁸ QUARTIM DE MORAES, M. L., op. cit., p. 504.

⁹⁶⁹ Ibidem.

⁹⁷⁰ SIMÕES, S. D., op. cit., p. 16.

Como vimos nos capítulos anteriores, Edna Lott buscou não apenas responder a essa indagação, como também procurou, diuturnamente, romper essa barreira que vedava a participação das mulheres na vida pública. Essa luta por maior participação política se intensificou ainda mais com sua eleição parlamentar, em 1962. A participação feminina na política estava em alta. Em 12 de outubro de 1962, o *Última Hora* afirmava a expectativa de que três mulheres fossem eleitas: Adalgisa Néri, Edna Lott e Lígia Lessa Bastos.⁹⁷¹ Oito dias depois, o mesmo jornal afirmava que, embora a configuração parlamentar não tenha se alterado muito pelo grande número de reeleições, a oposição feminina passou a ser maioria.⁹⁷² Até então, “D. Sandra [Cavalcanti] e D. Lígia integravam a maioria contra somente D. Adalgisa; na próxima legislatura o escore será de 3 a 1 a favor da Oposição: D. Adalgisa, D. Edna Lott e D. Velinda da Fonseca versus D. Lígia Lessa Bastos.”⁹⁷³

As questões femininas, portanto, ganhariam maior importância tanto na Assembleia, quanto na imprensa. Um exemplo claro disso ocorreu, logo no início de janeiro de 1963, n’*O Jornal*. Fazendo um anagrama com a primeira letra dos nomes das parlamentares cariocas, o periódico publicava, em sua primeira página, a matéria: “V E
L A (cada letra escrita na vertical) na escuridão”.⁹⁷⁴ Segundo *O Jornal*:

É melhor acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão, diz o provérbio chinês. E nada mais certo do que esse exemplo de sabedoria milenar. Os eleitores da Guanabara têm agora também a sua, que poderá iluminar com força de lei. Formada por quatro mulheres:

V elinda da Fonseca
E dna Lott
L ígia Lessa Bastos
A dalgisa Néri

duas delas, reeleitas, sendo que uma pela terceira vez consecutiva; uma, vereadora no período 56-58 e outra, única estreante entre

⁹⁷¹ *Última Hora*, 12 de out. 1962, p. 5.

⁹⁷² *Última Hora*, 20 de out. 1962, p. 3.

⁹⁷³ *Última Hora*, 20 de out. 1962, p. 3.

⁹⁷⁴ *O Jornal*, 27 de jan. 1963, capa.

todas, para quem a política não é novidade, porém, pois fez a campanha presidencial de seu pai.⁹⁷⁵

Seguindo sempre a ordem do anagrama, *O Jornal* construiu sua matéria dispondo de falas das quatro deputadas sobre temas específicos. Na primeira citação, sobre esse jogo de palavras, Edna Lott falava que: “A palavra vela pode simbolizar a luz que foi acesa contra os preconceitos que cercam a entrada da mulher na política. Meu desejo é que se transformasse em farol para iluminar” – continuava a petebista – “o caminho da mulher na luta pela paz no mundo, pela proteção à criança, pela criação de escolas, pela proteção à gestante”.⁹⁷⁶ Na pergunta seguinte, sobre qual era o programa defendido pelas parlamentares, Edna Lott respondia que:

“Não sou feminista como aquelas iniciadoras do movimento, no século XVII. Sou feminista no bom sentido, querendo que a mulher se coloque ao lado do homem, em igualdade de posição, como companheira e não como sua serva. A mulher já provou que pode desempenhar brilhantemente as mais diversas funções e na Câmara, é preciso que haja igual oportunidade para nós, mulheres, defendermos as nossas irmãs.

Meus planos políticos baseiam-se no programa nacionalista, visando o benefício e o interesse de toda a população. Com meu trabalho na Câmara pretendo prestigiar e incentivar as organizações femininas que trabalham pela coletividade.”⁹⁷⁷

Antes dessa citação, *O Jornal* afirmava que “Edna Lott não encontrou dificuldades em sua campanha eleitoral pois o caminho já fora aberto por seu trabalho na Campanha Presidencial de seu pai, o marechal Lott.”⁹⁷⁸ E reforçava também os tradicionais papéis femininos desempenhados por Edna Lott, que: “É professora, viúva e mãe de quatro filhos menores, mas encontrou tempo para interessar-se pela política e espera poder colaborar e cooperar para a aprovação de tantos projetos necessários ao povo da Guanabara.”⁹⁷⁹

⁹⁷⁵ *O Jornal*, 27 de jan. 1963, capa.

⁹⁷⁶ *O Jornal*, 27 de jan. 1963, capa.

⁹⁷⁷ *O Jornal*, 27 de jan. 1963, capa.

⁹⁷⁸ *O Jornal*, 27 de jan. 1963, capa.

⁹⁷⁹ *O Jornal*, 27 de jan. 1963, capa.

Como podemos perceber, a petebista possuía uma atuação de vanguarda ao mesmo tempo em que mantinha, muitas vezes, um discurso mais tradicional; ou seja, lutava pela participação da mulher na política e no espaço público, mas não se entendia como feminista. Dizia-se, ao contrário, ser “feminista no bom sentido”, isto é, atuar politicamente mantendo a “feminilidade”. Como vimos no capítulo I, a grande preocupação dos diversos segmentos que dominavam a sociedade brasileira no início do século passado – juízes, padres, sanitaristas, etc. – era que a mulher perdesse a “essência feminina” ao começar a participar do espaço público, como, por exemplo, através do trabalho fora de casa.

Essa idealização da mulher, como também já vimos no capítulo I, seria reforçada nos anos 1950. Assim, logo após a publicação d’*O Jornal*, surgiria uma grande controvérsia na representação política feminina. O *Última Hora*, em 7 de fevereiro de 1963, publicava uma matéria sobre a desistência do cargo parlamentar de Ivete Vargas para se casar. Intitulada “Troca de Mandato por Casamento (Caso Ivete Vargas) é Polêmica”, o jornal noticiava que: “A declaração da Deputada Ivete Vargas, de que vai abandonar a política para ser feliz no casamento – marcado para abril – está suscitando polêmicas principalmente entre mulheres que desempenham ou já desempenharam um mandato.”⁹⁸⁰

O *Última Hora* buscou incrementar com vários depoimentos de mulheres que exerciam ou que já haviam exercido um mandato parlamentar. Para termos uma ideia do quão intrincada era essa questão, Adalgisa Néri, identificada pelo jornal como deputada socialista, concordava com Ivete Vargas. “A mulher – diz Adalgisa – deve dar preferência ao casamento e o real objetivo dela é a formação de sua família. Mas, no caso, acho que a Ivete tem também um compromisso com o eleitorado que a colocou na Câmara.”⁹⁸¹

⁹⁸⁰ *Última Hora*, 7 de fev. 1963, p. 3.

⁹⁸¹ *Última Hora*, 7 de fev. 1963, p. 3.

Adalgisa concluiria afirmando que: “No lugar dela, eu me casaria, cumpriria meu mandato e depois iria viver para meu marido”.⁹⁸²

Discordando de Adalgisa Néri e Ivete Vargas, Edna Lott, identificada pelo jornal como parlamentar e viúva, não via “incompatibilidade entre o exercício do mandato de deputado e o casamento, mas ressalta que a conciliação é meio difícil.”⁹⁸³ Interessante foi a forma que o *Última Hora* escolheu para retratar a posição de Edna Lott, fortemente contrária à escolha de Ivete Vargas. “O homem, em geral – destaca Edna Lott – só se conforma que sua mulher saia de casa para atividades que revertam em benefício e para o bem dele e de seus filhos, como ir às compras, levar as crianças à escola e outras saídas forçadas de uma dona-de-casa.”⁹⁸⁴ O jornal terminaria a parte da petebista dizendo que “D. Edna Lott esteve casada durante 16 anos e afirma que não tem tempo de pensar em novo casamento, porque dedicou-se à vida política com afinco.”⁹⁸⁵

Em uma época em que a felicidade da mulher ainda estava atrelada ao casamento e à maternidade, à dedicação aos afazeres domésticos, Edna Lott rechaçava, quase que completamente, os valores hegemônicos de qual seria “o lugar e a função” da mulher naquela sociedade. Esse posicionamento seria ainda mais evidenciado na entrevista concedida ao *A Noite*, do dia 22 de junho de 1963. Na capa, sob o título de “Mulheres que honram o Brasil”, o jornal informava que dava sequência “em sua série de entrevistas com brasileiras notáveis, atuantes nos mais variados setores da vida nacional”, trazendo, naquele dia, “a opinião da deputada Edna Lott a respeito da reforma do Código Civil, participação dos estudantes na política e outros itens de grande atualidade.”⁹⁸⁶

⁹⁸² *Última Hora*, 7 de fev. 1963, p. 3.

⁹⁸³ *Última Hora*, 7 de fev. 1963, p. 3.

⁹⁸⁴ *Última Hora*, 7 de fev. 1963, p. 3.

⁹⁸⁵ *Última Hora*, 7 de fev. 1963, p. 3.

⁹⁸⁶ *A Noite*, 22 de jun. 1963, capa.

Antes de apresentar as respostas, o jornal fez uma introdução favorável de Edna Lott, destacando sua militância nacionalista, pela emancipação do povo, sua relação com o Movimento Nacionalista Brasileiro e o PTB. Por tudo isso, *A Noite* justificava o porquê de Edna Lott ter sido entrevistada pelo jornal. “Sendo, portanto, uma brasileira consciente de suas responsabilidades, conhecendo profundamente os problemas referentes à mulher, a repórter fez algumas perguntas à ilustre deputada.”.⁹⁸⁷ Importante colocarmos que nos deteremos apenas na pergunta referente à condição da mulher na sociedade brasileira, daquele momento.

Na seção “A brasileira e o Código Civil”, o periódico afirmava que: “A deputada respondeu considerar uma grande mancha para a jurisprudência brasileira que, só agora, em pleno ano de 1963, se tenha cogitado de varrer do Código Civil dispositivos de nítido cunho medieval.”.⁹⁸⁸ Mesmo considerando atrasada, a reforma do Código Civil, dizia Edna Lott, “não poderia deixar de tratar da abolição de normas que, entre outras barbaridades, rebaixam a mulher à categoria de relativamente incapaz. Outro absurdo”, segundo a parlamentar, “é a consideração, para efeitos jurídicos, de que o homem é o representante necessário da família.”.⁹⁸⁹

Esquivando-se, novamente, de se dizer ou ser vista como “feminista”, a petebista colocava que: “Não cuido, nessa entrevista, de discutir se a família deve ser paternalista ou maternalista.”.⁹⁹⁰ Para a entrevistada:

O que importa é reconhecer objetivamente as características que apresenta a família do mundo moderno. A família é uma unidade na qual homem e mulher contribuem cada um com a sua parcela de obrigações. A própria dependência do conjuge feminino é hoje desmentida pela ajuda econômica efetiva que a mulher oferece ao lar. A abolição dessas normas, de correntes de

⁹⁸⁷ *A Noite*, 22 de jun. 1963, p. 3.

⁹⁸⁸ *A Noite*, 22 de jun. 1963, p. 3.

⁹⁸⁹ *A Noite*, 22 de jun. 1963, p. 3.

⁹⁹⁰ *A Noite*, 22 de jun. 1963, p. 3.

estruturas sociais já superadas, é um imperativo para que a mulher encontre o lugar que lhe é devido na sociedade.⁹⁹¹

Defendia, portanto, uma equiparação da mulher ao homem que só seria possível 25 anos depois. Interessante percebermos também essa ressalva em falar sobre o assunto sem parecer que o objetivo era se sobrepôr ao homem. O feminismo ainda não era bem visto na sociedade brasileira e apenas ganharia força a partir da década de 1970.⁹⁹² Como podemos perceber, mesmo que apresentando reivindicações que somente seriam conquistadas décadas depois, Edna Lott se mantinha em alguns marcos da sociedade tradicional. Ainda assim, buscava constantemente defender a igualdade entre ambos os sexos, em oportunidades as mais inusitadas como no seu artigo sobre a cosmonauta Valentina Tereshkova.

“O envio de mais um astronauta ao espaço já é fato corriqueiro no dia a dia científico. Mas quando este astronauta é do sexo feminino”⁹⁹³, argumentava Edna Lott, “a coisa muda de figura. Abrindo para a mulher os segredos do cosmos, Valentia, com sua proeza, ajudou em muito a superação de preconceitos que, em que pese o nosso século vinte, persiste ainda em não poucos setores ditos evoluídos.”⁹⁹⁴ A colunista d’*O Semanário* argumentava que: “O teste de Valentina tem o sentido de uma afirmação vitoriosa para todas as mulheres do mundo. A uma empresa que requeria ao máximo de concentração física e mental, respondeu Valentina com impressionante sangue frio, igualando-se”, exultava Edna Lott, “em tudo e por tudo ao seu companheiro de cosmos.”⁹⁹⁵

A líder nacionalista concluiria seu artigo colocando que:

Esperamos que nessa proeza se inspirem os juristas encarregados de reformulação do nosso Código Civil. A vigência de certos

⁹⁹¹ *A Noite*, 22 de jun. 1963, p. 3.

⁹⁹² QUARTIM DE MORAES, M. L., op. cit., p. 510-1.

⁹⁹³ *O Semanário*, 27 de jun.-3 de jul. 1963, p. 5.

⁹⁹⁴ *O Semanário*, 27 de jun.-3 de jul. 1963, p. 5.

⁹⁹⁵ *O Semanário*, 27 de jun.-3 de jul. 1963, p. 5.

dispositivos de nosso Código, de nítido ranço medieval, está a exigir uma revisão imediata. Numa época em que é fato indiscutível a integração feminina em todos os setores da atividade humana, não se podem compreender dispositivos como os que ainda vigem em nosso atual Código Civil.⁹⁹⁶

O entusiasmo de Edna Lott pela primeira viagem de uma astronauta ao espaço foi muito grande, tanto que esse foi o tema do primeiro discurso direcionado às mulheres na Assembleia Legislativa.⁹⁹⁷ Nessa fala, a parlamentar colocava que “as mulheres do mundo inteiro estão de parabéns com o feito da primeira cosmonauta que bate ainda o recorde de ser o mais jovem ser humano que subia aos espaços siderais.”⁹⁹⁸ “Isto vem provar”, ainda de acordo com a parlamentar, “que a mulher está-se integrando em todas as atividades, está participando de toda a técnica e todo o progresso que a humanidade vem adquirindo. Talvez, em consequência disso, tenhamos a paz que tanto almejamos, pois” – concluía Edna Lott – “a mulher dará à humanidade menos agressividade e mais compreensão humana.”⁹⁹⁹

Entretanto, não seriam numerosos os discursos de Edna Lott que abrangessem mais especificamente as pautas das mulheres. Contando as falas que se dedicavam a esse tema, nos sumários dos anais da Assembleia, encontramos 30 discursos: 4, em 1963¹⁰⁰⁰; 6, em

⁹⁹⁶ *O Semanário*, 27 de jun.-3 de jul. 1963, p. 5.

⁹⁹⁷ Sobre o voo da primeira cosmonauta (AL – anais – jun. – 1963 – vol. XXIII).

⁹⁹⁸ AL – anais – jun. – 1963 – vol. XXIII – p. 1.499.

⁹⁹⁹ AL – anais – jun. – 1963 – vol. XXIII – p. 1.499.

¹⁰⁰⁰ Sobre o voo da primeira cosmonauta (AL – anais – jun. – 1963 – vol. XXIII); Sobre a vitória de Ieda Vargas em concurso internacional e a “XIV Conferência Internacional das Organizações Familiares” (AL – anais – jul. 1963 – vol. XXIV) (contamos em separado esse último título); Sobre os falecimentos da esposa do deputado Cesário de Melo e do general Zenóbio da Costa (AL – anais – dez. – 1963 – vol. XXIX).

1964¹⁰⁰¹; 3, em 1965¹⁰⁰²; 8, em 1966¹⁰⁰³; 4, em 1967¹⁰⁰⁴; e 5, em 1968¹⁰⁰⁵. Importante lembrarmos novamente que os anais de 1969 foram condensados em um único volume, sendo cortadas todas as falas dos parlamentares. Também é importante colocarmos que excluímos da nossa contagem questões que abordassem as professoras e o magistério, assim como a crise do abastecimento do leite e outros alimentos de primeira necessidade. Sobre as professoras, reafirmamos que analisaremos essa questão mais à frente, em um momento mais oportuno. Quanto ao problema de abastecimento de alimentos e questões sobre feiras e mercados, preferimos não levarmos em consideração em nosso cálculo, embora saibamos que são temas tradicionalmente ligados às mulheres, principalmente em suas atribuições de dona-de-casa, tanto pela parte da esposa, quanto da mãe.

Como podemos perceber pelos títulos das falas, Edna Lott não possuía um foco específico em relação às mulheres, ou melhor, poderíamos dizer que a parlamentar

¹⁰⁰¹ Sobre homenagem à Miss Guanabara de 1964 (AL – anais – jul. – 1964 – vol. XXXIV); Sobre louvor a Ruy Guerra, Nelson Pessoa e Maria Esther Bueno (AL – anais – jul. – 1964 – vol. XXXIV); Sobre a contribuição da mulher nas eleições chilenas (AL – anais – set. – 1964 – vol. XXXVI); Sobre a funcionária da ALEG, Dona Lia Corrêa Dutra (AL – anais – set. – 1964 – vol. XXXVI); Sobre o concurso “A mais bela moça do IV Centenário” (AL – anais – out. – 1964 – vol. XXXVII); Sobre pesar pelo falecimento da poetisa Cecília Meireles (AL – anais – nov. – 1964 – vol. XXXVIII).

¹⁰⁰² Sobre o “Dia das Mães” (AL – anais – maio – 1965 – vol. XLII); Congratulando-se com o Sindicato dos Aeronautas pelo “O Dia da Aeromoça” (AL – anais – jun. – 1965 – vol. XLIII); Sobre a eleição de Miss Brasil, Senhorita Maria Raquel de Andrade (AL – anais – jul. – 1965 – vol. XLIV).

¹⁰⁰³ Sobre os seguintes assuntos: “Dia da Mãe” (AL – anais – maio – 1966 – vol. LII); Sobre a “Semana da Enfermeira” (AL – anais – maio – 1966 – vol. LII); Sobre: Eleição de “Miss Guanabara” (AL – anais – jun. – 1966 – vol. LIII); Sobre a visita da “Miss Guanabara” à Assembleia Legislativa (AL – anais – jun. – 1966 – vol. LIII); Sobre o falecimento da Diretora da Cruz Vermelha, Dona Irene Cotegibe Milanez (AL – anais – jun. – 1966 – vol. LIII); Em homenagem aos artistas Vicente Celestino e Gilda de Abreu (AL – anais – jun. – 1966 – vol. LIII); Sobre os seguintes assuntos: Voto de congratulações pelo dia das telefonistas (AL – anais – jul. – 1966 – vol. LIV); Sobre homenagens às aeromoças (AL – anais – jul. – 1966 – vol. LIV).

¹⁰⁰⁴ Sobre o aniversário do jornal “Última Hora” e a respeito da Penitenciária de Mulheres de Bangu (AL – anais – jul. – 1967 – vol. LXIV); Sobre os seguintes assuntos: [...] – trazendo reclamações das donas-de-casa contra a SUBAB (AL – anais – out. – 1967 – vol. LXVII); Sobre os seguintes assuntos: A respeito de terreno baldio situado na Rua Júlio do Carmo, trazendo reclamações dos moradores de Cavalcante e apresentando sugestões para aproveitamento da polícia feminina (AL – anais – nov.-dez. – 1967 – vol. LXVIII).

¹⁰⁰⁵ Sobre o falecimento da Sr^a. Darcy Vargas (AL – anais – jun.-jul. – 1968 – vol. LXXII); Sobre a Senhora Indira Gandhi (AL – anais – set. – 1968 – vol. LXXIV); Sobre a visita da Rainha da Inglaterra (AL – anais – nov.-dez. – 1968 – vol. LXXVI); Sobre o falecimento da Sra. Aldeir Paraguassu de Arruda Câmara e sobre o falecimento da Sra. Leonarda de Oliveira Farah (AL – anais – nov.-dez. – 1968 – vol. LXXVI) (contamos esse último como dois discursos separados).

buscava exaltar a participação da mulher em todas as áreas em que atuavam e, em especial, nas que se destacavam. É claro quando vemos que a trabalhista homenageou às ou discursou sobre mulheres que se destacavam pela beleza, como as Misses Guanabara; no esporte, como a estrela do tênis brasileiro e mundial, Maria Esther Bueno; na política, como Indira Gandhi e as mulheres na eleição do Chile. A princípio, questões muito diferentes ligadas apenas pelo fato de dar destaque à atuação de mulheres. Mesmo assim, esses discursos não seriam muito numerosos em comparação a outros temas mais abordados pela parlamentar.

Não precisamos conjecturar tanto sobre o porquê desse dado, uma vez que a própria parlamentar já havia respondido essa questão em uma entrevista à jornalista Thereza Cesário Alvim, publicada, em 9 de setembro de 1963, pelo *Última Hora*. Edna Lott foi a quarta entrevistada em uma série intitulada “Luta pela emancipação da mulher”. Respondendo à pergunta: “No seu trabalho, a senhora sente-se igualada aos homens? Eles a aceitam com uma igual?”.¹⁰⁰⁶ Edna afirmava que:

Aceitem-me ou não, é problema secundário. O fato é que sou igual: somos todos deputados, eleitos pelo povo, nas mesmas condições; temos os mesmos direitos e as mesmas obrigações. É verdade que, volta e meia, tentam limitar-me a assuntos de interesse exclusivamente femininos – ou feministas. Reajo contra, geralmente, porque meu eleitorado não se compõe só de mulheres; não vejo motivo, portanto, para trabalhar apenas por elas. Quando uma ocasião se apresenta para mim, de fazer alguma coisa de útil pelas mulheres, eu o faço com o maior prazer – como o faria pelos homens, em outro caso qualquer. Mas a maioria dos assuntos que estudo referem-se a cidadãos de ambos os sexos.¹⁰⁰⁷

Vemos que, embora a deputada tivesse uma posição forte pela emancipação feminina, seu mandato parlamentar não colocava essa questão como prioritária. A defesa de Edna Lott passava, portanto, por uma igualdade entre ambos os sexos, sem perder a “feminilidade” das mulheres. Podemos constatar isso em outra de suas respostas à

¹⁰⁰⁶ *Última Hora*, 9 de set. 1963, p. 3.

¹⁰⁰⁷ *Última Hora*, 9 de set. 1963, p. 3.

Thereza Cesário Alvim, que lhe perguntava: “Então a senhora considera a mulher capaz de exercer as mesmas funções que o homem, na vida profissional? Acha que as obrigações e os direitos devem ser os mesmos, para o sexo masculino e o feminino?”.¹⁰⁰⁸

Não vou a tanto. Acho que a mulher é intelectualmente igual ao homem. Fisicamente, não preciso dizer que os sexos são desiguais. E socialmente, em nosso País, suas condições também não são as mesmas. Considero impossível, por exemplo, a mulher casada ter uma vida política atuante e intensa. Ela não se pode dedicar, simultaneamente, a seu mandato e a seu marido – sobretudo se o marido for brasileiro e não for militar.¹⁰⁰⁹

A distinção do marido civil para o militar mostra bem o quanto Edna Lott também estava limitada por esses valores tradicionais. Segundo a parlamentar: “Os militares são, geralmente, maridos mais fáceis. Ajudam suas mulheres, na vida doméstica. Sabem pregar botões, arrumar camas, vestir crianças etc.”.¹⁰¹⁰ Isso se deve, de acordo com Edna Lott, porque os militares: “Costumam aprender tudo isso no início da sua carreira, quando são enviados para o interior do País, para lugares onde não há recursos nem empregadas domésticas.”.¹⁰¹¹ Terminando sua distinção entre os dois tipos de marido, Edna Lott afirmava que, apesar dessa facilidade, “a mulher do militar também não deve tentar a ‘aventura’ política.”.¹⁰¹²

Interessante percebermos como Edna Lott, atuando em um espaço supostamente restrito aos homens, mantinha em sua vida valores da família militar. Importante ressaltarmos, também, que a jornalista do *Última Hora* corroborou essa visão tradicionalista na introdução de sua matéria, que, narrando a sua ida à Assembleia Legislativa como se fosse uma aventura na selva, chamava atenção para o paradoxo da presença e atuação de Edna Lott naquele ambiente de muita gritaria. Thereza Cesário

¹⁰⁰⁸ *Última Hora*, 9 de set. 1963, p. 3.

¹⁰⁰⁹ *Última Hora*, 9 de set. 1963, p. 3.

¹⁰¹⁰ *Última Hora*, 9 de set. 1963, p. 3.

¹⁰¹¹ *Última Hora*, 9 de set. 1963, p. 3.

¹⁰¹² *Última Hora*, 9 de set. 1963, p. 3.

Alvim escrevia que: “Segundo me disseram, é tradição da Casa discursar-se aos berros. Não posso imaginar a Deputada Edna Lott respeitando esta tradição. Suave, elegante, discreta e, ao mesmo tempo, viva nas suas respostas e atitudes, ela”, afirmava a jornalista, “mais parece ligada às tradições das grandes famílias brasileiras.”¹⁰¹³

Apesar dessa forte ligação com os valores da família tradicional e militar, Edna Lott também já havia “transgredido” muito além dos limites desses dois modelos familiares. Depois de ser a principal articuladora na campanha presidencial de seu pai, em 1960, e de continuar atuando politicamente no ano de 1961, a campanha parlamentar de 1962 e sua sucessiva eleição lançaram-na a ocupar, definitivamente, o espaço público. Se até 1961, Edna Lott participava da política, em grande medida, por ser filha do ex-ministro da Guerra, a partir do ano de 1963 em diante, Edna Lott passaria a ter uma raia política própria, uma trajetória própria em que disporia de espaço na tribuna da Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara e de uma coluna no principal jornal nacionalista de esquerda, daquele momento, para colocar e defender suas ideias.

5. Frentes parlamentares e fissuras no PTB da Guanabara

Ao longo desse capítulo IV, vimos que a ascensão de Edna Lott no cenário político da IV República se deu por sua atuação pessoal, contando com vários e novos espaços para atuar politicamente, como a ALEG e a sua coluna no jornal *O Semanário*. No entanto, essa não seria a única razão para o seu crescimento na esfera pública. Se, até abril de 1964, Edna Lott conquistou maior projeção por sua própria atuação política, a partir do golpe, a petebista disporia de maior espaço político devido às cassações de outros correligionários de sua agremiação. A cassação desses deputados petebistas, que dominavam a sigla na Guanabara, produziu um novo espaço a ser ocupado pelos trabalhistas remanescentes. Entretanto, é importante notarmos que o partido, pelo menos

¹⁰¹³ *Última Hora*, 9 de set. 1963, p. 3.

na Guanabara, já se encontrava em dissolução devido às disputas internas entre seus parlamentares mais agraciados e menos agraciados pelo governo federal.

Uma das formas de romper com essas limitações, dentro do próprio partido, era através da formação de frentes parlamentares. Naquele final de IV República, a fragilidade ideológica e programática dos partidos se aproximava do seu ápice, propiciando a formação de muitas frentes nas diferentes Casas Legislativas.¹⁰¹⁴ Na Guanabara, não foi diferente. Logo no início daquela nova legislatura, em maio de 1963, formou-se na Assembleia a Frente Parlamentar Nacionalista do Estado da Guanabara (FPNG).¹⁰¹⁵ Essa frente era composta, inicialmente, pelos deputados: Saldanha Coelho (PTB), José Talarico (PTB), José Dutra (PTB), Frederico Trota (PTB), Frota Aguiar (UDN), João Massena (PSD), Ubaldo de Oliveira (PSD), Adalgisa Néri (PSB), Sinval Palmeira (PSD), José Salim (PSD), Gérson Berger (PTN), Horácio Franco (PTB), Luís Correia (PTB), Edna Lott (PTB), Gama Lima (PDC), Jamil Haddad (PSB) e Rubem Macedo (PTB).¹⁰¹⁶

A formação de frentes parlamentares, além do evidente objetivo de gerar maiorias nas Casas Legislativas, também possuía uma busca por maior autonomia dos parlamentares de seus partidos de origem.¹⁰¹⁷ De um modo geral, os partidos da IV República apresentavam grandes problemas de rigidez hierárquica, impedindo, frequentemente, a formação de novas lideranças e uma atuação política mais independente de seus filiados.¹⁰¹⁸ Esse era o caso de Saldanha Coelho, líder do seu partido na ALEG e apoiado pelo PTB nacional e estadual, que encontrava dificuldades em

¹⁰¹⁴ DELGADO, L. A. N., *PTB: do Getulismo ao Reformismo*, p. 181-4; HIPOLITO, L., op. cit., p. 73-87; BENEVIDES, M. V., op. cit., p. 171-7.

¹⁰¹⁵ *Diário Carioca*, 4 de maio 1963, p. 5; *Jornal do Commercio*, 4 de maio 1963, p. 4; *Correio da Manhã*, 4 de maio 1963, p. 4; *Tribuna da Imprensa*, 4-5 de maio 1963, p. 5.

¹⁰¹⁶ *Diário Carioca*, 4 de maio 1963, p. 5; PICALUGA, I. F., op. cit., p. 202-3.

¹⁰¹⁷ DELGADO, L. A. N., *Partidos políticos e frentes parlamentares*, p. 149.

¹⁰¹⁸ LIMA JÚNIOR, O. B., op. cit., p. 40, 58-60.

comandar a bancada petebista, naquele início de legislatura. Mesmo assim, Saldanha Coelho compôs a FPNG. Isso era importante porque, como noticiava o *Tribuna da Imprensa*, os organizadores da Frente pretendiam contar, “até o fim deste mês, com a participação de 28 deputados.”¹⁰¹⁹

Em uma Assembleia Legislativa composta por 55 cadeiras¹⁰²⁰, 28 deputados representariam 50,9 % do total de parlamentares. A criação dessa Frente, que comportava políticos do PTB, PSB, PSD, PDC e, inclusive, da UDN, colocava-se como uma força poderosa que poderia beneficiar as pretensões do presidente João Goulart e estorvar, sobremaneira, as do governador Carlos Lacerda. Nesse sentido, a FPNG teve duas atuações fundamentais para o nosso trabalho: (1) pressionar e desestabilizar o governo de Lacerda, principalmente nas questões das contas públicas, e (2) pressionar e desestabilizar ministros de Jango, demandando deles cargos públicos.

A desestabilização do governo de Lacerda, por parte do PTB, possuía a vantagem de contar não apenas com essa grande bancada, mas por ter conseguido eleger Elói Dutra como vice-governador da Guanabara, naquele ano de 1962. Se Lacerda era forte no seu Estado, tão forte quanto, ou talvez até mais, havia se tornado o PTB na Guanabara. No dia 16 de julho de 1963, o *Correio da Manhã* publicava uma matéria em que Danilo Nunes, líder da bancada udenista na ALEG, manifestava “a certeza de que o bloco da oposição, com ajuda do governo federal, tudo fará para desmoralizar o governo do sr. Carlos Lacerda, com base no relatório do Tribunal de Contas, relativo à prestação de contas do exercício de 1962.”¹⁰²¹

Segundo o jornal, a certeza era motivada por uma comunicação, recebida por Danilo Nunes de uma fonte udenista, “de que o presidente João Goulart, no seu último contato

¹⁰¹⁹ *Tribuna da Imprensa*, 4-5 de maio 1963, p. 5.

¹⁰²⁰ PICALUGA, I. F., op. cit., p. 202.

¹⁰²¹ *Correio da Manhã*, 16 de jul. 1963, p. 2.

com os líderes do PTB, havia manifestado ponto de vista contrário a qualquer manobra para impedir o ‘impeachment’ do sr. Carlos Lacerda, mas daria” – prosseguia a matéria – “todo o apoio à ação política da oposição na Assembleia quanto às contas do governo estadual”.¹⁰²² Para confirmar essa informação, o *Correio da Manhã* colocava que “o presidente da República, segundo a deputada Edna Lott (PTB), está convencido de que o sr. Carlos Lacerda sofrerá ‘brutal desgaste político com o exame das verbas aplicadas em 1962’.”.¹⁰²³

Seguindo essa estratégia, os ataques de Edna Lott às contas do governo Lacerda aconteciam, principalmente, em sua coluna n’*O Semanário*. Na Assembleia, como já abordamos, Edna Lott focava seus ataques à truculência da polícia de Carlos Lacerda. Em uma de suas publicações, a petebista abordava: “O caso de compra geradores pelo governo da Guanabara tem servido para atestar a irresponsabilidade e o descaso administrativo a que está entregue o nosso Estado.”.¹⁰²⁴ E continuava a parlamentar, afirmando que:

Ninguém entende ninguém. Os porta-vozes do governo, ante as incisivas denúncias feitas na tribuna da Assembleia, pela oposição, se enredam num intrincado de contradições aturcidos e pilhados numa negociata, como nunca se viu em nosso país. Vejamos como se sairá agora o Senhor Governador para provar a “alta conveniência” da compra, sem concorrência pública, dos geradores.¹⁰²⁵

Esse seria um dos dez artigos, escritos por Edna Lott, que buscavam atacar a administração e as contas públicas do governo Carlos Lacerda.¹⁰²⁶ O governador da Guanabara, por sua vez, defendia-se através do seu jornal. Em uma dessas defesas, no dia

¹⁰²² *Correio da Manhã*, 16 de jul. 1963, p. 2.

¹⁰²³ *Correio da Manhã*, 16 de jul. 1963, p. 2.

¹⁰²⁴ *O Semanário*, 27 de jun. – 3 de jul. 1963, p. 5.

¹⁰²⁵ *O Semanário*, 27 de jun. – 3 de jul. 1963, p. 5.

¹⁰²⁶ Os outros nove são os que se seguem: *O Semanário*, 4-10 de jul. 1963, p. 5; *O Semanário*, 25-31 de jul. 1963, p. 5; *O Semanário*, 7-13 de nov. 1963, p. 5; *O Semanário*, 19-25 de dez. 1963, p. 5; *O Semanário*, 26 de dez. 1963-2 de jan. 1964, p. 5; *O Semanário*, 9-16 de jan. 1964, p. 5; *O Semanário*, 16-22 de jan. 1964, p. 5; *O Semanário*, 6-9 de fev. 1964, p. 5; *O Semanário*, 19 de mar.-1º de abr. 1964, p. 5.

5 de novembro de 1963, o *Tribuna da Imprensa* publicou uma longa matéria argumentando que o movimento pela reprovação das contas públicas de Lacerda era uma manobra do governo federal, via Assembleia Legislativa da Guanabara, para arranhar a candidatura CL-65.¹⁰²⁷ Tal como Juscelino Kubitschek sonhava com JK-65, Carlos Lacerda também possuía planos para se lançar candidato à presidência da República, em 1965. Os ataques promovidos pelos parlamentares petebistas na ALEG, portanto, possuíam esse claro objetivo de desgastar o governador da Guanabara na opinião pública em seu Estado, debilitando sua sonhada candidatura na eleição presidencial seguinte.

Apesar disso, a busca por enfraquecer Lacerda não era a única função da FPNG. A Frente Parlamentar Nacionalista da Guanabara também serviu, inicialmente, para desestabilizar e pressionar os ministros de Jango, que o presidente intencionava enfraquecer ou destituir indiretamente. Em meados de abril de 1963, o líder petebista Saldanha Coelho anunciava o rompimento da bancada trabalhista guanabarina com o ministro do Trabalho, Almino Afonso.¹⁰²⁸ Segundo o *Tribuna da Imprensa*, Saldanha Coelho “não está senão cumprindo determinações do Presidente João Goulart, no sentido de enfraquece-lo (Almino Afonso), para mais à vontade exonera-lo do cargo”.¹⁰²⁹

Ainda de acordo com jornal, temendo que essa manobra favorecesse o ministro do Trabalho e prejudicasse a sua posição, Saldanha Coelho articulou “um novo golpe, qual seja de estender aos demais ministros do sr. João Goulart a mesma campanha: luta por cargos nos seus ministérios. Esta manobra nada mais representa, entretanto – segundo observadores – do que a abertura de frente legal”, dizia o jornal, “para disfarçar os verdadeiros intentos que levaram a seção carioca do PTB a exigir a cabeça do titular do Trabalho.”¹⁰³⁰

¹⁰²⁷ *Tribuna da Imprensa*, 5 de nov. 1963, p. 12.

¹⁰²⁸ *Tribuna da Imprensa*, 19 de abr. 1963, p. 3.

¹⁰²⁹ *Tribuna da Imprensa*, 19 de abr. 1963, p. 3.

¹⁰³⁰ *Tribuna da Imprensa*, 19 de abr. 1963, p. 3.

O que parecia, a princípio, uma boa estratégia, acabou se voltando contra seus atores. Não conseguindo controlar os parlamentares petebistas e da FPNG, Saldanha Coelho não apenas viu seus planos fracassarem, como também pôde observar a rebelião trabalhista contra a sua liderança na ALEG. O primeiro ataque contra Almino Afonso já apresentaria rachas nos parlamentares trabalhistas, tendo Edna Lott se posicionado ao lado do grupo que apoiou o ministro do Trabalho.¹⁰³¹ Não conseguindo construir um consenso em torno de sua posição, Saldanha Coelho viu o gradual racha do PTB na Assembleia da Guanabara. Desse cisma, surgiria um bloco parlamentar, autointitulado como “dissidência”, formado pelos deputados: Geraldo Moreira, Edna Lott, Velinda da Fonseca, Horácio Franco, Frederico Trotta, Sinval Sampaio, Pedro Fernandes, José Dutra, Ib Teixeira.¹⁰³²

O grupo “dissidente do PTB”, de acordo com a reportagem do *Correio da Manhã*, no dia 14 de agosto de 1963, “decidiu, ainda, não mais obedecer a qualquer determinação da Comissão Executiva do PTB da Guanabara e, também, às determinações políticas oriundas de Brasília, o que significa” – segundo a definição do jornal – “desobediência às determinações do próprio presidente João Goulart, criando, desse modo, sérios problemas para o partido na Guanabara, especialmente em relação à política da União para com o sr. Carlos Lacerda.”.¹⁰³³ O *Correio da Manhã* afirmava ainda, na mesma matéria, que, segundo uma outra fonte petebista, “o grupo dissidente está, neste momento, fazendo exatamente o jogo político do governador da Guanabara, procurando dividir o partido, colocando-o em posição equívoca perante a opinião pública.”.¹⁰³⁴

¹⁰³¹ *Tribuna da Imprensa*, 19 de abr. 1963, p. 3.

¹⁰³² *Última Hora*, 13 de ago. 1963, p. 5; *Correio da Manhã*, 13 de ago. 1963, p. 6; *Correio da Manhã*, 14 de ago. 1963, p. 2; *Jornal do Brasil*, 14 de ago. 1962, p. 3; *Jornal do Brasil*, 17 de ago. 1963, p. 5. Essa querela continuou pelos meses seguintes, até a queda de João Goulart.

¹⁰³³ *Correio da Manhã*, 14 de ago. 1963, p. 2.

¹⁰³⁴ *Correio da Manhã*, 14 de ago. 1963, p. 2.

A rebelião desses parlamentares petebistas, entre eles Edna Lott, era pelo fato de João Goulart não conceder cargos, principalmente nos Institutos de Previdência Social, a suas indicações; preferindo o presidente nomear os indicados de seus adversários políticos.¹⁰³⁵ João Goulart, seguindo os ensinamentos de Getúlio Vargas, buscou, ao longo de todo o seu governo, conciliar e produzir consenso com seus opositores oferecendo-lhes cargos na máquina estatal.¹⁰³⁶ Essa estratégia acabava produzindo o duplo efeito de, por um lado, afastar aliados, muitos do próprio PTB, que se viam preteridos frente aos seus adversários políticos e, por outro, não conseguir atrair o apoio dos setores oposicionistas ao governo João Goulart.

Essa dinâmica ainda conseguia insuflar as rixas entre partidos e no próprio partido, uma vez que parlamentares petebistas, que combatiam fortemente seus adversários políticos nos Estados, acabavam não sendo tão agraciados quanto seus adversários ou de outros membros do próprio PTB, que recebiam maiores benesses de João Goulart. Esse foi um dos motivos para a intensificação do racha do PTB na Guanabara. Seguindo rigidamente a estratégia do PTB para Guanabara, minando o governador Lacerda na Assembleia Legislativa, esses parlamentares petebistas se revoltariam por seu esforço não ser melhor recompensado pelo presidente da República. A maneira conciliadora de conduzir o governo por um petebista, que já havia apresentado sinais de inviabilidade no segundo governo de Getúlio Vargas, mostrar-se-ia fracassada do início ao fim, desagradando tanto aliados, quanto opositores, o que acabou levando o governo de João Goulart ao isolamento e, sucessivamente, ao colapso.¹⁰³⁷

¹⁰³⁵ *Jornal do Brasil*, 17 de ago. 1963, p. 5.

¹⁰³⁶ DELGADO, L. A. N., *PTB: do Getulismo ao Reformismo*, p. 242-56.

¹⁰³⁷ FERREIRA, J., *O governo Goulart e o golpe...*, p. 362 e ss.

Alvo das manobras udenistas para enfraquecer o PTB na Guanabara,¹⁰³⁸ que soube se aproveitar do racha petebista no Estado, a dissidência trabalhista conseguiria escapar as cassações desencadeadas com o golpe de Estado, em abril de 1964. Se por um lado, a falta de espaço no governo federal ressentia esses petebistas da Guanabara, por outro lado, esse alijamento, promovido por João Goulart, permitiu uma certa proteção contra as cassações da ditadura militar. Expulsos da ALEG os petebistas mais vinculados ao governo federal, logo após o golpe, permaneceriam na Assembleia aqueles deputados menos ligados a João Goulart e seu grupo político. Dessa maneira, Edna Lott encontrou, logo no início do segundo ano de mandato, um terreno maior para a expansão do seu mandato parlamentar, naquela derradeira sobrevida dos partidos da IV República.

¹⁰³⁸ Por exemplo: *Jornal do Brasil*, 11 de jan. 1964, p. 8; *Jornal do Brasil*, 5 de fev. 1964, p. 1 e 4; *Jornal do Brasil*, 4 de mar. 1964, p. 4.

Cap. V
Reinventando-se após o golpe de Estado
(1964-69)

Neste quinto capítulo, analisaremos a atuação política de Edna Lott após o golpe de Estado, em abril de 1964. Recém implementada, a ditadura civil-militar tratou de banir seus principais opositores, inviabilizando, sobremaneira, a linha de atuação de Edna Lott junto aos diferentes grupos de esquerda do pré-64. Por essa razão, a parlamentar se afastou, gradualmente, das pautas defendidas pela petebista até então, principalmente dos militares e das mulheres (seção 1). No entanto, a repressão não foi um processo instantâneo, intensificando-se conforme se desenrolavam as disputas e os atores políticos naquele momento. Por esse motivo, foi possível que candidatos, não alinhados à ditadura, pudessem concorrer aos diferentes governos estaduais, como quase foi o caso de Lott.

Nesse momento, veremos como Edna Lott buscou preservar a sua autonomia política diante da figura política de seu pai e seu maior empenho na candidatura de Negrão de Lima, candidato do PTB (seção 2). O revés eleitoral da ditadura fez com que Castelo Branco extinguisse os partidos da IV República, em 1965, impondo um sistema bipartidário (seção 2). Criados a Aliança Libertadora Nacional (ARENA) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), Edna Lott, junto a maioria dos petebistas que conseguiu escapar das cassações, filiou-se ao MDB (seção 3). Nesse período de 1966 a 1969, Edna Lott se aproximou de Chagas Freitas, tornando-se um dos principais nomes do ascendente chaguismo até a sua cassação, em 1969 (seção 3).

1. Desdobramentos do golpe civil-militar: distanciando-se politicamente dos militares e das mulheres

Embora as esquerdas da época estivessem muito otimistas com o processo político que se desenvolvia, acreditando, inclusive, que seriam capazes de resistir a uma nova tentativa golpista; o desenrolar das articulações para a derrubada de João Goulart aconteceriam de maneira mais fácil do que todos os atores envolvidos imaginavam, inclusive, os próprios conspiradores. O governo não conseguiu sequer expressar um sentimento ou uma mensagem de resistência à marcha iniciada pelo general Olympio Mourão Filho, comandante da 4ª Região Militar, sediada em Juiz de Fora, que ocupava uma posição bastante marginal na conspiração.¹⁰³⁹ A falta de reação ao desafio lançado por Mourão traria consequências drásticas para as forças políticas que ocupavam o Executivo Federal naquele momento, consequências essas que só iriam crescer com o desenvolvimento do novo regime.¹⁰⁴⁰

Logo nos dias seguintes ao golpe, mais precisamente entre 10 e 13 de abril, os líderes militares, do novo regime instaurado, decretavam os primeiros “Atos da Revolução”: 45 mandatos cassados, 162 suspensões de direitos políticos por 10 anos e transferência de 146 militares para a reserva.¹⁰⁴¹ Esse era apenas o começo. O novo regime recrudesceria gradualmente conforme avançasse e que teve como principal alvo os próprios militares. Como aponta o historiador Cláudio Beserra de Vasconcelos, “dos 222 atingidos pelos três primeiros atos do Comando Supremo da Revolução, 128 (57,66%) eram militares.”¹⁰⁴² Número esse que só cresceria no período 1964-1970, ainda segundo Beserra, contabilizando “um total de 1.487 militares punidos, sendo: 53 oficiais

¹⁰³⁹ AARÃO REIS, D., *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*, p. 43-6.

¹⁰⁴⁰ Sobre a gradual intensificação da repressão aos adversários dos vitoriosos de 1964, antes do golpe, ver: FICO, Carlos. **Como eles agiam**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

¹⁰⁴¹ FICO, C., *Como eles agiam*, p. 22.

¹⁰⁴² VASCONCELOS, C. B., op. cit., p. 91.

generais, 274 oficiais superiores, 111 oficiais intermediários, 113 oficiais subalternos e 936 entre sargentos, suboficiais, cabos, marinheiros, soldados e taifeiros.”¹⁰⁴³

Nessa leva se encontravam principalmente os militares nacionalistas - em especial para nosso trabalho o coronel Kardec Lemme - que disputavam com a direita militar os postos de comando das Forças Armadas e da diretoria do Clube Militar, ao longo da IV República.¹⁰⁴⁴ Esse desdobramento do golpe de 1964 repercutiria, sem dúvidas, na atuação política de Edna Lott, que se articulava, principalmente, com setores militares. Como já veremos, apesar de sua intensa atividade política com esses setores militares, curiosamente a petebista demoraria a ser cassada pelo novo regime. Ao longo do período de 1964 a 1969, ano em que foi finalmente cassada, o nome de Edna Lott circularia algumas vezes entre os boatos das novas listas de cassações.¹⁰⁴⁵

A despreocupação do regime quanto à Edna Lott impressiona pela atuação política da parlamentar, junto aos militares e às mulheres, nos anos que precederam o golpe de Estado. Por isso, abordaremos, a seguir, o decréscimo da intensa articulação política da deputada carioca com esses dois grupos, os militares e as mulheres. A partir do golpe, com inviabilização da atuação dos militares de esquerda e das mulheres ligadas a ideias e práticas mais progressistas, Edna Lott mudaria gradativamente sua linha de atuação política, dirigindo-se e se aproximando de outras pautas do Estado da Guanabara.

O golpe de Estado, evidentemente, diminuiu muito as possibilidades de Edna Lott atuar politicamente junto aos oficiais e subalternos das Forças Armadas. Mesmo assim, o momento imediato ao golpe ainda possibilitou margens para que Edna Lott pudesse falar em nome ou defender as Forças Armadas. Em um discurso lido na ALEG, em abril de

¹⁰⁴³ *Ibidem*.

¹⁰⁴⁴ VASCONCELOS, C. B., *op. cit.*, p. 92-118.

¹⁰⁴⁵ *Diário Carioca*, 28 de abr. 1964, capa; *Diário Carioca*, 9 de maio 1964, p. 3; *Jornal do Brasil*, 4 de nov. 1966, p. 3; *Jornal do Brasil*, 27 de nov. 1966, p. 10.

1964¹⁰⁴⁶, a petebista, iniciando dizendo que “venho cumprir um dever democrático, imperativo de minha consciência, um dever cristão ordenado por minha formação religiosa, um dever humano porque me repugna a maldade, a vingança, a falta de nobreza.”, fazia crítica contundente ao novo regime recém implementado, fala que merece ser inteiramente transcrita.¹⁰⁴⁷

Todos nós conhecemos a violência, o desrespeito aos direitos humanos, aos postulados democráticos e as violações à nossa Carta Magna.

São inesquecíveis os debates honestos de todos os membros desta Casa contra aqueles que praticaram injustiças, arbitrariedades, perseguições e esqueciam aquele velho ditado: “quer conhecer o vilão? Ponha-lhe a vara na mão...”

No entanto, meus nobres colegas: que estamos vendo nós?

A pretexto de salvar-se um regime, que se dizia ameaçado e com o alto e nobre intuito de proteger-se a Constituição e todas as suas franquias, foi deposto um Presidente da República, acusado de fomentar o desrespeito ao regime democrático e de ter intenções totalitárias.

Mas o que se vê depois de afastadas as ameaças?

A prisão indiscriminada de todos os que não pensam com os vitoriosos de hoje, militares e civis que vêm sendo recolhidos aos cárceres apenas por acusações gratuitas, por desafeições pessoais, são o exemplo mais lamentável de que faltava sinceridade a muitos dos tais paladinos das liberdades democráticas.

É doloroso, mas é preciso dizer-se que a angústia, a inquietação, o medo, já se vão apossando de todos, mesmo daqueles que se rejubilaram com os últimos acontecimentos porque se lembram das ameaças constantes, das dúvidas atroz de todos os dias assim marcados dos regimes ditatoriais.

No entanto, falava-se muito e sempre em democracia e cristianismo!

Faço por isso um apelo aos responsáveis pela situação presente, que não esqueçam Cristo e as convicções democráticas de cada um. Que não olvidem a Pátria comum e que não se esqueçam de que somos todos brasileiros.¹⁰⁴⁸

¹⁰⁴⁶ Sobre prisão de militares (AL – anais – abr. – 1964 – vol. XXXI).

¹⁰⁴⁷ AL – anais – abr. – 1964 – vol. XXXI, p. 737.

¹⁰⁴⁸ AL – anais – abr. – 1964 – vol. XXXI, p. 737.

Edna Lott terminaria seu discurso dizendo que: “Neste momento já se encontram presos: Oficiais e praças em holocausto a essa democracia ‘sui generis’” e seguia arrolando seus nomes: ten. cel. Marcelo Pires Cerveira, comandante do PgCMM; cel. Roberto Riedel Osório de Pina, professor do Colégio Militar; ten. cel. José Piepee da Silva Filha, diretor do Plano de Carvão; gen. R. M. Newton Lisboa Lemos, diretor do Plano de Carvão; ten. cel. Gema Joaquim Inácio Cardoso, D. Blindada; ten. cel. Kardec Lemme, D.G.P.; ten. cel. T. Hernane do Amaral; major Queiroz, do Forte Rio Branco; ten. cel. João Evangelista, chefe da PN do Estado do Rio de Janeiro; major Joaquim Pires Ceveira; capitão Jonas; capitão Nogueira; capitão Osmar Cunha, ajudante de ordens do gen. Cunha Mello; capitão Ivan Cavalcanti Proença, do R.C.G; brigadeiro Francisco Teixeira, comandante da 3ª Zona Aérea; general Zerbine, de São Paulo; gen. Moraes, de São Paulo; tenente Loureiro, da D.G.P.; “e mais 200 oficiais e 300 sargentos, além de marinheiros e fuzileiros.”¹⁰⁴⁹

Nos meses seguintes ao golpe de Estado, Edna Lott continuou defendendo os sargentos, imbróglia que perdeu muito de sua tensão pela aprovação da elegibilidade dos sargentos e da inauguração da sede do Clube de Suboficiais e Sargentos.¹⁰⁵⁰ Como o regime ainda não havia se fechado completamente, ainda era possível confrontar os militares na Assembleia. Esse foi o caso do coronel Fontenelle, então diretor do Serviço de Trânsito do Estado da Guanabara, que foi alvo de muitas críticas da parlamentar petebista ao longo de 1964 e início de 1965.¹⁰⁵¹ No entanto, como já colocamos, os temas

¹⁰⁴⁹ AL – anais – abr. – 1964 – vol. XXXI, p. 737.

¹⁰⁵⁰ Sobre louvor pela Mensagem do Presidente da República favorável ao voto do analfabeto e elegibilidade das praças de pré (AL – anais – jun. – 1964 – vol. XXXIII); Sobre louvor pela aprovação do voto do analfabeto e elegibilidade dos sargentos (AL – anais – jul. – 1964 – vol. XXXIV); Sobre a inauguração da sede do Clube de Suboficiais e Sargentos (AL – anais – ago. – 1964 – vol. XXXV).

¹⁰⁵¹ Sobre as arbitrariedades que estaria praticando o coronel Fontenele (AL – anais – jul. – 1964 – vol. XXXIV); Sobre a atuação do coronel Fontenele (AL – anais – jul. – 1964 – vol. XXXIV); Sobre publicação do “Diário de Notícias” de que o coronel Fontenele esteja exorbitando (AL – anais – jul. – 1964 – vol. XXXIV); Sobre provocações do coronel Fontenele à ALEG (AL – anais – ago. – 1964 – vol. XXXV); Sobre a portaria do coronel Fontenele mandando rebocar os carros quando ocorra desastre, antes que chegue a perícia

militares de Edna Lott passariam, conforme o regime militar avançasse, a se tornarem menos politizados e mais comemorativos, como homenagens ao dia do soldado e de celebrações da Batalha do Riachuelo.

Mesmo assim, Edna Lott ainda abordaria, na Assembleia, questões, no mínimo, desconfortáveis para as Forças Armadas, como a morte do sargento Manoel Raimundo Soares, o famoso “caso das mãos amarradas” - primeiro grande escândalo de violência promovido pela ditadura -, em Porto Alegre; uma homenagem ao general Manuel Cavalcanti Proença, desafeto dos militares que subiram ao poder em 1964 e cujo filho, capitão Ivan Cavalcanti Proença, estava preso pelo regime; e relativos à II Guerra Mundial, como o dia da vitória, o fim do conflito e homenagens ao marechal Mascarenhas de Moraes.¹⁰⁵²

Apesar de ter amainado seus discursos em prol dos militares, assim como de outras articulações políticas, Edna Lott não seria cassada de imediato pelo novo regime. Talvez pelo fato de ser filha do marechal Lott ou de ter muitas ligações na caserna, além dos militares de esquerda, possa ter poupado a petebista das primeiras cassações parlamentares. Também é possível considerarmos que pelo fato de ser mulher, os militares, que chegaram ao poder em 1964, não confeririam maiores importâncias ou não viram maiores riscos na atuação feminina nas diferentes Assembleias Legislativas estaduais. Talvez, por essa razão, a cassação do mandato de Edna Lott tenha acontecido somente em 1969, quando a ditadura se fecharia de vez para a sociedade civil.

(AL – anais – set. – 1964 – vol. XXXVI); Sobre modificações do trânsito induzidos pelo coronel Fontenele (AL – anais – maio – 1965 – vol. XLII).

¹⁰⁵² Sobre a notícia veiculada pelo “Correio da Manhã” a respeito da morte do ex-sargento Manoel Raimundo Soares, em Porto Alegre (AL – anais – set. – 1966 – vol. LVI); Sobre homenagem ao general Manoel Cavalcanti Proença, dando o nome do grande professor a um dos ginásios do Estado (AL – anais – dez. – 1966 – vol. LIX); Registrando o 22º aniversário do Dia da Vitória (AL – anais – maio – 1967 – vol. LXII); Sobre o término da Guerra em 1945 (AL – anais – maio – 1968 – vol. LXXI); Sobre o marechal Mascarenhas de Moraes (AL – anais – set. – 1968 – vol. LXXIV).

Após o golpe de Estado, as mulheres desses grupos conservadores se dedicaram, de acordo com Cordeiro, a duas ações distintas: (1) “primeiramente, colaborar para a institucionalização do regime, levando o seu apoio a determinadas medidas do governo que possuíam esta finalidade.”¹⁰⁵³; (2) “O outro tipo de ação é, na verdade, um desdobramento dessa primeira e, basicamente, consistia em se colocar em *posição de vigilância* pela continuidade da *ação revolucionária*.” (grifos da autora).¹⁰⁵⁴ As mulheres, então, foram essenciais na legitimação e sustentação do novo regime político, exigindo, inclusive, perseguições de todo tipo (prisões, cassações, demissões, etc.) e de todos os setores da esquerda (socialistas, comunistas, populistas, nacional-reformistas, nacionalistas, etc.).¹⁰⁵⁵

A demanda por essas medidas se estendia ao magistério, como nos mostra Simões ao tratar da CAMDE que, entre outras pressões políticas, “também pedia aos diretores de colégios que demitissem os ‘professores comunistas’ e comunicassem às autoridades competentes por que o faziam.”¹⁰⁵⁶ Dentro desse quadro, era de se esperar que Edna Lott sofresse alguma represália por sua atuação nacionalista, nacional-reformista ou mesmo por ser uma mulher de esquerda. Cordeiro nos esclarece essa disputa política em torno do feminino afirmando que, “se essa segunda *vaga feminista* assumia como palavra de ordem ‘*o privado é político*’, num sentido inverso as mulheres da Camde privatizavam o político e viam com desprezo a militância de mulheres pela esquerda.” (grifos da autora).¹⁰⁵⁷

Nessa citação talvez encontremos a resposta para o fato de Edna Lott não ter sido alvo da sanha das mulheres conservadoras. Como já vimos, a parlamentar não se dizia feminista e possuía, em muitos momentos, discursos bem tradicionalistas. Importante

¹⁰⁵³ CORDEIRO, J. M., op. cit., p. 71.

¹⁰⁵⁴ CORDEIRO, J. M., op. cit., p. 71-2.

¹⁰⁵⁵ CORDEIRO, J. M., op. cit., p. 73 e 80-1; SIMÕES, S. D., op. cit., p. 119-22.

¹⁰⁵⁶ SIMÕES, S. D., op. cit., p. 127.

¹⁰⁵⁷ CORDEIRO, J. M., op. cit., p. 126.

notarmos também, como nos aponta Cordeiro, que a ditadura, entendida como “democracia” e como vitória contra o “comunismo”, tinha como objetivo principal, para essas mulheres, “defender *valores*, mais que instituições, supostamente ameaçados.” (grifo da autor).¹⁰⁵⁸ Poderíamos resumir essa questão, citando Cordeiro, em que a historiadora afirma que se tratava

da noção de *crise moral*, vivida não apenas pelo Brasil, mas pelas nações ocidentais em geral e presente tanto no discurso militar como no dos grupos conservadores da sociedade. Esta crise era decorrente ao mesmo tempo do processo de modernização acelerada e da “ameaça comunista” que, então, rondava o Ocidente. Em suma, tratava-se de um crise do mundo capitalista.¹⁰⁵⁹ (grifo da autora)

Edna Lott pôde provavelmente passar ilesa por essa onda persecutória por se enquadrar, de certa forma, no perfil feminino hegemônico, uma vez que ela também se afirmava enquanto dona-de-casa, mãe, viúva de militar, e não somente militante nacionalista. Entretanto, não apenas essa conformação da parlamentar ao perfil feminino tradicional poupou-a das mais diversas punições. A proximidade e intimidade de Edna Lott com as Forças Armadas e o fato de ser filha de um marechal, ex-ministro da Guerra e candidato à presidência da República, também devem ter pesado consideravelmente na preservação dos direitos políticos da petebista.

Entretanto, o golpe de Estado e todas as medidas que o sucederam trataram de marginalizar o marechal Lott e tudo aquilo que ele representava. Em algumas oportunidades, especificamente no período em que Lott era cogitado como o possível candidato do PTB ao governo da Guanabara, em 1965, Edna Lott veio à tribuna da Assembleia defender o nome e as atitudes de seu pai.¹⁰⁶⁰ O sobrenome era tão complicado

¹⁰⁵⁸ CORDEIRO, J. M., op. cit., p. 123.

¹⁰⁵⁹ CORDEIRO, J. M., op. cit., p. 127.

¹⁰⁶⁰ Sobre a entrevista do Marechal Lott ao “Correio da Manhã” (AL – anais – maio – 1965 – vol. XLII); Respondendo às críticas feitas ao Marechal Teixeira Lott (AL – anais – jun. – 1965 – vol. XLIII); Sobre a candidatura do Marechal Lott (AL – anais – ago. – 1965 – vol. XLV); Sobre os auxiliares escolhidos pelo Senhor Marechal Lott, quando Ministro da Guerra (AL – anais – ago. – 1965 – vol. XLV).

que, há poucos dias de desfechado o golpe de Estado, Edna Lott também veio à tribuna da Assembleia defender o seu irmão, Lauro Lott, oficial da Aeronáutica, das acusações do *Diário de Notícias* de que Lauro pretendia sequestrar o então governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto.¹⁰⁶¹ Tendo sido um dos pilotos a escoltar o avião que levou João Goulart de Brasília ao Rio Grande do Sul, o *Diário de Notícias* publicou, no dia 7 de abril de 1964, notícia afirmando que “o major Lott e seu séquito pretendiam o sequestro do governador Magalhães Pinto e do general Guedes.”¹⁰⁶²

Em sua fala na ALEG, Edna Lott admoestava o *Diário de Notícias* dizendo que: “O jornal tem uma tradição, mas ela deve ser mantida e nada melhor para manter a tradição do jornal do que, na hora presente, em que há denúncias falsas, em que há perseguições, serem verificadas todas as notícias antes de publicá-las.”¹⁰⁶³ No dia seguinte a essa publicação, 8 de abril de 1964, o mesmo *Diário de Notícias* veio desmentir as afirmações de que o major Lott estava envolvido nesse suposto sequestro.¹⁰⁶⁴ Também nesse mesmo dia, o ministério da Aeronáutica igualmente desmentia que houvesse qualquer plano de sequestrar o governador Magalhães Pinto.¹⁰⁶⁵ De qualquer forma, podemos perceber que Lott, seus familiares e outros militares que o cercavam, encontravam-se agora em grande incerteza após desfechado o golpe de Estado de 1964.

¹⁰⁶¹ Sobre a publicação do “Diário de Notícias” de prisão do major Lott (AL – anais – abr. – 1964 – vol. XXXI).

¹⁰⁶² *Diário de Notícias*, 7 de abr. 1964, p. 7.

¹⁰⁶³ AL – anais – abr. – 1964 – vol. XXXI. p. 755.

¹⁰⁶⁴ *Diário de Notícias*, 8 de abr. 1964, p. 2.

¹⁰⁶⁵ *Correio da Manhã*, 8 de abr. 1964, capa.

2. Brechas e compressões do governo Castelo Branco: a candidatura Lott ao governo da Guanabara, em 1965, a CPI do PC e a extinção dos partidos políticos da IV República

Aderindo à conspiração há poucos dias de sua concretização, Castelo Branco se tornou um peculiar primeiro mandatário do novo regime político, instaurado em abril de 1964. Empossado como o primeiro ditador-presidente, segundo Carlos Fico: “Sempre que podia, Castelo tentava distinguir-se dos radicais, afirmando que a ‘Revolução’ não poderia entregar-se a ‘uma ação desvairada’.”¹⁰⁶⁶ Passado o prazo de prisões, cassações, demissões, etc. estabelecido pelo primeiro Ato Institucional, em vigor até junho de 1964, o novo regime entraria em uma suposta “normalidade”.

Essa sensação era possibilitada pela garantia de Castelo Branco de que as eleições para os governos estaduais seriam realizadas, normalmente, em 1965. A disputa eleitoral, um ano após o golpe de Estado, alimentava as esperanças da oposição de poder responder à ditadura nas urnas. Na esteira dessa expectativa, iniciou-se, na Guanabara, uma articulação febril pela escolha de um candidato capaz de enfrentar os militares tanto no nível estadual, quanto no nacional; surgindo, como primeiras opções, os nomes de Hélio de Almeida, ex-ministro da Viação de João Goulart no período de julho de 1962 a junho de 1963, e do marechal Lott.¹⁰⁶⁷

Segundo Carloni, “diante das possibilidades de eleições os partidos de oposição no estado da Guanabara identificaram no marechal uma força capaz de reunir militares e civis democráticos. [...] O ex-ministro da Guerra”, continua a autora, “simbolizava novamente a possibilidade de união entre civis e militares nacionalistas defensores da democracia que acreditavam ser possível o enfrentamento do Regime Militar através do

¹⁰⁶⁶ FICO, C., *Como eles agiam*, p. 38.

¹⁰⁶⁷ *Jornal do Brasil*, 9 de out. 1964, p. 13.

embate político.”.¹⁰⁶⁸ Ainda segundo a historiadora, “o ex-ministro da Guerra representava naquele momento a esperança de setores que ainda apostavam no retorno da democracia e na luta política para o seu restabelecimento.”.¹⁰⁶⁹ No entanto, a definição de Lott como candidato petebista ao governo da Guanabara não seria fácil.

No dia 14 de abril de 1965, o colunista Fabiano Villanova, do *Diário Carioca*, publicava um texto afirmando que a campanha de Hélio de Almeida, o outro nome aventado pela oposição ao governo da Guanabara, só crescia diante de seus rivais. Em relação a Lott, Villanova afirmava que “embora se sentisse honrado com o convite formulado pelo sr. Lutero Vargas para concorrer à sucessão do sr. Carlos Lacerda”, tendo, inclusive, seu nome ratificado nos bastidores petebistas, o ex-ministro da Guerra “não aceitou a sugestão manifestando sua vontade de ficar afastado da política.”.¹⁰⁷⁰ Ainda segundo o colunista do *Diário Carioca*, “pessoas que lhes são ligadas afirmam que o marechal nunca admitiria concorrer como candidato a candidato, só se dispondo a aceitar o lançamento de seu nome, se esse fosse feito diretamente.”.¹⁰⁷¹

Essa situação, junto a instabilidade do governo Castelo Branco, manteria indefinida a escolha do candidato da oposição ao governo da Guanabara. Indefinida também, até mesmo dúvida, seria a posição de Edna Lott em relação à possibilidade de seu pai vir a ser o futuro candidato ao governo do Estado. Se, em 1960, Edna Lott havia sido a campeã da campanha presidencial de Lott; em 1965, a líder nacionalista não manteria o mesmo entusiasmo apresentado cinco anos antes. Ainda nesse texto de Villanova, na subseção “Bastidores”, o colunista do *Diário Carioca* afirmava que: “A deputada Edna Lott

¹⁰⁶⁸ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 282.

¹⁰⁶⁹ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 283.

¹⁰⁷⁰ *Diário Carioca*, 14 de abr. 1965, p. 5.

¹⁰⁷¹ *Diário Carioca*, 14 de abr. 1965, p. 5.

desmentiu veementemente que seu pai, o marechal Henrique Teixeira Lott, pretenda se candidatar ao governo da Guanabara. ‘O velho está afastado da política’ – acentuou.”.¹⁰⁷²

Essa era uma posição que vinha desde o ano anterior. Na matéria do *Jornal do Brasil*, “Edna não crê que seu pai se candidate”, publicada em 9 de outubro de 1964, o periódico afirmava que: “A Deputada Edna Lott declarou ontem que em hipótese alguma o seu pai, Marechal Lott, aceitará o lançamento de sua candidatura ao Governo da Guanabara, que, segundo se comenta nos meios políticos, estaria sendo articulada dentro do PTB pelo Sr. Lutero Vargas.”.¹⁰⁷³ Em seguida, o *JB* citava uma das falas da parlamentar para ilustrar a posição defendida por Edna Lott.

- O meu pai – explicou a Deputada Edna Lott – considera a sua experiência política definitivamente encerrada. Mesmo sob o argumento de que poderia prestar um serviço ao País, estou certa de que ele não aceitaria retornar à política. Foi candidato à Presidência da República fazendo um esforço extraordinário em benefício do País e o resultado foi o aparecimento de um Jânio qualquer.¹⁰⁷⁴

Nessa reportagem, o *Jornal do Brasil* parecia empenhado em mostrar que o marechal não seria candidato, de nenhuma forma, através das palavras de sua filha. “A Deputada Edna Lott esclareceu ainda que seu pai se encontra recolhido a seu sítio em Teresópolis, de onde não pretende sair para servir a qualquer corrente política.”.¹⁰⁷⁵ O periódico terminaria essa matéria citando duas falas de Edna Lott.

- Meu pai – disse – sempre foi um soldado e é como soldado, embora aposentado, que ele pretende continuar a viver.

- Na minha casa – finalizou a Deputada Edna Lott -, de todos, o único que tem paciência para aturar a política sou eu. Pode escrever o que estou dizendo: meu pai não é nem será candidato de coisa alguma, a não ser candidato à uma vida tranquila.¹⁰⁷⁶

¹⁰⁷² *Diário Carioca*, 14 de abr. 1965, p. 5.

¹⁰⁷³ *Jornal do Brasil*, 9 de out. 1964, p. 13.

¹⁰⁷⁴ *Jornal do Brasil*, 9 de out. 1964, p. 13.

¹⁰⁷⁵ *Jornal do Brasil*, 9 de out. 1964, p. 13.

¹⁰⁷⁶ *Jornal do Brasil*, 9 de out. 1964, p. 13.

Como podemos ver, essa era uma posição de Edna Lott desde os primeiros momentos em que se começou a especular quem seria o candidato da oposição na Guanabara. No entanto, a partir de maio de 1965, a petebista começaria a mudar de posição. Na matéria “PTB sobe a serra para ver Lott”, publicada pelo *Diário Carioca* no dia 8 de maio de 1965, o jornal noticiava que: “O PTB da Guanabara irá hoje a Teresópolis levado pela deputada Edna Lott para fazer um último apelo ao marechal Teixeira Lott, no sentido de que aceite a candidatura ao Governo da Guanabara, para unir os partidos oposicionistas na campanha.”.¹⁰⁷⁷ Ainda segundo esse periódico: “O PTB está buscando uma forma de escapar da solução Negrão de Lima, que não é visto com bons olhos pelo sr. Lutero Vargas. O sr. Hélio de Almeida, embora forte no partido, não vem sendo considerado capaz de unir todas as forças da oposição a Lacerda”.¹⁰⁷⁸

Também, de acordo com o *Diário Carioca*, “a candidatura Doutel de Andrade, apesar do apoio que lhe dá a bancada federal petebista, tem o inconveniente de levar ao extremo a luta política na Guanabara, com o perigo de dificuldades militares. Se não for possível a solução Lott, a próxima tentativa será Gilberto Marinho.”.¹⁰⁷⁹ Como podemos perceber, a possibilidade de disputar as eleições ao governo da Guanabara, em 1965, nem assim tornava tarefa fácil a escolha de um candidato. Eram muitos os impedimentos, proporcionados pelos militares que deram o golpe, assim como eram muitas as contradições internas no PTB guanabarino. Além da preocupação com a idade avançada do seu pai, podemos entender a reticência de Edna Lott quanto à candidatura do marechal como uma incerteza da parlamentar nos desdobramentos políticos recentes. Edna Lott não era mais a filha de um candidato, uma novata na política.

¹⁰⁷⁷ *Diário Carioca*, 8 de maio 1965, p. 4.

¹⁰⁷⁸ *Diário Carioca*, 8 de maio 1965, p. 4.

¹⁰⁷⁹ *Diário Carioca*, 8 de maio 1965, p. 4.

Em 1965, Edna Lott já era reconhecida como líder do Movimento Nacionalista Brasileiro, exercia um mandato parlamentar pelo PTB e possuía, até março de 1964, uma coluna n’*O Semanário*. Edna Lott, portanto, tinha muito mais em jogo e muito mais recursos, nesse momento, do que na campanha presidencial de Lott. Suas posições políticas não poderiam mais ser definidas por uma atitude meramente passional em relação a um candidato, mesmo que esse fosse seu próprio pai. Por isso vemos uma tímida adesão da parlamentar à possível candidatura de Lott ao governo da Guanabara. Assim, vemos na coluna “Ponto e contraponto”, dos jornalistas Isa Motta e Maurício Lacerda Filho, publicado no *Diário Carioca*, o singelo: “Conselho da sra. Edna Lott aos seus amigos do PTB: ‘Insistam que papai acaba aceitando!’”.¹⁰⁸⁰

Nitidamente vemos a discrepância entre a Edna Lott de 1960, que via em Lott o único homem capaz de presidir o país, para a de 1965, que dizia para seus companheiros insistirem que ele “acaba aceitando”. Sua posição e situação na política, especificamente no interior do PTB, estavam em jogo. A petebista, portanto, não poderia se descuidar por puro apego familiar. Assim vemos, logo no final de maio de 1965, Edna Lott declarar apoio à candidatura Hélio de Almeida.¹⁰⁸¹ Segundo o *Diário Carioca*, a parlamentar teria argumentado, em uma reunião do PTB carioca, que: “Tomei essa atitude – explicou – porque o ex-Ministro da Viação é um comprovado administrador, jovem, capaz, dinâmico de um autêntico trabalhista’.”¹⁰⁸² Ainda de acordo com esse periódico, Edna Lott teria concluído sua declaração dizendo que:

“A Guanabara exige à frente do Poder Executivo, para uma boa administração, um homem não só de capacidade política, como, também, de grande capacidade física. Há outros nomes de alto gabarito, como o do senador Gilberto Marinho. Julgo preferível o do sr. Hélio de Almeida, porque se trata de um trabalhista, nome do PTB, firme defensor das liberdades democráticas, imune às pressões espúrias e homem público de reputação ilibada, apesar

¹⁰⁸⁰ *Diário Carioca*, 13 de maio 1965, p. 3.

¹⁰⁸¹ *Jornal do Brasil*, 22 de maio 1965, p. 5; *Última Hora*, 26 de maio 1965, p. 3.

¹⁰⁸² *Diário Carioca*, 26 de maio 1965, p. 5.

das calúnias que assacam contra ele os inveterados detratores da honra alheia”.¹⁰⁸³

Vemos aqui que tanto as condições físicas de seu pai, em avançada idade, e das relações políticas da oposição, em geral, e do PTB, em particular, influenciavam na posição que Edna Lott tomava naquele pleito de 1965. No entanto, a candidatura de Hélio de Almeida não iria muito longe, sendo cassado pelo regime militar. Por essa razão, o nome do marechal Lott voltou a ganhar força dentro do PTB, que não se cansava de suas recusas. A disputa da convenção, que antes era entre Hélio de Almeida e Lott, passou a ser protagonizada por Negrão de Lima e Lott,¹⁰⁸⁴ dois nomes que causavam grandes consternações no regime militar recém instaurado. Vendo aumentarem as chances de Lott ser o candidato ao governo da Guanabara pelo PTB, e também de vencer essa eleição, os militares de 1964 começaram a apresentar maiores preocupações quanto ao pleito de 1965.

Embora o ministro da Justiça, Milton Campos, desconversasse as preocupações do governo quanto à candidatura Lott, setores mais à direita das Forças Armadas, autoproclamados de “duros”, declaravam publicamente todo o seu repúdio ao ex-ministro da Guerra.¹⁰⁸⁵ No dia 5 de agosto de 1965, o *Diário Carioca* informava, em uma grande matéria sobre o tema, que: “A reação militar à candidatura Lott, no entanto, explodiu no dia de ontem, através de uma visível movimentação, enquanto o Coronel Costa Cavalcanti, intérprete habitual da chamada ‘linha dura’, foi muito claro”.¹⁰⁸⁶ De acordo com o *Diário Carioca*, o coronel Costa Cavalcanti teria afirmado que: “A candidatura Lott é uma provocação perigosa”. Revelou depois de se avistar com o Presidente da República, no Palácio do Planalto, que ‘a Revolução tem recebido muitas provocações e

¹⁰⁸³ *Diário Carioca*, 26 de maio 1965, p. 5.

¹⁰⁸⁴ *Diário Carioca*, 3 de ago. 1965, p. 5.

¹⁰⁸⁵ *Diário Carioca*, 5 de ago. 1965, p. 5.

¹⁰⁸⁶ *Diário Carioca*, 5 de ago. 1965, p. 5.

vencido todas. Essa é a maior até agora, mas também será vencida’.”.¹⁰⁸⁷ O coronel Costa Cavalcanti terminaria sua fala, segundo o jornal, de maneira categórica dizendo que: “Se continuar assim, creio que o povo não terá oportunidade de votar em 1965’.”.¹⁰⁸⁸

Nessa matéria, o *Diário Carioca* esquadrinharia toda a movimentação militar para debater e impedir a candidatura Lott ao governo da Guanabara. Nomeada de “Castello convoca”, subseção dessa matéria, o *Diário Carioca* apontaria a posição de vários grupos ou de militares de alto escalão e comando naquele momento. Segundo o periódico: “A convocação dos ministros militares, logo que foi conhecida, provocou uma onda de rumores alarmistas nos círculos políticos, falando-se com insistência que da reunião resultariam decisões radicais, como o veto à candidatura do ex-Ministro da Guerra e adiamento das eleições.”.¹⁰⁸⁹ Uma possível vitória de Lott na Guanabara, portanto, representaria uma dura derrota a um regime que acabara de ser instaurado e buscava meios para se legitimar na sociedade.

O *Diário Carioca* ainda terminaria essa matéria tratando do temor do PSD com a candidatura e sucessiva vitória, caso ocorresse, de Lott na Guanabara. De acordo com esse periódico, um “importante líder pessedista no Senado declarava que ‘Lott, uma vez eleito, será instrumento da contra-Revolução, pois, apesar de ser homem honesto, facilmente se deixará cercar pelos esquerdistas radicais, através de sua própria filha, Deputada Edna Lott’.”.¹⁰⁹⁰ Aqui temos outro motivo para que Edna Lott não se engajasse tão intensamente na possível candidatura de seu pai. Como vimos na seção anterior, Lott não gozava mais da mesma legitimidade que antes do golpe, respingando essa perda de poder político e simbólico em parentes e correligionários. A reserva quanto à candidatura

¹⁰⁸⁷ *Diário Carioca*, 5 de ago. 1965, p. 5.

¹⁰⁸⁸ *Diário Carioca*, 5 de ago. 1965, p. 5.

¹⁰⁸⁹ *Diário Carioca*, 5 de ago. 1965, p. 5.

¹⁰⁹⁰ *Diário Carioca*, 5 de ago. 1965, p. 5.

de seu pai poderia ser uma cautela quanto às possíveis medidas tomadas pela direita militar.

Mesmo assim, Edna Lott passaria a ser alvo dos maiores ataques para minar a candidatura Lott, desferidas principalmente pelo *Diário de Notícias*. Na esteira da crise militar estourada em 4 de agosto de 1965, o *Diário de Notícias* publicava na parte superior de sua primeira página, em caixa alta e sublinhada, no dia 6 de agosto, a notícia “Revolução vê marechal Lott como provocação”. Esse título de capa era seguido por outro, em letras garrafais, maiores que as do título acima, e negrito, de “Castelo revida hoje ao desafio do PTB”. Um pouco mais embaixo dessas duas chamadas, no lado esquerdo da primeira página, o *Diário de Notícias* aumentava ainda mais a carga ao dar destaque a uma fala direcionada ao governador Carlos Lacerda, na Assembleia Legislativa.¹⁰⁹¹

Falando sobre a importância que Lacerda conferia à polícia, de modo geral, o *Diário de Notícias* deu ênfase ao ponto em que mencionava o Departamento de Polícia e Ordem Social (DOPS), através da chamada: “Edna ataca o DOPS, é bom para os lacerdistas”. Na segunda página, aprofundando a chamada da primeira página, o periódico dava destaque com letras garrafais, na seção “Assembleia Legislativa”, ao ataque de Edna Lott ao DOPS: “Edna no ataque: DOPS tortura os antilacerdistas”. Segundo o periódico: “A sra. Edna Lott (PTB) acusou, ontem, o governador do Estado de ‘só dar atenção à polícia política’, frisando que a população carioca está quase impedida de sair à noite, tal a ameaça dos assaltantes, e citou que ‘o DOPS tortura as pessoas, desde que não sejam lacerdistas’.”¹⁰⁹²

Evidentemente que essa reportagem tinha como objetivo incompatibilizar, ainda mais, os adeptos do esquema repressivo instaurado pela ditadura com a campanha do

¹⁰⁹¹ *Diário de Notícias*, 6 de ago. 1965, capa.

¹⁰⁹² *Diário de Notícias*, 6 de ago. 1965, p. 2.

marechal Lott e, além disso, desestabilizar a deputada e filha do candidato, Edna Lott. O ataque do *Diário de Notícias* parece ter surtido efeito, pelo menos segundo o próprio periódico. No dia seguinte, 7 de agosto, o jornal publicava, em letras miúdas também na seção “Assembleia Legislativa”, que: “A senhora Edna Lott (PTB) procurou o ‘DN’ para esclarecer informações do ‘Periscópio’*, e frisar que foi contra a candidatura do marechal Lott, como filha, apenas o fazendo para ‘acatar a opinião do povo e a Convenção do partido; que apoiou”, continuava o jornal, “o sr. Negrão de Lima até o final, quando o partido decidiu o contrário; que foi a última a saber da candidatura Lott; que o general Amaury Krueel não fez nenhuma visita ao marechal; e, finalmente, que o marechal não disse, em momento algum, que não compareceria a Convenção para ser homologado.”.¹⁰⁹³

Ainda na seção “Assembleia Legislativa”, no subtítulo “Gama vê ‘perigo’”, o *Diário de Notícias* escrevia que Edna Lott, “referindo-se às declarações do governador do Estado sobre o marechal Lott”, feitas à TV-Rio, “disse ‘suas palavras expressam o que todos os trabalhadores sentem: um candidato autêntico, que não tendo sido atingido pelo Ato Institucional, nem pela Lei das Inelegibilidades, não poderia ser afastado de um pleito democrático’.”.¹⁰⁹⁴ Mesmo aparentando que Edna Lott queria chegar a um armistício com o *Diário de Notícias*, segundo o próprio DN, nem por isso o jornal lhe daria tréguas. Na página seguinte da edição do mesmo dia do periódico, o *Diário de Notícias* continuava pressionando Edna Lott em sua coluna “Pomono Politis Informa”, no quadro “Visita a obras”.

* Nome de uma das colunas do *Diário de Notícias*.

¹⁰⁹³ *Diário de Notícias*, 7 de ago. 1965, p. 2.

¹⁰⁹⁴ *Diário de Notícias*, 7 de ago. 1965, p. 2.

Na última nota desse quadro, nomeada de “qousque tandem?” – algo como “até quando?” em latim -, o jornal apresentava um texto atacando violentamente a candidatura Lott.

Infelizmente, a doçura e a tolerância brasileiras permitiram, no momento do descuido, que ressurgissem os fantasmas de um passado que, embora recente, acreditávamos já enterrado. As nações, como os indivíduos, têm seu rebotalho, têm a sua parte inferior e primitiva. No entanto, as forças positivas devem reprimi-las. É o caso da recente provocação subversiva da eleição do marechal Lott. Naquele tumultuado conclave, durante o qual até a urna foi roubada, evidenciou-se, claramente, que a corja do desgoverno passado está à espreita para estrangular a democracia.¹⁰⁹⁵

Após detratar a candidatura Lott, a nota do *Diário de Notícias* partiria para outro ataque virulento, dessa vez contra Edna Lott. “É contristador ler declarações da sra. Edna Lott, que representa a mais vil e tendenciosa forma de oposição a tudo de fecundo, de nobre e progressista que a Revolução já alcançou.”¹⁰⁹⁶ A nota ainda terminaria perguntando “qousque tandem abutere patienta nostra?”, que poderíamos traduzir como “até quando abusará da nossa paciência?”.

A crise militar surgida a partir da candidatura Lott continuaria ainda por um tempo, exigindo que Edna Lott continuasse na defesa de seu pai na Assembleia Legislativa; como na resposta dada ao deputado Nina Ribeiro (UDN-GB), que havia afirmado na ALEG, segundo o *Diário Carioca*, que: “Devemos discutir de saída, o que se entende por oposição ao Governo e oposição ao regime. Oposição ao Governo é legítima e deve ser preservada, sendo de essência mesmo de qualquer sistema representativo ou democrático. A oposição ao regime, não, esta é intolerável.”¹⁰⁹⁷ O *Diário de Notícias*, por sua vez, informava que, em seu discurso, Nina Ribeiro dissera que a “candidatura Lott possui um indisfarçável cunho subversivo que pode ser demonstrado, entre outros exemplos, por um

¹⁰⁹⁵ *Diário de Notícias*, 7 de ago. 1965, p. 3.

¹⁰⁹⁶ *Diário de Notícias*, 7 de ago. 1965, p. 3.

¹⁰⁹⁷ *Diário Carioca*, 11 de ago. 1965, p. 5.

conjunto de atitudes, de ações e de omissões, que visaram a beneficiar muitos nomes hoje cassados pelo Ato Institucional e”, continuava Nina Ribeiro, “declarados por isso mesmo, incompatíveis com o estado de coisas resultante da Revolução de 31 de março.”¹⁰⁹⁸

Segundo o *Diário Carioca*, Edna Lott não conseguiria apartear o deputado Nina Ribeiro, após seus vitupérios, naquele momento. No entanto, a parlamentar conseguiria se recompor de modo a responder o udenista, com longas falas, na Assembleia Legislativa. Em uma delas, novamente o *Diário de Notícias* repercutia, dessa vez de maneira, aparentemente, positiva. Em 14 de agosto de 1965, na seção “Assembleia Legislativa”, a chamada, em caixa alta e negrito, dizia: “Edna: meu pai nomeou Castelo Branco”. De acordo com esse periódico: “A sra. Edna Lott, respondendo às críticas feitas pelo sr. Nina Ribeiro ao marechal Lott, afirmou, ontem, que realmente o então ministro da Guerra promovera vários militares que foram atingidos pelo Ato Institucional, mas ‘meu pai’, o jornal passava a citar diretamente a fala da parlamentar, “também nomeou os generais Humberto Castelo Branco, Justino Alves, Amaury Kruel e muitos outros que andam por aí’.”¹⁰⁹⁹

Esse destaque, dado pelo periódico, pode muito bem ser entendido como uma forma de incompatibilizar ainda mais Edna Lott com o regime militar, uma vez que colocava Castelo Branco, aquele que dispunha dos máximos poderes da República naquele momento, abaixo de Lott, uma vez que aquele foi promovido por este. Seja como for, a crise militar do recém instaurado regime militar surgida a partir da candidatura Lott somente encontraria termo com o impedimento eleitoral do candidato, em finais de agosto e início de setembro. A solução encontrada pelo regime foi através da Lei de Inelegibilidade, que inviabilizou a candidatura Lott em razão do candidato ter mudado o

¹⁰⁹⁸ *Diário de Notícias*, 11 de ago. 1965, p. 2.

¹⁰⁹⁹ *Diário de Notícias*, 14 de ago. 1965, p. 2.

seu domicílio eleitoral do Rio de Janeiro para Teresópolis, dispositivo criado unicamente para esse fim e exercendo efeito retroativo.¹¹⁰⁰

A solução encontrada pelo regime militar para impedir a candidatura Lott seria apenas momentânea. O impedimento de Lott abriria caminho para Negrão de Lima, político de grande prestígio no Estado Novo, no segundo governo de Getúlio Vargas e na presidência de Juscelino Kubitschek, ser escolhido, definitivamente, como o candidato do PTB ao governo da Guanabara, em 1965. Interessante notarmos que Edna Lott se mostrou mais entusiasta com a definição da candidatura Negrão de Lima do que apresentava em relação à de seu pai. De acordo com o *Jornal do Brasil*, a petebista enviou uma carta ao presidente da seção carioca, Lutero Vargas, hipotecando apoio à chapa Negrão de Lima e Rubens Berardo, “afirmando ser ‘esta chapa a que mais convém aos altos objetivos das oposições coligadas, por possuir melhor penetração junto ao eleitorado carioca’.”¹¹⁰¹

Ainda de acordo com o *JB*, a deputada “acha que o impedimento do engenheiro Hélio de Almeida e o do seu pai: ‘Indicam não apenas a aplicação de uma dura política revanchista do Governo contra os líderes da oposição, mas, mais do que isto, o propósito deliberado de protecionismo escandaloso aos candidatos governistas neste Estado’.”¹¹⁰² No decorrer do mês de setembro, Edna Lott intensificaria a sua atuação na campanha de Negrão de Lima. No dia 22 de setembro, o *Diário Carioca* noticiava que a petebista lançara a proclamação que se segue.

“Negrão de Lima e Rubens Berardo são os únicos candidatos das oposições ao Governo da Guanabara. Recebendo, das mãos honradas de Hélio de Almeida e Marechal Lott, a bandeira de luta, Negrão e Berardo representam a garantia das liberdades sindicais e estudantis em nosso Estado, o respeito ao lar e às conquistas das reivindicações populares, enfim, um clima de paz, sem

¹¹⁰⁰ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 282.

¹¹⁰¹ *Jornal do Brasil*, 8 de set. 1965, p. 3.

¹¹⁰² *Jornal do Brasil*, 8 de set. 1965, p. 3.

perseguições, que envergonham e traem a Democracia Cristã”.¹¹⁰³

Dois dias depois, em 24 de agosto, o *Diário Carioca* voltava a publicar que: “A deputada Edna Lott disse ontem, num programa de TV, que ‘o País está sofrendo perseguições e o povo brasileiro está separado pelo ódio e temendo os dias futuros’.”¹¹⁰⁴

Ainda segundo o *Diário Carioca*, citando diretamente a fala da parlamentar, Edna Lott teria declarado que: “O único caminho é o da liberdade, a fim de que imperem a lei e justiça e a eleição de três de outubro é o primeiro passo para o caminho da liberdade. Cada cidadão deve pesar bem suas responsabilidades e ajudar o País nesta crise, começando por eleger Negrão de Lima, candidato das oposições’.”¹¹⁰⁵

Como podemos perceber, claramente, Edna Lott envidou muito mais esforços na candidatura de Negrão de Lima do que na possível candidatura de seu pai. Poderíamos concluir, depois de todo o exposto, que essa posição foi motivada muito mais pelo objetivo de manter sua autonomia política pessoal diante da figura de seu pai do que propriamente um resguardo do marechal Lott frente às novas forças políticas que tomaram o poder em 1964. Nas falas de apoio a Negrão de Lima, que destacamos, podemos ver como Edna Lott não se intimidou e enfrentou o governo ditatorial de Castelo Branco, após todos os seus atos de exceção, inclusive no impedimento da candidatura de seu pai. No entanto, se a candidatura Negrão de Lima não assustava tanto os militares de 1964 quanto à candidatura Lott, a vitória eleitoral do candidato petebista na Guanabara geraria grandes desdobramentos no desenvolvimento do regime ditatorial.

As eleições para os governos estaduais, em 1965, havia sido um risco assumido por Castelo Branco frente à “linha dura”. O objetivo de Castelo Branco era que as urnas referendassem a dita “Revolução”, mitigando, assim, seus atos discricionários e

¹¹⁰³ *Diário Carioca*, 22 de set. 1965, p. 3.

¹¹⁰⁴ *Diário Carioca*, 24 de set. 1965, p. 3.

¹¹⁰⁵ *Diário Carioca*, 24 de set. 1965, p. 3.

repressivos. No entanto, o intuito de Castelo Branco não saiu como esperado, representado nada mais do que uma vã esperança do primeiro mandatário do regime militar. Negrão de Lima não foi o único candidato da oposição a vencer uma eleição para governador de um grande Estado. Além da Guanabara, Minas Gerais elegeu Israel Pinheiro, político fortemente ligado a Juscelino Kubitschek. Essas duas derrotas eleitorais do novo governo federal representariam um grande golpe para Castelo Branco, que viu a força da “linha dura” aumentar.

Buscando demonstrar autoridade frente às pressões dos militares mais exaltados, o governo Castelo Branco respondeu à derrota eleitoral implementando o IPM do Partido Comunista, um pouco depois do resultado das eleições de 1965. Este inquérito, que atingia toda e qualquer oposição ao regime recém instaurado – desde Juscelino Kubitschek e Amaral Peixoto até Francisco Julião -, acabaria se mostrando inócuo, pois os resultados das investigações não foram acompanhados por maiores punições.¹¹⁰⁶ Não apresentando maiores resultados, o IPM do PC seria mais um motivo para a desenfreada perda de legitimidade de Castelo Branco frente aos olhos dos militares de 64, propiciando um terreno fértil para a ascensão política de Costa e Silva.¹¹⁰⁷ O fracasso do IPM do PC, que seria requeitado após uma nova derrota eleitoral do regime, em 1966,¹¹⁰⁸ acabaria por precipitar a extinção do sistema pluripartidário da Constituição de 1946, pelo Ato Institucional n.º 2 (AI-2).

Também escandalosamente anunciado, como fez o *Diário de Notícias* afirmando que, “com o Segundo Ato, nem as mulheres escaparão. Por exemplo: Adalgisa Néri, Ivete Vargas, Conceição da Costa Neves e Edna Lott serão também cassadas...”¹¹⁰⁹, o AI-2 não conseguiu impedir a posse dos governadores Negrão de Lima e Israel Pinheiro, assim

¹¹⁰⁶ FICO, C., *Como eles agiam*, p. 39-50.

¹¹⁰⁷ CHIRIO, M., op. cit., p. 87-92.

¹¹⁰⁸ *Jornal do Brasil*, 14 de out. 1966, p. 11.

¹¹⁰⁹ *Diário de Notícias*, 24-25 de out. 1965, p. 6.

como permitiu que os políticos se rearticulassem em novas bases partidárias, agora no Movimento Democrático Brasileiro (MDB)¹¹¹⁰ e na Aliança Renovadora Nacional (ARENA)¹¹¹¹.

3. Do MDB à cassação do mandato parlamentar

A extinção do sistema pluripartidário, pelo AI-2, e a implementação do sistema bipartidário, pelo Ato Complementar 4 (AC-4), em 1965, obrigou os políticos a se decidirem pela ARENA, partido que serviria de base para o governo, e o MDB, que possuía a missão de mascarar o caráter autoritária e ditatorial do regime militar. Segundo Kinzo, o AC-4

determinava que a criação de novas organizações políticas, tarefa a ser realizada pelos membros do Congresso em quarenta e cinco dias, exigiria o apoio de um terço dos deputados federais e um terço dos senadores. Este requisito, no entanto, não significava que a intenção fosse a criação de um sistema de três partidos. Na verdade, implicava a possibilidade de se estabelecer uma maioria de dois terços a favor do governo, formando-se com os parlamentares restantes uma oposição simbólica.¹¹¹²

A edição do AI-2 e do AC-4, em 1965, objetivava obliterar a aliança PSD-PTB, que, grande vitoriosa durante toda a IV República e responsável pela maioria dos políticos que ingressaram nas fileiras do MDB,¹¹¹³ havia proporcionado uma derrota acachapante ao governo militar, naquele mesmo ano, com as vitórias de Negrão de Lima, na Guanabara, e Israel Pinheiro, em Minas Gerais.¹¹¹⁴ Esse tipo de medida aconteceria outras vezes durante a ditadura militar, conforme se mostrasse ameaçada a hegemonia do regime no Parlamento. Para nosso trabalho, interessa-nos apenas esse período entre 1965, quando Edna Lott ingressou no MDB, e 1969, ano de sua cassação. Período que poderíamos

¹¹¹⁰ Sobre o MDB utilizamos: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Partido e Sociedade: a trajetória do MDB**. Ouro Preto: UFOP, 1997; KINZO, Maria D'alva Gil. **Oposição e autoritarismo: gênese e trajetória do MDB (1966-1979)**. São Paulo: Vértice; Editora dos Tribunais, 1988.

¹¹¹¹ Nesse trabalho não buscaremos abordar mais detidamente a ARENA.

¹¹¹² KINZO, M. D. G., op. cit., p. 15.

¹¹¹³ MOTTA, R. P. S., op. cit., p. 27-40.

¹¹¹⁴ KINZO, M. D. G., op. cit., p. 21-8.

caracterizar por uma falta de identidade partidária do MDB e de uma desconfiança dos eleitores quanto às duas novas siglas.

Apesar de ter sido formado, principalmente, pela máquina eleitoral PSD-PTB, o MDB se mostrou, em seu início, um partido precário na maioria dos Estados. Por ter sido criado de cima para baixo, a partir dos deputados federais e senadores para se adaptarem às novas regras do Congresso Nacional, as seções emedebistas que mostrariam alguma força política, logo após a edição do AI-2 e do AC-4, seriam, justamente, aquelas em que o PTB e o PSD eram fortes, como Guanabara, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.¹¹¹⁵ Além disso, os fatores que permitiam a coesão do MDB eram muito generalistas, uma vez que era necessário compor com o maior número de políticos possíveis para se poder ter uma oposição mais expressiva e que pudesse encarnar, de maneira minimamente crível, o rótulo de partido da oposição.¹¹¹⁶ “O único tema”, de acordo com o historiador Rodrigo Patto Sá Motta, “que podia estimular a manutenção da unidade interna, dada a diversidade dos grupos que se dispuseram a fundá-lo, era o da reivindicação democrática. A luta pelas liberdades democráticas e pelo respeito à democracia representativa”, continua Patto Sá Motta, “constituiu-se no ponto básico da unidade oposicionista. Era o cimento da frente de oposição.”¹¹¹⁷

Ainda de acordo com o historiador, a luta pelas liberdades democráticas e pelo respeito à democracia representativa não era motivada apenas por um “posicionamento ideológico. Era uma questão de sobrevivência política, de ter garantias mínimas para o exercício da atividade política.”¹¹¹⁸ A atuação do MDB, nesse primeiro período da sua inauguração até o AI-5, mostrar-se-ia, portanto, de maneira pouco expressiva, apresentando muitas debilidades. Apesar desse solitário ponto de coesão interna do

¹¹¹⁵ KINZO, M. D. G., op. cit., p. 33.

¹¹¹⁶ KINZO, M. D. G., op. cit., p. 31-3.

¹¹¹⁷ MOTTA, R. P. S., op. cit., p. 41.

¹¹¹⁸ *Ibidem*.

partido, Patto Sá Motta consegue identificar uma coerência no programa mínimo do MDB – “restauração plena da democracia representativa”; “política de desenvolvimento nacional”; “política de justiça social”; “política externa de independência, sem prejuízo da solidariedade para com os países democráticos”¹¹¹⁹ - com o próprio discurso emedebista, no período de 1966 a 1979; que, segundo o historiador, apresentava “três grandes eixos temáticos, que, de um modo geral, sintetizam toda a gama de problemas e questões abordadas pelo partido. Esses três eixos são: democracia, justiça social e nacionalismo.”¹¹²⁰

A defesa da democracia¹¹²¹, da justiça social¹¹²² e do nacionalismo¹¹²³ permitiriam a Patto Sá Motta ver que: “O MDB, de certa maneira, foi um continuador das práticas políticas vigentes nos anos 50 e 60. Setores do MDB tentaram dar continuidade, entre 1966 e 1968, às experiências de mobilização política que caracterizaram aquele período.”¹¹²⁴ Como podemos ver, claramente, o MDB era mais do que compatível com a atuação política de Edna Lott antes da extinção dos partidos. No entanto, esse é um quadro geral do partido. Precisamos levar em consideração, também, as particularidades regionais das seções estaduais do MDB. Apesar de a seção carioca ter sido, logo de início, uma das mais fortes do partido, o MDB da Guanabara seria dominado, também destarte, por Chagas Freitas.

Político experiente e dono dos jornais *O Dia* e *A Notícia*, Chagas Freitas conseguiria romper com o papel de político coadjuvante do Distrito Federal e, depois, da Guanabara, desempenhado durante toda a IV República, para se tornar o grande quadro político carioca, primeiro no Estado da Guanabara e, depois, no Estado do Rio de Janeiro, ao

¹¹¹⁹ MOTTA, R. P. S., op. cit., p. 41-2.

¹¹²⁰ MOTTA, R. P. S., op. cit., p. 65.

¹¹²¹ MOTTA, R. P. S., op. cit., p. 66-8.

¹¹²² MOTTA, R. P. S., op. cit., p. 68-71.

¹¹²³ MOTTA, R. P. S., op. cit., p. 71-3.

¹¹²⁴ MOTTA, R. P. S., op. cit., p. 85.

longo de toda a ditadura militar.¹¹²⁵ A hegemonia de Chagas Freitas na Guanabara, que ficaria conhecida como *chaguismo*, era uma quebra de paradigma na política local do ex-Distrito Federal, em que as disputas e discussões eram marcadamente dominadas pelos temas nacionais.¹¹²⁶ Além disso, o modo de governar de Chagas Freitas era motivo de grande constrangimento e revolta para o MDB nacional.

Enquanto o partido buscava se colocar como o legítimo partido da oposição ao regime militar no plano nacional, Chagas Freitas havia chegado a entendimentos políticos com os militares, não apresentando nenhum enfrentamento mais contundente ou intenso.¹¹²⁷ “Aproveitando-se do enfraquecimento dos quadros oposicionistas na Guanabara, vítimas das cassações e da repressão, Chagas Freitas”, afirma Patto Sá Motta, “dominou o MDB local e montou uma máquina política que lhe permitiu chegar ao governo do Estado através das eleições indiretas. Manteve ótimas relações com o poder federal durante todos os anos de sua atuação emedebista, não respeitando qualquer compromisso oposicionista.”¹¹²⁸ Além do deserto parlamentar produzido pelo regime militar, logo no seu início, Chagas Freitas já vinha se consolidado na política carioca desde a década de 1950, principalmente através de seus dois jornais *O Dia* e *A Notícia*.¹¹²⁹

Essa pequena exposição na situação regional do MDB carioca é importante porque, ao contrário das expectativas, Edna Lott passaria, cada vez mais, a estreitar relações políticas com Chagas Freitas. Mesmo o MDB buscando vocalizar o nacionalismo, a justiça social e a democracia, Edna Lott mudaria completamente sua atuação política,

¹¹²⁵ Sobre a trajetória de Chagas Freitas ver: SARMENTO, Carlos Eduardo. (org.) **Chagas Freitas: perfil político**. Rio de Janeiro: FGV; ALERJ, 1999.

¹¹²⁶ Ver: MOTTA, Marly Silva da. **Rumo ao governo da Guanabara**. In: SARMENTO, Carlos Eduardo. (org.) *Chagas Freitas: perfil político*. Rio de Janeiro: FGV; ALERJ, 1999.

¹¹²⁷ Ver: MOTTA, Marly Silva da. **O governador da Guanabara**. In: SARMENTO, Carlos Eduardo. (org.) *Chagas Freitas: perfil político*. Rio de Janeiro: FGV; ALERJ, 1999.

¹¹²⁸ MOTTA, R. P. S., op. cit., p. 44-5.

¹¹²⁹ SARMENTO, Carlos Eduardo. **Conhecendo o caminho**. In: SARMENTO, Carlos Eduardo. (org.) *Chagas Freitas: perfil político*. Rio de Janeiro: FGV; ALERJ, 1999; _____. **O deputado federal**. In: SARMENTO, Carlos Eduardo. (org.) *Chagas Freitas: perfil político*. Rio de Janeiro: FGV; ALERJ, 1999.

passando a defender e buscar resolver os problemas locais, dos bairros e do cotidiano das pessoas. Um dos caminhos para projetar essa nova persona política foi a coluna “Comandos em Ação”, do jornal *O Dia*, que, segundo o historiador Carlos Eduardo Sarmiento, “apresentava reportagens sobre os problemas básicos das regiões suburbanas da cidade. Na grande maioria das vezes essas matérias eram centradas em um indivíduo, que assim transcendia ao anonimato e, ao descrever as más condições de habitação, saneamento, abastecimento e transporte de seu bairro”, continua Sarmiento, “ganhava a estatura de símbolo das condições de vida do segmento social a qual pertencia.”¹¹³⁰

O sucesso dessa coluna produziria desdobramentos, como o surgimento de uma outra coluna similar chamada “Comandos Parlamentares”. Igualmente sensacionalista e denunciativo, aos moldes da reportagem policial, a coluna convidava um parlamentar, que, de acordo com Sarmiento, “seguia com a reportagem até um órgão público sobre o qual pairava alguma suspeita, e faziam-se visitas de surpresa, procurando apurar as denúncias.”¹¹³¹ Nomes como Breno da Silveira, Tancredo Neves e Tenório Cavalcanti, ainda de acordo com o historiador, percorriam junto a repórteres, como Villas-Bôas Corrêa, “depósitos de alimentos, presídios e escolas em busca de fato jornalístico.”¹¹³² A partir do ano de 1966, Edna Lott passaria a figurar nessa coluna, indo aos bairros para denunciar as mazelas dos moradores.

O aprofundamento desses laços políticos entre Edna Lott e o dono d’*O Dia* alçaria a parlamentar ao primeiro escalão dos políticos que gravitavam em torno de Chagas Freitas, como aponta Sarmiento.

Um grande número de candidatos à Assembleia Legislativa usufruía do apoio de Chagas Freitas e frequentava as páginas dos jornais. Observando-se o espaço ocupado por cada um deles e a frequência com que seus nomes eram mencionados, percebe-se uma certa hierarquia entre essas candidaturas, orientada,

¹¹³⁰ SARMENTO, C. E., *Conhecendo o caminho*, p. 39.

¹¹³¹ SARMENTO, C. E., *Conhecendo o caminho*, p. 41.

¹¹³² *Ibidem*.

principalmente, pela tradição pessoal e pela fidelidade ao longo do tempo à liderança de Chagas Freitas. Faziam parte de um primeiro escalão os nomes de José Nelson Salim, Átila Nunes, Ubaldo de Oliveira, Miécimo da Silva, Alfredo Tranjan e Edna Lott, novata nesse grupo tradicional que contava com o decisivo apoio de seu pai, o general Henrique Teixeira Lott.¹¹³³

O apoio de Chagas Freitas, junto à coluna em seu jornal, seria fundamental para a reeleição de Edna Lott. Inicialmente, *O Dia* daria destaque à Edna Lott em reportagens sobre as atividades da parlamentar, como a crítica da emedebista aos concursos para a Escola de Serviço Público do Estado da Guanabara (ESPEG) e a reivindicação de mais atenção para bairros da região do subúrbio.¹¹³⁴ Conforme se estreitavam as relações políticas de Edna Lott e Chagas Freitas, a parlamentar guanabarina passaria a figurar, junto ao dono do jornal *O Dia* e *A Notícia*, a coluna “Comandos em Ação”. Apesar de ser uma coluna intermitente n’*O Dia*, “Comandos em Ação” passou a ser publicada diariamente no periódico a partir de setembro de 1966, quando se iniciou o período eleitoral para diferentes casas legislativas.

Utilizada por Chagas Freitas para alavancar sua candidatura a deputado federal e a de seus aliados, nos diferentes níveis legislativos, Edna Lott foi figura constante nas matérias da “Comandos em Ação”, principalmente em relação à questão da precariedade dos conjuntos habitacionais das regiões do subúrbio.¹¹³⁵ Assim, se, em 1962, Edna Lott seria eleita a quinta deputada mais votada do PTB; em 1966, Edna Lott seria eleita a deputada estadual mais votada pelo MDB e a segunda mais votada do Estado da Guanabara, atrás apenas do arenista Nina Ribeiro, que obteve 29.757 votos.¹¹³⁶ Edna Lott

¹¹³³ SARMENTO, C. E., *O deputado federal*, p. 100.

¹¹³⁴ *O Dia*, 9 de set. 1966, p. 9; *O Dia*, 13 de set. 1966, p. 2; *O Dia*, 16 de set. 1966, p. 9; *O Dia*, 21 de set. 1966, p. 9; *O Dia*, 27 de set. 1966, p. 8.

¹¹³⁵ Algumas dessas reportagens podem ser encontradas em: *O Dia*, 25-26 de set. 1966, p. 4; *O Dia*, 29 de set. 1966, p. 7; *O Dia*, 30 de set. 1966, p. 9; *O Dia*, 1º de out. 1966, p. 7; *O Dia*, 5 de out. 1966, p. 7; *O Dia*, 7 de out. 1966, p. 9; *O Dia*, 9-10 de out. 1966, p. 7.

¹¹³⁶ Ver tabela 10 em: SARMENTO, Carlos Eduardo. (org.) **Chagas Freitas: perfil político**. Rio de Janeiro: FGV; ALERJ, 1999.

terminaria aquele pleito com 25.694 votos, 653 votos a mais que o segundo colocado do MDB, José Nelson Salim, outro chaguista, que obteve 25.041 votos.¹¹³⁷

De acordo com o *Jornal do Brasil*, em matéria de 19 de setembro de 1982, Edna Lott havia sido escolhida pelo próprio Chagas Freitas para compor a sua inovação estratégica, que ficou mais conhecida como “dobradinha”.¹¹³⁸ A estratégia era composta pela dobradinha de um candidato masculino para a Câmara Federal e um feminino, para a Estadual, em uma espécie de alegoria política da tradicional família brasileira. Apresentando-se como uma espécie de casal, o candidato federal e a candidata estadual acabavam como os candidatos mais votados, em suas respectivas raias de disputa, a partir dessa performática campanha tradicionalista.

De acordo ainda com a matéria do *Jornal do Brasil*, de 19 de setembro de 1982, a estratégia, que fez de Chagas Freitas e Edna Lott os dois candidatos mais votados na Guanabara, em 1966, teria sido repetida pela máquina chaguista nos pleitos de 1970, 1974 e 1978. “Em 1970, no início da formação do seu atual grupo político, voltou a adotar o esquema – que ficou conhecido como ‘dobradinha’ – e revelou como candidatos mais votados para a Câmara dos Deputados e Assembleia Legislativa, pelo MDB”, relatava o *JB*, “o casal Marcelo Medeiros-Maria Rosa. Em 1974 e 1978, o casal eleitoral do MDB foi formado por Miro Teixeira e Sandra Salim.”¹¹³⁹ Vendo retrospectivamente, salta-nos aos olhos a escolha de Edna Lott como a candidata parlamentar a estreitar essa nova estratégia eleitoral, em 1966.

Primeiro, Edna Lott vinha de uma grande atuação junto a movimentos políticos de esquerda mais exaltados que foram desmantelados pela ditadura civil-militar nos dois anos anteriores, em 1964 e 1965. Segundo, Edna Lott foi uma atuante militante

¹¹³⁷ *Ibidem*.

¹¹³⁸ *Jornal do Brasil*, 19 de set. 1982, p. 9.

¹¹³⁹ *Jornal do Brasil*, 19 de set. 1982, p. 9.

nacionalista na Assembleia Legislativa da Guanabara, participando de algumas frentes parlamentares nacionalistas. Além disso, nos últimos momentos do PTB, Edna Lott participou ativamente da campanha de Negrão de Lima ao governo da Guanabara, em 1965. Além disso, a parlamentar era filha do marechal Lott, que teve sua pré-candidatura ao governo do Estado da Guanabara, também pelo PTB, impugnada pelos militares. Ainda no final daquelas eleições para governadores dos Estados, Edna Lott seria investigada e inquirida no IPM do PC. Como podemos ver, a opção de Chagas Freitas por Edna Lott era bastante arriscada, ainda mais com os frequentes boatos de novas listas de cassações.

Apesar de toda essa bagagem “subversiva”, no linguajar e visão dos que chegaram ao poder em abril de 1964, Edna Lott, por outro lado, também encarnava perfeitamente a mulher comum, aquela representante da vida cotidiana e de seus problemas e soluções diários. Essa foi a avaliação feita pelo *Jornal do Brasil*, logo após o resultado do pleito de 1966, na reportagem do dia 13 de novembro de 1966. “Preocupa-se muito com problemas relacionados com o magistério primário do Estado e ao contrário do que era esperado (é filha do Marechal Teixeira Lott) quase nunca se pronuncia sobre problemas de caráter político.”¹¹⁴⁰ Para quem acompanhava as falas da parlamentar na Assembleia Legislativa, essa afirmação não aparentava uma mudança de atuação política tão grande quanto para quem acompanhava o mandato de Edna Lott apenas pelos jornais.

Edna Lott, desde os tempos do PTB, já apresentava falas com temáticas *chaguistas* – que poderíamos resumir como os problemas cotidianos dos bairros, como a questão das

¹¹⁴⁰ *Jornal do Brasil*, 13 de nov. 1966, p. 12.

favelas¹¹⁴¹, questões de saúde, doenças e epidemias¹¹⁴², impostos e aumento do custo de vida¹¹⁴³, iluminação dos bairros¹¹⁴⁴, problemas de segurança¹¹⁴⁵, abastecimento de água¹¹⁴⁶, de leite¹¹⁴⁷, de carne¹¹⁴⁸, problemas de lixo e esgoto¹¹⁴⁹, problemas de trânsito e transporte¹¹⁵⁰, enchentes¹¹⁵¹, assim como notícias voltadas ao funcionalismo público,

¹¹⁴¹ Alguns exemplos: Sobre a transferência das favelas da Penha Circular para a Vila Aliança, em Bangu (AL – anais – abr. – 1963 – vol. XXI); Sobre a resposta do Governo do Estado ao requerimento relativo à favela do Bom Jesus, na Penha Circular (AL – anais – jun. – 1963 – vol. XXIII); Sobre passagem de nível nas proximidades da favela de São Miguel (AL – anais – nov. – 1965 – vol. XLVIII).

¹¹⁴² Alguns exemplos: Sobre o tabelamento dos serviços de pronto-socorro (AL – anais – maio - 1963 – vol. XXII); Sobre o Hospital São Sebastião (AL – anais – out. – 1963 – vol. XXVII); Sobre o problema da saúde pública (AL – anais – nov. – 1963 – vol. XXVIII); Sobre o recrudescimento de casos de tifo no Estado da Guanabara (AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXX); Sobre o encontro do Sr. Governador com o Sr. Ministro da Saúde pró-combate aos mosquitos (AL – anais – out. – 1964 – vol. XXXVII).

¹¹⁴³ Alguns exemplos: Sobre a elevação do custo de vida no mês de junho (AL – anais – jul. – 1964 – vol. XXXIV); Sobre o aumento de impostos pretendidos pelo Governador do Estado (AL – anais – jul. – 1964 – vol. XXXIV); Sobre a Reforma Tributária (AL – anais – dez. 1964 – vol. XXXIX).

¹¹⁴⁴ Alguns exemplos: Sobre a falta de sinal luminoso em diversos locais da cidade (AL – anais – ago. – 1964 – vol. XXXV); Sobre sinal luminoso para a esquina da Rua Ana Nery com Magalhães Castro (AL – anais – out. – 1964 – vol. XXXVII); Colocação de sinal luminoso na esquina das ruas Miguel Lemos com Barata Ribeiro (AL – anais – nov. – 1965 – vol. XLVIII).

¹¹⁴⁵ Alguns exemplos: Sobre falta de policiamento na cidade (AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXX); Sobre o problema do policiamento no Estado (AL – anais – jul. – 1964 – vol. XXXIV); Sobre falta de policiamento da cidade (AL – anais – set. – 1965 – vol. XLVI).

¹¹⁴⁶ Alguns exemplos: Sobre falta d'água em Ipanema (AL – anais – abr. – 1964 – vol. XXXI); Sobre o abastecimento de água no Estado (AL – anais – set. – 1964 – vol. XXXVI); Sobre falta de abastecimento de água na Cidade (AL – anais – nov. – 1964 – vol. XXXVIII); Sobre o problema da água na Guanabara (AL – anais – ago. – 1965 – vol. XLV).

¹¹⁴⁷ Alguns exemplos: Sobre o fornecimento de carne e leite à população da cidade (AL – anais – set. – 1964 – vol. XXXVI); Sobre aumento do preço do leite (AL – anais – nov. – 1964 – vol. XXXVIII); Sobre o abastecimento de leite (AL – anais – abr. – 1965 – vol. XLI); Sobre o abastecimento de leite (AL – anais – abr. – 1965 – vol. XLI).

¹¹⁴⁸ Alguns exemplos: Sobre o fornecimento de carne e leite à população da cidade (AL – anais – set. – 1964 – vol. XXXVI); Sobre abastecimento da carne (AL – anais – jul. – 1965 – vol. XLIV); Abastecimento de carne (AL – anais – jan.-mar. – 1966 – vol. L).

¹¹⁴⁹ Alguns exemplos: Sobre o abaixo-assinado pedindo a retirada do depósito de lixo do Leblon (AL – anais – jun. – 1964 – vol. XXXIII); Sobre problemas do subúrbio de Marechal Hermes, a “Semana do Gari e Limpeza da Cidade” (AL – anais – maio – 1966 – vol. LII).

¹¹⁵⁰ Alguns exemplos: Sobre a mudança dos números dos ônibus da Zona Sul (AL – anais – out. – 1963 – vol. XXVII); Sobre reivindicações dos Rodoviários (AL – anais – abr. – 1964 – vol. XXXI); Sobre o tráfego pela rua Guilhermina Guinle (AL – anais – jul. – 1964 – vol. XXXIV); Sobre aumento das tarifas dos ônibus (AL – anais – dez. 1964 – vol. XXXIX).

¹¹⁵¹ Alguns exemplos: Enchentes resultantes das chuvas (AL – anais – dez. – 1965 – vol. XLIX); Enchente verificada em vários logradouros públicos (AL – anais – maio – 1966 – vol. LII); Sobre a consequência das enchentes no bairro do Rio Comprido (AL – anais – maio – 1966 – vol. LII).

concursos, etc.¹¹⁵², e também festividades populares e eventos comemorativos¹¹⁵³ - crescendo exponencialmente a partir da sua filiação ao MDB, depois de extinta a sigla trabalhista.

Ao contarmos os títulos das falas nos índices dos anais da ALEG que poderiam ser vistas como chaguistas, encontramos: 20 discursos, em 1963; 71, em 1964; 51, em 1965; 103, em 1966; 154, em 1967; e 80, em 1968. Nessa contagem, deixamos de computar as falas referentes às professoras, pois, como já acentuamos através da matéria do *Jornal do Brasil*, esse era o principal grupo social que a política buscou representar ao longo de toda a sua trajetória parlamentar. Nessa contagem à parte, em que consideramos apenas aquelas falas cujos títulos se referiam ao magistério, encontramos: 15 discursos, em 1963; 21, em 1964; 32, em 1965; 37, em 1966; 33, em 1967; e 20, em 1968. Nesses discursos na ALEG, encontramos falas que tratavam de problemas de ensino,¹¹⁵⁴ vencimentos dos professores¹¹⁵⁵, contratação de professores¹¹⁵⁶, previdência do magistério¹¹⁵⁷, profissionais administrativos e problemas estruturais¹¹⁵⁸, gratuidade do ensino

¹¹⁵² Alguns exemplos: Sobre o Dia dos Funcionários Públicos e dos Comerciários (AL – anais – dez. – 1963 – vol. XXIX); Sobre os vencimentos dos servidores do Estado (AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXX); Sobre pagamento a funcionários do Estado (AL – anais – nov. – 1964 – vol. XXXVIII).

¹¹⁵³ Alguns exemplos: Sobre a homenagem à Miss Guanabara de 1964 (AL – anais – jul. – 1964 – vol. XXXIV); Sobre os 399 anos da Ilha de Paquetá (AL – anais – set. – 1964 – vol. XXXVI); Sobre o “Dia das Mães” (AL – anais – maio – 1965 – vol. XLII).

¹¹⁵⁴ Alguns exemplos: Sobre a deficiência do ensino primário e os vencimentos dos professores secundários do Estado (AL – anais – jan.-mar. – 1963 – vol. XX); Sobre o ensino no Estado da Guanabara (AL – anais – maio – 1965 – vol. XLII);

¹¹⁵⁵ Alguns exemplos: Sobre reivindicações salariais dos professores (AL – anais – dez. - 1963 – vol. XXIX); Sobre o hino para o IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro, sobre os problemas da Educação e os atrasos nos vencimentos das professoras (AL – anais – jun. – 1965 – vol. XLIII); Sobre os seguintes assuntos: [...] e atraso no pagamento das professorandas (AL – anais – jul. – 1965 – vol. XLIV).

¹¹⁵⁶ Alguns exemplos: Sobre o tabelamento dos serviços de pronto-socorro e a contratação de professores para o Ensino Médio do Estado (AL – anais – maio – 1963 – vol. XXII); Sobre os professores secundários contratados (AL – anais – maio – 1965 – vol. XLII); Sobre concurso para catedrático Instituto de Educação (AL – anais – nov. – 1965 – vol. XLVIII).

¹¹⁵⁷ Alguns exemplos: Sobre contagem do tempo de serviços de professores do Estado para efeito de aposentadoria (AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXX); Sobre o veto ao projeto mandando contar o tempo de serviço como aluno da ex-Universidade do Distrito Federal (AL – anais – maio – 1963 – vol. XXII);

¹¹⁵⁸ Alguns exemplos: Sobre reivindicações dos empregados em administrações escolares e dos previdenciários (AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXX); Sobre os seguintes assuntos: [...] e fazendo apelo ao Secretário de Educação no sentido de que mande consertar a escola México (AL – anais – jul. – 1966 –

público¹¹⁵⁹, vagas e matrículas de alunos¹¹⁶⁰, auxílio estudantil¹¹⁶¹, movimento estudantil¹¹⁶², confronto entre estudantes e entre estudantes e polícia¹¹⁶³, homenagens ao magistério¹¹⁶⁴, homenagem a colégios¹¹⁶⁵, homenagem a professores¹¹⁶⁶, normas para a Educação¹¹⁶⁷, serviços complementares das escolas¹¹⁶⁸, ensino universitário¹¹⁶⁹, etc.

Como podemos ver, os discursos chaguistas, em especial em relação às professoras, cresceriam exponencialmente na trajetória parlamentar de Edna Lott. Excetuando os anos de 1965, em que as baterias de Edna Lott se concentraram muito na disputa eleitoral para

vol. LIV); Sobre as péssimas condições das carteiras do Ginásio André Maurois (AL – anais – ago. – 1966 – vol. LV).

¹¹⁵⁹ Alguns exemplos: Sobre a gratuidade do ensino médio no Estado (AL – anais – abr. – 1963 – vol. XXI);

¹¹⁶⁰ Alguns exemplos: Sobre a matrícula de alunos do Colégio Pedro II em curso particular (AL – anais – jun. – 1963 – vol. XXIII); Sobre vagas nas escolas primárias do Estado (AL – anais – abr. – 1964 – vol. XXXI); Sobre mais prazo para inscrição no concurso de Ensino Normal do Instituto de Educação (AL – anais – nov. – 1964 – vol. XXXVIII).

¹¹⁶¹ Sobre auxílio das Caixas Escolares dos Ginásios estaduais aos estudantes (AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXX); Propondo o fornecimento de passes escolares pelas Caixas Escolares (AL – anais – jun. – 1966 – vol. LIII).

¹¹⁶² Alguns exemplos: Sobre o restaurante dos estudantes no Calabouço (AL – anais – abr. – 1968 – vol. LXX); Sobre o movimento estudantil (AL – anais – nov.-dez. – 1968 – vol. LXXVI).

¹¹⁶³ Alguns exemplos: Sobre tumultos ocorridos entre “playboys” e alunos do Ginásio Pedro Álvares Cabral (AL – anais – jun. – 1963 – vol. XXIII); Sobre acontecimentos envolvendo estudantes em Brasília (AL – anais – set. – 1963 – vol. XXVI); Sobre incidente entre alunos do Colégio Pedro II e a Polícia (AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXX).

¹¹⁶⁴ Alguns exemplos: Congratulando-se com professoras primárias pela aplicação da vacina Sabin nos escolares (AL – anais – set. – 1963 – vol. XXVI); Sobre o “Dia do Mestre” (AL – anais – out. – 1963 – vol. XXVII); Sobre o “Dia da Normalista” (AL – anais – nov. – 1963 – vol. XXVIII).

¹¹⁶⁵ Alguns exemplos: Sobre o aniversário do Colégio Militar e a fundação do “Comitê” Pró-Reformas de Base, da Urca (AL – anais – maio – 1963 – vol. XXII); Sobre o 126º aniversário de fundação do Colégio Pedro II (AL – anais – jan.-mar. – 1964 – vol. XXX); Sobre o 34º aniversário do Instituto de Educação (AL – anais – out. – 1964 – vol. XXXVII).

¹¹⁶⁶ Alguns exemplos: Sobre homenagem da ALEG ao Professor Mário da Veiga Cabral (AL – anais – jun. – 1964 – vol. XXXIII); Sobre o falecimento do Professor Cecil Thiré (AL – anais – dez. – 1965 – vol. XLIX); Aposentadoria da Professora D. Amélia Caminha Machado da Costa [...] (AL – anais – ago. – 1966 – vol. LV).

¹¹⁶⁷ Alguns exemplos: Sobre o não cumprimento pelo Colégio Pedro II da lei de Diretrizes e Bases da Educação (AL – anais – jun. – 1963 – vol. XXIII); Sobre o Projeto de Lei n.º 106-63 – Fixa normas para educação primária estadual (AL – anais – out. – 1963 – vol. XXVII); Sobre Projeto de Lei n.º 795-63 – “Passagem do ginásial para o normal do Instituto de Educação” (AL – anais – maio – 1964 – vol. XXXII).

¹¹⁶⁸ Alguns exemplos: Sobre o Serviço Dentário do Instituto de Educação (AL – anais – nov. – 1963 – vol. XXVIII); Sobre os seguintes assuntos: [...] – Fazendo apelo ao Sr. Secretário de Saúde no sentido de enviar mais 2 médicos psicólogos para a Escola de Excepcionais (AL – anais – maio – 1967 – vol. LXII); [...] – Fazendo apelos ao Departamento de Trânsito a respeito da faixa de segurança no Colégio Pedro II, [...] (AL – anais – set. – 1967 – vol. LXVI).

¹¹⁶⁹ Alguns exemplos: Sobre a contribuição do estudante universitário nos festejos do IV Centenário da Cidade (AL – anais – set. – vol. XXXVI); Sobre os seguintes assuntos: Excedentes das Escolas Superiores e [...] (AL – anais – jan.-mar. – 1966 – vol. L); Sobre excedentes das faculdades (AL – anais – abr. – 1966 – vol. LI).

governador da Guanabara e em defender o nome de seu pai, um dos possíveis candidatos ao cargo, e o ano de 1968, em que o quadro político começava a se deteriorar e se agravar vertiginosamente; Edna Lott intensificou sua atuação política como uma parlamentar chaguista. É importante notarmos também que os discursos de Edna Lott em defesa do magistério foram diminuindo antes mesmo de 1968. O ano de 1966, com 37 falas sobre a Educação, foi o pico desses discursos, passando a diminuir logo no ano seguinte. Em 1967, também percebemos o pico dos discursos “chaguistas” proferidos pela parlamentar na Assembleia Legislativa.

O crescimento político de Edna Lott, eleita a deputada estadual mais votada pelo MDB e segunda mais votada da Guanabara, permitiu que a parlamentar se deslocasse de seu eleitorado mais tradicional, as professoras, dirigindo-se para um público maior do chaguismo. Podemos ver essa nova dinâmica, claramente, nos índices dos anais da ALEG, em que podemos perceber como Edna Lott se dedicava a resolver, ou pelo menos chamar a atenção, para os problemas cotidianos dos bairros do Centro¹¹⁷⁰, Zona Sul¹¹⁷¹,

¹¹⁷⁰ Alguns exemplos: Sobre reivindicações de moradores de São Cristóvão [...] (AL – anais – jul. – 1967 – vol. LXIV); Sobre os seguintes assuntos: [...] Colocação de bancos nos jardins do Campo de São Cristóvão [...] (AL – anais – jul. – 1967 – vol. LXIV); Sobre a Cidade Nova (AL – anais – maio – 1968 – vol. LXXI).

¹¹⁷¹ Alguns exemplos: Sobre os seguintes assuntos: [...] – Solicitando do Serviço de Trânsito providências a fim de que seja consertado o sinal luminoso da Rua Barata Ribeiro e Barão de Ipanema – [...] (AL – anais – abr. – 1967 – vol. LXI); Sobre os seguintes assuntos: Apelo ao Sr. Secretário de Serviços Públicos a respeito do problema do gás. Secretário de Segurança, solicitando policiamento mais eficiente no Leblon [...] (AL – anais – abr. – 1967 – vol. XLI); Sobre os seguintes assuntos: Reclamações dos moradores da Rua Miguel Lemos a respeito das galerias de esgoto sempre entupidas [...] (AL – anais – maio – 1967 – vol. XLII).

Zona Norte¹¹⁷², Zona Oeste¹¹⁷³ e subúrbio¹¹⁷⁴. Além de permitir uma ampliação da sua base política, a ascensão de Edna Lott lhe permitia pensar em voos mais altos. De acordo com Nelson Lott, segundo filho da deputada, após o sucesso da dobradinha Chagas Freitas/Edna Lott, nas eleições parlamentares de 1966, o MDB carioca articulava uma reedição dessa aliança vitoriosa na disputa para governador, prevista para 1970, quando Edna Lott concorreria ao cargo de vice-governadora ao lado de Chagas Freitas, candidato ao governo do Estado da Guanabara. “Já estava formalizando”, afirma Nelson Lott, “a sua candidatura à Vice-Governadora da Guanabara, na chapa com Chagas Freitas (que se elegeu governador) quando foi cassada em 1968.”¹¹⁷⁵

Evidentemente que a formação dessa chapa precisa ser confrontada mais detidamente com outras fontes, no entanto, é igualmente evidente que eram bastante razoáveis as possibilidades de Edna Lott estar sendo considerada candidata ao posto de vice-governadora pelo MDB. Mesmo assim, como a fala de Nelson Lott já nos antecipa, Edna Lott seria cassada pelo AI-5, interrompendo definitivamente sua participação na política parlamentar. Por mais que o AI-5 tenha ampliado e intensificado a repressão, generalizando-se para todos os grupos sociais, ainda assim gera um certo espanto a

¹¹⁷² Alguns exemplos: Sobre reclamações dos moradores de Cavalcanti a respeito da linha 298 – Castelo – Colégio (AL – anais – jan.-mar. – 1967 – vol. LX); Sobre os seguintes assuntos: [...] – Transmitindo o pedido dos moradores do bairro Quintino Bocaiúva do rio que atravessa a Escola XV (AL – anais – abr. – 1967 – vol. LXI); Sobre os seguintes assuntos: [...] – Reclamações dos moradores da Penha e Ramos a respeito da fábrica de adubos e criticando os serviços da C.TB. (AL – anais – abr. – 1967 – vol. XLI).

¹¹⁷³ Alguns exemplos: Sobre os seguintes assuntos: [...] – Fazendo apelos aos: Diretor de Trânsito no sentido de que sejam colocados sinais luminosos em Jacarepaguá [...] (AL – anais – out. – 1967 – vol. LXVII); Sobre os seguintes assuntos: [...] – Fazendo apelo ao Secretário de Serviços Sociais em favor do Conjunto Residencial de Paciência [...] (AL – anais – out. – 1967 – vol. LXVII); Sobre os seguintes assuntos: [...] apelo aos moradores do Conjunto Residencial de Paciência para que o ônibus n.º 858 passe mais cedo, às 4 horas da madrugada (AL – anais – out. – 1967 – vol. LXVII).

¹¹⁷⁴ Alguns exemplos: Sobre aniversário do Jornal “Última Hora” e a respeito da Penitenciária de Mulheres de Bangu (AL – anais – jul. – 1967 – vol. LXIV); Sobre os seguintes assuntos: [...]; Trazendo reivindicações dos moradores de Maria da Graça (AL – anais – set. – 1967 – vol. LXVI); Sobre apelos à CEDAG dos moradores dos bairros de Cavalcanti, Tomás Coelho, Terra Nova e Pilares (AL – anais – set. – 1967 – vol. LXVI).

¹¹⁷⁵ E-mail de Nelson Lott de 17 de jul. 2016.

cassação da emedebista pelo que vimos até aqui. Edna Lott já não era mais a mesma parlamentar nacionalista do PTB.

Ao contrário, apresentava-se como uma perfeita política chaguista de não enfrentamento direto com o regime militar e de foco nas questões cotidianas do Estado. Tanto que, nos documentos produzidos pela Polícia Política, circulavam sempre as mesmas informações sobre sua atuação política antes do golpe de 1964, como a participação nos eventos pró-presos políticos de Portugal e Espanha, Campanhas pró-Cuba, Ato Público organizado pela UNE, I Encontro de Mulheres Latino-Americanas, etc.¹¹⁷⁶ Mesmo assim, Edna Lott seria alvo de um processo de sindicância sumária junto de outros políticos cariocas, como Anésio Frota Aguiar, Antônio Fioravante Fraga, Francisco da Gama Lima Filho, Francisco Silbert Sobrinho, Frederico Trotta, Geraldo de Araújo Souza, José Bonifácio Diniz de Andrade, Maurício Pinkusfeld, Sami Jorge Haddad Abduimacih e Sebastião Contrucci.¹¹⁷⁷

Nesse dossiê secreto, dispomos do interrogatório de Edna Lott realizado na Divisão de Operações da Superintendência de Polícia Executiva, da Secretaria de Segurança do Estado da Guanabara, no dia 26 de janeiro de 1969.¹¹⁷⁸ Interrogada pelo primeiro tenente da Polícia Militar, Ivo Gouvêa do Nascimento, e supervisionado o interrogatório pelo encarregado da sindicância, coronel Francisco Carlos Bueno Deschamps, Edna Lott não forneceu nenhuma grande informação comprometedora, segundo a ótica do regime. Pelo contrário, no decorrer do longo interrogatório, o que se vê é uma política chaguista e uma mulher tradicional. Apesar desse inquérito não apresentar nenhum grande resultado, há uma informação que nos salta aos olhos no final desse dossiê sobre Edna Lott. Classificado como “Informação do Exército”, o final do dossiê informava que a

¹¹⁷⁶ APERJ. PolPol: DOPS 116; APERJ. PolPol: Info 47; APERJ. PolPol: Info 54; APERJ. PolPol: Info 70; APERJ. PolPol: Info 74; APERJ. PolPol: Info 92; APERJ. PolPol: Info 94.

¹¹⁷⁷ APERJ. PolPol: Secreto 82, dossiê 5.

¹¹⁷⁸ APERJ. PolPol: Secreto 82, dossiê 5. p. 1 (16).

emedebista: “Não toma nenhuma decisão sem consultar o ex-Ten. Cel. KARDEC LEMME. É orientada na política pelo ex-Oficial citado. Indiciada no IPM/709 – atividades do PCB.”.¹¹⁷⁹

Essa informação, que não consta em outros documentos da Polícia Política que citam o nome de Edna Lott, mostra o conturbado período que o país entrou a partir de 1968. Primeiro, vemos que essa era uma informação mais restrita ao acesso no aparato repressivo, tanto que somente surge nos documentos da Polícia Política quando a repressão se intensificou e se generalizou. Segundo, essa era uma informação, verdadeira ou falsa, antiga, uma vez que Kardec Lemme havia sido preso logo após o golpe, em abril de 1964, e se encontrava incomunicável, inclusive de sua esposa e advogados.¹¹⁸⁰ Além de datada, a veiculação dessa suposta submissão política de Edna Lott a Kardec Lemme nos mostra o grau do paroxismo que o anticomunismo havia alcançado naquele momento. Atuações antigas eram apresentadas como novidade, ou ainda como uma inatividade premeditada que aguardava melhores condições para voltar à atividade política.

Também é importante notarmos que os problemas apresentados pela ditadura, no período de 1966-68, propiciaram a reabilitação de políticos que haviam sido marginalizados ou criminalizados pelo regime. Nesse momento, os nomes de Carlos Lacerda e, principalmente, de Juscelino Kubitschek e João Goulart voltavam a ter novo brilho com a criação da Frente Ampla. Seguindo essa articulação, operários e estudantes apresentaram, sobretudo em 1968, grandes manifestações que colocavam em xeque à ditadura civil-militar, que ainda demonstrava preocupações com uma imagem “democrática”. A repressão a esses movimentos populares foi grande, o que serviu para reabilitar um antigo comandante das Forças Armadas marginalizado pelo regime. Nesse cenário instável e de contestação aos militares, o jornalista Milton Senna, que havia feito

¹¹⁷⁹ APERJ. PolPol: Secreto 82, dossiê 5. p. 5 (20).

¹¹⁸⁰ WILLIAM, W., op. cit., p. 409.

a cobertura da campanha presidencial de Lott, lançou, em 6 de setembro de 1968, o livro *Como não se faz um presidente*.¹¹⁸¹

De acordo com Carloni, Milton Senna, em seu livro, “defendia a tese de que se Lott tivesse sido eleito em 1960 não teria ocorrido o golpe e a democracia brasileira teria sido resguardada.”.¹¹⁸² Se essa tese já seria suficiente para reanimar os ânimos contrários dos militares de 64, o lançamento do livro, um dia antes do 7 de setembro, era ingrediente de sobra para intensificar as rixas no Exército. Somando-se a isso, esse evento contou com as presenças de Tancredo Neves, Doutel de Andrade e José Gomes Talarico, grandes políticos ligados ao varguismo e a aliança PSD-PTB, e também do deputado federal Márcio Moreira Alves, que, ao pedir que as mulheres sabotassem seus namorados militares devido à violência perpetrada pela polícia na Universidade de Brasília (UnB), tornou-se o grande pretexto dos militares para a promulgação do AI-5.¹¹⁸³

Se não bastasse todo o evento de lançamento do livro, no dia seguinte, data da Independência do Brasil, seria publicada pelo *Correio da Manhã*, jornal que rompera com o regime nesse interregno entre o golpe e o AI-5, uma declaração do marechal Lott dizendo, segundo Carloni, “confiar que as Forças Armadas iriam reencontrar a sua verdadeira vocação democrática e, portanto, restabelecer o poder civil e a redemocratização do país. Defendeu também o fim das discórdias e a pacificação através da anistia.”.¹¹⁸⁴ Discurso vindo de quem vinha, noticiado na data em que foi publicado, em meio a tantas atribulações que o regime se defrontava diuturnamente, as declarações de Lott despertavam velhos fantasmas da e na direita militar. O antigo medo de que Lott pudesse arregimentar uma parcela substantiva dos oficiais e praças para causa

¹¹⁸¹ CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 285-6.

¹¹⁸² CARLONI, K., *Marechal Lott, a opção das esquerdas*, p. 286.

¹¹⁸³ *Ibidem*.

¹¹⁸⁴ *Ibidem*.

“comunista”, “subversiva”, ressurgia novamente em um novo período de greves e passeatas.

Muito provavelmente, esses foram os dois principais fatores para a cassação do mandato parlamentar de Edna Lott. Em meio ao pânico de perder o poder e o controle políticos conquistados em 1964, tudo cheirava a e aparentava “comunismo” para os militares. Tudo o que era passado se tornava presente, plano, complô. Assim, a deputada Edna Lott, fortemente chaguista desde 1966, era reconhecida como a líder nacionalista de antes do golpe de Estado. Como todo processo de perseguição generalizada, preferise punir demais, tornando todos culpados ou “não inocentes”.

Considerações Finais

Ao longo de toda essa dissertação, buscamos, através da trajetória política de Edna Lott, aprofundar algumas questões, assim como trazer à tona outras, sobre a política e a sociedade brasileira durante a IV República, principalmente em seu final, e início da ditadura civil-militar. Como não poderia deixar de ser, e como já apontamos na introdução, esse trabalho não se pretende definitivo, uma vez que está inscrito na história do tempo presente, ou seja, trata-se de um passado ainda muito recente, que ainda não cessou seus efeitos na realidade nacional, assim como ainda há muitas fontes e temas há surgirem e serem melhor analisados. Por essa razão, não há maiores necessidades de fazermos grandes conclusões a respeito dessa dissertação. Nesse momento, nosso intuito é de sermos breve com essa momentânea conclusão.

Após todo o exposto, podemos dizer que analisar a trajetória política de Edna Lott, até então legada ao esquecimento e ao ostracismo, possibilitou-nos resgatar e analisar alguns temas pouco trabalhados pela historiografia, além de outros mais bem estabelecidos. Nesse sentido, a *biografia e contexto* foi de grande auxílio para nos aprofundarmos (1) nas relações políticas das Forças Armadas, assim como na identidade afetiva produzida pela corporação; (2) nas possibilidades de uma mulher atuar politicamente na década de 1960, em particular, e no espaço público, de modo geral; (3) no efervescente nacionalismo de esquerda, do final dos anos 1950 e início de 1960, apresentando toda a sua capilaridade, em especial no Movimento Nacionalista Brasileiro

e entre os setores militares; (4) a dinâmica dos partidos políticos da IV República, sobretudo o PTB da Guanabara; (5) o início do chaguismo na Guanabara, surgido após os escombros da IV República.

Nesse sentido, podemos afirmar que Edna Lott serviu como grande cicerone para abordarmos diversas questões ao longo de toda a década de 1960. Assim, no capítulo I pudemos ver como transcorreu a campanha eleitoral de Lott a partir de estratégias que buscavam promover o candidato pessedista através de sua filha. Edna Lott aparecia, primeiramente, como a prova viva de que Lott seguia a tradição militar à risca. Mostrando como Lott pertencia à *família militar*, Edna Lott deu seus primeiros passos na política referendando toda a imagem castrense do pai e, também, projetando uma imagem dela própria próxima aos meios militares. Também para reforçar esse aspecto mais conservador, Edna Lott também encarnou diversas personagens femininas tradicionais da sociedade brasileira, como a “filha”, a “esposa/viúva”, a “mãe/viúva” e a “professora”. Se havia grandes restrições à participação da mulher na vida pública e política do país, através dessas personagens era possível contornar muitas dessas barreiras impostas às mulheres.

Esse seria apenas um início, uma primeira estratégia para poder se estabelecer na vida política do país. Ainda durante a campanha presidencial, Edna Lott conseguiria apresentar suas ideias e suas bandeiras, sobretudo do nacionalismo. Se o seu pai havia se tornado um símbolo do nacionalismo, Edna Lott soube bem expressar esses ideais, tanto no sentido em que remetia ao marechal, quanto ao se que referia às suas próprias ideias. Nesse sentido, veremos Edna Lott, ainda no primeiro capítulo, lutar para que a mulher participe mais da política. Essa participação ocorrendo, como vimos, através do nacionalismo de esquerda. No entanto, os primeiros contatos de Edna Lott com a política

não ocorreriam sem atrito e sem resistências do machismo daquela sociedade dos anos 1960.

Se no primeiro capítulo, pudemos concluir que, apesar das barreiras, Edna Lott soube superar esses obstáculos e se colocar de maneira destacada na campanha presidencial de seu pai; no segundo capítulo, por outro lado, buscamos apresentar e analisar todos os embates que Edna Lott teve que encampar para poder impulsionar a campanha presidencial de seu pai e garantir seu espaço na política brasileira. Nesse capítulo II, vimos como Edna Lott buscou, através de ataques a próceres do governo federal, chamar os principais nomes das máquinas partidárias do PSD e PTB a se comprometerem com a campanha de Lott. Por essa razão, Edna Lott foi atacada, como ocorre, frequentemente, com as mulheres que possuem um papel relevante na política de suas sociedades, sendo vista como “origem do mal”, “desequilíbrio na vida dos homens e dos povos”.

Nesse momento, as delimitações do que era espaço público, restrito aos homens, e espaço privado, no qual as mulheres deveriam se restringir, ganhavam contornos mais nítidos e impositivos. Apesar disso, vimos como Edna Lott conseguiu, através dessa estratégia, trazer para a campanha os grandes nomes do PSD e PTB e reerguer a campanha presidencial de seu pai. No entanto, essa não seria a única limitação que buscaram impor à Edna Lott que abordamos no capítulo II. Angariando grande proporção, tanto que, durante a eleição, tornar-se-ia membra da Comissão Executiva do Movimento Nacionalista Brasileiro, Edna Lott enfrentou também o anticomunismo marcadamente presente na conjuntura política do início dos anos 1960. Ao não sair da política com a derrota eleitoral do marechal, os jornais conservadores buscaram minar a continuidade de Edna Lott na arena política do país. A Polícia Política, a partir de 1961, também manteve um certo controle sobre as atividades políticas da nossa biografada.

A preocupação anticomunista, generalizada e amplificada pela Revolução Cubana, em 1959, fez com que a Polícia Política se mantivesse muito atenta às articulações do MNB, chegando a acreditar que havia a formação de “um cinturão de segurança nacionalista” sendo formado junto às Ligas Camponesas, UNE, sindicatos, etc. Toda essa tensão, insuflada pelo novo presidente da República, seria aproveitada pelo próprio Jânio Quadros como forma de conseguir maiores poderes políticos. Podemos observar, ainda no capítulo II, o recrudescimento da *Doutrina da Guerra Revolucionária* entre o alto comando das Forças Armadas, que viam nesses movimentos um grande perigo “subversivo” para o país. O grande temor que sentiam em relação à Edna Lott, além de estar articulada com todos esses movimentos sociais, era o acesso que ela tinha ao seu pai, que, dispondo de grande estima na caserna, poderia, na visão da direita militar, reeditar um 11 de novembro para os “comunistas”.

Nesse capítulo II, pudemos observar, portanto, que, se a nossa personagem encontrou grandes restrições à sua atuação política e teve que empreender grandes embates para garantir seu espaço na política, Edna Lott soube não apenas superar esses entraves, como também crescer no terreno político através do MNB. Por essa razão, veremos nossa biografada, no capítulo III, ser convidada, pelo próprio presidente do PTB carioca, para disputar as eleições parlamentares de 1962. Nesse capítulo, analisamos a dinâmica do PTB, em especial o da Guanabara, e sua confluência ideológica e programática com o MNB, o que fez com que Edna Lott aceitasse o convite de Lutero Vargas. Assim, veremos como o nacional-reformismo se tornou uma força hegemônica dentro da sigla trabalhista e como essa corrente radicalizava em suas posições, já nas eleições de 1962 com a chegada de Leonel Brizola para se candidatar a deputado federal pela Guanabara.

Também pudemos observar, ainda no capítulo III, a relação entre espaço público e privado na candidatura de Edna Lott, passando por questões similares às que ela passou nos anos anteriores. Cobranças patriarcais, como o cuidado dos filhos e a obediência ao seu pai, ainda seriam movimentadas por adversários políticos para debilitar a sua candidatura parlamentar, sendo este, talvez, um dos motivos de optado pela Assembleia Legislativa da Guanabara do que pela Câmara dos Deputados, que já havia sido transferida para Brasília naquele momento. Além das restrições, vimos Edna Lott intensificar suas bandeiras políticas, sobretudo a do nacionalismo. Por esse motivo, já naquela eleição, Edna Lott começaria a escrever artigos n’*O Semanário*, principal periódico nacionalista de esquerda daquele momento.

Eleita a quinta deputada mais votada pelo PTB, vimos, no capítulo IV, que Edna Lott conquistou sua autonomia política definitiva com o seu mandato parlamentar. Além da tribuna da Assembleia Legislativa, Edna Lott contou com uma coluna n’*O Semanário*, em que defendia suas ideias e posições. Nesse período de 1963 a início de 1964, pudemos observar os resultados dessa trajetória política meteórica de Edna Lott. Principal articuladora da campanha presidencial de seu pai, membra da Comissão Executiva do MNB, eleita deputa estadual pelo PTB, alcançou um lugar de destaque nas principais questões do país e da Guanabara. Representava, claramente, a mulher que havia conquistado maior liberdade e autonomia do marido, do pai e da sociedade a partir do fim da II Guerra Mundial, sobretudo nos anos 1950 em diante.

No entanto, a ebulição dos movimentos de esquerda da década de 1960 passaria por um grande revés em abril de 1964. Vimos, assim, no capítulo V, como Edna Lott teve que reinventar sua atuação política a partir do golpe de Estado. Sua atuação política nacionalista, gravitando principalmente em torno dos militares e das mulheres, teve que ser gradualmente abandonada. Banidos do cenário político e da vida pública os principais

grupos nacionalistas de esquerda, Edna Lott foi se dirigindo ao nascente chaguismo. Os embates políticos mais rípidos seriam, paulatinamente, trocados pela preocupação pelos problemas cotidianos da cidade e das pessoas “comuns”. Essa transição não ocorreu apenas na tribuna da Assembleia Legislativa. D’*O Semanário*, fechado pela ditadura, Edna Lott passaria a figurar no jornal *O Dia*, de Chagas Freitas, a partir da campanha eleitoral de 1966.

Essa aproximação, a princípio estranha, ocorreu, como vimos, devido à extinção dos partidos políticos da IV República, por Castelo Branco, após a derrotada eleitoral da ditadura para a velha aliança PSD-PTB nos governos de Minas Gerais e da Guanabara. Com o fim dos partidos, restava aos políticos escolher se filiar ao MDB ou à ARENA. A opção pelo MDB, comum aos petebistas que sobreviveram às primeiras cassações do novo regime, acabou por estreitar os laços entre Edna Lott e Chagas Freitas, que, já em 1966, formaram uma dobradinha para os legislativos estadual e federal. Apesar do revés em 1964, Edna Lott soube reinventar sua atuação política de modo a sobreviver à repressão da ditadura na classe política da IV República. No entanto, a emedebista seria cassada em 1969.

Como podemos ver, depois dessas breves considerações finais, o estudo da trajetória política de Edna Lott abre muitas possibilidades para aprofundar estudos já bem estabelecidos sobre o período, assim como iniciar outros ainda não abordados, como a atuação das mulheres na Assembleia Legislativa da Guanabara.

Assim, antes de terminarmos e devido à condição de neto da biografada, gostaria de deixar claro a minha total falta de pretensão de me colocar como guardião da memória de Edna Lott, como acontece com muitos descendentes de figuras que tiveram projeção em alguma área da sociedade. Meu intuito é de que o estudo da trajetória da parlamentar guanabarina sirva como uma possível referência para o desenvolvimento dos estudos na

área da História e da Ciência Política, principalmente. Também por essa razão, procurei ser abrangente nos pontos levantados sobre a trajetória política de Edna Lott. No entanto, isso não significa dizer que essas são as únicas questões que podem ser trabalhadas, nem que essas mesmas questões não possam ser aprofundadas por outras (os) pesquisadoras (es).

Por fim, gostaria de lembrar de uma conversa que tive com Hugo Ligneul e Elys Lott Ligneul, irmã mais nova de Edna Lott e, por conseguinte, meus tios-avôs. Nesse dia, após muita cordialidade de Hugo, Elys o interrompeu dizendo: “É preciso dizer a verdade. Ela não gostava de família.”. Tendo em vista o gosto da nossa biografada, posso dizer que, nesse momento, eu devolvo Edna Lott para o espaço público, que era onde ela gostava de estar e atuar, liberando-a do claustro familiar em que ela estava relegada até então. Fica, assim, o convite para que outros possam estudar ou se apropriar da militância de Edna Lott.

Fontes primárias

Periódicos

Jornais

Correio da Manhã (DF/GB)

Diário Carioca (DF/GB)

Diário da Noite (DF/GB)

Diário de Notícias (DF/GB)

Jornal do Brasil (DF/GB)

Jornal do Commercio (DF/GB)

A Luta Democrática (DF/GB)

A Noite (DF/GB)

Novos Rumos (DF/GB)

O Dia (DF/GB)

O Fluminense (RJ)

O Jornal (DF/GB)

O Semanário (DF/GB)

Tribuna da Imprensa (DF/GB)

Última Hora (DF/GB)

Revistas

Careta (DF)

Jornal das Moças (DF/GB)

O Cruzeiro (DF/GB)

O Mundo Ilustrado (DF/GB)

Documentos da Polícia Política

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)

Fundo Polícia Política (PolPol)

BR da DPS n. 64 (12.04.1961)

Info 47

BR da DPS n. 65 (13.04.1961)

Info 54

BR da DPS n. 108 (16.06.1961)

Info 70

BR da DPS n. 129 (17.07.1961)	Info 74
BR da DPS n. 211 (16.12.1963)	Info 92
BR da DPS n. 212 (17.12.1963)	Info 94
DOPS 68	Secreto 10
DOPS 116	Secreto 82, dossiê 5
Comunismo 86	Prontuário RJ 22.506

Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara

Biblioteca da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro

Anais

1963	1964	1965
Jan.-Mar. – vol. XX	Jan.-Mar. – vol. XXX	Jan.-Mar. – vol. XL
Abr. – vol. XXI	Abr. – vol. XXXI	Abr. – vol. XLI
Maió – vol. XXII	Maió – vol. XXXII	Maió – vol. XLII
Jun. – vol. XXIII	Jun. – vol. XXXIII	Jun. – vol. XLIII
Jul. – vol. XXIV	Jul. – vol. XXXIV	Jul. – vol. XLIV
Ago. – vol. XXV	Ago. – vol. XXXV	Ago. – vol. XLV
Set. – vol. XXVI	Set. – vol. XXXVI	Set. – vol. XLVI
Out. – vol. XXVII	Out. – vol. XXXVII	Out. – vol. XLVII
Nov. – vol. XXVIII	Nov. – vol. XXXVIII	Nov. – vol. XLVIII
Dez. – vol. XXIX	Dez. – vol. XXXIX	Dez. – vol. XLIX
1966	1967	1968
Jan.-Mar. – vol. L	Jan.-Mar. – vol. LX	Jan.-Mar. – vol. LXIX
Abr. – vol. LI	Abr. – vol. LXI	Abr. – vol. LXX
Maió – vol. LII	Maió – vol. LXII	Maió – vol. LXXI
Jun. – vol. LIII	Jun. – vol. LXIII	Jun.-Jul. – vol. LXXII

Jul. – vol. LIV

Ago. – vol. LV

Set. – vol. LVI

Out. – vol. LVII

Nov. – vol. LVIII

Dez. – vol. LIX

Jul. – vol. LXIV

Ago. – vol. LXV

Set. – vol. LXVI

Out. – vol. LXVII

Nov.-Dez. – vol. LXVIII

Ago. – vol. LXXIII

Set. – vol. LXXIV

Out. – vol. LXXV

Nov.-Dez. – vol. LXXVI

1969

Jan.-Dez – vol. LXXIX

Bibliografia

AARÃO REIS, Daniel. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____. **Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória**. In: *Seminário 40 anos do Golpe: ditadura militar e resistência no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

ABREU, Alzira Alves de. **Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb)**. In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel (org.). *As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

ADÃO, Maria Cecília de Oliveira. **Projeto e individualismo: considerações sobre a adesão das esposas ao projeto profissional dos oficiais do Exército brasileiro**. In: CASTRO, Celso (org.). *A família militar no Brasil: transformações e permanências*. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

BARROS, Alexandre de Souza Costa. **Parentesco entre membros das Forças Armadas brasileiras**. In: CASTRO, Celso (org.). *A família militar no Brasil: transformações e permanências*. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

BASSANEZI, Carla. **Mulheres nos anos dourados**. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. Carla Bassanezi (coord. De textos). 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

BATTIBUGLI, Thaís. **A solidariedade antifascista: brasileiros na Guerra Civil Espanhola (1936-1939)**. Campinas: Autores Associados; São Paulo: Edusp, 2004.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BOJUNGA, Cláudio. **JK: o artista do impossível**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

- BORJA, Bruno. **A formação da Teoria do Subdesenvolvimento de Celso Furtado**. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Economia, Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: MORAES FERREIRA, Marieta de; AMADO, Janaína (org.). *Usos & abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- CAPITANI, Avelino Bioen. **A rebelião dos marinheiros**. 2. ed. rev. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- CARLONI, K. **Edna Lott**. In: ABREU, Alzira Alves de.; PAULA, Christiane Jalles de (org.). *Dicionário da Política Republicana do Rio de Janeiro*. 1.ed. Rio de Janeiro: FGV; Cpdoc, 2014, p. 693-694.
- _____. **A esquerda militar no Brasil (1955-1964)**. In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel (org.). *As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- _____. **Forças Armadas e democracia no Brasil: o 11 de Novembro de 1955**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
- _____. **Marechal Lott, a opção das esquerdas: uma biografia política**. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.
- CASTRO, Celso. **Apresentação**. In: CASTRO, Celso (org.). *A família militar no Brasil: transformações e permanências*. Rio de Janeiro: FGV, 2018.
- _____. **O espírito militar: um antropólogo na caserna**. 2.ed. revista. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. **Intentona Comunista: ascensão e queda de um ritual**. In: CASTRO, Celso. *A invenção do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____. **A “tradicional família militar”:** autobiografias de mulheres de militares. *In: CASTRO, Celso (org.). A família militar no Brasil: transformações e permanências.* Rio de Janeiro: FGV, 2018.

CASTRO GOMES, Angela. **Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo.** *In: CASTRO GOMES, Angela de (org.). Escrita de si, escrita da História.* Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. **A invenção do trabalhismo.** 3.ed. 7ª reimp. Rio de Janeiro: FGV, 2017.

_____. **Partido Trabalhista Brasileiro (1945-1965): getulismo, trabalhismo, nacionalismo e reformas de base.** *In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel (org.). As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964).* vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CHIRIO, Maud. **A política nos quartéis: revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira.** trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CHINELLI, Fernanda. **Família militar: apontamentos sobre uma comunidade performada.** *In: CASTRO, Celso (org.). A família militar no Brasil: transformações e permanências.* Rio de Janeiro: FGV, 2018.

CORDEIRO, Janaína Martins. **Direitas em movimento: a Campanha da Mulher pela Democracia e a ditadura no Brasil.** Rio de Janeiro: FGV, 2009.

COSTA, Joffre Gomes da. **Marechal Lott.** Rio de Janeiro: Partido Social Democrata, 1960.

CUNHA, Paulo Ribeiro da. **O Antimil: origens de uma organização.** *In: CUNHA, Paulo Ribeiro da. Militares e militância: uma relação dialeticamente conflituosa.* 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

_____. **Militares e militância: uma relação dialética conflituosa.** 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

D'ARAÚJO, Maria Celina. **Sindicatos, carisma e poder: o PTB de 1945-65**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **Nacionalismo como projeto de nação: a Frente Parlamentar Nacionalista (1956-1964)**. In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel (org.). *As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. **Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano*. 2.ed. vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. **PTB: do Getulismo ao Reformismo (1945-1964)**. 2.ed. São Paulo: LTr, 2011.

_____. **Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil (1945-1964)**. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

D'INCAO, Maria Ângela. **Mulher e família burguesa**. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. Carla Bassanezi (coord. De textos). 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

ELIAS, Norbert. **Mozart Sociologia de um gênio**, Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. org. Michael Schröter. trad. Vera Ribeiro. rev. téc. e notas Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FALCON, Francisco. **História e Poder**. In: FLAMAREON CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História*. 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

FERREIRA, Jorge. **Crises da República: 1954, 1955 e 1961**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano*. 2.ed. vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. **A democratização de 1945 e o movimento queremista.** In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano*. 2.ed. vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. **Entre a história e a memória: João Goulart.** In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel (org.). *As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. **O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964.** In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano*. 2.ed. vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. **Leonel Brizola, os nacional-revolucionários e a Frente de Mobilização Popular.** In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel (org.). *As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. **Nacionalismo, democracia e reformas: As ideias políticas de Leonel Brizola (1961-1964).** In: FREIRE, Américo; FERREIRA, Jorge (org.). *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos (1961-1964 e 1979-2004)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FICO, Carlos. **Como eles agiam.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **História que temos vivido.** In: VARELLA, Flávia; MIRANDA MOLLO, Helena; FARIA PEREIRA, Mateus Henrique de; MATA, Sérgio da (org.). *Tempo presente & usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

FLAMARION CARDOSO, Ciro. **História e poder: uma nova história política?** In: FLAMARION CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

FONSECA, Cláudia. **Ser mulher, mãe e pobre**. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. Carla Bassanezi (coord. De textos). 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HARTOG, François. **Crer em história**. trad. Camila Dias. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HIPPOLITO, Lucia. **De raposas e reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-64)**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

A insurreição da ANL em 1935: o relatório Bellens Porto. Marly A. G. Vianna (org.). prefácio Humbeto Jansen. 1.ed. Rio de Janeiro: Revan, 2015.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo XXI, 2002.

KINZO, Maria D'alva Gil. **Oposição e autoritarismo: gênese e trajetória do MDB (1966-1979)**. São Paulo: Vértice; Editora dos Tribunais, 1988.

LE GOFF, Jacques. **São Luís: biografia**. Trad. Marcos de Castro. 1ª reimpr. Rio de Janeiro: Record, 1999.

LEVI, Giovanni. **Usos da biografia**. In: MORAES FERREIRA, Marieta de; AMADO, Janaína (org.). *Usos & abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LEVILLAIN, Philippe. **Os protagonistas: da biografia**. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Dora Rocha (trad.). 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

LIMA JÚNIOR, Olavo de Brasil. **Os Partidos Políticos Brasileiros: A experiência federal e regional (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

LOTT, Felipe. **“Entre dois amores”**. **Ethos familiar e política na experiência de Edna Lott**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade

Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Ciências Sociais, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. Carla Bassanezi (coord. De textos). 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MCCAN, Frank D. **Soldados da pátria: História do Exército brasileiro, 1889-1937**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. **Recôndito do mundo feminino**. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. vol. 3. *República: da Belle Époque à Era do Rádio*. Fernando A. Novais (coord.). 9. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Maria Prestes Maia, “a primeira operária de São Paulo”**: trajetória, política e cultura. *Cordis. Mulheres na história*, São Paulo, n. 12, p. 107-139, jan./jun. 2014.

MENDONÇA, Sonia Regina de; FONTES, Virgínia. **História e teoria política**. In: FLAMARION CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MORAES FERREIRA, Marieta de. **Demandas sociais e história do tempo presente**. In: VARELLA, Flávia; MIRANDA MOLLO, Helena; FARIA PEREIRA, Mateus Henrique de; MATA, Sérgio da (org.). *Tempo presente & usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

_____. **História oral: velhas questões, novos desafios**. In: FLAMARION CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MOREL, Edmar. **O golpe começou em Washington**. org. Márcio Morel e Leonardo Brito. 2.ed. comentada. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

MOTTA, Marly Silva da. **O governador da Guanabara**. In: SARMENTO, Carlos Eduardo. (org.) *Chagas Freitas: perfil político*. Rio de Janeiro: FGV; ALERJ, 1999.

_____. **Rumo ao governo da Guanabara**. In: SARMENTO, Carlos Eduardo. (org.) *Chagas Freitas: perfil político*. Rio de Janeiro: FGV; ALERJ, 1999.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Partido e Sociedade: a trajetória do MDB**. Ouro Preto: UFOP, 1997.

PARUCKER, Paulo Eduardo Castello. **Praças em pé de guerra: o movimento político dos subalternos no Brasil (1961-1964) e a Revolta dos Sargentos de Brasília**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. **Getúlio Vargas, meu pai: memórias de Alzira Vargas do Amaral Peixoto**. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

PEIXOTO, Antonio Carlos. **O Clube Militar e os confrontos no seio das Forças Armadas (1945-1964)**. In: Rouquié, Alain (org.). *Os partidos militares no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

_____. **Exército e política no Brasil. Uma crítica dos modelos de interpretação**. In: ROUQUIÉ, Alain (org.). *Os partidos militares no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

PERROT, Michelle. **As mulheres, o poder, a história**. In: PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. seleção de textos e introdução Maria Stella Martins Bresciani. trad. Denise Bottmann. 7. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.

_____. **Sair**. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente*. trad. rev. Maria Helena da Cruz Coelho et al. vol. 4. Porto: Afrontamento, 1991.

PICALUGA, Izabel Fontenelle. **Partidos políticos e classes sociais: a UDN na Guanabara**. Petrópolis: Vozes, 1980.

PINTO, Werusca Marques Virote de Souza. **Construção da subjetividade de mulheres de militares: discursos e contexto**. In: CASTRO, Celso (org.). *A família militar no Brasil: transformações e permanências*. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-212.

_____. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum**. In: MORAES FERREIRA, Marieta de; AMADO, Janaina (org.). *Usos & abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

QUARTIM DE MORAES, Maria Lygia. **Cidadania no feminino**. In: PINSKY, Jaime; BASSANEZI PINSKY, Carla (org.). *História da cidadania*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

RÉMOND, René. **Uma história presente**. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Dora Rocha (trad.). 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RODRIGUES, Flávio Luís. **Vozes do mar: o movimento dos marinheiros e o golpe de 1964**. São Paulo: Cortez, 2004.

ROUQUIÉ, Alain. **Os processos políticos nos partidos militares do Brasil. Estratégias de pesquisa e dinâmica institucional**. In: ROUQUIÉ, Alain (org.). *Os partidos militares no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

ROUSSOU, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente e o contemporâneo**. trad. Fernando e Fabrício Coelho. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **Conhecendo o caminho**. In: SARMENTO, Carlos Eduardo. (org.) *Chagas Freitas: perfil político*. Rio de Janeiro: FGV; ALERJ, 1999.

_____. **O deputado federal**. In: SARMENTO, Carlos Eduardo. (org.) *Chagas Freitas: perfil político*. Rio de Janeiro: FGV; ALERJ, 1999.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 4.ed. 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2016.

SCOTT, Joan. **História das mulheres**. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SEGATO, José Antonio. **PCB: a questão nacional e a democracia**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano*. 2.ed. vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SIMÕES, Solange de Deus. **Deus, pátria e família: as mulheres no golpe de 1964**. Petrópolis: Vozes, 1985.

SILVA, Ester Nunes Praça da; COSTA, Livia Alessandra Fialho. **Mulheres casadas com militar: anotações sobre dinâmicas conjugais**. In: CASTRO, Celso (org.). *A família militar no Brasil: transformações e permanências*. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Getúlio a Castello (1930-1964)**. trad. Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SOIHET, Rachel. **História das Mulheres**. In: FLAMAREON CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História*. 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

_____. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano**. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. Carla Bassanezi (coord. De textos). 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

TELLES, Maria Amélia de Almeida. **A mulher na República**. In: TELLES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do Feminismo no Brasil e outros ensaios*. São Paulo: Alameda, 2017.

WERNECK SODRÉ, Nelson. **Do tenentismo ao Estado Novo: memórias de um soldado**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **História militar do Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. **A ofensiva reacionária**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

WILLIAM, Wagner. **O soldado absoluto**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

VASCONCELOS, Cláudio Beserra. **Repressão a militares na ditadura pós-64**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2018.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **Revolucionários de 1935: sonho e realidade**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

Volta ao poder: a correspondência entre Getúlio Vargas e a filha Alzira, v. 1: 1946-1948. NOVAES E CRUZ, Adelina; MOREIRA, Regina da Luz (org.). Rio de Janeiro: FGV: Ouro sobre Azul, 2018.

Volta ao poder: a correspondência entre Getúlio Vargas e a filha Alzira, v. 2: 1949-1950. NOVAES E CRUZ, Adelina; MOREIRA, Regina da Luz. (org.). Rio de Janeiro: FGV: Ouro sobre Azul, 2018.